

Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras
Universidade Federal de Minas Gerais

Marina Pelluci Duarte Mortoza

**A velha lâmia:
um catálogo de fontes antigas de um mito
sangrento**

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO
Estudos Clássicos

LINHA DE PESQUISA
Literatura, História e Memória Cultural

Belo Horizonte

2º semestre de 2013

Marina Pelluci Duarte Mortoza

**A velha lâmia:
um catálogo de fontes antigas de um mito
sangrento**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito à obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Estudos Clássicos

Orientadora: Profa. Dra. Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa. – UFMG

Belo Horizonte

2º semestre de 2013

Ficha catalográfica elaborada pelos Bibliotecários da Biblioteca FALE/UFMG

M891v Mortoza, Marina Pelluci Duarte.
A velha lâmia [manuscrito] : um catálogo de fontes antigas de um mito sangrento / Marina Pelluci Duarte Mortoza. – 2013.
203 f., enc.: il., map, tabs, (color) (p&b)
Orientadora: Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa.
Área de concentração: Estudos Clássicos.
Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.
Anexos: f. 174-188.
Bibliografia: f. 189-198.
Apêndices: f.199-202.

1. Monstros na literatura – Teses. 2. Vampiros na literatura – Teses. 3. Mitologia grega na literatura – Teses. 4. Literatura grega – História e crítica – Teses. 5. Folclore – Grécia – Teses. I. Barbosa, Tereza Virgínia Ribeiro. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 809.9337



pós-lit
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM ESTUDOS LITERÁRIOS

Faculdade de
Letras - FALE



Dissertação intitulada *A velha lâmia: um catálogo de fontes antigas de um mito sangrento*, de autoria da Mestranda MARINA PELLUCI DUARTE MORTOZA, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Linha de Pesquisa: Literatura, História e Memória Cultural

Área de Concentração: Literaturas Clássicas e Medievais/Mestrado

Aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof.ª. Dra. Tereza Virginia Ribeiro Barbosa - FALE/UFMG - Orientadora

Prof. Dr. Jacyntho José Lins Brandão - FALE/UFMG

Prof.ª. Dra. Celina Figueiredo Lage - UEMG

Prof.ª. Dra. Graciela Inés Ravetti de Gómez
Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UFMG

Prof.ª. Dra. Graciela Inés Ravetti de Gómez
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Estudos Literários
FALE/UFMG

Belo Horizonte, 12 de setembro de 2013.

Agradecimentos:

Agradeço em primeiro lugar à minha orientadora maravilhosa, Professora Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, que acreditou em mim inúmeras vezes, me deu suporte técnico, aguentou minhas infundáveis elocubrações, ofereceu seu ombro amigo quando eu precisei, e confiou no meu trabalho. Muito obrigada, querida Virgínia, esse trabalho é, acima de tudo, para você.

A todos os meus professores do Grego Antigo, Antônio Orlando Dourado Lopes, Jacyntho Lins Brandão, Olimar Flores Junior, Teodoro Rennó Assunção, Tereza Virgínia Ribeiro Barbosa, devo a vocês meus mais sinceros agradecimentos, pois foi graças a vocês, à sua dedicação, ao seu amor pelo Grego, às discussões, às correções, aos debates, que eu aprendi a amar a literatura e a língua gregas, e é pelas dez mãos de vocês que consigo hoje estar defendendo minha dissertação. A vocês a gratidão da minha alma, pelas pessoas maravilhosas que são, pelos mestres excepcionais, pela amizade, compreensão, pelos trocadilhos engraçados, pela seriedade, pelos anos de convivência e carinho. Eu os admiro, respeito, e me sinto extremamente honrada por tê-los tido como professores. Aos caros Miriam Campolina, Marcelo Marques, José Antônio Dabdab Trabulsi, Viviane Cunha, Lyslei Nascimento, foi um prazer ter tido a oportunidade de ser aluna de vocês, agradeço por abrirem minha mente para outros campos do conhecimento, e me auxiliarem com críticas valiosas e cuidadosas. Obrigada, mestres queridos!

Agradeço também à banca de avaliação, Professor Jacyntho, Professora Celina e Professor Teodoro por terem aceitado ler meu trabalho em tão pouco tempo.

À minha família amada: minha mãe Heloísa Helena, pelo companheirismo, por ter sempre me ensinado que eu valia alguma coisa, mesmo quando eu fazia o que não devia, pelo apoio e pela paciência; meu pai, meu grande amigo Garibalde, pelas conversas, pelos planos, pela praticidade, pelos ensinamentos; meus irmãos Leticia e Bernardo, pelas gargalhadas, pela fantasia, por me seguirem pelos caminhos mais malucos e por dividirem comigo suas vidas. Vocês são a luz e o calor dos meus dias, meu porto seguro, minha praia ensolarada, minha montanha em dia de frio. Vocês são o Ipê amarelo que está plantado no quintal da minha memória, e lá ficará até que ela se perca pelo infinito dos dias. A meus avós, Joana, Helena e Edson, pelo amor incondicional, pela ternura, pelo cuidado sem medida: a saudade será minha companheira pelos dias que me restam, até que a gente se encontre de novo, pra

comer pudim de moço apaixonado, torta de amendoim e pipoca com Nescau vendo jogo de futebol da seleção! Eu amo vocês. À Sônia, por ter me dado de presente meu irmão, meu bebê, meu amigo e companheiro, que aprendeu a cantar a *Marcha Imperial* do Darth Vader com apenas quatro anos! Obrigada pela amizade e pelo presente, ninguém nunca me deu outro tão especial. À Gena, por tudo: pelas tardes de *Banco Imobiliário*, pela mousse de chocolate, por nunca ter se queixado de ter que arcar com todas aquelas infinitas festas que eu inventava pra ela fazer, e pelo melhor pão de queijo que alguém já fez nessa vida! Tenho certeza que o Antônio Banderas teria sido completamente fisgado pelo brigadeiro e por aquela costela com molho de mel! Que você esteja feliz, Gena querida!

A minhas duas Priscillas, pelas críticas acadêmicas, pela ajuda inestimável com meus trabalhos e projetos, por me escutarem mesmo quando estou insuportável, por me apoiarem e também por apontarem erros que não vejo, pelas gargalhadas e imitações impagáveis — "agora vai dizer que eu sou a lhaaaama do mal!", pela companhia nos filmes (mesmo nos que vocês detestaram e eu adorei!): é maravilhoso ter vocês como amigas. Ao Gustavo, pelas opiniões preciosas em algumas traduções desse trabalho, e pela ajuda com o grego: por discordar da minha metodologia de tradução e me mostrar que era necessário algo mais. Aos queridos Duds, Vá, Flavete, Douglete pela amizade, pelas risadas, pelas discussões acaloradas, pelas leituras de grego. À Andreia por ser uma batalhadora e ter dado vida a um projeto que surgiu do nada. Obrigada pela sua força! Aos meus biólogos do coração: ainda vou fazer paleonto! À Marija, por compartilhar meu amor pela Antiguidade, por ter sido a companheira de 8 meses de biblioteca ininterruptos: a distância geográfica não importa se tenho você nos meus pensamentos. Ao Jochen e ao Andrej pela companhia nas melhores viagens que fiz na vida, foi um prazer imenso ter dividido horas e estradas com vocês! Agradeço a todos os amigos que cruzaram pelas trilhas do meu caminho, e pelos que estão caminhado comigo: vocês são presentes de valor inestimável!

Ao Chris, por ser a pessoa mais cabeça dura que eu já conheci, e me mostrar que o amor é algo real, e não fantástico, e que pode ser osso duro de roer.

A todos os escritores de ficção científica, fantasia, quadrinhos e romances históricos: muito obrigada! Vocês são, muitas vezes, a razão do meu viver.

A todos os que fizeram parte da minha jornada mundana até agora, obrigada pelas experiências. Eu me sinto abençoada por ter sido tocada por cada um de vocês.



Resumo:

A lâmia, um ser maravilhoso cujo registro na literatura supérstite tem início em Estesícoro (poeta lírico do século VI a.C.) e segue até o folclore da Grécia contemporânea, pode parecer ser apenas um verbete obscuro incluído nos dicionários de mitologia, uma personagem secundária, perdida em meio à gama tão variada de histórias com que nos presentearam os antigos. O trabalho proposto tem como objetivo sistematizar as fontes e criar um panorama geral do desenvolvimento dessa criatura na mitologia greco-romana antiga (até o início do século III d.C.). Para tal, foi feita uma compilação das fontes que a citam, em ordem cronológica sempre que possível, desde sua primeira menção na época arcaica até o início do século III d.C. Tentou-se coletar e traduzir todas as referências feitas à lâmia nas fontes incluídas nesse recorte temporal (e também em alguns escólios posteriores referentes a algumas das fontes). Pretendeu-se, ainda, estabelecer a evolução cronológica do conceito, uma vez que a palavra lâmia é empregada para nomear diferentes tipos de monstro: um “papão”, algo como uma “vampira”, e até mesmo uma espécie de tubarão solitário e particularmente voraz do Mar Mediterrâneo. Considerou-se importante, ainda, trabalhar com alguma iconografia correspondente (a iconografia antiga da lâmia é rara, compondo-se apenas de três imagens que podem mostrar lâmias, mas não há certeza disso), comparando-a com as descrições da lâmia feitas por alguns dos autores em questão.

Palavras-chave: lâmia, mitologia, folclore, vampiro, bicho-papão, monstro.

Abstract:

The Lamia is a marvelous being that has its *début* in the ancient surviving literature in Stesichorus, a lyric poet from the sixth century BCE, and has continually appeared in Greco-Roman literature until the folklore of modern day Greece. To many people she may appear to be only an obscure entry in the dictionaries of mythology, something like a secondary character lost in the middle of the many stories left by the ancients to us. However, she surfaces in so many authors and has so many brief occurrences in literature from ancient to modern, that perhaps her seemingly incidental position is mistaken. The primary objective of this work is to paint a general panorama of the development of this creature in ancient Greco-Roman mythology up to the beginning of third century CE. To accomplish such an objective a tabulation of the ancient sources that cite the lamia was made. When possible, this is presented in chronological order, from her first mention in the Archaic Ages till the beginning of the third century CE. The attempt was to collect, translate and comment on all the references made to the lamia among the sources found within this time frame. In addition, later scholia that refer to some of the selected ancient sources were also included in the commentaries. A secondary objective of this work is to establish the chronological evolution of the concept of the lamia because this word is used by those sources to denominate different kinds of "monsters": a bogey, a vampire, and even a huge, lonely, and ferocious Mediterranean shark. In tracing this lineage, it is also important to work with the corresponding iconography that is available. While ancient iconography containing the lamia is rare — only three images — and not wholly unequivocal, it is instructive to compare the artistic renderings with the descriptions made by certain ancient authors.

Keywords: lamia, mythology, folklore, vampire, bogey, monster.

Sumário:

Considerações Iniciais -----	12
Introdução -----	16
Homero -----	25
Estesícoro -----	31
Esopo -----	36
Crates -----	40
Eurípides -----	54
Aristófanes -----	59
Aristóteles -----	73
Septuaginta -----	81
Diodoro Sículo -----	88
Horácio -----	93
Estrabão -----	98
Plínio, o velho -----	109
Plutarco -----	112
Pausânias -----	119
Galeno -----	123
Apuleio -----	135
Filóstrato -----	139
Antonino Liberal -----	150
Opiano da Cilícia -----	157
Heráclito paradoxógrafo -----	166
Considerações finais -----	170
Anexos -----	176
I: lista de autores -----	177
II: ilustrações -----	181
Bibliografia -----	191
Índice alfabético de autores citados -----	201

Considerações Iniciais

O objetivo inicial deste trabalho foi tentar estabelecer uma evolução cronológica da figura da lâmia ao longo da Antiguidade. Com esta motivação em mente, procurou-se organizar os autores selecionados para fazer parte do *corpus* em ordem cronológica, sempre que possível, pois a hipótese inicial foi analisar as alterações das versões do mito da lâmia ao longo do tempo. Para tanto, foram considerados o enredo da versão do mito, as características físicas da lâmia em cada versão, a função da lâmia em cada uma delas.

O trabalho teve início então, com a seleção do *corpus*, que foi feita em um primeiro momento em quatro livros: o *LIMC*¹, o *LSJ*², o dicionário de mitologia de Pierre Grimal³, e a *New Pauly*⁴, pois não se obteve acesso à versão mais recente do *TLG*. Essa possibilidade só se concretizou em março de 2013, quando a pesquisa foi realizada no *TLG (Thesaurus Linguae Graecae)* original, na Universidade da Califórnia, Irvine. A pesquisa inicial, produzida a partir dos 4 livros citados, havia relacionado 16 autores antigos, que foram trabalhados ao longo do desenvolvimento da dissertação, e 2 modernos, que foram citados na introdução deste trabalho. Já a pesquisa no *TLG* listou 312 ocorrências da palavra grega λάμια e suas variantes, incluindo os adjetivos derivados registrados (ΛΑΜΙΑ, Λάμια, λάμια, Λαμία, λαμία, Λαμία, λάμιαι, Λαμίαι, λαμίαι, Λαμιακά, Λαμιακόν, Λαμιακός, Λαμιακοῦ, λαμιακοῦ, Λαμιακῶ, Λαμιακῶν, Λάμιαν, λάμιαν, Λαμίαν, λαμίαν, Λαμίας, λαμίας — um anexo contendo uma tabela com todas essas ocorrências foi adicionado no final desse trabalho, e foi denominado "I: tabela de autores"⁵), o que contabilizou 93 autores, entre antigos e bizantinos, cujas obras precisavam ser lidas, analisadas, traduzidas e comentadas para serem consideradas nesta dissertação. Essa pesquisa inclui todas as facetas da palavra lâmia: a mitológica (todas as versões do mito e as criações dos autores que procuraram explicá-lo); a biográfica (os relatos biográficos a respeito tanto da cortesã ateniense, amante de Demétrio Poliorcetes, quanto da nobre, amante de Demétrio de Falero); a biológica (os registros naturalistas que usaram a palavra para denominar uma espécie de tubarão do Mediterrâneo); e a histórica (as narrativas

¹ ACKERMANN, Hans C.; GISLER, Jean-Robert; KAHIL, Lilly (eds.) *Lexicon Iconographicum*

² LIDDELL, Henry G.; SCOTT, Robert e JONES, Henry S. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1996. 9ª edição.

³ GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

⁴ CANCIK, Hubert; SCHNEIDER, Helmut (eds.) *New Pauly - Brill's Encyclopaedia of The Ancient World*. Leiden - Boston: Brill, 2005. vv. 6, 7.

⁵ Cf. Anexos, I: tabela de autores, *infra* p. 176.

historiográficas que informaram sobre as guerras acontecidas na cidade grega de Lâmia e seu entorno, tanto no período pós-morte de Alexandre, quanto no período da dominação romana sobre a Grécia). Dentre esses autores, pelo menos 36 são antigos, ou seja, estão cronologicamente localizados entre os séculos VIII a.C. e IV d.C., que são considerados os séculos da Antiguidade literária grega.⁶ Trabalhar todos os autores antigos encontrados na pesquisa do *TLG* seria algo de proporções muito além das oferecidas por uma dissertação de mestrado, e por essa razão foram mantidos como integrantes do *corpus* apenas os autores citados pelos 4 livros previamente pesquisados, com a adição de Esopo e Crates, por serem os dois autores mais antigos citados na pesquisa do *TLG*, que ocupariam o espaço que havia entre Homero/Estesícoro e Eurípides. Esses dois autores fizeram, assim, o preenchimento de um buraco temporal que existia na pesquisa antes que se tivesse acesso às informações do *TLG*. Optou-se por acrescentar, ainda, Heráclito Paradoxógrafo por uma questão de similaridade de campo com Diodoro Sículo, pois eles são os dois únicos autores que tentam explicar o mito, dentre os selecionados. Heráclito não está mencionado em nenhuma das fontes usadas para pesquisa, nem nos quatro livros-base, nem no *TLG*, e foi encontrado em uma visita aleatória à Biblioteca da Faculdade de Letras da UFMG. Considerou-se que o achado era precioso demais para ser deixado de fora do *corpus* por causa dessa sua peculiar similitude com Diodoro Sículo. A pesquisa se restringiu à palavra grega λάμια, sendo que uma pesquisa para a palavra sinônima λάμνα não foi realizada, e por isso os autores que usam a palavra λάμνα não foram incluídos, apesar da sinonímia entre as palavras.

Os autores antigos selecionados para compor o *corpus* deste trabalho aparecem, como afirmado acima, em ordem cronológica, mesmo aqueles cujos fragmentos sobreviveram apenas em citações posteriores, como é o caso do poeta lírico Estesícoro. A ordem cronológica de organização foi adotada por questões de avaliação: o objetivo primeiro da aplicação de tal metodologia foi verificar se as mudanças na significação do vocábulo grego λάμια estavam diretamente relacionadas com o passar dos anos, e condicionadas à evolução da literatura ao longo dos séculos da Antiguidade.

⁶ A partir do século IV, aproximadamente, considera-se o início do período bizantino da literatura grega, e, a partir do século XV, com a queda de Constantinopla em 1453, o início do período moderno da mesma. Obviamente, essa é uma divisão arbitrária, utilizada apenas para fins de facilitação metodológica, pois ajuda na organização da categorização e da localização temporal de um escopo literário vasto e produtivo — cf. <http://www.brasilecola.com/literatura/literatura-grega.htm>. Não foi o propósito deste trabalho analisar o mito, mas simplesmente buscar suas fontes.

Todos os textos selecionados trataram ou da versão monstruosa da lâmia ou de sua versão ictiológica, e estão unidos sob o signo da "voracidade" presente na raiz desse vocábulo. Alguns escólios, embora tardios, foram acrescentados ao comentário de trechos de alguns dos autores por serem fontes valiosas de informação sobre os tais trechos. Foram feitas comparações da lâmia com monstros do folclore atual, como o vampiro eslavo e a cuca brasileira, com o único objetivo de trazer alguma assimilação da figura da lâmia greco-romana ao folclore atual, mesmo que anacronicamente. Acredita-se que é esclarecedor que isso seja feito, pois esse recurso pode fornecer uma melhor visualização de um ser da mitologia que não pode ser definido nos parâmetros folclóricos atuais. Contudo, o trabalho não está centrado em tais comparações, que aparecem apenas como curiosidade esclarecedora. Essas comparações devem ser vistas como um recurso de ilustração do trabalho, e ainda como uma tentativa de fazer uma aproximação de algumas das facetas do conceito antigo com o folclore atual, um recurso que, acredita-se, facilita a compreensão da função da lâmia nas sociedades em que esteve presente.

Todas as traduções são próprias, mesmo as de pequenas frases e comentários em latim, e foram feitas apenas para servirem como instrumento complementar da análise. O único objetivo na preparação de tais traduções foi manter-se o mais próximo possível da linguagem original (inclusive tentando manter a ordem das palavras), de modo que elas não encerram em si qualquer pretensão. São usadas como mero instrumento de trabalho. Já as traduções dos trechos selecionados dos autores latinos: Horácio, Plínio, o Velho, e Apuleio, são de Priscilla Adriane Ferreira Almeida, apesar de as introduções e os comentários a estes mesmos serem também próprios.

Infelizmente foi necessário que se fizesse uso de sítios da internet para algumas das referências citadas neste trabalho, e isto se explica por um único motivo: o acesso restrito e limitado a certas bibliografias aqui no Brasil. Os catálogos de peixes, por exemplo, como será mencionado nos autores que tratam desse assunto, não estão disponíveis para leitores brasileiros nas bibliotecas das universidades consultadas. Contudo, eles poderiam ter sido adquiridos através da internet, e nesse caso o que se fez imperativo foi o tempo, que não seria suficiente para o recebimento de tais pedidos. Assim, entre falhas de recursos materiais, e falhas humanas próprias (como a má gestão do tempo), pede-se que se releve o uso de tais recursos, vistos cientificamente com reservas, por um bom motivo: tais informações não afetam

diretamente o objetivo deste trabalho, a saber, catalogar e oferecer para o público falante de língua portuguesa as fontes do mito estudado.

Também outro anexo foi feito no final deste trabalho com todas as ilustrações que pareceram interessantes e que devem ser vistas apenas como recurso ilustrativo (foi denominado "II: ilustrações").⁷ Qualquer análise mais profunda a respeito de tais figuras não foi feita, pois pretende-se que funcionem apenas como índice da fecundidade do mito. Assim, um estudo iconográfico propriamente dito das imagens que podem estar associadas à lâmia na Antiguidade, e daquelas que efetivamente a representam, como as pinturas de John William Waterhouse e o desenho de Nicolau Steno, não é objetivo deste trabalho e por isso não se encontra apresentado aqui.

⁷ Cf. Anexos, II: ilustrações, *infra*, p. 179.

Introdução

A questão da monstruosidade sempre atraiu o homem. Muitos pesquisadores já tentaram defini-la a partir, por exemplo, do estudo acerca do monstro, do assombroso, das deformidades, do extraordinário, mas todas as investidas não alcançaram muito sucesso.⁸ Segundo Leite Júnior, a melhor definição — porque mais distinguível e palpável que as demais — é a que se limita com a palavra monstro. Assim, monstro é “a manifestação de algo fora do comum ou esperado”.⁹ De acordo com Barbosa, “o homem faz o monstro e o monstro mostra o homem que o fez, o qual olhando-se como num espelho, toma gosto pela própria natureza das monstruosidades criadas, deleita-se com elas e através delas, não conseguindo enxergar-se senão por elas”, e assim entende-se por que o monstro ronda a imaginação da humanidade há tempos imemoriais.¹⁰ De fato, estudar as narrativas mitológicas dos monstros, criadas pela humanidade ao longo de sua história, é examinar e compreender a própria imagem, aquela que cada sociedade tem de si e do outro; e o esforço empreendido pelos pesquisadores que trabalham nesse campo nada mais é que, nos dizeres de Marques, “a decifração de nós mesmos”.¹¹ A monstruosidade (e com ela o ser que a carrega, o monstro) representa uma importante faceta da cultura de cada povo, sendo, desse modo, fundamental para uma melhor compreensão não apenas de cada uma dessas culturas, mas também dos temores que são comuns a diferentes grupos humanos.¹² Tal associação pode ser comprovada pelo *status* da figura do monstro ao longo da história humana: na Antiguidade o monstro era considerado uma maravilha, um prodígio, algo incomum, extraordinário; e foi apenas após a Idade Média que passou a ter ligação com o demoníaco, maligno.¹³ Por tantas e tais razões, cumpre dizer que cada estudo realizado sobre aspectos da mitologia é uma ferramenta para uma melhor compreensão da esfera do humano, e constitui uma contribuição para as ciências antropológicas.

Este trabalho, contudo, se inclina para uma única figura mitológica, a lâmia, um ser maravilhoso cujo registro tem início, na literatura supérstite, em Estesícoro e

⁸ Cf. Nazário, 1998, pp. 11, 13-16; Stade, *Introduction*, in Stoker, 2004, pp. v-xiv; Castelfranchi, s/d, p. 15-16 e p. 18; Pereira, s/d, pp. 24-25; Mariuzzo, s/d, p. 23; para citar alguns pesquisadores.

⁹ Leite Júnior, s/d, p. 33; cf. também citação de Umberto Eco em Barbosa, 2008, p. 7.

¹⁰ Castelfranchi, s/d, p. 15; Leite Júnior, s/d, p. 32; Barbosa, 2008, p. 10.

¹¹ Marques, 1994, p. 15; Leite Júnior, s/d, p. 32.

¹² “A humanidade do monstro é o que mais assusta a sociedade”, Pereira, s/d, p. 25; Stade, *Introduction*, in Stoker, 2004, p. xiv; Silva, *Introdução*, in Costa (org.), 2010, p. 9; cf. também Cohen, 2000, pp. 25-60, que estabelece sete teses para compreender uma cultura através dos monstros por ela criados.

¹³ “A estranheza do ‘fantástico’ foi substituída em grande parte pelo temor do maligno”, Leite Júnior, s/d, p. 33.

Esopo (poetas gregos do século VI a.C.), e segue até o folclore da Grécia contemporânea. Lâmia poderá parecer apenas um verbete obscuro incluído nos dicionários de mitologia, uma preciosidade isolada e sem percurso. Mas é devido à obscuridade e à raridade do registro que tal ente mitológico se torna um objeto de estudo interessante, pois a mitologia criada em torno da figura da lâmia é rica e abrange várias áreas de estudo. Todavia, que se entenda rica não em termos de abundância de registros (quantidade), e sim de possibilidades latentes: de monstro usado para amedrontar crianças à entidade espiritual que sobrevive sugando sangue de jovens rapazes, de princesa líbia amada por Zeus a tubarão, o imaginário que faz uso de tal vocábulo é vasto e permite uma série de interpretações.¹⁴

Robert Graves suspeita de que o mito derive, junto aos mitos de deusas da mitologia grega, do mito da Deusa Branca (ou Deusa-Mãe ou Grande Deusa: ela foi nomeada de muitas maneiras pelos estudiosos que pesquisaram seu culto), que teria sido desmembrado pelos gregos. Assim, cada faceta da deusa teria se transformado em uma deusa diferente, entre elas, Lâmia.¹⁵ Os cultos à Deusa-Mãe teriam se originado na região do mar Cáspio e se disseminado para o Oriente Médio e o Mediterrâneo Oriental até atingir Creta, subir pelas Cíclades e atingir a Grécia continental. Na Babilônia teriam gerado o mito de Lilith, que apresenta semelhanças com o de Lâmia.¹⁶ Graves aponta a influência que o mito de Lilith exerceu na cultura

¹⁴ Para alguma teoria a respeito da interpretação dos mitos, veja-se Platão, *República*, 381a-382a; Marques, 1994, pp. 14-15; Grimal, 2009, cap. I-*Origens*, pp. 7-13. Para as fontes antigas que mencionam a lâmia cf. Cancik & Schneider, 2005, v.7, pp. 181-182; Ackermann, Gisler & Cahil, v. VI¹, 1992, p. 189; Grimal, 2005, pp. 265-266, e notas de rodapé; *LSJ*, 1996, p. 1027.

¹⁵ Graves, 1967, pp. 11-26, p. 112 - 25.2, p. 148 - 33.3; para ele até as Górgonas teriam tal origem. Wilk, 2000, cap. 10, pp. 183-191, sustenta que a imagem de Medusa seria a da morte: retrataria a decomposição de um corpo em exposição ao ambiente há mais de duas semanas. Cf. também Burkert, 2009, p. 120, que afirma que uma Grande Deusa parece ter sido individualizada nas diferentes deusas gregas.

¹⁶ James, 1959, cap. 1, *The Antecedents of the Goddess Cult*, pp. 13-21: afirma que o culto da Deusa-Mãe está bem documentado pelos achados arqueológicos das regiões do Crescente Fértil, Ásia Ocidental, Vale do Indo, Egeu e Creta, que datam do período que vai do Vº ao IIIº milênio a.C. A partir de Brunel, 1997, pp. 582-583, nota-se que os primeiros textos que se referem à Lilith são mais tardios do que os que fazem referência à Lâmia: o primeiro deles é o *Testamento de Salomão*, do século III d.C., e o último, a *Cabala*, de 1600. Contudo, nas ruínas de Babilônia, na Biblioteca de Assurbanipal (século VII a.C., último rei dos assírios), inscrições fazem referência a Lilith, sacerdotisa de Inanna, a Deusa-Mãe dos assírios. A função de Lilith era seduzir os homens e levá-los ao templo de Inanna, onde se praticava a prostituição sagrada, parte dos ritos de fertilidade em honra da deusa. Cf. Isaías, 34.14 (*Bíblia Sagrada*, 1980, p. 625), que anuncia, a respeito da terra que restaria após a destruição de Edom: “E nela se encontrarão os demônios com os onocentauros e os bodes clamarão uns para os outros: ali se deitou a lâmia, e achou para si descanso”; a frase, no latim da *Vulgata*, é: “Ibi cubavit lamia”, que muitos vertem em “Ali descansará Lilith”, já que em hebraico está escrito Lilith (cf. May & Metzger, 1971, p. 863; Widyapranawa, 1990, pp. 218-219; e Watts, 2005, pp. 529 [tradução], 531 [nota 14d] e 536-537 [*Excursus: Lilith*]); cf. James, *Um episódio da história da catedral*, in Costa, 2010, p. 207; ou mesmo: “lá também descansará Lilith”, Brunel, 1997, p. 583.

grega ao explicar o caso das empusas, cujo mito foi levado para a Grécia através da Palestina, onde eram conhecidas pelo nome de Lilim, ou filhas de Lilith, uma deusa que ele associa à Hécate grega.¹⁷

A iconografia relacionada pelo *LIMC* não é esclarecedora: há apenas três representações pictóricas antigas que podem ser identificadas com a lâmia, mas não há certeza alguma de tal pertinência, porque as criaturas que aparecem nelas podem ser confundidas com outros seres semelhantes, como as empusas, os onocentauros, Gorgó, Mormó, Geló, e o monstro de Hércules.¹⁸

No campo da literatura a abrangência é bem maior, pois as fontes são muitas e variadas, atravessam séculos da história e compreendem autores que escreveram tanto em grego quanto em latim. E, ainda que não exista uma abundância de relatos, há muita diversidade. Mesmo assim, o mito da lâmia persistiu e se manteve vivo ao longo dos séculos no imaginário popular, resistindo à passagem do tempo. Muitos autores bizantinos, lexicógrafos, mitógrafos, hagiógrafos, médicos, bispos, santos e pensadores escreveram sobre o tema. Finda a Antiguidade e a Era Bizantina, o mito não desapareceu: em 1492, no final do que se considera a Idade Média, Angelo Poliziano, humanista italiano, escreveu uma *praeletio* chamada *Lamia*, que versa sobre a história da filosofia; John Keats, poeta romântico inglês, escreveu um poema cujo nome é *Lamia*, publicado em 1819; Edward MacDowell, pianista e compositor americano, escreveu uma peça para orquestra de mesmo nome em 1908; e Tim Powers, escritor americano, escreveu um romance em que aparecem lâmias.¹⁹ Acrescente-se a esses o estudo formal do folclore grego, iniciado no começo do século XX, que trouxe à luz e registrou vários relatos envolvendo tal criatura, presente no cotidiano dos gregos até hoje. De fato, quando morre alguma criança eles dizem:

¹⁷ Graves, 1967, pp. 215-216, esp. nota 1.

¹⁸ Ackermann, Gisler & Cahil, v. VI¹, 1992, p. 189, e v. VI², 1992, pp. 90-91; para empusas cf. *LSJ*, 1996, p. 548, Grimal, 2005, p. 134, Graves, 1967, pp. 215-216, e também Aristófanes, *Assembleia de mulheres*, 1056 e 1094, e *As Rãs*, 288-296, e 303-305; para Geló, cf. Grimal, 2005, p. 183, e Cancik & Schneider, 2005, v. 5, p. 728; para Gorgó ver *LSJ*, 1996, p. 357; Grimal, 2005, pp. 187-188, Cancik & Schneider, 2005, v. 5, pp. 937-939, Ackermann, Gisler & Cahil, v. IV¹, pp. 285-330, e v. IV², pp. 163-187; para Hécate, veja-se *LSJ*, 1996, p. 500, Grimal, 2005, p. 193, Cancik & Schneider, 2005, v. 6, pp. 38-40; para Mormó cf. *LSJ*, 1996, p. 1147, Grimal, 2005, p. 318; para o monstro de Hércules, veja-se Ackermann, Gisler & Cahil, v. VI¹, 1992, p. 189, e v. VI², 1992, pp. 90-91. Analisar a iconografia remanescente sobre Gorgó, mais abundante que a de lâmia, seria um auxílio valioso. Contudo, devido à sua magnitude, constitui um objeto de estudo por si só, extrapolando os parâmetros deste trabalho.

¹⁹ Cf. Silva, *Introdução*, in Le Fanu, 2010, pp. 23-24; Ackermann, Gisler & Cahil, v. VI¹, p. 189, *Lamia*; a *praeletio* era um discurso aberto que um professor fazia no primeiro dia de seu curso na universidade, cf. Poliziano, 2010, *Preface*, pp. ix-xi, no qual o editor da obra, Christopher Celenza versa sobre a escolha do título; Powers, *The Stress of her Regards*, 1989, em cuja história poetas românticos ingleses são assombrados por "nephilim", que o autor identifica com lâmias.

“Τό παιδί τό ἔπνιξε ἡ Λάμια” – “a criança foi estrangulada pela Lâmia”, para uma mulher que não é boa dona de casa, dizem, proverbialmente, “της Λάμιας τα σαρώματα” – “varre como uma lâmia”, e também “τον έφαγε ἡ Λάμια”, para falar de um homem que sofreu maus tratos da parte de uma mulher.²⁰

O primeiro registro de uma palavra do mesmo campo semântico de λάμια (cuja raiz é λαμ-, e indica voracidade) na literatura grega está na *Odisseia*, no episódio em que Odisseu e seus companheiros vão aportar na cidade de “Lamo” (Λάμος), na Lestrigônia. Os habitantes dessa cidade são gigantes devoradores de homens, e de tal aventura só o navio de Odisseu escapa ileso.²¹ O nome “Lamo” é composto a partir da raiz λαμ-, e a palavra grega λάμος é usada para designar o papo das aves e de alguns insetos.²² Em seguida, Estesícoro (séculos VII-VI a.C.) revelou que a mãe de Cila, o monstro marinho que devorou seis dos companheiros de Odisseu, era Lâmia.²³ Então Esopo (620-564 a.C.) afirmou que “em tempo de necessidade uma mãe chama a lâmia”.²⁴ Já Eurípides (480-406 a.C.), nos fragmentos de seu drama satírico chamado *Lâmia*, fê-la perguntar quem não sabia seu nome dentre os mortais.²⁵ Há ainda registro de um comediógrafo chamado Crates (ca. 450 a.C.), que escreveu uma comédia cujo título era *Lâmia*.²⁶ Aristófanes (446-386 a.C.) mencionou a lâmia em três de seus versos: dois deles falam de seus “testículos

²⁰ Cf. Cancik & Schneider, 2005, v. 7, pp. 181-182; Ackermann, Gisler & Cahil, v. VI¹, 1992, p. 189; Silva, *Introdução*, in Le Fanu, 2010, pp. 22-23. Para uma visão panorâmica do folclore da Grécia moderna cf. Dorson, *Foreword*, in Megas, 1970, pp. xi-xlv; Garnett & Stuart-Glennie, 1896, pp. 397-398: 16.

²¹ Homero, *Odisseia*, X, 70-134. O verso em questão é o 81: ἐβδομάτη δ’ ἰκόμεσθα Λάμου αἰπὸ πτολίεθρον, “e ao sétimo alcançamos a alta cidade de Lamo”. Tradução própria; cf. Grimal, 2005, p. 266; p. 274; *LSJ*, 1996, p. 1027; Cunliffe, 1963, p. 243; Heubeck & Hoekstra, 1990, p. 48, 81-2; Cancik & Schneider, 2005, pp. 181-182. Contudo, o rei que aparece no episódio é Antífates. A cidade de Lâmia fica na Grécia central, e fora mencionada na Antiguidade por muitos autores, ao citarem o episódio da Guerra de Lâmia, em que uma coalizão dos gregos liderada pelos atenienses lutou contra os macedônios no inverno de 323-322 a.C., com vitória destes últimos; cf. Estrabão, *Geografia*, 9.5.31 e 9.5.33; Demóstenes, *Cartas*, 3 e 6; Políbio, *Histórias*, 1.29, 19.1, 20.1 e 20.11; Pausânias, *Descrição da Grécia*, 1.1.3, 1.8.2, 6.4.7, 7.6.5, 7.10.4, 7.10.5, 7.15.2 e 10.3.4; Cancik & Schneider, 2005, v. 7, pp. 182-183. Sobre a Guerra de Lâmia, cf. Cancik & Schneider, 2005, v. 7, p. 183. Contudo, os estudiosos identificam a terra dos lestrigões como sendo uma ilha próxima à Sicília.

²² *LSJ*, 1996, p. 1027.

²³ Estesícoro, in Page, 1999, *PMGF*, fr. 220. Para Cila (Σκύλλη), veja-se Grimal, 2005, pp. 88-89. Os autores aparecem em ordem cronológica, exceto quando for feita alguma observação.

²⁴ Esopo, *Provérbios*, 108.

²⁵ Cf. Cancik & Schneider, 2005, v. 7, p. 182. Eurípides, *Βουσίρις Σατύρικος*, in Kannicht (ed.), 1971, *Tragicorum Graecorum Fragmenta (TGF)* fr. 922, v. 5, pt. 1, pp. 368-370: Τίς τοῦνομα τὸ ἐπονείδιστον βροτοῖς / οὐκ οἶδε Λαμίας τῆς Λιβυτικῆς γένος – “Quem o nome vergonhoso para os mortais / não sabe de Lâmia da raça Líbia?”.

²⁶ Crates, in Austin & Kassel, 1983, *PCG*, *Λάμια*, frs. 20-26, pp. 96-99.

imundos”²⁷ e o outro afirma que ela eliminou um flato intestinal ao ser capturada.²⁸ Aristóteles (384-322 a.C.), ao falar da reprodução dos peixe cartilagosos, citou um peixe cujo nome era lâmia.²⁹ Já Diodoro Sículo (90-30 a.C.) tentou dar uma explicação mais verossímil para a lenda, afirmando que Lâmia era uma rainha Líbia que perdeu todos os seus filhos.³⁰ No seu *Arte Poética*, Horácio (65-8 a.C.) se referiu à lâmia como um "papão" ao criticar a capacidade inventiva de alguns autores: "Que as ficções sejam a causa próxima do verdadeiro prazer: não pretenda a fábula que se acredite em qualquer coisa que ela queira, nem retire vivo do estômago da Lâmia um menino que ela tenha almoçado".³¹ É também à essa forma que se referiu Estrabão (64/63 a.C. - 24 d.C.), ao dizer que se conta mitos às crianças não apenas para lhes dar prazer, mas também para afastá-las do mal.³² Plínio, o Velho (23-79 d.C.), descreveu o mesmo peixe de Aristóteles.³³ E Plutarco (46-120 d.C.) mencionou a capacidade que a lâmia tinha de retirar seus olhos para descansar em sua caverna, e voltar a colocá-los quando fosse sair para caçar.³⁴ Ele também se referiu a outra Lâmia, uma cortesã ateniense que foi amante de Demétrio Poliorcetes (337-283 a.C.), rei da Macedônia de 294 a 288 a.C.³⁵ Essa Lâmia cortesã foi ridicularizada em peças de comediógrafos da *Néa*, como Menandro e Mácron, e seu caso com Demétrio foi mencionado por escritores como Alcífron, Ateneu, Diógenes Laércio e Filarco.³⁶ Pausânias (II d.C.) afirmou que a primeira Sibila a proferir os oráculos de Apolo em

²⁷ Aristófanes, *Paz*, 758; e *Vespas*, 1035: Λάμιας <δ> ὄρχεις ἀπλύτους – “da Lâmia os testículos imundos”. Tradução própria.

²⁸ Aristófanes, *Vespas*, 1177: πρῶτον μὲν ὡς ἡ Λάμι' ἀλοῦσ' ἐπέρδετο - “primeiro, por um lado, como a Lâmia, sendo capturada, peidou”. Tradução própria. Cf. também Anderson, 200, p. 11, que discute esse fato, indagando o motivo de a lâmia eliminar o flato intestinal, se por medo ou nervosismo por causa de sua captura; se usaria esse recurso fisiológico para despistar seus perseguidores; ou ainda se esse flato seria um produto metabólico de uma má digestão por conta de sua "dieta pesada" constituída de crianças pequenas.

²⁹ Aristóteles, *História dos animais*, 540b18 e 621a20.

³⁰ Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica*, 20.41.3-5.

³¹ Horácio, *Arte Poética*, 340; tradução de Priscilla A. F. Almeida.

³² Estrabão, *Geográfica*, 1.2.8.

³³ Plínio, o Velho, *História Natural*, 9.78.

³⁴ Plutarco, *Sobre a Curiosidade*, 515f2-516a.

³⁵ Demétrio Poliorcetes era filho de Antígono, um dos generais de Alexandre, e foi ele quem tomou Atenas, em 307 a.C., das mãos de outro Demétrio, o de Falero. Este último governava Atenas em nome de Cassandro, outro general de Alexandre. Demétrio de Falero era um filósofo, discípulo de Teofrasto (o discípulo mais famoso de Aristóteles), e também tinha uma amante chamada Lâmia (de uma família nobre de Atenas, cf. Plutarco, *Demétrio*, 24 e 27, e *Comparação entre Demétrio e Antônio*, 3; Diógenes Laércio, *Vida e opiniões dos filósofos ilustres*, 5.75 e 5.76).

³⁶ Mácron, fr. 13.16, 13.182 e 13.187; Menandro, *Andro*, fr. 5.2, *Plo*, fr. 2.1, e frs. 47.2, 52.2, 334.1, 403.1; Alcífron, *Cartas das Cortesãs*, "Lâmia para Demétrio" e "Leôncia para Lâmia"; Ateneu, *Deipnosophistas*, 4.1.11, 13.37.3, 13.38.19, 13.39, 14.3.39; Diógenes Laércio, *Vida e opiniões dos filósofos ilustres*, 5.75 e 5.76; Filarco, *FGrH*, F 2a,81,F.12.

Delfos era filha de Lâmia com Zeus.³⁷ E Galeno (aprox. 129-210 d.C.) versou sobre os peixes de carne dura, incluindo lâmias entre eles.³⁸ Apuleio (125-180 d.C.) fez um comerciante de queijo e mel, Aristômeno, usar “lâmias” e “fúrias” para injuriar as bruxas que urinaram em cima dele após matarem seu amigo Sócrates.³⁹ Filóstrato (172-250 d.C.) descreveu um episódio da vida do filósofo Apolônio em que ele desmascara a noiva de Menipo, discípulo de Demétrio, um filósofo de Corinto. A tal noiva é descrita ora como uma lâmia, ora como uma empusa, e ainda como uma mormóllice.⁴⁰ Opiano da Cilícia (II-III d.C.) também fala dos peixes cartilagosos.⁴¹ Antonino Liberal (II-III d.C.) retrata a lâmia como um monstro que vivia em uma caverna nos arredores de Delfos e que acaba sendo morto.⁴² Heráclito (I-II d.C. ou IV d.C.), um paradoxógrafo do qual nada se sabe, escreveu uma obra de 39 pequenos capítulos, cujo oitavo explica a "real" história de Lâmia, uma bela mulher por quem um rei chamado Zeus se apaixonou.⁴³

No período Bizantino, Oribásio (320-400 d.C.) fez uma compilação dos escritos médicos da Antiguidade e citou a lâmia-tubarão.⁴⁴ Depois dele, Hesíquio de Alexandria (V d.C.) organizou um léxico com as palavras mais obscuras e pouco usuais da língua grega, no qual há um verbete sobre lâmia.⁴⁵ Fócio (810-893 d.C.) também escreveu um léxico em que há o verbete lâmia.⁴⁶ Há uma obra chamada *Epimerismos Homéricos*, que fornece explicações gramaticais e comentários para palavras em Homero, que se acredita ter sido escrita por um tal Queróbosco por volta

³⁷ Pausânias, *Descrição da Grécia*, 10.12.1.

³⁸ Galeno, *Das faculdades dos alimentos*, 6.727.

³⁹ Apuleio, *Metamorfoses*, 1.17.5 para lâmias; e 1.19.2 para fúrias. O tradutor de Apuleio da edição da *Les Belles Lettres*, Paul Vallette, comenta, na nota 3: "La Lamie était un de ces monstres voraces dont l'imagination populaire avait fait un épouvantail" - "A Lâmia era um desses monstros vorazes dos quais a imaginação popular tinha feito um espantalho", diz além disso que as lâmias são semelhantes à estriga (στρίξ, stryx), um tipo de bruxa da mitologia romana, meio mulher, meio pássaro, que se alimentava de crianças, cf. Apulée, *Les métamorphoses*, Les Belles Lettres, 1956, Tome I, pp. 18-19. Para as estriges veja-se Grimal, 2005, p. 153; cf. também, Silva, *Introdução*, in Le Fanu, 2010, p. 23; para o grego στρίξ, cf. *LSJ*, 1996, p.1654; para o latim *strix* cf. Glare, 1994, p. 1829.

⁴⁰ Filóstrato, *Vida de Apolônio*, 4.25: "ἡ χρηστὴ νύμφη μία τῶν ἐμπουσῶν ἐστίν, ἃς λαμίας τε καὶ μορμολυκεῖα οἱ πολλοὶ ἡγοῦνται" – "a prestimosa noiva é uma das empusas, as que lâmias e mormóllices as gentes creem ser". Tradução própria. Graves afirma que a lâmia se juntou posteriormente ao grupo das empusas (ἐμπούσαι), que eram consideradas filhas de Hécate e tinham os corpos híbridos de mulher com ancas de asno; podiam transformar-se em cadelas, vacas ou belas mulheres, forma com a qual se uniam a rapazes para alimentar-se deles, cf. Graves, 1967, pp. 215-216.

⁴¹ Opiano, *Haliêutica*, 1.370, 5.36 e 5.358.

⁴² No lugar onde o monstro morre surge uma fonte que é denominada Síbaris, cf. Antonino Liberal, *Metamorfoses*, 4. 1-7; Civita, 1973, v. III, p. 730.

⁴³ Heráclito, *Sobre o inacreditável*, 8.

⁴⁴ Oribásio, *Coleções Médicas* 3.18.9.5, e *Sinopse ao filho Eustácio* 4.17.7.5.

⁴⁵ Hesíquio, *Léxico*, verbete λάμια 250.1.

⁴⁶ Fócio, *Léxico*, verbete Λάμια 60, 61 e 62.

do século IX, e que menciona a lâmia ao explicar a palavra "senhora" (πότνια).⁴⁷ O *Etimológico Genuíno* de meados do século IX também tem um verbete para a lâmia, assim como seus sucessores: o *Etimológico Parvo* ou *Pequeno*, do final do século IX, e o *Etimológico Gudiano*, do século X.⁴⁸ Some-se a essas a famosa *Suda*, do século X, um léxico enciclopédico com mais de trinta mil entradas que dedica um verbete à lâmia.⁴⁹ Do século XI há os *Léxicos Seguerianos*, uma compilação de cinco léxicos diferentes encontrados num mesmo manuscrito, num dos quais se encontra um verbete sobre a lâmia.⁵⁰ No século XII, Eustácio de Tessalônica escreveu seus comentários às obras homéricas, e neles há menções à lâmia como tubarão, monstro, mãe de Cila.⁵¹ No século XII foram produzidos mais dois etimológicos, o *Simeonense*, na primeira metade, e o *Magno* ou *Grande*, em 1150, a maior obra bizantina desse tipo, e ambos contém verbetes sobre a lâmia.⁵² No século XIII, um grupo de monges bizantinos compilou um léxico que também inclui um verbete sobre a lâmia.⁵³

Esse rápido percurso conduz à literatura produzida na Grécia a partir da Queda de Constantinopla, à chamada "literatura moderna", e abrange não apenas registros escritos, mas também o folclore oral, característico dos primeiros séculos incluídos nessa categorização.⁵⁴

Sobre o folclore grego, quatro livros são referências fundamentais. Garnett e Stuart-Glennie (1896) compilaram, traduziram e comentaram algumas histórias contadas pelo povo grego em dois volumes — o primeiro traz poesias e cantigas, e o segundo, a prosa. Neles há três textos poéticos que incluem lâmias em seus versos (todas relacionadas à água e tentando atrair jovens homens com objetivos que os textos não aclaram) e há um conto extenso em que três lâmias-ogras ajudam um príncipe.⁵⁵ Lawson (1910) escreveu um estudo sobre os remanescentes da antiga religião grega na tradição folclórica da Grécia moderna, que abarca até monstros “de

⁴⁷ *Epimerismos Homéricos, Iliada*, 357.5; cf. Dickey, 2007, pp. 24-28, especialmente pp. 27-28.

⁴⁸ *Etimológico Genuíno*, Λ; *Etimológico Parvo* ou *Pequeno*, Λ 40.1 e 40.2; *Etimológico Gudiano*, Λ 361.38; sobre a tradição dos etimológicos, cf. Dickey, 2007, pp. 91-92.

⁴⁹ *Suda*, Λ 84, 85; M 1252.4, Σ 355.1; sobre a *Suda* cf. Dickey, 2007, pp. 90-91.

⁵⁰ *Léxicos Seguerianos*, Λ 287.25.

⁵¹ Eustácio de Tessalônica, *Comentários à Odisseia de Homero*, 2.13.24-25 e 2.13.27; *Comentários à Iliada de Homero*, 1.405.21 e 3.178.15.

⁵² *Etimológico Simeonense*, 1.277.3; *Etimológico Magno* ou *Grande*, Λ 555.50-51.

⁵³ Esse léxico foi erroneamente atribuído a Ioannes Zonarás, gramático do século XII, e por isso o grupo de monges foi denominado Pseudo-Zonarás, cf. Pseudo-Zonaras, 1284.15; Ioannes Zonarás fala sobre a cidade de Lâmia em seu *Epitome*, 2.307.1.

⁵⁴ Cf. <http://www.brasilecola.com/literatura/literatura-grega.htm>.

⁵⁵ Garnett & Stuart-Glennie, 1896.

segundo escalão”, como é o caso da lâmia, de Geló e da estriga (as quais ele concorda que, por terem “hábitos predatórios” similares, acabaram por se confundir na imaginação popular, transformando-se em um mesmo monstro do sexo feminino que vive isolado do convívio humano em uma caverna afastada e sai à noite para raptar crianças das quais se alimenta).⁵⁶ Richard e Eva Brum (1970) fizeram uma compilação das crenças do meio rural grego a respeito do mal que acomete os seres humanos, e que trata das lâmias, igualando-as às nereidas. O livro também traz relatos peculiares, como o de um camponês da região de Doxário que garante que as lâmias são vermes intestinais dos quais se pode ficar livre ao ingerir sementes de abobrinha.⁵⁷ E Megas (1970) apresenta uma introdução excelente sobre a formalização dos estudos do folclore na Grécia no início do século XX, seguida de uma compilação de histórias, das quais uma traz a figura de uma lâmia como irmã do Sol.⁵⁸

Como visto, as referências à lâmia não são abundantes em termos de quantidade de versos ou frases, mas, ainda assim, há uma variação significativa do mito — que sempre mantém a nuance da voracidade —, pois a raridade de ocorrências não implica em unicidade. Desse modo, as acepções do vocábulo lâmia são muitas, fazendo do mito uma fonte rica de detalhes a respeito da cultura da Grécia. O interessante é notar como um conceito registrado pela primeira vez entre os séculos VII-VI a.C. atravessa séculos e continua vivo na memória do povo que o criou até os dias atuais. Essa é a razão de estudá-lo: é um sobrevivente.

⁵⁶ Lawson, 1910, capítulo 2, parte 11.

⁵⁷ Richard & Eva Brum, 1970, pp. 115, 118-119.

⁵⁸ Megas, 1970, pp. 57-60.

Όμηρος - Homero
(ca. VIII a.C.)

Introdução:

Há sempre muito que se dizer a respeito de Homero, e também muito que já foi dito sobre ele. Pretende-se aqui apenas fazer um rápido comentário sobre o episódio específico dos lestrigões, uma das várias histórias fantásticas que são contadas por Odisseu aos feácios, e aparecem no canto XII da *Odisseia*. Esse é o episódio em que ele perde onze dos doze navios com os quais partira de Troia, rumo a Ítaca. A terra na qual eles aportam não é cultivada, e não há sinais de pastoreio, um presságio do que está por vir. Ao encontrar o povo que habita a terra, os companheiros de Odisseu descobrem que os lestrigões são um povo hostil que despreza todas as leis de hospitalidade preconizadas pela *Odisseia* para uma sociedade civilizada: apesar de compreenderem a língua dos forasteiros, não os recebem em suas casas, não oferecem abrigo a eles, nem comida e bebida, nem conversa e entretenimento. Pelo contrário: tratam os forasteiros como presas a serem fígadas, como comida. Eles são seres humanoides gigantesco e se comportam como selvagens vorazes, devoradores de carne humana. O episódio dos lestrigões é como uma retomada em miniatura do episódio dos ciclopes, tanto que aqueles se assemelham a estes na forma física (são comparados a montanhas, de tão altos), na bestialidade (tratam os hóspedes como comida), e na falta de sinais de civilidade (não praticam a agricultura). Tanto o episódio de Polifemo quanto o dos lestrigões representam o exato oposto da hospitalidade: ao invés de se oferecer comida ao hóspede, faz-se do hóspede comida.⁵⁹ Em uma tentativa de explicar a participação de tal aventura no grande enredo da *Odisseia*, Karl Reinhardt afirma que ela "parece, pelo modo como é narrada, estar lá por nenhum outro propósito que para explicar a destruição da frota, com exceção do navio de Odisseu".⁶⁰ Reinhardt também afirma que esse motivo da ogra que entretém os convidados enquanto espera a chegada de um ogro que vai fazer deles seu jantar é típica das histórias de ogros da mitologia indo-europeia.⁶¹

O texto grego foi retirado do programa *Diogenes*, de VON DER MÜLL, P. (ed.) *Homeri Opera*. Basel: Helbing & Lichtenhahn, 1962.

⁵⁹ Reinhardt, 1996, p. 71.

⁶⁰ Reinhardt, 1996, pp. 71 e 77.

⁶¹ Reinhardt, 1996, p. 71, nota 5.

Ὀδύσσειας, Κ, 80-134

ἐξῆμαρ μὲν ὁμῶς πλέομεν νύκτας τε καὶ ἥμαρ· ἐβδομάτῃ δ' ἰκόμεσθα Λάμου αἰπὺ πτολίεθρον, Τηλέπυλον Λαιστρυγονίην, ὄθι ποιμένα ποιμὴν ἠπύει εἰσελάων, ὁ δέ τ' ἐξελάων ὑπακούει.	80
ἔνθα κ' ἄϋπνος ἀνὴρ δοιοὺς ἐξήρατο μισθοῦς, τὸν μὲν βουκολέων, τὸν δ' ἄργυφα μῆλα νομεύων· ἐγγὺς γὰρ νυκτός τε καὶ ἡματός εἰσι κέλευθοι.	85
ἔνθ' ἐπεὶ ἐς λιμένα κλυτὸν ἦλθομεν, ὃν πέρι πέτρῃ ἠλίβατος τετύχηκε διαμπερὲς ἀμφοτέρωθεν, ἀκταὶ δὲ προβλήτες ἐναντία ἀλλήλησιν	90
ἐν στόματι προὔχουσιν, ἀραιὴ δ' εἴσοδος ἐστίν, ἔνθ' οἷ γ' εἴσω πάντες ἔχον νέας ἀμφιελίσσας. αἱ μὲν ἄρ' ἔντοσθεν λιμένος κοίλοιο δέδεντο πλησία· οὐ μὲν γάρ ποτ' ἀέξετο κῦμά γ' ἐν αὐτῶ,	95
οὔτε μέγ' οὔτ' ὀλίγον, λευκὴ δ' ἦν ἀμφὶ γαλήνη. αὐτὰρ ἐγὼν οἶος σχέθον ἔξω νῆα μέλαιναν, αὐτοῦ ἐπ' ἐσχατιῇ, πέτρης ἐκ πείσματα δήσας. ἔστην δὲ σκοπιὴν ἐς παιπαλόεσσαν ἀνελθῶν· ἔνθα μὲν οὔτε βοῶν οὔτ' ἀνδρῶν φαίνετο ἔργα, καπνὸν δ' οἶον ὀρῶμεν ἀπὸ χθονὸς αἴσسونτα.	100
δὴ τότε ἐγὼν ἐτάρους προΐην πεύθεσθαι ἰόντας, οἷ τινες ἀνέρες εἶεν ἐπὶ χθονὶ σῖτον ἔδοντες, ἄνδρε δύω κρίνας, τρίτατον κήρυχ' ἄμ' ὀπάσσας. οἱ δ' ἴσαν ἐκβάντες λείην ὁδόν, ἧ περ ἄμαξαι ἄστυδ' ἀφ' ὑψηλῶν ὀρέων καταγίνεον ὕλην.	105
κούρη δὲ ζύμβληντο πρὸ ἄστεος ὑδρευούσῃ, θυγατέρ' ἰφθίμη Λαιστρυγόνος Ἀντιφάταο. ἠ μὲν ἄρ' ἐς κρήνην κατεβήσεται καλλιρέεθρον Ἄρτακίην· ἔνθεν γὰρ ὕδωρ προτὶ ἄστυ φέρεσκον· οἱ δὲ παριστάμενοι προσεφώνεον ἕκ τ' ἐρέοντο, ὅς τις τῶνδ' εἴη βασιλεὺς καὶ οἷσιν ἀνάσσοι.	110
ἠ δὲ μάλ' αὐτίκα πατρὸς ἐπέφραδεν ὑπερεφὲς δῶ. οἱ δ' ἐπεὶ εἰσηλθον κλυτὰ δώματα, τὴν δὲ γυναῖκα εὔρον ὄσσην τ' ὄρεος κορυφήν, κατὰ δ' ἔστυγον αὐτήν. ἠ δ' αἰψ' ἐξ ἀγορῆς ἐκάλει κλυτὸν Ἀντιφατῆα, ὃν πόσιν, ὃς δὴ τοῖσιν ἐμήσατο λυγρὸν ὄλεθρον.	115
αὐτίχ' ἕνα μάρψας ἐτάρων ὀπλίσσατο δεῖπνον. τῶ δὲ δὺ' αἴξαντε φυγῇ ἐπὶ νῆας ἰκέσθην. αὐτὰρ ὁ τεῦχε βοῆν διὰ ἄστεος· οἱ δ' αἴοντες φοίτων ἴφθιμοι Λαιστρυγόνες ἄλλοθεν ἄλλος, μυρίοι, οὐκ ἄνδρεςσιν εἰκότες, ἀλλὰ Γίγασιν.	120
οἷ ῥ' ἀπὸ πετράων ἀνδραχθέσι χερμαδίοισι βάλλον· ἄφαρ δὲ κακὸς κόναβος κατὰ νῆας ὀρώρει ἀνδρῶν τ' ὀλλυμένων νηῶν θ' ἅμα ἀγνυμενάων· ἰχθύς δ' ὡς πείροντες ἀτερπέα δαῖτα φέροντο. ὄφρ' οἱ τοὺς ὄλεκον λιμένος πολυβενθέος ἐντός, τόφρα δ' ἐγὼ ξίφος ὀξὺ ἐρυσσάμενος παρὰ μηροῦ τῶ ἀπὸ πείσματ' ἔκοψα νεδὸς κυανοπρώροιο· αἶψα δ' ἐμοῖσ' ἐτάροισιν ἐποτρύνας ἐκέλευσα	125

ἐμβαλέειν κόπησ', ἴν' ὑπέκ κακότητα φύγοιμεν·
οἱ δ' ἅμα πάντες ἀνέρριψαν, δείσαντες ὄλεθρον. 130
ἀσπασίως δ' ἐς πόντον ἐπιρρέας φύγε πέτρας
νηῦς ἐμή· αὐτὰρ αἱ ἄλλαι ἀολλέες αὐτόθ' ὄλοντο.
ἔνθεν δὲ προτέρω πλέομεν ἀκαχήμενοι ἦτορ,
ἄσμενοι ἐκ θανάτοιο, φίλους ὀλέσαντες ἐταίρους. 134

Tradução:***Odisseia*, X, 80-134**

Por seis dias igualmente navegamos, noite e dia, 80
no sétimo avistamos a alta cidade de Lamo,
Telépilo Lestrigônia, ali, pastor chama pastor ao
recolher o rebanho, ele então escuta ao conduzi-lo ao pasto.
Lá um homem insone receberia dois pagamentos:
um por alimentar o gado, outro por conduzir as brancas ovelhas, 85
pois próximos da noite e também do dia estão os caminhos.
Lá, depois, ao porto bem feito chegamos, que no entorno
pedra escarpada tinha continuamente de ambos os lados,
com promontórios projetados de frente um para o outro,
na entrada estendendo-se, e estreita é a saída. 90
Lá para dentro eles todos colocaram as naus recurvas.
Elas então dentro do porto côncavo tinham ancorado
juntas; pois nunca tinha se elevado onda nenhuma nele,
nem grande nem pequena, mas luzente calmaria havia em volta.
Somente eu, porém, deixei de fora a nau escura, 95
na entrada dele, na pedra as amarras atando.
Tomei posição para observar, por uma escarpa subindo:
lá nem de bois nem de homens apareceram obras,
mas uma fumaça solitária vimos do chão se levantando.
Então eu companheiros enviei para irem descobrir 100
quais seriam os homens comedores de pão deste chão,
escolhendo dois homens, e também um terceiro como arauto mandando junto.
Eles foram indo pela plana estrada pela qual carros
para a cidade levavam madeira das altas montanhas.
Encontraram na frente da cidade com uma garota que trazia água, 105
a robusta filha do lestrigão Antífates.
Ela tinha descido até a fonte Artácia
de belas correntes, pois de lá carregavam água para a cidade.
E eles, de pé ao lado dela, dirigiram-lhe a palavra e perguntaram
quem destes seria o rei, e tais governaria. 110
Aí ela imediatamente indicou a casa de teto alto do pai.
Assim que eles adentraram a nobre casa, descobriram que
a mulher era tal qual pico de uma montanha, e horrorizaram-se com ela.
Aí logo ela da praça pública chamou o nobre Antífates,
seu marido, que para eles arranjou funesta destruição. 115
Pegando sem demora um dos companheiros, preparou como jantar.
Por isso os dois precipitaram-se em fuga até as naus.
Mas ele deu um grito pela cidade: os que escutaram
vieram, robustos lestrigões, de um lado e do outro,

incontáveis, não com homens parecidos, mas com Gigantes.	120
Eles então, das pedras, rochedos do peso de um homem atiravam: logo um barulho ruim das naus tinha se elevado, dos homens destruídos e das naus esvaçadas, e, como peixes arpoando, a desagradável refeição carregavam.	
Enquanto eles por estes eram mortos dentro do porto de muitos recortes eu, a espada afiada sacando da coxa, com ela as amarras cortei da nau de proa azul-escura, e imediatamente aos companheiros incitando ordenei se atirar aos remos, a fim de que do pior de tudo fugíssemos; e eles todos juntos remaram vigorosamente, temendo a destruição.	125
Felizmente para o alto-mar fugiu das proeminentes pedras minha nau. Mas as outras todas juntas foram lá destruídas. De lá então em frente navegamos, magoados no coração.	130
Contentes de escapar da morte, destruídos os queridos companheiros.	134

Comentário:

Λάμου: o episódio dos lestrigões foi traduzido por duas razões principais: por causa do nome Lamo, que aparece no verso 81; e para mostrar a voracidade dos próprios lestrigões, que se conectam à lâmia por serem ávidos devoradores de carne humana. O nome Lamo é um mistério para os comentadores. Não se consegue compreender muito bem qual seria o nome exato da cidade dos lestrigões, pois os versos 81 e 82 sugerem dois nomes diferentes: no 81, a expressão Λάμου αἰπὺ πολίεθρον - "de Lamo a alta cidade" (ou "de Lamo a cidadela"), com a palavra Λάμος no genitivo, e αἰπὺ πολίεθρον no acusativo neutro singular; essa informação parece ser complementada no verso 82, que é aberto com as palavras Τηλέπυλον Λαιστρυγονίην, que também estão no acusativo singular, em referência à αἰπύ. O difícil é precisar se Τηλέπυλον está qualificando Λαιστρυγονίην para indicar a cidade da região, algo como "a cidade lestrigônia de Telépilo" (a cidade chamada Telépilo que fica na região da Lestrigônia), ou se a primeira palavra se refere a Λάμου, atribuindo assim à cidade um nome duplo: Telépilo Lâmo, ou Lâmo Telépilo. De modo que não há definição a respeito de como essas três palavras se relacionam entre si. O que se diz de maneira geral é que Lamo seria o fundador do povo dos lestrigões (um fundador mítico, afastado no tempo, uma vez que no intervalo entre os versos 110 e 114 toma-se conhecimento de que o rei em exercício chama-se Antífates; Grimal, 2005, pp. 266, Lamo, e 274, Lestrigones), e que a cidade aparentemente se chamaria Telépilo. Segundo Heubeck & Hoekstra, o significado e a morfologia dessa última palavra são obscuros (Heubeck & Hoekstra, 1990, p. 48), mas o *LSJ* informa

que ela descreveria algo "com portões distantes" (*LSJ*, 1996, p. 1787), e Chantraine sugere que seja apenas um topônimo (Chantraine, 1968, p. 954). Essa palavra é uma clara fusão do advérbio τῆλε, "à distância, longe" (*LSJ*, 1996, p. 1787; Chantraine, 1968, p. 1113), com o substantivo masculino πύλος, que é igual ao substantivo feminino πύλη, "porta, portão" (*LSJ*, 1996, pp. 1553-1554, que menciona ser essa a palavra usada nas descrições da entrada do Hades: πύλαι Ἄϊδαο, "as portas do Hades"; Chantraine, 1968, pp. 953-954). Λάμος tem como raiz λαμ- e é uma palavra usada para designar o papo das aves e de alguns insetos (*LSJ*, 1996, p. 1027). O que importa para este estudo é justamente essa etimologia, que aproxima o suposto fundador de um povo de gigantes canibais vorazes da lâmia, pelo fato de possuírem a mesma raiz, e, por isso, atuarem em campo semântico similar: o da ingestão e digestão de alimento. Alguns comentadores acreditam que o autor/compilador da *Odisseia* bebeu de uma vasta fonte de mitos circulantes do folclore, pois pode-se notar que os temas abordados nesse episódio (gigantes devoradores de carne humana, a garota que aponta o caminho, a ausência do senhor da casa, etc.) são comuns na mitologia indo-europeia em geral. Outros defendem a postulação de que os nomes e alguns elementos que constituem tal cena foram retirados de uma versão pré-homérica da *Argonáutica*, em que Jasão passa por experiência semelhante (cf. Heubeck & Hoekstra, 1990, pp. 47-48, para todas essas informações, inclusive a respeito dos comentadores). Há ainda uma teoria de que a cidade dos lestrigões visitada por Odisseu ficaria na Sicília ou no sul da Itália, e seria próxima à cidade de Síbaris e à cidade fundada pelos lócrios (referidas em Antonino Liberal, *Metamorfoses*, VIII), e também a uma cidade italiana da Lâmia (cf. Fontenrose, 1980, pp. 100-104).

Στεσίχορος - Estesícoro
(ca. VII-VI a.C.)

Introdução:

Aparentemente, Estesícoro foi contemporâneo de Safo, e a Suda lhe atribui a datação de 632/629-556/553 a.C. Ele teria nascido ou na cidade de Matauro, no sul da Itália, ou em Hímera, na costa norte da Sicília, pois menciona essa cidade e alguns dos rios que passam pela região em sua poesia. Alguns relatos ainda atribuem-lhe uma passagem pela Lócria, e também um tempo no Peloponeso. Ainda segundo testemunhos antigos, ele foi enterrado na cidade de Catana, na Sicília.⁶² West afirmou, revelando a situação do nosso conhecimento a respeito dos artistas da Magna Grécia, que "todo mundo na Magna Grécia antes do reinado de Hierão se move em uma nuvem de lenda".⁶³ Sobre a produção de Estesícoro, a Suda afirma que ele teria escrito vinte e seis livros de poesia, mas Campbell afirma que esse é um número muito elevado, e cita os números de alguns dos outros poetas líricos: Safo, com nove livros, Alceu, com seus prováveis dez, Anacreonte, com supostos cinco, e Píndaro, com dezesseis. O estudioso inglês acha que, na verdade, ele teria escrito vinte e seis poemas extensos, com o que concorda West, que lhe atribui uma vasta produção literária de poemas épicos.⁶⁴ West cita uma lenda da região da Lócria Ozólia em que se diz que Hesíodo teria mantido um relacionamento com uma garota local, e que resultou no nascimento de Estesícoro.⁶⁵ West diz ainda que essa região da Grécia continental, assim como suas colônias italianas na Magna Grécia, são conhecidas por seus movimentos poéticos e musicais da época arcaica (VI e V a.C). Contudo, West julga mais sensato tomar como fator de análise real que tais lendas sejam apenas indicadores populares de que a poesia, tanto de Hesíodo quanto de Estesícoro, fosse muito apreciada e conhecida nessa região.⁶⁶ Os temas da poesia de Estesícoro eram épicos: Troia e sua guerra, Jasão e os argonautas, as aventuras de Héracles, o ciclo tebano, entre outros.⁶⁷ Os fragmentos foram retirados de PAGE, D. L.; DAVIES, M. (eds.) *Poetarum Melicorum Graecorum Fragmenta*. Oxford: Oxford University Press, 1999, e cotejados com a edição de CAMPBELL, David A. *Greek Lyric III – Stesichorus, Ibycus, Simonides, and Others*. Cambridge and London: Harvard University Press, 1991.

⁶² Campbell, 1991, pp. 2-4; West, 1971, pp. 302-304.

⁶³ West, 1971, p. 302; houve dois Hierões tiranos de Siracusa, na Sicília: um reinou em 478-467 a.C., o outro em 308-215 a.C. Não foi possível precisar a qual dos dois se dirige essa referência de West.

⁶⁴ Campbell, 1991, p. 4; West, 1971, p. 302.

⁶⁵ West, 1971, p. 304.

⁶⁶ West, 1971, pp. 304-305.

⁶⁷ Campbell, 1991, p. 4; West, 1971, p. 306.

Fragmentos:

220 Σ Ap. Rhod. 4.825-31 (p. 295 Wendel)

Στησίχορος δέ ἐν τῇ Σκύλλῃ † εἶδός τινος † Λαμίας τὴν Σκύλλαν φησὶ
Θυγατέρα εἶναι.

Eust. *Od.* 1714. 34

Στησίχορος δὲ Λαμίαν αὐτῆς (sc. Σκύλλης) μητέρα ποιεῖ.

Σ *Od.* 12. 124 (2. 451 Dindorf) = *An. Par.* 3. 479. 14 Cramer

Στησίχορος Λαμίαν φησὶ τῆς Σκύλλης μητέρα.

fragmentum obscurissimum: etiam de nostro Stesichoro auctore et de titulo
Scylla dubitatur. εἶδός τινος L (om. P): varii varia: fort. *Λιβυστίδος* (Lloyd Jones).

Tradução:

220 escólio a Apolônio de Rodes 4.825-31

"Estesícoro na Cila, de alguma forma, diz que Cila é filha de Lâmia", ou
"Estesícoro na Cila, diz ser Cila filha de alguma forma de lâmia".

Eustácio, comentário à *Odisseia* 1714.34

"E Estesícoro faz a Lâmia mãe dela"

Escólio anônimo à *Odisseia* 12.124

"Estesícoro diz ser Lâmia mãe de Cila", ou "Estesícoro diz que lamia é mãe de
Cila"

"fragmento muito obscuro: tanto do nosso autor Estesícoro quanto do título
Cila duvida-se"

Comentário:

O primeiro fragmento deriva de um escólio à *Argonáutica* de Apolônio de Rodes, um autor alexandrino (ca. 295 a.C. - ca. 230 a.C.) que foi aluno de Calímaco de Cirene. Diz-se que ele fez sucesso primeiro na ilha de Rodes, daí seu apelido, e depois se tornou um dos diretores da Biblioteca de Alexandria (cf. Hornblower &

Spawforth, 2003, pp. 124-126). A *Argonáutica* é um épico que relata a aventura de Jasão e seus companheiros na busca pelo velo de ouro, a bordo da nau Argo. Em comentário a esse fragmento (que é o único citado por ele), Campbell afirma que ele pode ser de autoria de um outro Estesícoro, que viveu no século IV a.C. O autor inglês também sugere que o texto está corrompido após a palavra Lâmia, e que talvez dissesse: "[...] Lâmia, filha de Poseidon", ou "[...] Lâmia líbia" (Campbell, 1991, p. 133).

ἐν τῆι Σκύλληι: alguns tradutores (Campbell, 1991, p. 133) usam um pronome possessivo antes da primeira ocorrência de Cila: *Estesícoro, na sua Cila*, para representar o dativo locativo, o que parece referir-se a um poema desse autor que seria intitulado *Cila*. Cila é um "monstro" marinho que habita o estreito de Messina na costa italiana, de cuja virilha saem seis cães que abocanham, cada um, um companheiro de Odisseu na *Odisseia*, XII.85-100, 244-259. Grimal se refere à mãe de Cila na *Odisseia* como sendo Crateis, uma deusa marinha, mas apresenta outras mães possíveis para esse "monstro", como Lâmia. Ele afirma que há várias progenitoras para ela nas diferentes versões de sua lenda, assim como vários também são os motivos apontados para sua transformação em "monstro". Em algumas fontes, Cila sofre um castigo imposto por Circe, enciumada porque Glauco amava a primeira, em outras, ela sofre um castigo de Posídon, por preteri-lo em favor de Glauco (Grimal, 2005, pp. 88-89).

εἰδός τινος: a expressão está representada entre cruces, o que significa que ela é uma parte de origem duvidosa do fragmento, que está presente em alguns manuscritos, mas em outros não; o editor optou por mantê-la em sua versão. Há um outro manuscrito, o L, que também traz as palavras εἰδός τινος, mas há um manuscrito P em que essa parte é omitida.

O segundo fragmento pertence a Eustácio, autor grego do século II d.C. e arcebispo da cidade de Tessalônica, no norte da Grécia, que escreveu diversas obras, entre elas comentários à *Iliada* e à *Odisseia* (cf. Hornblower & Spawforth, 2003, pp. 576-577). O fragmento acima se refere ao comentário à *Odisseia* (*Od.*).

sc. Σκύλλης: comentário explicativo dentro do próprio fragmento, que deixa claro ao leitor que Lâmia seria a mãe de Cila.

O terceiro fragmento faz parte de escólios anônimos à *Odisseia*. Comenta o verso 124 do canto XII, em que Circe diz a Odisseu a quem ele deve clamar para que retorne com segurança à Ítaca. Ela lhe diz:

ἀλλὰ μάλα σφοδρῶς ἐλάαν, βωστρεῖν δὲ Κράταιϊν,
μητέρα τῆς Σκύλλης, ἥ μιν τέκε πῆμα βροτοῖσιν:
ἥ μιν ἔπειτ' ἀποπαύσεν ἐς ὕστερον ὀρμηθῆναι.

mas com mais vigor rema, clamando por Crateis,
mãe de Cila, a que ela pariu como praga para os mortais,
a que a ela então vai impedir de atacar uma outra vez.

O escólio aponta para a outra possibilidade da lenda de Cila, a versão dada por Estesícoro de que ela é filha de Lâmia, e não de Crateis. Há ainda uma outra possibilidade, na qual o substantivo **Κράταιϊν** seria entendido como o adjetivo κραταῖός, ἄ, ὄν, "poderoso(a)" (forma poética de κρατερός, *LSJ*, 1996, p. 990), gerando a seguinte tradução: "[...], clamando pela Poderosa, / mãe de Cila, [...]", que bem poderia ser entendida como a Lâmia a que se refere Estesícoro.

fragmentum [...] dubitatur - o aparato crítico final esclarece que o fragmento é muito obscuro, porque não se tem certeza se o autor seria mesmo Estesícoro, nem se o título do poema seria mesmo *Cila*.

Αἴσωπος - Esopo
(ca. 620-564 a.C.)

Introdução:

Esopo é, até os dias de hoje, um grande mistério literário. Sobre o Esopo real (se é que ele realmente existiu) quase nada de concreto chegou até nós, e o que chegou é invariavelmente confundido com as inúmeras ficções remanescentes.⁶⁸ Sobre sua pátria também só há conjecturas: alguns dizem que ele era da Trácia, outros dizem que era da Frígia.⁶⁹ Outros autores, como Heródoto e Aristóteles, afirmam que ele foi, muito provavelmente, um escravo durante parte de sua vida, e que chegou mesmo a ser companheiro de escravidão de Rodópis, uma famosa cortesã que viveu no Egito.⁷⁰ Assim, a lenda de Esopo cresceu e permaneceu na imaginação popular. Da obra atribuída a Esopo, o gênero mais conhecido é a fábula, uma historieta contando uma situação resolvida de uma maneira prática por um espertalhão. No geral, seus personagens são animais, mas há também situações que acontecem com personagens da mitologia tradicional, como os deuses. Foi apenas no final do século IV a.C. que Demétrio de Falero fez a primeira compilação das fábulas de Esopo, transcrevendo-as em forma de prosa e atribuindo-lhes o nome de *Αἰσωπειῶν α'* (*Esópica I*).⁷¹ Acredita-se que, a partir de então, suas fábulas foram bem preservadas e estiveram em uso constante pelos oradores, retores, gramáticos e comentadores antigos, que citaram-nas em muitas de suas obras.⁷² Aparentemente dois outros escritores, Fedro, e depois dele, Bábrio, fizeram uso dessa mesma compilação para compor suas próprias "fábulas de Esopo".⁷³ Infelizmente, ela não sobreviveu até nossos dias. Contudo, de acordo com o *TLG*, Esopo também tem atribuídos a si epigramas, sentenças, ditados e provérbios. Dentre essa última categoria encontra-se um, que foi numerado como 108 por Perry (filólogo de Harvard que estabeleceu a edição-base dos textos de Esopo), que menciona a lâmia. Um texto particularmente difícil de ser traduzido é o provérbio, pois não traz em si o contexto em que era aplicado e, em muitos casos, não se tem nem notícia nem ideia alguma das situações em que era usado. Texto grego retirado do programa *Diogenes*, de PERRY, B. E. (Ed.) *Aesopica, vol. I*. Urbana: University of Illinois Press, 1952.

⁶⁸ Aesop, 1998, *Introduction*, pp. ix-xxiii; Chambry, 1985, pp. ix-xvii, nas quais ele discute as fontes antigas que falam da existência do Esopo real, entre elas Heródoto, Heráclito, Plutarco, Suda, e outros.

⁶⁹ Chambry, 1985, pp. xv e xvi.

⁷⁰ Aesop, 1998, pp. ix-xii; Chambry, 1985, pp. ix-xi, xvi.

⁷¹ Perry, 1965, p. xiii; Chambry, 1985, p. xxx: ambos atribuem a informação a Diógenes Laércio (5.80).

⁷² Aesop, 1998, pp. xiv-xvi.

⁷³ Perry, 1965, pp. xiii-xiv.

Prouerbia - 108

Ἐν καιρῷ ἀνάγκης τὴν λάμιαν μητέρα κάλει.

Ἑρμηνεία.

Ἐν ἀν<άγ>κης καιρῷ <δυσκαίρῳ ληφθεῖς,>

Καὶ τοὺς θηριώδεις ἄνδρας π<ατέρας> κάλει.

Tradução:**Esopo - Provérbios - 108**

Em tempo de necessidade, chama a lâmia de mãe.

Interpretação

Em tempo de necessidade <tendo recebido um tempo ruim>,

também os homens bestializados chama de pais.

Comentário:

τὴν λάμιαν μητέρα κάλει: expressão complicada de se traduzir – "chama pela mãe lâmia" mantém todos os objetos no acusativo, que é o caso em que estão. Contudo, considerando-se a posição do artigo definido (τὴν), talvez fosse mais apropriado traduzir como "chama a lâmia de mãe", pois, por sua proximidade imediata com a palavra λάμια, ele poderia estar caracterizando apenas esse substantivo, e não o μητέρα. O grande problema das duas possibilidades de tradução é que o sentido é completamente alterado de uma para a outra. Se for dito: "chama pela mãe lâmia", pode-se pensar em alguma deusa benfazeja que vem solucionar o problema trazido pelo tempo de necessidade (καιρῷ ἀνάγκης), o que não faz muito sentido dentro do campo semântico da palavra lâmia no folclore grego antigo; mas se for dito "chama a lâmia de mãe" pode-se pensar que o momento é tão ruim que até mesmo um monstro é chamado de mãe ou que se renega até a mãe de forma a chamá-la de lâmia. O verbo ajuda porque sua regência é feita com dois objetos no acusativo, o que fornece "pistas" para a tradução. Ele está na segunda pessoa do singular da voz ativa do presente do imperativo, mas essa forma também pode indicar uma terceira pessoa da voz ativa do singular do imperfeito em Homero, uso muito improvável neste caso

(*LSJ*, 1996, p. 866). De todo modo, optar pela tradução com o imperfeito não solucionaria a questão, já que o contexto limitado não define nada, muito menos o sujeito da frase, que acabaria ficando assim: "chamava pela mãe lãmia", ou "chamava a lãmia de mãe". Assim, essa opção não esclareceria nada além da opção pelo imperativo, que parece ser mais adequada para uma máxima, ou provérbio, como foi chamada a sentença neste caso. A explicação, ou interpretação (ἐρμηνεία), que é dada após o provérbio também ajuda um pouco: aclara que o tempo de necessidade é um tempo ruim (δυσκαίρω, já que a partícula δύς é usada como prefixo para indicar um aspecto ruim adicionado à palavra, destruindo seu aspecto bom, ou enfatizando seu aspecto mau – *LSJ*, 1996, p. 453) no qual até mesmo homens bestializados (rudes, violentos, selvagens = θηριώδεις ἄνδρας) são chamados de pais (πατέρας κάλει). Assim, apesar do fato de que um contexto mais definido facilitaria a tradução desse provérbio, pode-se vertê-lo razoavelmente ao português.

Κράτης - Crates
(século Va.C.)

Introdução:

Crates é um caso à parte neste catálogo. Sobre sua vida quase nada se sabe. Aparentemente, segundo Douglas Olson, ele foi o primeiro poeta ateniense a adicionar um enredo às peças cômicas:

Crates: vitorioso três vezes nas Dionisiacas urbanas, a primeira vez provavelmente no final de 450 a.C. ou bem no início de 440 a.C. (*IG II* 2325. 52, logo antes de Calias e Teleclide); um escólio a Aristófanes, *Cavaleiros* 537 (test. 3. 2), reporta que ele era originalmente um dos atores de Cratino. Aristófanes, em *Cavaleiros* 537-40 (424 a.C.), se refere a ele como um importante representante da geração anterior e, de acordo com Aristóteles na *Poética* (test. 5), a influência dos poetas cômicos sicilianos fez dele o primeiro poeta cômico ateniense a abandonar o estilo "jâmbico" e produzir peças com um argumento conectado. A *Suda* (test. 1. 1) reporta que seu irmão era um poeta épico chamado Epílico (de outra maneira desconhecido). Sessenta fragmentos (incluindo quatro dúbios) das comédias de Crates sobrevivem, acompanhados de dez títulos: *Vizinhos*, *Heróis*, *Feras selvagens*, *Lâmia*, *Metecos*, *Jogos*, *Homens em grilhões*, *Oradores*, *Sâmios* e *Atos ousados*. Se ele deve ser identificado com Crates II, outro poeta cômico a quem a *Suda* (test. 1) atribui três títulos, *O tesouro*, *Pássaros* e *O homem que amava dinheiro*, o primeiro e o último dos quais parecem mais apropriados para a 'Comédia Média', não está claro.⁷⁴

Aristóteles afirma que a comédia como essa manifestação teatral com um enredo (μῦθος) definido teria se iniciado na Sicília com os poetas Epicarmo e Formo, e que teria chegado a Atenas justamente na época de Crates, que teria introduzido na comédia ateniense essas "tramas e histórias de interesse geral".⁷⁵ Em seu livro *Cratino e a arte da comédia*, Emmanuela Bakola também afirma que Crates, juntamente com Quiantide, Magno, Ecfantide, Cálías e Cratino, pertenceram todos ao século V a.C.⁷⁶

⁷⁴ Olson, 2007, p. 407-408: "**Crates:** Victorious three times at the City Dionysia, first probably in the late 450s or very early 440s (*IG II*² 2353. 52; just before Callias and Teleclides); a scholium on Ar. *Eq.* 537 (test. 3. 2) reports that he was originally one of Cratinus' actors. Aristophanes at *Eq.* 537-40 (424 BC) refers to him as an important representative of the previous generation, and according to Aristotle in *Poetics* (test. 5), the influence of the Sicilian comic poets made him the first Athenian comic poet to abandon the 'iambic' style and produce plays with a connected storyline. The *Suda* (test. 1. 1) reports that his brother was an epic poet named Epilycus (otherwise unknown). Sixty fragments (including four *dubia*) of Crates' comedies survive, along with ten titles: *Neighbours*, *Heroes*, *Wild Beasts*, *Lamia*, *Metics*, *Games*, *Men in Shackles*, *Orators*, *Samians*, and *Daring Deeds*. Whether he is to be identified with Crates II, another comic poet to whom the *Suda* (test. 1) assigns three titles, *The Treasure*, *Birds*, and *The Man Who Loved Money*, the first and last of which seem more appropriate for 'Middle Comedy', is unclear". Tradução própria.

⁷⁵ Olson, 2007, pp. 2, 8-9, 17-18; Aristóteles, *Poética*, 1449^b5-9 (tanto a comédia quanto o mimo sicilianos são desconhecidos antes de Epicarmo e Formo, e Sófron, cf. Olson, 2007, pp. 1-12).

⁷⁶ Bakola, 2010, p. 113.

Traduziram-se a seguir alguns dos testemunhos antigos a respeito de Crates, citados por Olson, que foram considerados de maior relevância para o estabelecimento de um contexto, ainda que breve e precário, tanto para a vida quanto para a obra de Crates.⁷⁷ Após a tradução e comentário dos testemunhos, segue a tradução e os comentários dos fragmentos da peça *Lâmia*.

Os textos antigos foram retirados de KASSEL, R.; AUSTIN, C. *Poetae Comici Graeci (PCG)*. Berolini et Nova Eboraci: Walter de Gruyter, 1983. v. 4 Aristophon – Crobylus. pp. 83-85, "Testimonia", e 96-99, "Λάμια".

Testemunho 1: ΣΟΥΙΑΔΑΣ - k 2339

<Κράτης,> Ἀθηναῖος, κωμικός· οὗ ἦν ἀδελφὸς Ἐπίλυκος, ποιητὴς ἐπῶν. δράματα δὲ αὐτοῦ εἰσὶν ζ΄· Γεῖτονες, Ἥρωες, Θηρία, Λάμια, Πεδῆται, Σάμιοι. ἔγραψε δὲ καὶ καταλογάδην τινά.

Tradução: Suda - k 2339

<Crates> Ateniense, cômico: do qual era irmão Epílico, poeta épico. As peças dele são seis: Vizinhos, Heróis, Feras, Lâmia, Prisioneiros, Sâmios. Escreveu também alguma prosa.

Comentário:

Fica-se sabendo que Crates era um comediógrafo que escreveu uma peça chamada *Lâmia*. O aparato crítico desse fragmento revela que se ignora a existência de um poeta épico chamado Epílico, e que só se tem conhecimento de um poeta cômico com esse nome. De todo modo, o importante é saber que Crates escreveu uma comédia de nome *Lâmia*, que era ateniense e que escreveu tanto dramas quanto prosa. O fato de ser ateniense significa que ele fazia parte de um grupo específico de dramaturgia.

Testemunho 2: Anonimus - De com.

a. 9 - οἱ μὲν οὖν τῆς ἀρχαίας κωμωιδίας ποιηταὶ οὐχ ὑποθήσεως ἀληθοῦς, ἀλλὰ παιδιᾶς εὐτραπέλου γενόμενοι ζηλωταὶ τοὺς ἀγῶνας ἐποίουν· καὶ φέρεται αὐτῶν πάντα τὰ δράματα τξε΄ σὺν τοῖς ψευδεπιγράφοις. τούτων δὲ εἰσὶν ἀξιολογώτατοι Ἐπίχαρμος, Μάγνης, Κρατῖνος, Κράτης, Φερεκράτης, Φρόνιχος, Εὐπόλις, Ἀριστοφάνης ... 26 - Κράτης Ἀθηναῖος. τοῦτον ὑποκριτὴν φασι γεγενῆσθαι τὸ πρῶτον, ὃς ἐπιβέβληκε Κρατίνῳ, πάνυ γελοῖος καὶ ἰλαρὸς γενόμενος, καὶ πρῶτος μεθύοντας

⁷⁷ Os testemunhos 11 e 13 não foram traduzidos por estarem em uma situação muito fragmentária.

ἐν κωμωιδίαι προήγαγεν. τούτου δράματά εἰσιν ἑπτὰ. Φερεκράτης Ἀθηναῖος ... γενόμενος {ὁ} δὲ ὑποκριτῆς ἐζήλωσε Κράτητα, καὶ αὐτὸ τοῦ μὲν λοιδορεῖν ἀπέστη, πράγματα δὲ εἰσηγούμενος καινὰ ἠὺδοκίμει γενόμενος εὐρετικὸς μύθων.

Tradução: Anônimo - Sobre a comédia

a. 9 - Os poetas da comédia antiga, tornando-se competidores, criaram concursos não de moralidades verdadeiras, mas de brincadeiras espirituosas; deles contam-se todas as peças em 365, com os escritos espúrios. Desses os mais notáveis são Epicarmo, Magno, Cratino, Crates, Ferécrates, Frínico, Êupolis, Aristófanes. 26 - Crates ateniense: dizem ele ter sido primeiro um ator, que perseguiu Cratino até se tornar muito engraçado e hilário. Foi o primeiro a colocar bêbados [em cena] nas comédias. Dele há sete peças. Ferécrates Ateniense: ... tendo se tornado ator, imitou Crates e afastou-se dele insultando-o, e era popular por ter introduzido inovações e por ter se tornado inventor de mitos.

Comentário:

Os dois fragmentos confirmam a presença de Crates no grupo ateniense e transmitem as informações de que ele foi primeiro um ator, que era considerado um dos maiores poetas da comédia grega antiga, e que introduziu inovações nas peças, como a presença de personagens bêbadas. Os editores da edição usada informam que os comediógrafos antigos canônicos eram sete: Epicarmo, Cratino, Êupolis, Aristófanes, Ferécrates, Crates, Platão. Há uma possível alusão a um gênero sério, em oposição àquele outro cômico.

Testemunho 3: Schol. Ar. Equ. 537a - οἴας δὲ Κράτης ὀργάς:

οὗτος κωμωιδίας ποιητής, ὃς πρῶτον ὑπεκρίνατο <τὰ> Κρατίνου, καὶ αὐτὸς ποιητῆς ὕστερον ἐγένετο, καὶ ἐξωνεῖτο τοὺς θεατὰς καὶ τούτων εὖνοιαν. ἄλλως: τραγικὸς ποιητής, ὀλιγόστιχα ποιήματα γράψας.

Tradução: Escólio a Aristófanes, Cavaleiros 537a - de tal natureza era Crates:

Este era poeta de comédia, que primeiro atuou nas de Cratino; tornando-se ele próprio poeta em seguida, amealhou os espectadores e o favor destes. Há outro, um poeta trágico que escreveu poemas de poucos versos.

Comentário:

No fragmento há registro da prática de aliciar os espectadores para aplaudir, isto é, já existia o costume de se usar claque. Também pode-se perceber que Crates tinha fãs, o que é muito importante, pois confirma seu *status* como um dos poetas cômicos mais

conhecidos da geração anterior à de Aristófanes, referido por este em sua peça *Cavaleiros* 537-540, como observou Olson acima (*supra* p. 35). Pode ainda ser notado o fato de haver um poeta trágico de mesmo nome do comediógrafo, ou também é possível que fosse o mesmo poeta, que tinha se aventurado a compor tragédias.

Testemunho 4:

Τῶν τῆς ἀρχαίας κωμωιδίας ποιητῶν ὀνόματα καὶ δράματα - Κράτητος δράματα η΄.

Tradução:

Nomes e peças dos poetas da comédia antiga - de Crates há oito peças.

Comentário:

Um desencontro: ora se diz que Crates escreveu sete peças, ora oito. Não há muito com o que se preocupar, pois a maioria do que ele escreveu não chegou até nós, de toda forma.⁷⁸ Os editores da edição utilizada neste trabalho afirmam que Crates foi precedido por Teopompo, Estrátis e Ferécrates, e que foi seguido por Platão, Teléclide e Frínico (Olson, 2007, pp. 1-32; Bakola, 2010, p. 113).

Testemunho 5: Arist. poet. 5 p 1449b5

τὸ δὲ μύθους ποιεῖν {Ἐπίχαρμος καὶ Φόρμις} τὸ μὲν ἐξ ἀρχῆς ἐκ Σικελίας ἦλθε, τῶν δὲ Ἀθήνησιν Κράτης πρῶτος ἤρξεν ἀφέμενος τῆς ιαμβικῆς ιδέας καθόλου ποιεῖν λόγους καὶ μύθους.

Tradução: Aristóteles, Poética 5 p 1449b5

O criar mitos é de Epicarmo e Fórho, e veio, no início, da Sicília; mas dos em Atenas, Crates foi o primeiro que começou abandonando a forma do jambo para criar de maneira geral histórias e enredos.

Comentário:

Importante no testemunho de Aristóteles é notar que Crates foi colocado como representante do "clube de Atenas", em oposição a Epicarmo e Fórho, que não faziam parte dele. Também importante notar que ele é declarado pioneiro em outra coisa além de introduzir bêbados nas peças: ele não usava versos jâmbicos, que eram característicos da sátira antiga, nas suas obras. As palavras gregas λόγος e μύθος sempre suscitam discussões a respeito de quais as palavras mais adequadas para traduzi-las. A definição da primeira ocupa três páginas inteiras no dicionário, e

⁷⁸ Seria necessário fazer uma avaliação cuidadosa dos testemunhos antigos para que um estudo formal sobre tal poeta seja feito, o que não é o caso aqui.

abrange uma infinidade de campos semânticos diversos, inclusive os que são atribuídos à segunda, que são "história, conto, lenda, fábula", entre outros similares (*LSJ*, 1996, 1057-1059). Μῦθος tem uma significação particular, que não é atribuída à λόγος: "o enredo de uma tragédia ou comédia" (*LSJ*, 1996, 1151). Assim, preferiu-se atribuir essa acepção àquela palavra, e traduziu-se esta por "história", um termo mais genérico. A palavra "verso" foi cogitada, mas em termos de forma da escrita, λόγος é mais comumente atribuído à prosa, enquanto ποίημα e ποίησις são mais usados para a poesia, inclusive a dramática.

Testemunho 6: Ar. Equ. 537-540 (520-525 de Magnete, 526-536 de Cratino)

οἴας δὲ Κράτης ὀργᾶς ὑμῶν ἠνέσχετο καὶ στυφελιγμούς,
ὄς ἀπὸ σμικρᾶς δαπάνης ὑμᾶς ἀριστίζων ἀπέπεμπεν,
ἀπὸ κραμβοτάτου στόματος μάπτων ἀστειοτάτας ἐπινοίας:
χοῦτος μέντοι μόνος ἀντήρκει, τοτὲ μὲν πίπτων, τοτὲ δ' οὐχί

Tradução: Aristófanes, Cavaleiros 537-540

Tal era Crates: suportava vossas agitações e maltratos,
ele que vos despachava depois de servir refeição de pequena despesa,
a boca mais sonora sovava a invenção mais espirituosa,
e foi ele, apenas, que vos enfrentou, ora caindo, ora não.

Comentário:

Há um escólio ao verso 539 que ajuda muito na compreensão dessa passagem que parece estranha - 539 ἀπὸ κραμβοτάτου: ἠδυτάτου, ξηροτάτου. ἔπαιξε δὲ ἀπὸ τῆς τοῦ λαχάνου ἐπινοίας. αὐτοσχέδιος γὰρ ἦν περὶ τὰ δράματα - "539 da mais sonora: mais prazerosa, mais enxuta. Fez pilhéria da invenção do mercado dos vegetais. Pois era um improvisador em relação às peças." O comentador está explicando o sentido da palavra κραμβοτάτου, que é o comparativo do adjetivo κράμβος, "relacionado à voz, alta, soando como uma campainha" (*LSJ*, 1996, p. 989), mas que pode remeter ao substantivo κράμβη, "repolho", e daí a lembrança do mercado de vegetais, λάχανον (*LSJ*, 1996, p. 1032), que deve ter sido uma invenção bem comentada, pois Aristófanes também o menciona na *Lisístrata* 557, e outros autores também o fazem. Pode também estar fazendo referência ao hábito de comer vegetais, que talvez não fosse muito comum para os gregos antigos pois não são encontradas muitas referências literárias que falem de tal ingestão. O verbo ἀριστίζω tem o sentido de "dar o café-da-manhã" (*LSJ*, 1996, p. 241), mas junto ao substantivo δαπάνη,

"despesa, gasto" (*LSJ*, 1996, p. 369) e seu qualificativo, o adjetivo μικρός, "pequeno" (= μικρός, *JSJ*, 1996, p. 1133), pode significar que as peças de Crates não eram muito boas, eram um "café-da-manhã barato". O verbo μάττω, μάσσω (*LSJ*, 1996, p. 1082) é "sovar", mas μάττων/μάσσων também pode ser o comparativo de μακρός e μέγας. O uso do verbo ἀνταίρω, "levantar contra, se rebelar" (*LSJ*, 1996, p. 149), leva a pensar em um Crates polêmico ou inovador.

Testemunho 7:

a. Euseb. (Hieron.) Ol. 82,2

Crates comicus et Telesilla ac Bacchylides lyricus clari habentur. Praxilla quoque et Cleobulina sunt celebres.

b. Euseb. (Arm.) Ol. 84,2

Krates der Komiker und Telesilla waren gekannt.⁷⁹

c. Sync.

Κράτης ὁ κωμικός καὶ Τελέσιλλα καὶ Πράξιλλα καὶ Κλεοβουλίνα ἐγνωρίζοντο. Βακχυλίδης ὁ μελοποιὸς ἤκμαζεν.

Tradução:

a. Eusébio (Hieron.)

Crates cômico - Telesila e também Baquílides lírico são considerados ilustres. Praxila e também Cleobulina são célebres.

b. Eusébio (Arm.)

Crates o cômico e Telesila eram conhecidos.

c. Sincelo

Crates o cômico, Telesila, Praxila e Cleobulina conheciam-se. Baquílides o mélico estava no auge.

Comentário:

O testemunho nos informa que Crates estava vivo quando Baquílides estava no auge, e que essas poetisas Telesila, Praxila e Cleobulina eram conhecidas dele. Num primeiro momento, em **Κράτης ὁ κωμικός καὶ Τελέσιλλα καὶ Πράξιλλα καὶ Κλεοβουλίνα ἐγνωρίζοντο**, como o verbo γνωρίζω (*LSJ*, 1996, p. 355, de γινώσκω, *LSJ*, 1996, p. 350) está na terceira pessoa do imperfeito do indicativo, ἐγνωρίζοντο, pensou-se que a tradução poderia ser "Telesila, Praxila e Cleobulina conheciam

⁷⁹ A edição de Austin e Kassel não fornece o texto de Eusébio, apenas apresenta essa tradução do texto em alemão. Optou-se por manter o alemão pois essa edição está sendo reproduzida aqui neste trabalho. Cf. Austin & Kassel, *PCG*, 1983, p. 84.

Crates o cômico", que concordamos ser a melhor maneira de arrumar a frase. Contudo, "Crates o cômico" está no nominativo e não no acusativo, o que era de se esperar se fosse realmente o objeto da frase. Além disso, como verbo está na voz médio-passiva, que indica a reflexividade, adotou-se essa maneira de tradução para manter cada elemento da frase na mesma função sintática que tem no grego. Todos os poetas citados são gregos que viveram e tiveram seu auge produtivo no século V a.C. (West, 1993, pp. vii-xxiii, esp. xix; Hornblower & Spawforth, 2003, pp. 230, 1242, 1480), em diferentes partes da Grécia: Telesila era de Argos, Praxila de Sición (no Peloponeso), Cleobulina de Rodes e Baquilides de Ceos (uma das ilhas Cíclades). Assim, confiando nos testemunhos acima, Crates provavelmente viveu e floresceu nesse mesmo século.

Testemunho 8: Dem. Lac. col. 43,4 p. 87

ὁ γ[ὰ]ρ δὲ Κράτης κατὰ [τ]ὸν αὐ[τὸν] χρόνον γε[γο]νῶ[ς Αἰς]χύλωι, τούτου διὰ τ[ῶ]ν Ἡδωνῶν [εὐ]δοκιμηθέν[τος].

Tradução: Demóstenes Lacedemônio col. 43,4 p. 87

Crates, pois, de acordo com o próprio tempo, foi celebrado junto com Ésquilo. Dele se diz que ficou popular através de *Os Prazeres*.

Comentário:

O fragmento equipara, em termos temporais, Crates a Ésquilo, informação que confirma os testemunhos anteriores de Eusébio e Sincelo de que o poeta cômico teria vivido no século V a.C. (pois sabe-se que Ésquilo viveu nesse século), e de que teve fama.

Testemunho 9:

Fornece uma lista dos poetas que venceram as Dionisíacas, e informa que Crates foi vitorioso em três ocasiões: *poetae Dionysii victores - Κράτης III*, "poetas vencedores nas Dionísias - Crates III". O aparato crítico diz que Crates foi precedido por Cratino e Diopites, e foi seguido por Calias.

Testemunho 10: Diog. Laert. IV 23

γεγόνασι δὲ Κράτητες δέκα; πρῶτος ὁ τῆς ἀρχαίας κωμωιδίας ποιητής κτλ.

Tradução: Diógenes Laércio, IV 23

Nasceram dez Crates: o primeiro foi o poeta da comédia antiga, etc.

Testemunho 12: PSI 144 (CGFP 68)⁸⁰

20 Κράτητα μ[έντοι τὸν κω-
 μικὸν ποιη[τήν γε-
 γραφότα τὸν[
 τον ἐν τῇ ἀ[ρχῇι τῆς ἀν-
 τεπιρρήσεως[

25 πλειον[
 δε καὶ μ[

Tradução:

20 Crates con[tudo o cô-
 mico poe[ta, tendo
 escrito o[
 o no i[nício da con-
 testação[
 cheio[
 e também m[

Comentário:

Esse testemunho só foi traduzido para mostrar que Crates foi um poeta cômico, pois o resto do fragmento não fornece muitas informações devido a seu estado muito esburacado. A palavra ἀντεπιρρήσεως é usada para indicar a réplica feita à fala do corifeu logo após a parábase (LSJ, 1996, p. 151 ἀντεπιρρέω e ἀντεπίρρημα; cf. também ἐπίρρησις, LSJ, 1996, p. 654). Ao que parece, sua "contestação" chamou atenção de alguns por motivos impossíveis de se identificar.

Λάμια

O *Busiris* é um dos dramas satíricos de Eurípides, que está em estado muito fragmentário. A respeito dele, um testemunho sobre a peça *Lâmia*, de Crates, afirma que tinha uma lâmia como enunciadora do prólogo: "in Busiridis prologo Lamiam loquentem induxit Euripides" - "Eurípides colocou em cena uma lâmia falante no prólogo do *Busiris*".⁸¹ Olson afirma que "muitos fragmentos da comédia grega consistem apenas em uma palavra ou duas citadas fora de contexto, e em muitos

⁸⁰ PSI -, CGFP -

⁸¹ Kannicht, TGF, 1971, pp. 368-370.

poucos casos nós podemos dizer algo de significativo a respeito da trama de uma peça perdida ou até mesmo reconstruir uma cena"⁸² e, por essa razão, notar-se-á que os fragmentos sobreviventes da *Lâmia* de Crates são poucos, não fornecem muita informação acerca da peça e não permitem muitas elocubrações. Comentou-se sobre eles o que se pensou ser o mais relevante para este estudo. Os fragmentos também foram motivo para que se apresentasse aos leitores o trabalho deste dramaturgo, hoje pouco conhecido por causa da falta de estudos a seu respeito.

Fragmento 20

σκυτάλην ἔχουσα ἐπέρδετο

"a que tinha pau grande peidou"

Comentário:

O fragmento pode ser contemplado a partir de cinco escólios que o apresentam de maneira diferente, mas mantêm o sentido. O **escólio a Aristófanes, *Ecclesiazousae* 77::** ἀρσενικῶς δὲ Λαμίαν (λέγουσι δὲ καὶ θηλυκῶς τὴν Λάμιαν). ὑπὲρ ἧς ὁ Κράτης λέγει ἐν τῷ ὁμωνύμῳ δραματί, ὅτι σκυτάλην ἔχουσα ἐπέρδετο – "macho era a Lâmia (dizem que também era fêmea a Lâmia). Sobre a qual, na peça homônima, Crates diz que, portando um porrete, peidou". A palavra **σκυτάλην** significa pau, borduna, cacete, bengala (*LSJ*, 1996, p. 1617). Em **Aristófanes, *Ecclesiazousae*, 76 sqq** ἔγωγέ τοι τὸ σκύταλον ἐξηνεγκάμην τὸ τοῦ Λαμίου τουτὶ καθεύδοντος λάθραι. :: τοῦτ' ἐστ' ἐκείνων τῶν σκύταλων ὧν πέρδεται. – "eu mesma, claro, o porrete tomei de Lâmio, que estava adormecido, na surdina. :: este é daqueles de porretes que peidam". Já nas ***Vespas* 1174 sqq.** ἐπιστήσει λόγους σεμνοὺς λέγειν ...; :: ἔγωγε ... πρῶτον μὲν ὡς ἡ Λάμι' ἀλοῦσ' ἐπέρδετο, / ἔπειτα δ' ὡς ὁ Καρδοπίων τὴν μητέρα. :: μή μοι γε μύθος, ἀλλὰ τῶν ἀνθρωπίνων κτλ. – "serás capaz de dizer discursos pomposos ...; :: eu sim ... primeiro como a lâmia capturada peidou, / depois como Cardópion a mãe. :: nada de mito para mim, mas coisas humanas etc." (as duas passagens de Aristófanes aqui citadas vão ser trabalhadas com mais profundidade em seguida nas pp. 57-70). Já Hesíquio comenta sobre o comentário de Aristófanes em **Hesíquio λ 248** Λάμια: Ἀριστοφάνης φησὶν, ὡς τηκούσης ἐν τῇ ἀγορᾷ τινος λαμιώδους γυναικὸς

⁸² Olson, 2007, p. 1: "Many fragments of Greek comedy consist of only a word or two quoted out of context, and in very few cases can we say anything significant about the plot of a lost play or even reconstruct a scene". Tradução própria.

ἐνδιατριβούσης. τινὲς δὲ ἐν τῇ ἀγορᾷ περδομένην γυναῖκα. – "Lâmia: Aristófanes diz assim de uma mulher de dentes de lâmia que passava o tempo escornada na praça pública. E alguns dizem que havia na praça pública uma mulher peidorreira". Já Fócio, que foi Patriarca de Constantinopla, afirmou, em seu léxico: – **Fócio p. 205,20** Λάμια: γυνή Ἀθήνησιν ἐν ἀγορᾷ διατρίβουσα, σκύταλον ἔχουσα καὶ ἀποψοφοῦσα. ἔστι δὲ καὶ θηρίον. "Lâmia: mulher ateniense que na praça pública passava tempo, portando um porrete e resmungando. É também uma fera", corroborando a descrição fornecida anteriormente tanto por Hesíquio quanto por Aristófanes. Um **escólio a Pausânias I 1,3** καὶ οὕτω μὲν Ἡσύχιος: Ἀριστοφάνης δὲ φησιν λαμιώδους γυναικὸς ἐν τῇ ἀγορᾷ ἐστηκούσης. τινὲς δὲ ἐν τῇ ἀγορᾷ περδομένην γυναῖκα. – "e também assim Hesíquio: Aristófanes diz assim de uma mulher de dentes de lâmia que ficava na praça pública. E alguns dizem que havia na praça pública uma mulher peidorreira". O adjetivo **λαμιώδους**, "dentes de lâmia", que aparece no verbete de Hesíquio e depois no escólio a Pausânias, não está registrado no *LSJ*, mas não é muito difícil de ser reconhecido: parece ser formado a partir de uma combinação dos substantivos λάμια e ὀδούς, e é usado para indicar uma característica peculiar da mulher que ficava sem fazer nada, andando de pau/porrete na mão na Ágora em Atenas. Pode ser interpretada como uma mulher "devoradora", por causa da alusão aos dentes de lâmia (ver *infra* Aristófanes, pp. 63-64, Galeno, p. 129, e Opiano, pp. 161-162 e Anexos, II: ilustrações, p. 188), o que também poderia remeter à ideia da "vagina dentada" de vários mitos de culturas diferentes, como a hindu, a de tribos sul-americanas, a brasileira.⁸³ O verbo **πέρδομαι** não tem outra acepção a não ser "to break wind"

⁸³ O mito da vagina dentada, *vagina dentata*, em latim, é antigo e parece estar presente em muitas culturas cuja base é indo-europeia. Na mitologia hindu é representado pelo mito de Adí, filho do asura Andhaka, que tenta vingar a morte do pai pelas mãos de Shiva. Andhaka era filho de Shiva e Parvati, e tenta seduzir Parvati para tomá-la como esposa, mas acaba morto por Shiva. Adí, para vingar o pai, toma a forma de Parvati e tenta enganar Shiva, com o objetivo de matá-lo usando uma vagina dentada. Contudo, Shiva percebe o engano e Adí acaba morto pelas mãos do mesmo assassino de seu pai, seu próprio avô. Os asuras eram divindades ligadas à natureza, que se igualavam em poder aos suras ou devas (os grandes deuses do panteão hindu), e que viviam em guerra com estes últimos. Segundo Wendy O'Flaherty, existe "um grande número de mitos hindus do tipo da *vagina dentata*, mitos nos quais diz-se explicitamente que o *yoní*, ou órgão da geração feminino, castra ou mata" - "... a large number of Hindu myths of the *vagina dentata* type, myths in which the yoni, or female organ of generation, is explicitly said to castrate or to kill", cf. O'Flaherty, 1980, p. 355. Erich Neumann cita as tribos indígenas norte-americanas como detentoras de um folclore rico em citações do mito da *vagina dentata*: "esse motivo da *vagina dentata* é muito típico da mitologia dos índios norte-americanos. Na mitologia das tribos indígenas um peixe carnívoro habita a vagina da Mãe Terrível; o herói é o homem que supera a Mãe Terrível, quebra os dentes da sua vagina, e assim faz dela uma mulher ("This motif of the *vagina dentata* is most distinct in the mythology of the North American Indians. In the mythology of the Indian tribes a meat-eating fish inhabits the vagina of the Terrible Mother; the hero is the man who overcomes the Terrible Mother, breaks the teeth out of her vagina, and so makes her into

(soltar gases), como coloca muito delicadamente o *LSJ* (1996, p. 1365), que traduziu-se aqui pelo vulgar "peidar" por ter sido considerado o mais adequado para a tradução dos trechos que se referem à comédia de Aristófanes.

Fragmento 21

ἔπη τριπύχη Θετταλικῶς τετμημένα

"uma palavra de três cúbitos cortada à moda tessália"

Comentário:

Novamente, é através de comentários de outros autores que se conhece esse fragmento. **Ateneu, X.418** ὅτι δὲ καὶ πάντες Θετταλοὶ ὡς πολυφάγοι διεβάλλοντο Κράτης φησὶν ἐν Λάμιαι: ἐπεὶ — τετμημένα. τοῦτο δ' εἶπεν ὡς τῶν Θετταλῶν μεγάλα κρέα τεμνόντων – "Porque Crates diz na *Lâmia* que todos os tessálios são caluniados como glutões: logo — cortada. Então ele fala como os tessálios eram cortadores de carnes grandes". E **Aristófanes** também se refere às palavras grandes como essa citada por Crates, de três cúbitos, no seu ***Rãs*, 799**. O comentador diz que Aristófanes se refere a palavras de comprimento desmedido, "sesquipedalia verba", que Eurípides diz serem típicas das peças de Ésquilo, na disputa que é arranjada entre eles por Dioniso para saber quem voltará ao mundo dos vivos com ele. Os versos 799-800 são uma fala do escravo sem nome (οἰκητής) que conversa com Xântias, servo de Dioniso: καὶ κανόνας ἐξοίσουσι καὶ πήχεις ἐπῶν / καὶ πλαίσια ξύμπηκτα – "e trenas exibiremos e cúbitos de palavras / e medidas compactas". **Πήχυς** é o substantivo que os gregos usavam para nomear o antebraço, e também para indicar a medida que um antebraço tinha, que em português se conhece como côvado, e representa uma coluna de dez centímetros de altura (*LSJ*, 1996, p. 1402; *Houaiss*, 2008, p. 883). Ele é determinado pelo substantivo ἔπος, no genitivo plural, e por isso indica palavras grandes, que Eurípides afirma que vai medir, uma por uma, para provar como é pesada a tragédia de Ésquilo. **Πλαίσιον** é uma fôrma alongada usada para moldar tijolos e também para medir quaisquer outras coisas (*LSJ*, 1996, p. 1411); por falta de uma definição mais concreta desse instrumento, preferiu-se traduzir a palavra apenas

a woman"); ele também diz que o lado destrutivo do Princípio Feminino, o lado terrível da Grande Deusa, é visto na forma arquetípica de uma boca cheia de dentes, e que achados arqueológicos encontrados da África (estatuetas mascaradas) até a América Central (representações de uma deusa asteca armada com facas e dentes afiados), cf. Neumann, 1991, p. 168.

pelo genérico "medidas", concordando com o adjetivo "compactas" (ξύμπηκτα); mas ela também poderia ter sido vertida em "medidores" (*Houaiss*, 2008, p. 1878). **Κανών** é qualquer coisa reta usada para medir, e usamos "trenas" por causa do uso muito disseminado dessa palavra no português do Brasil (*Houaiss*, 2008, p. 2762).

Fragmento 22

ἡμίεκτόν ἐστι χρυσοῦ (μανθάνεις;) ὀκτώ ὀβολοί
 "a sexta parte é de ouro (entendes?) oito óbolos"

Comentário:

É o historiador Políbio que fornece esse fragmento: **Políbio, IX.62** οἱ μέντοι ὀκτώ ὀβολοί ἡμίεκτον ἂν ὀνομάζοντο, ὡς φησιν ἐν Λάμιαι Κράτης: ἡμίεκτον — ὀβολοί. — "porém os oito óbolos poderiam ser chamados de sexta parte, como diz Crates na *Lâmia*: sexta parte — óbolos". O vocábulo **ἡμίεκτον** designa a sexta parte de uma medida de milho, que era chamada **μέδιμνος** (*LSJ*, 1996, p. 521 e 1089). O *LSJ* informa que o μέδιμνος equivaleria a algo em torno de 12 galões, o que fornece alguma ideia de quantidade.

Fragmento 23

καὶ μάλιστ' ἀφροδίσις ἀθύρμασιν
 "sobretudo para os brinquedos de Afrodite"

Comentário:

Esse fragmento está num trecho de **Fócio, α 3396** ἀφροδίσιον ἄθυρμα. Κράτης Λαμία: καὶ — ἀθύρμασιν *** ἡδὺ γὰρ κάκεῖνο δρᾶν ἐστι, λέγεσθαι δὲ οὐ καλόν — "brinquedo de Afrodite. Crates, *Lâmia*: e — brinquedos *** pois aquele é doce de fazer, mas não é bom de ser falado". É um fragmento muito pequeno, e está sem contexto algum, aparte esse comentário de Fócio, que diz que as delícias de Afrodite são melhores de serem feitas do que de serem ditas. A palavra **ἄθυρμα** é um substantivo neutro cujo significado primeiro é "brinquedo", sendo "prazer, encanto" uma das acepções possíveis (*LSJ*, 1996, pp. 33-34). Já **ἀφροδίσιος** é um adjetivo triforme que se refere "àquilo que pertence à deusa do amor" (*LSJ*, 1996, p. 293).

Fragmento 24

ἀνδριστὶ μιμεῖσθαι φωνήν
"mimetizar a voz com virilidade"

Comentário:

Mais um pequeno fragmento descontextualizado, o que complica a tradução do infinitivo do verbo μιμέομαι. Vale aqui comentar o advérbio **ἀνδριστὶ**, formado à partir da raiz do substantivo ἀνήρ, e que enfatiza o universo masculino: "como um homem", e que seria "com a voz de um homem", nesse caso (*LSJ*, 1996, p. 128). É na obra de Fócio, mais uma vez, que está citado o fragmento: **Fócio, α 1759** ἀνδριστὶ μιμεῖσθαι φωνήν: ὡς ἀνήρ. Κράτης Λαμῖαι – "de homem imitar a voz: como homem. Crates, *Lâmia*" (há um fragmento do historiador **Frínico**, em sua obra *Preparatio Sophistica* **213.1**, que também cita esse fragmento de Fócio, com uma numeração diferente: 127.1 — <ἀνδριστὶ μιμεῖσθαι φωνήν>: ὡς ἀνήρ. Κράτης Λαμῖα. Phot. 127, 1. — texto grego consultado no programa *Diogenes*: de BORRIS, J. (ed.) *Phrynici sophistae praeparatio sophistica*. Leipzig: Teubner, 1911). E em **Aristófanes, Ecclesiazusae 149** também aparece esse advérbio: ἄγε νῦν ὅπως ἀνδριστὶ καὶ καλῶς ἐρεῖς – "muito bem! agora como homem e belamente falas".

Fragmento 25

ὁ μύθος ἀπόλετο
"o mito foi destruído"

Comentário:

É um escólio ao *Filebo* de Platão que fornece esse fragmento: **escólio Filebo, 14A** παροιμία ὁ — ἀπόλετο ... μέμνηται δὲ αὐτῆς καὶ Κρατῖνος ἐν Δραπέτισι καὶ Κράτης Λαμῖαι – "o livro com provérbios — destruído ... lembram dele Cratino em *Fugitivos* e Crates na *Lâmia*".

Εὐριπίδης - Eurípides
(480-406 a.C.)

Introdução:

Eurípides foi um dos três tragediógrafos mais conhecidos da Grécia Antiga. Maria Helena da Rocha Pereira diz que seu drama é psicológico, e que essa seria sua característica mais marcante, fato que o distinguiria de Ésquilo e Sófocles.⁸⁴ Peter Levi acha que sua criatividade e originalidade, presentes em cada verso e em evolução ao longo da escrita de suas peças, é que faz de Eurípides um autor único no Período Clássico Grego.⁸⁵ Levi também aponta para a gradual diminuição da importância do coro na tragédia de Eurípides como um fator que o diferencia dos demais: em uma de suas últimas peças, *Bacantes*, o coro quase não fala, restringindo-se a cantar em poucas ocasiões, o que consistia uma mudança bastante significativa se comparada com a relevância do coro e de suas opiniões nas peças de Ésquilo e de Sófocles.⁸⁶

Estima-se que Eurípides tenha escrito noventa e duas peças, das quais nos chegaram dezoito (dezessete tragédias e um drama satírico), o maior número de peças de um tragediógrafo grego a sobreviver e chegar à posteridade (de Ésquilo e Sófocles nos chegaram sete de cada). Contudo, apesar de ser o mais famoso dos três tragediógrafos devido à sua popularidade com os professores, estudantes, críticos, poetas, entre outros, do Mundo Grego Tardio, ele só obteve quatro vitórias nas competições teatrais. Dele são (todas as datas são a.C.): *Alceste* (438), *Medeia* (431), *Heráclidas* (ca. 430), *Hipólito* (428), *Andrômaca* (425), *Hécuba* (424), *Suplicantes* (423), *Electra* (420), *Héracles* (416), *Troianas* (415), *Ifigênia em Táuride* (ca. 414), *Íon* (ca. 414), *Helena* (412), *Fenícias* (ca. 410), *Orestes* (408), *Bacantes* (405), *Ifigênia em Aulide* (405), *Ciclope* (?). Há uma outra tragédia atribuída a Eurípides chamada *Resus* (?), mas cuja autoria é muito debatida, sendo que os estudiosos não têm certeza dessa atribuição.⁸⁷

Sobre o fragmento em questão, toda a discussão será apresentada no comentário. O texto grego foi retirado de KANNICHT, Richard (ed.) *Tragicorum Graecorum Fragmenta (TGF)*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2004. v. 5, pt. 1.

⁸⁴ Cf. Pereira, 1987, p. 410.

⁸⁵ Cf. Levi, 1986, pp. 166-167.

⁸⁶ Cf. Levi, 1986, pp. 169-171.

⁸⁷ Cf. Levi, 1986, pp. 166-171.

Λάμια

Τίς τοῦνομα τὸ ἐπονείδιστον βροτοῖς / οὐκ οἶδε Λαμίας τῆς Λιβυστικῆς γένος;

Tradução:**Lâmia**

"Quem o nome vergonhoso para os mortais / não sabe da Lâmia de raça Líbia?"

Comentário:

O fragmento é retirado de Diodoro Sículo, *Biblioteca Histórica* 20.41.6.4-5 (seguindo a numeração utilizada no programa *Diogenes*), que afirma que estes versos são de Eurípides, no prólogo de sua peça chamada *Lâmia* (cf. *infra* pp. 87-91). Diodoro é a única fonte desse fragmento. As outras fontes falam da tradição das sibilas, mas não fornecem mais fragmentos da peça de Eurípides que se chamaria *Lâmia*, comentando apenas que a segunda sibila é lembrada por Eurípides no prólogo dessa mesma peça. O comediógrafo Crates, como visto, tem uma comédia de mesmo título (cf. *infra* pp. 38-51).⁸⁸

τοῦνομα - uma fusão do artigo definido τό com seu respectivo substantivo neutro ὄνομα, provavelmente por razões métricas.

Τίς, ὄνομα, γένος - o pronome interrogativo τις é o sujeito da frase: Τίς οὐκ οἶδε - "quem não conhece, sabe", com o verbo finito οἶδα na terceira pessoa do singular do presente do indicativo ativo. E são dois os objetos: há dois substantivos neutros que estão no acusativo: ὄνομα e γένος. O primeiro é o objeto direto da frase: Τίς οὐκ οἶδε τὸ ὄνομα - "quem não conhece o nome", seguido pelo adjetivo ἐπονείδιστον delimitando que não é um nome qualquer, e sim um nome que causa vergonha de se ouvir. A outra parte dos dois versos também caracteriza ὄνομα: Λαμίας τῆς Λιβυστικῆς - "da Lâmia Líbia", não é qualquer nome, é o nome da Lâmia da Líbia. O vocábulo γένος é um outro objeto direto, e nesse caso a tradução da frase poderia ficar assim: "Quem não conhece o nome vergonhoso e a raça da Lâmia da Líbia?". Contudo, parece melhor considerá-lo um acusativo de relação, caracterizando o adjetivo no genitivo, e aí a frase ficaria, literalmente, assim: "Quem não conhece o nome vergonhoso da Lâmia, líbia em relação à raça?", o que verteu-se em "Quem não

⁸⁸ A tradução do fragmento aqui foi mais literal do que a tradução em Diodoro (cf. *infra* p. 90), em que foi prezada a fluência do português.

sabe o nome vergonhoso da Lâmia de raça líbia?", por uma questão de melhor adequação da tradução para o português. O sentido do acusativo de relação fica, assim, mantido.

ἐπovείδιστον - algumas edições trazem τούπovείδιστον, em situação idêntica à acima comentada, fusão do artigo definido neutro singular com o adjetivo neutro ao qual se refere, ἐπovείδιστον.

Os editores da enciclopédia *New Pauly* afirmam que Eurípides colocou uma lâmia como enunciadora do prólogo de seu drama satírico chamado *Busíris* (*Βουσίρις Σατύρικος*; cf. Cancik & Schneider, 2005, v. 7, p. 182), mas, contrariando as afirmações e após cuidadosa análise, nada se encontrou, nem nos fragmentos remanescentes da referida peça, nem nos escólios a ela, que levasse a essa conclusão (cf. Kannicht, 2004, *TGF*, frs. 312b-315, v. 5, pt. 1, pp. 368-370). Richard Kannicht, na edição do *TGF* de 2004, fornece os comentários e os fragmentos restantes desses dois dramas satíricos de Eurípides: *Busíris* e *Lâmia*, o que permitiu a análise. Assim, nos escólios antigos ao fragmento da suposta obra de nome *Lâmia*, aponta-se um comentário de Varrão (116-27 a.C.), em seu *Antiquitates rerum humanarum et divinarum* (*Antiguidades das coisas humanas e divinas*, escrito em 41 livros), que nos chegou apenas em fragmentos e que menciona o prólogo da peça euripideana de nome *Lâmia*. O fragmento em questão está preservado na obra de um dos primeiros autores cristãos de que se tem notícia, Lactânio (ca. 240-ca. 320 d.C.)⁸⁹, e segue assim: **Sybillas decem numero fuisse...: primam fuisse de Persis, cuius mentionem fecerit Nicanor qui res gestas Alexandri Macedonis scripsit, secundam Lybissam, cuius meminerit Euripides in Lamiae prologo** [δευτέρα ἢ Λύβισσα, ἧς μνήμην ἐποιήσατο Εὐριπίδης ἐν τῷ προλόγῳ τῆς Λαμίας] - "As sibilas foram, em número, dez...: a primeira foi da Pérsia, de quem fez menção Nicanor que escreveu os feitos ilustres de Alexandre da Macedônia, a segunda da Líbia, de quem se lembra Eurípides no prólogo da *Lâmia* [segunda a Líbia, da qual memória guardou Eurípides no

⁸⁹ A obra de Lactânio se chama *Institutiones Divinae* (*Instituições Divinas*), e foi escrita entre 303 e 311 d.C. Ela consiste em um tratado que critica o paganismo, suas tradições e crenças, e que é, ao mesmo tempo, considerado a primeira tentativa registrada de uma sistematização prática do cristianismo, apesar de a *Enciclopédia Católica* afirmar que não é uma fonte digna da religião que professa, nem que deve ser tomada como fonte fidedigna, pois afirma que o referido autor demonstra um desconhecimento significativo das Escrituras, e pouca intimidade com os dogmas do catolicismo (*Enciclopédia Católica*, v. VIII, p. 736. Essa enciclopédia, que começou a ser publicada em 1913 nos Estados Unidos, está hoje em domínio público e pode ser encontrada facilmente na internet para consulta, em sítios como [www.en.wikisource.org/wiki/Catholic_Encyclopedia_\(1913\)](http://www.en.wikisource.org/wiki/Catholic_Encyclopedia_(1913)); www.catholic.org/encyclopedia; www.newadvent.org/cathen).

prólogo da *Lâmia*]" (cf. Kannicht, 2004, *TGF*, fr. 472m, v. 5, pt. 1, pp. 517-518; tradução própria). Parece claro então, pelo testemunho dado por este fragmento, que Eurípides teria escrito uma peça cujo título seria *Lâmia*, da qual o único fragmento sobrevivente é aquele *supra* citado encontrado em Diodoro Sículo. Contudo, em seu comentário específico ao fragmento, Kannicht discute as questões acerca do nome "Lâmia", debatendo se seria mesmo o nome de uma peça de Eurípides como afirmam Diodoro Sículo e Varrão, ou se seria o nome da enunciadora do prólogo do *Busíris*. Kannicht opta pela segunda opção, e afirma duvidar da veracidade desse título *Lâmia* para o drama satírico euripídiano. De modo que, tanto para ele quanto para outros pesquisadores citados por ele, uma vez que em uma das versões de seu mito a Lâmia é líbia, e que toda a ambientação do *Busíris* se passa na Líbia, parece mais provável que aquela fosse realmente a enunciadora do prólogo deste (cf. Kannicht, 2004, *TGF*, fr. 472m, v. 5, pt. 1, p. 518). Contudo, tais justificativas apontadas por esses estudiosos parecem ser de pouca força e a conclusão soa algo precipitada. De fato, não há outros fragmentos que possam nem corroborar, nem descartar uma das duas hipóteses. Contudo, os dois únicos testemunhos antigos que dizem respeito a essa polêmica são o de Diodoro e o de Varrão, que afirmam a existência de uma peça de Eurípides que se chamaria *Lâmia*. Além do mais, não há nada que faça qualquer referência à presença de uma lâmia no *Busíris*, nem nos fragmentos remanescentes da peça, nem nos comentários antigos a seu respeito. De maneira que, talvez fosse mais prudente não se concluir nada nesse sentido.

Ἄριστοφάνης - Aristófanes
(446-386 a.C.)

Introdução geral:

Aristófanes é o mais conhecido e o maior dos comediógrafos da comédia velha de Atenas. Como ele se refere a si mesmo em algumas de suas peças, "o maior poeta grego de comédias, nunca superado"⁹⁰ escreveu mais de quarenta peças, das quais 11 chegaram até nós: *Acarnenses* (425 a.C.), *Cavaleiros* (424 a.C.), *Nuvens* (423 a.C.), *Vespas* (422 a.C.), *Paz* (421 a.C.), *Aves* (414 a.C.), *Lisístrata* (411 a.C.), *Tesmofórias* (411 a.C.), *Rãs* (405 a.C.), *Assembleia das Mulheres* (393 a.C.), *Riqueza* (388 a.C.), cujo estilo cômico é "exuberante, irreverente e indecente" (cf. Halliwell, 2009, p. x). Muitas de suas peças foram escritas no contexto da Guerra do Peloponeso entre Atenas e Esparta, que durou de 431 a.C. a 405 a.C., e tratam do tema da guerra (caso de *Paz*, *Acarnenses* e *Lisístrata*). Além disso, em seu tempo, Aristófanes viu Atenas sair de uma posição dominante no mundo grego para experimentar derrotas e fracassos. Deste modo, nas palavras de Stephen Halliwell,

"a carreira do poeta então compreendeu os anos em que a hegemonia de Atenas foi desafiada e eventualmente derrotada por Esparta e suas aliadas; sua parte final viu a reconstrução da posição de Atenas, e a emergência de novas relações de poder entre as cidades gregas dominantes nos primeiros anos do quarto século".⁹¹

O autor inglês insiste, mais à frente no seu texto, que conhecer pelo menos um pouco do contexto em que vivia o autor grego antes de qualquer tentativa de tradução de algum de seus textos é fundamental. Ele cita três dificuldades principais enfrentadas pelo tradutor de Aristófanes: primeiro, é algo muito complexo traduzir nomes e entender o que Aristófanes quer dizer sem que se tenha conhecimento, pelo menos em um nível mínimo, do contexto histórico da Atenas do século V a.C.; em segundo lugar, seu registro vocabular representa um desafio, já que é algo não padronizado, ou seja, é uma miscelânea de tudo quanto havia na literatura grega dessa época, apresentando trechos de tragédias, poesia lírica, sátiras, entre outras influências; e em terceiro lugar, é muito delicado e sutil perceber os jogos de palavras que existem em abundância dentro dos versos, que muitas vezes passam despercebidos ao tradutor por

⁹⁰ Em *Vespas* 1023-1027, por exemplo.

⁹¹ Cf. Halliwell, 1998, p. xiv: "The poet's career thus encompassed the years in which Athenian imperial hegemony was challenged and eventually defeated by Sparta and her allies; its latter part saw the rebuilding of Athens's position, and the emergence of new power relations between the leading Greek city states in the early years of the fourth century". Tradução própria.

milhares de razões, sendo a diferença cultural e a distância temporal duas das mais notáveis dentre elas.⁹² Assim, Halliwell afirma que

Para se ter uma chance de apreciar algo dessa veia da comédia de uma distância de dois milênios e meio, nós certamente precisamos abrir nossas imaginações para uma classe excepcionalmente múltipla de performance teatral, na qual vulgaridade e sofisticação, extravagância rebuscada e grosseria rasteira constantemente estão ombreadas.⁹³

E assim pode-se perceber quão variada e complexa é a linguagem utilizada por Aristófanes em suas peças, e quão mais complexo o trabalho dos que se dedicam a estudá-lo e traduzi-lo para que seja entendido e apreciado pelas gerações que a ele se seguiram. Dito isto, excusamo-nos de uma tradução adequada, limitando-nos a uma tradução funcional dos trechos em questão. Nossa tradução se pautará pelo registro acadêmico, não mais que isso.

A ideia inicial para esta parte do trabalho era organizar a análise das duas peças cujos trechos vão ser aqui discutidos, em ordem cronológica. Contudo, os dois trechos da peça *Vespas* ficaram separados, pois o trecho da peça *Paz* foi colocado entremeando-os. Explica-se o motivo: os trechos traduzidos de *Vespas* 1015-1037, e *Paz* 748-764, são muito similares, sendo que os versos 1031-1035 de *Vespas* e 754-758 de *Paz* são idênticos (somente à partir da metade final dos versos 1031 para a primeira, e 754, para a segunda). Assim sendo, será feito apenas um comentário a esses dois trechos, contendo apenas os vocábulos comuns aos dois, já que o trecho em que se fala da lâmia está em meio a esses versos repetidos. Logo após o comentário, será apresentado, traduzido e comentado o segundo trecho de *Vespas*.

Introdução a *Vespas*:

Vespas estreou em 422 a.C. no festival das Grandes Dionísias, que acontecia em final de março, início de abril, e era parte do grande festival das Lenaias, que tinha lugar no final de janeiro, em Atenas.⁹⁴ Obteve o primeiro ou o segundo lugar na competição, dado que não está claro nem documentado. Fato é que Aristófanes usa a

⁹² Cf. Halliwell, 1998, p. xlvii.

⁹³ Cf. Halliwell, 1998, p. x: "To have a chance of appreciating something of this vein of comedy at a distance of two-and-a-half-millennia, we certainly need to open our imaginations to an exceptionally multifarious class of theatrical performance, in which vulgarity and sophistication, far-fetched extravagance and down-to-earth grossness, constantly rub shoulders". Tradução própria.

⁹⁴ Cf. Halliwell, 1998, p. x; Capps, Page & Rouse, 1930, p. 404.

peça para fazer troça dos juízes do maior tribunal ateniense, a *Helieia*, ou *Grande Eclésia*, composto pelos chamados "dicastas" (δικάσται, do verbo δικάζω, "julgar")⁹⁵, que somavam 6000 cidadãos atenienses de pleno direito, acima dos 30 anos de idade, ao todo. Na verdade, as decisões políticas eram atribuição do tribunal da *Eclésia*, enquanto as decisões judiciais cabiam à *Helieia*.⁹⁶

Em *Vespas*, Aristófanes coloca um pai, Filócleon (Φιλόκλεων), e um filho, Bdelícleon (Βδελύκλεων), discutindo acerca da paixão do pai pelo seu trabalho de jurado (dicasta) nos tribunais da pólis de Atenas. Filócleon crê que governa Atenas, enquanto Bdelícleon quer provar que o pai está errado, mostrando a ele que, na verdade, ele é um escravo e nem se dá conta disso. O texto é composto por elementos de um julgamento tradicional ateniense, em que o coro serve como juri.⁹⁷

Utilizou-se para esta seção texto grego retirado do programa *Diogenes*, que usa o texto de MACDOWELL, D. M. *Aristophanes. Wasps*. Oxford: Clarendon Press, 1971.

Ἀριστοφάνης, Σφήκες 1015-1037

νῦν αὖτε, λεώ, προσέχετε τὸν νοῦν, εἴπερ καθαρὸν τι φιλεῖτε.
 μέμψασθαι γὰρ τοῖσι θεαταῖς ὁ ποιητῆς νῦν ἐπιθυμεῖ.
 ἀδικεῖσθαι γάρ φησιν πρότερος πόλλ' αὐτοὺς εὖ πεποιηκῶς·
 τὰ μὲν οὐ φανερωῶ ἀλλ' ἐπικουρῶν κρύβδην ἑτέροισι ποιηταῖς,
 μιμησάμενος τὴν Εὐρυκλέους μαντεῖαν καὶ διάνοιαν,
 εἰς ἀλλοτρίας γαστέρας ἐνδὺς κωμωδικὰ πολλὰ χέασθαι,
 μετὰ τοῦτο δὲ καὶ φανερωῶ ἤδη κινδυνεύων καθ' ἑαυτόν,
 οὐκ ἀλλοτριῶν ἀλλ' οἰκείων μουσῶν στόμαθ' ἠνιοχήσας.
 ἄρθεις δὲ μέγας καὶ τιμηθεῖς ὡς οὐδεὶς πώποτ' ἐν ὑμῖν,
 οὐκ ἐκτελέσαι φησὶν ἐπαρθείς, οὐδ' ὀγκῶσαι τὸ φρόνημα,
 οὐδὲ παλαίστρας περικωμάζειν πειρῶν· οὐδ', εἴ τις ἐραστής
 κωμωδεῖσθαι παιδίχ' ἑαυτοῦ μισῶν ἔσπευσε πρὸς αὐτόν,
 οὐδενὶ πώποτέ φησι πιθέσθαι, γνώμην τιν' ἔχων ἐπιεικῆ,
 ἵνα τὰς μούσας αἴσιν χρῆται μὴ προαγωγὸς ἀποφήνη·

⁹⁵ Cf. *LSJ*, 1996, pp. 428-429.

⁹⁶ Cf. Capps, Page & Rouse, 1930, p. 405.

⁹⁷ Capps, Page & Rouse, 1930, *The Wasps - Introduction*, pp. 403-406, em que eles explicam sucintamente o processo judicial ateniense, a composição do juri, as diferenças entre os dois grupos de assembleias da *pólis*, e ainda fazem um resumo do argumento da peça.

οὐδ', ὅτε πρῶτόν γ' ἤρξε διδάσκειν, ἀνθρώποις φήσ' ἐπιθέσθαι,
 ἀλλ' Ἡρακλέους ὄργην τιν' ἔχων τοῖσι μεγίστοις ἐπιχειρεῖν,
 θρασέως ζυστὰς εὐθύς ἀπ' ἀρχῆς αὐτῷ τῷ **καρχαρόδοντι,**
οὗ δεινόταται μὲν ἀπ' ὀφθαλμῶν Κύννης ἀκτῖνες ἔλαμπον,
 ἕκατὸν δὲ κύκλω κεφαλὰι κολάκων οἰμωξομένων ἐλιχμῶντο
 περὶ τὴν κεφαλὴν, φωνὴν δ' εἶχεν **χαράδρας ὄλεθρον τετοκυίας,**
φώκης δ' ὀσμῆν, Λαμίας δ' ὄρχεις ἀπλύτους, πρωκτὸν δὲ καμήλου.
 τοιοῦτον ἰδὼν τέρας οὗ φησιν δείσας καταδωροδοκῆσαι,
 ἀλλ' ὑπὲρ ὑμῶν ἔτι καὶ νυνὶ πολεμεῖ. [...]

Tradução:

Aristófanes, *Vespas* 1015-1037

Agora, então, para o povo: atentai a mente, se é que amais o impoluto.
 pois o poeta quer censurar os espectadores agora.

Pois ele se diz injustiçado, ele que fez a estes muita coisa de bem — primeiro,
 não às claras, mas às escondidas — ajudando os outros poetas,
 imitando o poder profético e a inteligência de Euricleu,
 para — de dentro das barrigas dos outros — vomitar muita coisa cômica,
 mas depois disso — arriscando já às claras, por si mesmo,
 guiado por bocas não das musas dos outros, mas das próprias.

Aí, tendo subido a grande e honrado como nunca ninguém entre vós,
 não se diz grande, nem com a vida feita, nem tem o peito inchado,
 nem se diz um experimentado no farrear das palestras. E se algum amante,
 correu atrás dele para — de brincadeira — satirizar seu 'ex'-amante,
 diz jamais ter sido convencido por ninguém. É que ele tem sabedoria
 para usar as musas que usa, e não se faz de proxeneta;

nem no início, quando começou a reger coreutas, diz ter atacado homens,
 mas com a gana de um Hércules atacava os maiores,

vencendo valentemente, direto e desde o começo **a este dente-serra,**

que dos olhos de cadela lança raios faiscantes terribilíssimos,

**e com um aro de cem cabeças de puxas-saco lamentando-se com línguas de
 serpente em torno da cabeça, uma voz de torrente que paria a ruína,**

o bodum de uma foca, os bagos imundos de uma lâmia e o cu de um camelo.

E vendo uma tal fera diz não aceitar suborno, e mesmo amedrontado,

por vós ainda agora luta. [...]

Introdução à Paz:

Aristófanes estreou a primeira versão de sua comédia denominada *Paz* em 421 a.C. nas Grandes Dionísias de então. O contexto histórico era a iminência da assinatura do tratado de paz que ficou conhecido como A Paz de Nícias (421 - 415 a.C.), entre Atenas e Esparta.⁹⁸

Na peça, o lavrador ateniense Trigeu resolve subir ao Olimpo para perguntar aos deuses a razão de tanta violência. Para isso ele usa um escaravelho. Ao chegar no Olimpo ele só encontra Hermes, pois os outros deuses tinham fugido para não ver a humanidade se matar. Hermes lhe conta que a Paz fora aprisionada e que a Guerra estava à solta. Trigeu então volta à Grécia e convoca todos os lavradores gregos a soltar a Paz. Eles conseguem, a Guerra é derrotada, a Paz volta a reinar absoluta e nosso herói acaba se casando com a Abundância, acompanhante da Paz.

A edição usada para o texto grego foi a mesma usada no programa *Diogenes*, de COULON, V; VAN DAELE, M. (eds.) *Aristophane*. Paris: Les Belles Lettres, 1969. v.2.

Ἀριστοφάνης, *Εἰρήνη* 748-764

Τοιαῦτ' ἀφελὼν κακὰ καὶ φόρτον καὶ βωμολοχεύματ' ἀγεννῆ
ἐπόησε τέχνην μεγάλην ἡμῖν κάπύργωσ' οἰκοδομήσας
ἔπεσιν μεγάλοις καὶ διανοίαις καὶ σκώμμασιν οὐκ ἀγοραίοις,
οὐκ ἰδιώτας ἀνθρωπίσκους κωμωδῶν οὐδὲ γυναῖκας,
ἀλλ' Ἑρακλέους ὀργὴν τιν' ἔχων τοῖσι μεγίστοις ἐπεχείρει,
διαβὰς βυρσῶν ὄσμάς δεινὰς κάπειλās βορβοροθύμους.

Καὶ πρῶτον μὲν μάχομαι πάντων αὐτῷ τῷ καρχαρόδοντι,
οὔ δεινόταται μὲν ἀπ' ὀφθαλμῶν Κύννης ἀκτίνες ἔλαμπον,
ἑκατὸν δὲ κύκλω κεφαλὰὶ κολάκων οἰμωξομένων ἐλιχμῶντο

⁹⁸ Tal acordo ficou conhecido como Paz de Nícias por ter sido conduzido pelo general ateniense de mesmo nome, que havia substituído Cleon no governo de Atenas. Cleon era favorável à continuação da guerra, mas Nícias era favorável ao estabelecimento da paz entre Atenas e Esparta, que estavam envolvidas na Guerra do Peloponeso (431 - 404 a.C.), em que os espartanos lutavam para conter a crescente influência e poder atenienses junto às outras *pólis* gregas. Contudo, em verdade, Atenas e Esparta já vinham disputando a hegemonia sobre as *pólis* gregas desde 450 a.C., com períodos de batalhas entremeados por períodos curtos de relativa paz, ou de pequenas tréguas.

περὶ τὴν κεφαλὴν, φωνὴν δ' εἶχεν χαράδρας ὄλεθρον τετοκυίας,
φώκης δ' ὄσμήν, Λαμίας <δ'> ὄρχεις ἀπλύτους, πρωκτὸν δὲ καμήλου.

Τοιοῦτον ἰδὼν τέρας οὐ κατέδεις', ἀλλ' ὑπὲρ ὑμῶν πολεμίζων
ἀντεῖχον ἀεὶ καὶ τῶν ἄλλων νήσων. ἼΩν εἵνεκα νυνὶ
ἀποδοῦναί μοι τὴν χάριν ὑμᾶς εἰκὸς καὶ μνήμονας εἶναι.

Καὶ γὰρ πρότερον πράξας κατὰ νοῦν οὐχὶ παλαίστρας περινοσῶν
παῖδας ἐπέιρων, ἀλλ' ἀράμενος τὴν σκευὴν εὐθὺς ἐχώρουν,
παῦρ' ἀνιάσας, πόλλ' εὐφράνας, πάντα παρασχὼν τὰ δέοντα.

Tradução:

Aristófanes, Paz 748-764

Tendo suprimido tais males, vulgaridades e bajulações de ordinários,
fez uma arte grande para nós e tendo levantado torres,
com grandes palavras e inteligência e com piadas — não de baixo calão —
fazendo comédia não com homenzinhos idiotas e com mulheres,
mas com a gana de um Hércules atacava os maiores,
varando os boduns horríveis dos couros e as ameaças dos cabeças de lama.
E primeiro então lutei dentre todos **com este dente-serra,**
que dos olhos de cadela lança raios faiscantes terribilíssimos,
e com um aro de cem cabeças de puxas-saco lamentando-se com línguas de
serpente em torno da cabeça, uma voz de torrente que paria a ruína,
o bodum de uma foca, os bagos imundos de uma lâmia e o cu de um camelo.

Vendo tal fera não me acovardei, mas por vós guerreando
— e pelos outros das ilhas também — suportava sempre. Por isso agora
por teres sido lembrados, parece ser hora de retribuir-me a graça.
E porque antes, quando dava giros, nem circulando pelas palestras,
provava os meninos, mas levantando acampamento direto me retirava,
pouco ofendendo, muito alegrando, todas as necessidades suprimindo.

Comentário:

καρχαρόδων, καρχαρόδους - a aceção principal é "com dentes que parecem uma serra". Aparentemente, todos os vocábulos relacionados derivam dos substantivos compostos *καρχαρόδων* e *καρχαρόδους*, que são as palavras mais antigas atestadas (*Ilíada*, Hesíodo, Aristófanes, Aristóteles, Teofrasto, entre outros), e aparecem sempre

usados para caracterizar a dentição de cães. Todos esses vocábulos têm essa ligação com o fato de indicarem seres cujos dentes são pontudos/agudos e estão dispostos enfileirados, um ao lado do outro como no formato de uma serra, nas bocas que os abrigam. Na Grécia de hoje, *καρχαρίας* é um dos substantivos usados para indicar tubarão (*LSJ*, 1996, p. 881; Chantraine, 1968, p. 502; Maniatoglou, 2008, p. 392).

Κύννα - segundo Kanavou, esse substantivo próprio é uma conjunção muito inteligente de nomes que Aristófanes usa para atacar o político populista (demagogo) Cleon: Cina era o nome de uma famosa cortesã ateniense, que Paflagon, em *Cavaleiros* 765, diz que é de maior valor que ele próprio: *Τῆ μὲν δεσποίνῃ, τῆ της πόλεως μεδεούσῃ, / εὐχομαι, εἰ μὲν περὶ τὸν δῆμον τὸν Ἀθηναίων γεγένημαι / βέλτιστος ἀνὴρ μετὰ Λυσικλέα καὶ Κύνναν καὶ Σαλαβακχῶ, / ὥσπερ νυνὶ μηδὲν δράσας δειπνεῖν ἐν τῷ πρυτανείῳ* - "A ti, senhora, a ti, guardiã da *pólis* / suplico, se ao povo dos atenienses me tornei / o melhor homem, depois de Lisicles, Cina e Salabacó, / como agora, sem nada para fazer, possa eu jantar no pritaneu" (Aristófanes, *Cavaleiros* 763-766). Contudo, Cina é também uma referência à Sirius, a estrela mais brilhante da constelação do Cão Maior, que já era assim chamada pelos gregos antigos, *Κύων* (*κύων* = *σεῖριος*, *LSJ*, 1996, pp. 1015 e 1588-1589), a constelação que representa o cão caçador da constelação de Órion. Segundo Kanavou, os gregos acreditavam que os raios da estrela Sirius causavam febre, de modo que associar sua imagem à de Cleon não deve ter sido muito favorável a ele, assim como a referência aos políticos como cães, que Aristófanes faz mais de uma vez em mais de uma de suas peças (para todas essas referências sobre Cina, cf. Kanavou, 2010, p. 89).

ἐλιχμῶντο, λιχμάω - esse é o verbo usado para descrever o movimento que não somente as serpentes, mas todos os répteis, fazem com suas línguas bifurcadas ao sondarem o ambiente: movem as línguas para fora da boca e as movimentam para cima e para baixo, rapidamente, para absorver o maior número possível de impressões olfativas, obtendo assim conhecimento do ambiente que as cerca, através de informações que vão desde os vegetais caídos no chão até a presença de possíveis presas e predadores, como afirmam Heiser, Janis e Pough:

As serpentes têm a língua bifida, com as extremidades amplamente separadas, que podem mover-se independentemente. Quando a língua é projetada, as extremidades são onduladas no ar ou encostadas no chão. Em seguida a língua é retraída e os estímulos químicos são transferidos para o órgão vomeronasal par. A forma bifurcada da língua das serpentes (...) pode permitir que elas consigam detectar

gradientes de estímulos químicos e localizar objetos. (Heiser, Janis & Pough, 2008, pp. 336-337).

Desse modo, a acepção principal do verbo é "brincar com a língua", a respeito desse movimento glóssico que fazem os répteis (*LSJ*, 1996, p. 1055).

ὄσμή - esse substantivo feminino pode ser usado em sua acepção mais genérica de "cheiro, odor", mas na maior parte das vezes ele é usado para indicar um cheiro ruim, um "fedor", algo malcheiroso. Contudo, pode significar até mesmo "perfume". Usou-se "bodum" que é uma palavra popular no Brasil para indicar um cheiro forte proveniente de animais ou da transpiração humana (*LSJ*, 1996, p. 1261; Houaiss, 2010, p. 476).

λάμιας δ' ὄρχεις ἀπλύτους - essas duas passagens de Aristófanes são as únicas em análise neste trabalho que se referem à lâmia como um ser de nome feminino (*λάμια*, ἡ, *LSJ*, p. 1027) com caracteres sexuais masculinos: ὄρχις é um substantivo masculino usado para denominar os testículos dos machos (*LSJ*, 1996, p. 1258; Chantraine, 1968, pp. 830-831), o que permitiria concluir que a figura da lâmia talvez fosse vista como um monstro hermafrodita. Uma das pinturas remanescentes descritas por John Boardman no *LIMC*, mostra o que aparenta ser um monstro hermafrodita (presença de seios e possivelmente um pênis) sendo torurado por sátiros, que decora um lécito de aproximadamente 500 a.C. Tanto Boardman quanto Monique Halm-Tisserant afirmam que a criatura sendo torturada é feminina, e que a parte da pintura que aparenta ser o órgão sexual masculino é uma representação de fogo, que os sátiros estariam colocando nos pelos pubianos da lâmia amarrada a uma palmeira. De fato, próximo a ela há um sátiro com o que parece ser uma tocha, mas o desenho da parte entre as pernas da criatura lembra muito o formato de um pênis, contudo, os ὄρχεις não estão aparentes na criatura central, apenas nos sátiros (*LIMC*, v. III¹, 1986, p. 189 para os comentários do autor e a legenda da figuras, e III², 1986, p. 90 para a figura em si, que também pode ser vista no Apêndice deste trabalho, II: ilustrações, p. 181).

πρωκτός - algumas traduções verteram essa palavra em "traseiro", e até mesmo "quartos traseiros", mas não conseguiu-ee entender a razão de tal pudor. O substantivo masculino significa literalmente "ânus", e aparece somente em três passagens de Aristófanes, nas duas trabalhadas aqui nesta dissertação, e em *Acarnenses* 863: τοῖς ὀστίνοις φουσεῖτε τὸν πρωκτὸν κυνός — "com as tíbias soprem o cu de um cão" (*LSJ*, 1996, p. 1544).

Dando continuação a este comentário, serão apresentados dois escólios anônimos aos versos selecionados dessas peças de Aristófanes. Para seguir a estrutura que está sendo utilizada neste trabalho, primeiro apresentar-se-á o original grego, depois a tradução e logo em seguida um pequeno comentário sobre cada um.

1. Escólio a *Vespas* 1030 - um escólio anônimo ao verso 1030 de *Vespas*, que cita o historiador Dúris de Samos (ca. 340 - ca. 260 a.C.). Dúris foi tirano de Samos, assim como seu pai antes dele, e seu irmão foi um famoso poeta cômico chamado Linceu. Dúris escreveu uma obra composta por pelo menos 23 livros, cujo título era *História da Macedônia* e cujos fragmentos chegaram até nós em sua maioria através de Ateneu; escreveu também outra obra que se acredita ter sido composta por pelo menos dois livros a respeito da história de Samos; e também uma biografia de Agátocles, tirano da Sicília, que se acredita ser composta por quatro livros. Sua obra é citada por outros escritores além de Ateneu, como Plutarco e Diodoro Sículo. Dúris também escreveu obras menores de tragédia, biografias de Eurípides e Sófocles, tratados pequenos sobre pintura, escultura, concursos, costumes e ainda sobre algumas questões homéricas (cf. Hornblower & Spawforth, 2003, pp. 498-499).

Texto grego retirado do programa *Diogenes*, de MÜLLER, K. (ed.) *FGH*. Paris: Didot, 1841-1870. v. II.

Fr. 35: Δοῦρις δ' ἐν β' Λιβυκῶν ἱστορεῖ, γυναῖκα καλὴν γενέσθαι τὴν Λάμιαν, μιχθέντος δὲ αὐτῇ Διὸς, ὑφ' Ἡρας ζηλοτοπουμένην ἃ ἔτικτεν ἀπολλύναι· διόπερ ἀπὸ τῆς λύπης δύσμορφον γεγονέναι, καὶ τὰ τῶν ἄλλων παῖδια ἀναρπάζουσαν διαφθείρειν.

Tradução:

Fr. 35: Duris, no seu segundo [livro], o dos líbios, conta a Lâmia ter sido uma bela mulher, mas porque Zeus transou com ela, as [crianças] que paria eram destruídas por Hera enciumada; por isso tornou-se deformada pela dor e sequestradora que matava as crianças dos outros.

Comentário:

Um trecho cheio de infinitivos e com apenas dois verbos finitos, ἱστορεῖ, no presente indicativo ativo, e ἔτικτεν, no imperfeito indicativo ativo. A impressão é a de que o

autor quis, com o uso de tantos infinitivos, mostrar os motivos de cada personagem da história para fazer o que fez. Os verbos ἀπόλλυμι e διαφθείρω têm acepções extremamente parecidas. Apesar de exibirem algumas particularidades de significação, o primeiro sentido de ambos é "destruir totalmente", sendo "matar" o segundo, e ainda terem o sentido de "arruinar" em comum (cf. *LSJ*, 1996, pp. 205 e 418). Na tradução foram usados verbos portugueses diferentes, mas com similaridade no sentido, para tentar manter a variação vocabular do grego.

2. Escólio a Paz 758 - um escólio anônimo ao verso 758 da peça *Paz*, que é excelente pois fornece informações importantes sobre a Lâmia.

Texto grego retirado do programa *Diogenes*, de HOLWERDA, D. (ed.) "Scholia in Vespas, Pacem, Aves et Lysistratam", in *Scholia in Aristophanem*. Groningen: Bouma, 1982. v. 2, t. 2.

<Λαμίας ὄρχεις> δραστικοὶ γὰρ οἱ ὄρχεις.

<Λαμίας ὄρχεις> Δίδυμος· εἰδωλοποιεῖ τινας ὄρχεις Λαμίας· θῆλυ γάρ. ἐντεῦθεν καὶ Λάμος ἢ πόλις τῶν Λαιστρυγόνων.

λέγεται ἡ Λάμια Βήλου καὶ Λιβύης θυγάτηρ. ταύτης ἐρασθῆναι τὸν Δία φασίν, μεταγαγεῖν δὲ αὐτὴν ἀπὸ Λιβύης εἰς Ἰταλίαν, ἀφ' ἧς καὶ πόλις ἐν Ἰταλίᾳ Λάμια προσαγορεύεται. ἐνθεν αὐτῇ συνελθὼν ὁ Ζεὺς οὐκ ἔλαθε τὴν Ἥραν· ἥτις ζηλοτυποῦσα τὴν Λάμιαν τὰ γινόμενα αὐτῆς τέκνα ἀνήρει ἀεὶ. ἡ δὲ ἀποθνησκόντων αὐτῆς τῶν παιδίων βαρυθυμοῦσα τὰ τῶν ἄλλων παιδία διὰ φθόνον ὑποκλέπτουσα ἀνήρει. διὰ τοῦτο καὶ τὰς τίθθας ἐκφοβούσας τὰ βρέφη φασὶ καλεῖν ἐπ' αὐτοῖς τὴν Λάμιαν. μυθεύεται δὲ ὡς ἄπνος αὕτη διατελεῖ βουλήσει Ἥρας, ἵνα καὶ ἡμέρας καὶ νύκτας ἐν τῷ πένθει ἦ, ἕως οὗ αὐτὴν ἐλέησας ὁ Ζεὺς ἀφαιρέτους αὐτῆς τοὺς ὀφθαλμοὺς ἐποίησεν, ὅπως ἂν ἐν αὐτῇ ἦ ἐξαιρεῖσθαι ἑαυτῆς τοὺς ὀφθαλμοὺς καὶ πάλιν θεῖναι. λέγεται δὲ ἐσχηκέναι παρὰ Διὸς καὶ τὸ μεταμορφοῦσθαι εἰς ὃ τι οὖν βούλεται. οὕτως εὖρον ἐν ὑπομνήματι.

ἀλλόκοτόν τι τέρας ὑποστήσασθαι βούλεται τὸν Κλέωνα· τὴν γὰρ Λάμιαν φασὶν ἄγριον εἶναι ζῷον καὶ δύσοσμον καὶ ἀνήμερον. οὐκ ἄρκεσθεις δὲ τούτοις αὐτὸν εἰκάσαι μόνους προσέθηκε καὶ ἄπλυτον, ἵνα μᾶλλον αὐξήσῃ τὴν περὶ τὸν Κλέωνα δυσσομίαν.

Tradução:

<bagos de uma lâmia> os testículos são de fato ativos.

<bagos de uma lâmia> Ambíguo⁹⁹, [Aristófanes] retrata alguns testículos de Lâmia, [mas ela] de fato é fêmea. Daí também Lamo, a cidade dos lestrigões.

Diz-se que Lâmia era filha de Belo e Líbia. Falam que Zeus se enamorou dela, e a transferiu da Líbia para a Itália e, a partir dela, uma cidade de Lâmia na Itália foi chamada. O fato de Zeus estar se encontrando com ela não passou despercebido a Hera: esta, enciumada, matava sempre todas as crias nascidas de Lâmia. E ela, deprimida pelas suas crianças chacinadas, raptando por inveja as crianças dos outros, matava. Falam que é por isso que a amas, atormentando os pirralhos, chamam a Lâmia para eles. Conta-se como esta ficava continuamente insone pela vontade de Hera, a fim de estar dias e noites em luto, até que Zeus, apiedado dela, fez os olhos dela serem removíveis, de modo que pudesse tirar de si mesma os olhos e colocar de novo. E também dizem ter obtido de Zeus a capacidade de se metamorfosear no que quer. Assim encontrei nas anotações.

[Aristófanes] quer estabelecer Cléon como um monstro estranho: pois falam que a lâmia era um animal feroz, fedido e selvagem. Não se contentando apenas com esses [adjetivos] para representá-lo, atribuiu também imundo, a fim de exaltar ainda mais a inhaca em volta de Cleon.

Comentário:

Um escólio muito importante, pois primeiro diz que lâmias são seres do sexo feminino e que o fato de Aristófanes ter-lhes atribuído testículos é algo dúbio. Depois, se refere à cidade dos lestrigões, sobre a qual pode-se ver a discussão neste mesmo trabalho na parte dedicada a Homero (cf. *supra* pp. 23-28). Em terceiro lugar, relata a história da Lâmia filha de Belo e Líbia, por quem Zeus se apaixonou, que, na verdade, não aparece em nenhuma das fontes antigas, a não ser a esparsa referência no verso remanescente da peça *Lâmia*, de Eurípides (cf. *supra* p. 54), em Dúris de Samos (cf. acima escólio à *Vespas*, pp. 66-67), e em Heráclito paradoxógrafo (cf. *infra* p. 167-168): ou seja, juntamente com o escólio anterior, que remete à obra do tirano de Samos, talvez este escólio seja uma das únicas fontes antigas dessa versão do mito, o

⁹⁹ Para a tradução do vocábulo δίδυμος, Jacyntho L. Brandão sugeriu "testículos", mas optou-se por manter a palavra "ambíguo" por causa do contexto da frase, que está questionando essa informação que Aristófanes dá de que a lâmia teria testículos. O autor do comentário parece dizer que não faz muito sentido a lâmia apresentar testículos, pois é do conhecimento de todos que ela é fêmea.

que os torna fundamentais para a análise realizada neste trabalho. No mesmo texto, o escoliasta também fornece sua interpretação do verso, afirmando que Aristófanes quer difamar o político Cleon e o chama de lâmia para alcançar tal fim, pois era de conhecimento popular que a lâmia era um animal feroz, fedido e selvagem (ele usa o verbo φημί na terceira pessoa do plural, φασί, indicando o caráter de rumor ou sabedoria popular que essa descrição da lâmia devia ter). Ele imprime, ainda, sua opinião pessoal de que Aristófanes não teria ficado satisfeito somente com a esfera desse conhecimento popular sobre as lâmias para denegrir Cleon, e que por tal razão teria acrescentado o adjetivo ἄπλυτος, derivado do verbo πλύνω, "lavar, banhar", em composição com um alfa privativo, o que gera "não lavados, sujos, imundos" (cf. *LSJ*, 1996, pp. 191 e 1423; Chantraine, 1968, pp. 918-919).¹⁰⁰

Ἀριστοφάνης, Σφήκες 1174-1180

{Βδελύκλεων} ἄγε νυν, ἐπιστήσει λόγους σεμνοὺς λέγειν
ἀνδρῶν παρόντων πολυμαθῶν καὶ δεξιῶν;

{Φιλόκλεων} ἔγωγε.

{Βδελύκλεων} τίνα δῆτ' ἂν λέγοις;

{Φιλόκλεων} πολλοὺς πάνυ.

πρῶτον μὲν ὡς ἡ Λάμι' ἀλοῦσ' ἐπέρδετο,

ἔπειτα δ' ὡς ὁ Καρδοπίων τὴν μητέρα –

{Βδελύκλεων} μὴ 'μοιγε μύθους, ἀλλὰ τῶν ἀνθρωπίνων,

οἴους λέγομεν μάλιστα, τοὺς κατ' οἰκίαν.

Tradução:

Aristófanes, *Vespas* 1174-1180

{Bdelícleon} Vamos, agora, vais saber como falar discursos solenes
aos homens presentes, que são muito cultos e inteligentes?

{Filócleon} Com certeza!

{Bdelícleon} O que, então, dirias?

{Filócleon} Tudo muito!

¹⁰⁰ Aristófanes critica Cleon em várias de suas comédias. Cleon foi um demagogo, general e o político ateniense mais proeminente desde a morte de Péricles, tendo atuado na época da Guerra do Peloponeso. Ele e Péricles eram adversários políticos e não chegaram a um acordo a respeito da Guerra do Peloponeso, pois Péricles queria a paz e Cleon queria que Atenas insistisse na continuação da guerra. Foi o primeiro representante da classe dos comerciantes na política de Atenas, apesar de ser parte da aristocracia da cidade. Tanto Aristófanes quanto Tucídides falam muito de Cleon, e não se mostram nada favoráveis a ele (cf. Halliwell, 2009, pp. xv-xvi; Hornblower & Spawforth, 2003, p. 346).

Primeiro, por um lado, como a Lâmia, capturada, peidou;

e depois, por outro, como o Cardópion a mãe...

{Bdelícleon} Mitos, para mim, não! Mas coisas humanas,
das quais falamos mais, as de casa.

Comentário:

πρῶτον μὲν ὡς ἡ Λάμι' ἀλοῦσ' ἐπέρδετο - Aristófanes usa dois verbos de voz média com sentido de voz ativa nesse trecho: o verbo ἀλίσκομαι, "ser pego, conquistado, cair nas mãos do inimigo" (*LSJ*, 1996, p. 66; Chantraine, 1968, p. 62), e o verbo πέρδομαι, "eliminar gases, peidar" ("break wind", *LSJ*, 1996, p. 1365; "péter", Chantraine, 1968, p. 885).¹⁰¹

A respeito dos nomes dos dois personagens principais, pode-se dizer que Filócleon é o mais velho, cujo nome já indica, "o que ama Cleon" (φιλέω + Κλέων). Seu nome é uma clara referência ao suporte político que os dicastas forneciam ao demagogo Cleon (que supostamente adorava processar gente nos tribunais para obter vantagens pessoais, e que Nikoletta Kanavou chama de "um manipulador e enganador de jurados"¹⁰²). O nome do filho, Bdelícleon, "o que abomina Cleon" (βδελύσσομαι + Κλέων), representa as ideias da nova geração de cidadãos atenienses, enquanto tenta demover seu pai dessa paixão que o escraviza.¹⁰³

¹⁰¹ O fato mais interessante neste trecho é a discussão que fazem os estudiosos acerca dos motivos pelos quais a lâmia teria eliminado um flato intestinal ao ser presa: alguns afirmam que a causa seria uma indigestão causada por sua dieta alimentar composta de crianças, como Anderson, 2000, p. 11, que diz: "The fart may not have been to confound its pursuers so much as out of panic; it might also be a product of indigestion from child-eating" – "O peido não deve ter acontecido apenas para despistar seus perseguidores, mas também por pânico; também pode ter sido um produto de indigestão por comer crianças".

¹⁰² Cf. Kanavou, 2010, p. 81.

¹⁰³ Veja-se Kanavou, 2010, pp. 80-83, em que a autora escreveu um estudo sobre os nomes em Aristófanes, no qual ela analisa os nomes dos protagonistas da peça *Vespas*, com apontamentos sobre como Filócleon e Bdelícleon, dois dos poucos nomes inventados por Aristófanes, têm significados fundamentais para a compreensão da peça.

Ἀριστοτέλης - Aristóteles
(384-322 a.C.)

Introdução:

A datação do texto chamado de *História dos animais* é incerta. Há inúmeras discussões entre os estudiosos acerca de muitos aspectos dessa obra. Uma delas é sobre o local onde Aristóteles se encontraria durante a confecção desse compêndio, se em Lesbos, num período em que viveu na cidade de Mitilene. Pode ser que sim, pois ele afirma, sobre os peixes da ilha, que:

No entorno de Lesbos, tanto todos os marinhos quanto os do estreito, desovam no estreito. Acasalam-se no outono e vão parir na primavera. É também no outono que os seláceos misturam os machos com as fêmeas para o acasalamento. Na primavera, eles entram separados até o momento de desovarem. Muitos foram fígados acoplados para o acasalamento.¹⁰⁴

Outro ponto de debate concerne a autenticidade: pergunta-se se o trabalho não seria obra de pesquisa de vários pensadores dos chamados peripatéticos, ou se somente de Aristóteles. E ainda há os que pensam que Aristóteles apenas colheu relatos de pessoas que eram mais experimentadas que ele na observação da vida dos animais, como os pescadores de Mitilene, por exemplo.¹⁰⁵ São muitas especulações e poucas certezas. Sabe-se pouco de concreto a respeito da obra. Ela reúne descrições físicas e fisiológicas dos corpos de animais e seres humanos, denominação e identificação de espécies, descrição de hábitos, como a reprodução, a alimentação, o cuidado com os rebentos. Está organizada em dez livros, dos quais os oito primeiros são considerados autênticos (com ressalvas), a autoria do nono é um mistério largamente debatido pelos estudiosos, e o décimo é considerado espúrio. Cada livro é dedicado a um assunto: 1. divide os animais em grupos diversos, seguindo características morfológicas comuns, e descreve as partes do corpo humano; 2. trata das partes dos corpos dos animais chamados "sanguíneos" (ἔναιμος); 3. descreve os órgãos internos dos animais sanguíneos; 4. trata dos animais "não-sanguíneos" (ἄναιμος); 5. descreve os métodos de reprodução dos animais "não-sanguíneos"; 6. descreve os métodos de cópula dos "sanguíneos"; 7. trata da reprodução humana; 8. versa sobre os hábitos dos animais,

¹⁰⁴ Aristóteles, *História dos animais*, VIII, 621b22-27: Περὶ δὲ τὴν Λέσβον καὶ τὰ πελάγια πάντα καὶ τὰ εὐρωπαϊκὰ τίκτει ἐν τῷ εὐρίπῳ· ὀχεύονται μὲν γὰρ τοῦ μετοπόρου, τίκτουσι δὲ τοῦ ἔαρος. Ἔστι δὲ καὶ τὰ σελάχη κατὰ μὲν τὸ μετόπωρον ἀναμιξὶ τὰ ἄρρενα τοῖς θήλεσι κατὰ τὴν ὀχειαν, τοῦ δ' ἔαρος εἰσπλέουσι διακεκρμένα μέχρι οὗ ἂν ἐκτέκωσιν· κατὰ δὲ τὴν ὀχειαν ἀλίσκεται πολλὰ συνεζυγμένα. Tradução própria.

¹⁰⁵ Cf. Anagnostopoulos, 2009, cap. 2, pp. 14-27; Solmsen, 1978; Tipton, 2006, tem uma opinião diferente, pois acha que Aristóteles pode ter feito sua pesquisa sozinho.

como alimentação, migração, e até doenças; 9. discute as relações entre os animais; 10. trata das causas da esterilidade feminina. O trecho traduzido neste trabalho encontra-se no livro V, que integra o rol dos chamados "autênticos", numa introdução aos vários mecanismos de reprodução animal. Uma questão no que toca à tradução desse tipo de tratado é o uso de termos técnicos, pois Aristóteles, apesar de inventar algumas vezes termos para nomear estruturas nos animais que descreve, outras vezes explica a função da estrutura em questão, sem nomeá-la, de modo que o tradutor precisa fazer uma escolha complexa: usar o nome científico que hoje é conhecido e utilizado, ou traduzir o texto de Aristóteles mantendo-se completamente fiel ao original? Cabe ainda dizer que foi Aristóteles, ou quem quer que seja o autor desses tratados biológicos atribuídos a ele, quem lançou as bases de toda a concepção da classificação sistemática das espécies, e estabeleceu o uso da metodologia científica no campo da biologia.¹⁰⁶

O texto grego foi retirado do programa *Diogenes*, de LOUIS, P. (ed.) *Aristote: Histoire des animaux*. Paris: Les Belles Lettres, 1964¹, 1968², 1969³.

Usou-se como referência, devido ao acesso restrito a livros e atlas de peixes mediterrâneos, o portal <http://en.wikipedia.org/wiki/Portal:Sharks>, um grupo de sítios da Wikipédia em inglês para o estudo de tubarões.

ΤΩΝ ΠΕΡΙ ΤΑ ΖΩΙΑ ΙΣΤΟΡΙΩΝ, Ζ, 540b.

Οἱ δ' ἰχθύες ἅπαντες, ἔξω τῶν πλατέων σελαχῶν, παραπίπτοντες τὰ ὕπτια πρὸς τὰ ὕπτια ποιοῦνται τὸν συνδυασμόν. Τὰ δὲ πλατέα καὶ κερκοφόρα, οἷον βάτος καὶ τρυγῶν καὶ τὰ τοιαῦτα, οὐ μόνον παραπίπτοντα ἀλλὰ καὶ ἐπιβαίνοντα τοῖς ὑπτίοις ἐπὶ τὰ πρηνῆ τῶν θηλειῶν, ὅσοις μὴ ἐμποδίζει τὸ οὐραῖον δεινὸν ἔχον πάχος. Αἱ δὲ ῥῖναι, καὶ ὅσοις τῶν τοιούτων πολὺ τὸ οὐραῖον, παρατριβόμενα μόνον ὀχεύεται τὰ ὕπτια πρὸς τὰ ὕπτια. Εἰσὶ δὲ τινες οἱ ἑωρακέναι φασὶ καὶ συνεχόμενα τῶν σελαχῶν ἔνια ὀπισθεν, ὥσπερ τοὺς κύνας. Ἔστι δ' ἐν πᾶσι τοῖς σελαχώδεσι μείζον τὸ θῆλυ τοῦ ἄρρενος· σχεδὸν δὲ καὶ ἐν τοῖς ἄλλοις ἰχθύσι τὰ θήλεα μείζω τῶν ἀρρένων. **Σελάχη δ' ἐστὶ τὰ τ' εἰρημένα καὶ βοῦς καὶ λάμια καὶ ἀετὸς καὶ νάρκη καὶ βάτραχος καὶ πάντα τὰ γαλεώδη.** Τὰ μὲν οὖν σελάχη πάντα τεθεώρηται ὑπὸ πολλῶν τούτους ποιούμενα τοὺς τρόπους τὴν ὀχείαν· χρονωτέρα γὰρ ἢ συμπλοκὴ πάντων τῶν ζωοτόκων ἐστὶν ἢ τῶν ὠοτόκων. Καὶ δελφῖνες δὲ καὶ πάντα τὰ κητώδη τὸν αὐτὸν

¹⁰⁶ Cf. Anagnostopoulos, 2009, cap. 2, pp. 14-15; Aristóteles, 2006, *Introdução*.

τρόπον· παραπίπτοντα γὰρ ὀχεύει παρὰ τὸ θῆλυ τὸ ἄρρεν, καὶ χρόνον οὐτ' ὀλίγον οὔτε λίαν πολύν. Διαφέρουσι δ' ἔνιοι τῶν σελαχωδῶν ἰχθύων οἱ ἄρρενες τῶν θηλειῶν τῷ τοῦς μὲν ἔχειν

ἀποκρεμώμενα ἄττα δύο περὶ τὴν ἔξοδον τῆς περιπτώσεως, τὰς δὲ θηλείας ταῦτα μὴ ἔχειν, οἷον ἐν τοῖς γαλεώδεσιν· ἐπὶ γὰρ τούτων ὑπάρχει πάντων τὸ εἰρημένον. Ὅρχεις μὲν οὖν οὐτ' ἰχθύες οὐτ' ἄλλο τῶν ἀπόδων ἔχει οὐδέν, πόρους δὲ δύο καὶ οἱ ὄφεις καὶ οἱ ἰχθύες οἱ ἄρρενες ἔχουσιν, οἱ γίνονται θοροῦ πλήρεις περὶ τὴν τῆς ὀχείας ὥραν, καὶ προΐενται ὑγρότητα γαλακτώδη πάντες. Οὗτοι δ' οἱ πόροι εἰς ἐν συνάπτουσιν, ὥσπερ καὶ τοῖς ὄρνισιν·

Tradução:

As histórias sobre os animais, V, 540b.

Todos os peixes, exceto os cartilagosos chatos, fazem a cópula colocando-se de lado ventre contra ventre. Os chatos com cauda, tais quais os batóides, as arraias e os tais quais esses, não só se encostando, mas também com os ventres montando sobre o dorso das fêmeas, nos que a cauda não impede, por ter espessura volumosa. Os cações-anjo e os que, como esses, têm a cauda grande, somente acasalam esfregando ventre contra ventre. Existem alguns que dizem ter visto os cartilagosos copulando também por trás, assim como os cães. A fêmea é maior que o macho em todos os cartilagosos. Em quase todos os outros peixes as fêmeas também são maiores que os machos. **Cartilagosos são os denominados albafar, lâmia, raia-águia, raia-elétrica, peixe-sapo e todos os tubarões menores.** Foi observado então por muitos que todos os cartilagosos fazem o acasalamento desses modos, e que o entrelaçamento dos vivíparos todos é mais longo que o dos ovíparos. Também do mesmo modo fazem os golfinhos e todos os cetáceos, pois colocando de lado a fêmea, o macho a cobre, por um tempo nem curto nem muito longo. Os machos de alguns dos peixes cartilagosos diferem das fêmeas pelo fato de terem dois apêndices dependurados em torno da saída da excreção¹⁰⁷ que as fêmeas não têm, como nos tubarões, pois em todos esses existe o mencionado. Contudo, nem os peixes nem nenhum dos outros ápodes têm testículos, mas tanto nas serpentes quanto nos peixes os machos têm dois dutos que se tornam cheios de sêmen por volta da hora do

¹⁰⁷ Estrutura hoje conhecida como fenda anal.

acasalamento, e todos expõem um fluido leitoso. Nesses, os dutos se combinam, assim como nas aves.

Comentário:

λάμια - a palavra lâmia aparece somente uma vez no trecho, exatamente na linha 18. Pode-se notar que a lâmia é diferenciada dos outros tubarões, aos quais Aristóteles se refere usando o vocábulo **γαλεός, γαλεώδης**, que indicaria um tubarão de menor porte (*LSJ*, 1996, p. 336; Chantrainne, 1968, p. 207). O *LSJ* fornece possibilidades de espécimes para os outros peixes aos quais Aristóteles faz referência, mas não oferece nenhuma suposição para o vocábulo em questão, dizendo apenas que se trata de um tubarão feroz ("a fierce shark", cf. *LSJ*, 1996, pp. 1027 e 1026). A tradutora portuguesa, Maria de Fátima Sousa e Silva, usa a definição "tubarão-sardo" (Aristóteles, 2006, p. 206), mas não explica o motivo.¹⁰⁸ O *LSJ* nomeia duas espécies diferentes para o vocábulo **γαλεός**: para **γ. νεβρίας** e **γ. άστερίας**, *Scyllium stellare*, e para **γ. λειός**, *Mustela laevis*. Contudo, os nomes das espécies são um pouco diferentes hoje em dia: o *Mustela laevis* foi descrito como *Mustelus mustelus* e o *Scyllium stellaris* foi descrito como *Scyliorhinus stellaris*, de acordo com esse banco de dados virtual de pesquisa sobre peixes indicado no sítio da Wikipedia (cf. *LSJ*, 1996, p. 336; www.fishbase.org). A lâmia é classificada por Aristóteles dentre os peixes cartilagosos, e por isso sua cópula também é feita do modo como ele descreve neste trecho traduzido, com a fêmea subjugada pelo macho, apesar de, normalmente, as fêmeas serem maiores que os machos nos tubarões (cf. *infra* Anexo II: ilustrações, figuras 7, 8 e 9, pp. 182-183).

παραπίπτοντες - o verbo **παραπίπτω**, que significa jogar de lado, aparece sempre nessa forma nominal de particípio, que Aristóteles usa para descrever o movimento que os machos dos peixes cartilagosos obrigam as fêmeas a fazer para que a cópula possa ocorrer: normalmente, entre esses peixes, o macho morde uma das barbatanas

¹⁰⁸ O tubarão-sardo português é conhecido no Brasil como tubarão-mako ou anequim, cujo nome científico é *Isurus oxyrinchus*. É o tubarão mais rápido já registrado, podendo alcançar 88km/h, e habita as áreas de águas quentes dos oceanos, em alto-mar. O maior espécime já capturado foi uma fêmea na França, em 1973, que media 4.45m. E o mais pesado foi um espécime na Itália, em 1881, que diziam pesar 1 tonelada (para todas essas informações, cf. en.wikipedia.org/wiki/Shortfin_mako_shark, onde há uma análise filológica do nome, e podem ser encontrados vários *links* relacionados, com redirecionamentos a fatos inusitados como relatos de capturas fantásticas e pescadores benevolentes, sendo que o sítio chamado fishbase.org fornece todos os dados sobre o peixe em si).

peitorais da fêmea receptiva (ou o flanco dela) e a coloca de lado, encostando sua parte ventral na dela, para que possa introduzir seu órgão reprodutor na fenda anal – também chamada cloaca – dela (cf. Bardach, Lagler & Miller, 1962, pp. 292-294; Goslow Jr. & Hildebrand, 2006, p. 294; Heiser, Janis & Pough, 2008, pp. 110-112, que dizem: "Os tubarões machos de espécies pequenas asseguram-se *in copulo* enrolando-se ao redor do corpo da fêmea. Tubarões grandes nadam lado a lado, com os corpos se tocando, ou iniciam a cópula com os corpos parados, com sua cabeças voltadas para o substrato e os corpos voltados para cima. Muitos tubarões machos mordem os flancos das fêmeas ou se prendem a uma das nadadeiras peitorais delas com suas mandíbulas, [...]").

ἀποκρεμώμενα ἄττα ... περιπτώσεως - Aristóteles aqui está se referindo ao órgão sexual masculino dos peixes cartilagosos ou condrictios. Ele usou o verbo ἀποκρεμάννυμι, "dependurar, pender, deixar dependurado, deixar pender" (LSJ, 1996, p. 204), e o substantivo indefinido ἄττα, "algo" (LSJ, 1996, p. 260), para nomear os dois apêndices que o peixe macho tem saindo de cada uma das suas nadadeiras anais que são chamados "claspers", e que ele usa para fecundar a fêmea (para uma descrição mais acurada da morfologia do órgão reprodutor masculino dos condrictios - peixes cartilagosos - cf. Hoar, *in* Brown, 1962, pp. 308-310; Heiser, Janis & Pough, 2008, pp. 110-112). De acordo com as observações dos pesquisadores, um só "clasper" é introduzido na fenda anal da fêmea, e ainda não foi observada, até hoje, a introdução dos dois "claspers", mas pouco se sabe e se observou sobre a cópula dos peixes cartilagosos maiores, como é o caso do Tubarão Branco (*Carcharodon carcharias*) (cf. Heiser, Janis & Pough, 2008, p. 110, que descrevem como um único cláspen é fletido em 90 graus e introduzido na cloaca da fêmea, onde se prende através de um "conjunto de farpas, ganchos e espinhos próximos à extremidade do cláspen"). Τὴν ἔξοδον τῆς περιπτώσεως é a expressão que Aristóteles usa para definir a fenda anal (nos machos), ou cloaca (nas fêmeas), que é o meio pelo qual se fazem a excreção e a reprodução, tanto nos peixes quanto nas aves (cf. Goslow Jr. & Hildebrand, 2006, p. 293). O genitivo de περίπτωσις, "qualidade daquilo que é supérfluo" (LSJ, 1996, pp. 1387-1388), é que indica o uso dessa estrutura anatômica, de modo que a expressão toda seria literalmente algo como "a saída do que é supérfluo", ou seja, a saída da excreção.

συνδυασμός, ὄχεια, συμπλοκή, συνέχω, ἐπιβαίνω - todos esses vocábulos são usados para nomear cópula ou acasalamento. As distinções e motivos para o uso

alternado dos cinco são questões mais complicadas. Συνδυασμός, do verbo συνδυάζω, "juntar dois e dois, fazer casais, acasalar, copular" (*LSJ*, 1996, p. 1703), pareceu uma boa palavra para verter como "cópula" no português por causa da presença da preposição grega *συν* que corresponde à preposição latina *cum*, e que, em composição corresponde ao latim *con-*, e significa "com, em companhia de, junto com" (*LSJ*, 1996, p. 1690); δύος é o numeral dois, forma usada por Platão (*LSJ*, 1996, p. 451), e -μο(ς) é um sufixo que define formação de substantivos abstratos ou que indicam ação (Smyth, 1984, p. 230, 840.5). Συμπλοκή, "entrelaçamento", do verbo συμπλέκω, "entrelaçar" (que se forma a partir da junção da preposição *συν* com o verbo πλέκω, "trançar", *LSJ*, 1996, p. 1415) traz em si uma acepção de luta, pois é usado em sentido militar para indicar o encontro de dois combatentes em meio à batalha (*LSJ*, 1996, p. 1684), confirmando a já tão debatida associação que os gregos fazem entre a guerra e o ato sexual (cf. o uso do verbo μείγνυμι, *LSJ*, 1996, p. 1092). Assim, de modo surpreendente, tal associação é estendida para o campo do ato sexual animal e parece não precisar se restringir à esfera do ato sexual humano. Συνέχω (*συν* + *έχω*), "segurar junto, manter junto", e "encontrar" em Aristóteles (*LSJ*, 1996, p. 1714), também tem uma acepção militar: é usado por Xenofonte e Demóstenes para indicar a ação de manter o exército coeso, evitar sua dispersão. Seu particípio acusativo συνεχόμενα foi traduzido por "copulando" devido ao contexto, em que o uso de "mantendo juntos" ou "encontrando" pareceu danoso para a clareza da frase. Outra alternativa de tradução seria optar pela substantivação do particípio, o que geraria uma frase como: "Existem alguns que dizem ter visto o encontro por trás dentre alguns dos cartilagosos, como nos cães", que também parece comprometer tanto a audição quanto o entendimento da sentença. Por fim, o verbo ὀχεύω, que tem uma definição muito interessante: "sobre animais machos, *cobrir*; na passiva, sobre as fêmeas; na média, sobre ambos os sexos", e o substantivo feminino de primeira declinação ὀχεία "a cobertura ou o ato de emprenhar a fêmea, relativo ao animal macho" (cf. *LSJ*, 1996, p. 1280 para ambos), que já aponta para alguma passividade da fêmea na relação sexual animal (ou em termos de posição, pois fica debaixo do macho que a cobre, ou com relação à atitude, pois é o macho que morde a nadadeira/barbatana dorsal para que o processo de cópula se inicie). Daí o fato de Aristóteles não usar o substantivo θήλυς no nominativo, o que explica a opção de tradução da frase **παραπίπτοντα γὰρ ὀχεύει παρὰ τὸ θῆλυ τὸ ἄρρεν** por "colocando de lado a fêmea, de lado o macho a cobre", onde o verbo cobrir significa introduzir na fêmea seu órgão reprodutor, como é usual desse verbo em

português quando usado para se referir à cópula animal (Houaiss, 2008, p. 748, *cobrir*, def. 9). Para a tradução do substantivo, um termo como "cobertura" não se mostrou adequado, por isso a opção foi por "acasalamento". O verbo ἐπιβαίνω é o que se usa para indicar que um cavaleiro montou em seu cavalo (*LSJ*, 1996, p. 623) e por essa razão merece menção, pois montar é também uma expressão usual no registro informal do português para indicar cópula, principalmente entre equinos (Houaiss, 2008, p. 1956, *montar*, def. 7).

Ἀριστοτέλης, ΤΩΝ ΠΕΡΙ ΤΑ ΖΩΙΑ ΙΣΤΟΡΙΩΝ, Θ, 621a16-20.

Συστρέφονται δὲ καὶ αἱ ἀμῖαι, ὅταν τι θηρίον ἴδωσι, καὶ κύκλῳ αὐτῶν περιπέουσιν αἱ μέγιστα, κἂν ἄπτηταί τινος, ἀμύνουσιν· ἔχουσι δ' ὀδόντας ἰσχυρούς, **καὶ ἤδη ὄπται καὶ ἄλλα καὶ λάμια ἐμπεσοῦσα καὶ καθελκωθεῖσα.**

Tradução:

Aristóteles, Sobre as histórias dos animais, VIII, 621a16-20.

E os bonitos, quando veem algum predador, se juntam, e, em volta deles, os maiores nadam em círculo, e se um é atacado, defendem-no: têm dentes fortes, **e já foi visto até mesmo uma lâmia que, atacando-os, ficou coberta de feridas.**

Comentário:

θηρίον - Sousa e Silva usou a palavra "predador" para traduzir essa palavra nesse trecho do texto, e essa opção foi mantida aqui. A primeira acepção da palavra θήρ é "predador" (*LSJ*, 1996, p. 799, "beast of prey"), sendo que θηρίον é o diminutivo dessa palavra (o sufixo -ίον define diminutivos neutros, Smyth, 1984, p. 45, 197b). Θηρίον aparece usada para indicar qualquer animal, sendo que Aristóteles a utiliza para indicar peixes e Heródoto a utiliza para indicar tubarões (*LSJ*, 1996, p. 800, *Arist. H.A.* 598b1, 552b2, 625b32; *Hdt.* 6.44).

περινέουσιν - o verbo νέω significa nadar ou rodar (*LSJ*, 1996, p. 1172), enquanto περινέω indica um movimento natatório em círculos (cf. *LSJ*, 1996, p. 1379; e para περί em composição, p. 1366). O autor ainda usa o dativo κύκλῳ para indicar como se movimentam os bonitos quando acudados por um predador: eles se agrupam e os maiores nadam em círculos em volta do aglomerado, funcionando como "guarda-costas" do grupo todo.

**Ἡ Παλαιὰ Διαθήκη κατὰ τοὺς Ο΄ -
Septuaginta (III-I a.C.)**

Ἡσαΐας - tradução de Isaiás (primeira parte, 1-39, escrita provavelmente entre os séculos VIII-VII a.C.)

Introdução:

Segundo suas próprias palavras nos versículos iniciais de seu livro, Isaías (ca. 742 - ca. 687 a.C.) teria vivido durante os reinados de Ozias, Joatão, Acaz e Ezequias (10º, 11º, 12º e 13º reis de Judá, antigo nome do reino cuja capital era Jerusalém, localizava-se ao sul do reino de Israel), período turbulento no qual o reino de Israel tinha sido anexado pelo império Assírio e o reino de Judá vivia como tributário desse mesmo império, assombrado pela possibilidade de ser invadido como seu vizinho do norte.¹⁰⁹

A tradução que se conhece hoje por *Septuaginta* foi composta entre os séculos III e I a.C., por setenta e dois tradutores, do texto hebraico do *Antigo Testamento*. Primeiramente foi traduzido o *Pentateuco*, que é considerado o âmago do *Antigo Testamento*, em Alexandria, durante o governo de Filadelfo (285 - 247 a.C.), por 72 estudiosos judeus. Seguiu-se a essa tradução a tradução do restante dos livros. Rahlfs afirma que sabe-se que os textos foram vertidos por diferentes estudiosos pelas diferenças de estilo de tradução, pelo uso de vocabulário diverso para as mesmas palavras entre os textos, enfim, por muitas razões, de modo que é certo que muitas pessoas trabalharam nessa tradução específica do *Antigo Testamento*.¹¹⁰

No capítulo 34, Isaías anuncia o julgamento universal de Deus, apesar de nomear uma nação específica, Edom, assim como ele menciona o julgamento da Babilônia no capítulo 13 como exemplo do julgamento Divino. Assim, os estudiosos acreditam que essa Edom representaria todas as nações poderosas cujo pecado é grande.¹¹¹

O objetivo de traduzir todo o capítulo 34 de Isaías é fazer a contextualização dos versículos 14-15, que são os que interessam a este trabalho. O que se pretende é analisar a variação vocabular identificada em algumas traduções de uma única palavra do versículo 15: "Lilith" no hebraico de Isaías, "onocentauro" no grego da *Septuaginta*, "lâmia" no latim da *Vulgata*.

O texto grego foi retirado de RAHLFS, Alfred (ed.) *Septuaginta - Id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes*. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979. pp. 610-611.

Τὰ Παλαιὰ Διαθήκη Κατὰ Τοῦς Ο΄, Ἡσαΐας, λδ΄

¹⁰⁹ Cf. Barzaglia & Bortolini, 2002, p. 1254; May & Metzger, 1971, p. 822.

¹¹⁰ Cf. Rahlfs, 1979, pp. LVI-LXV, que fala detalhadamente da história das traduções gregas do *Antigo Testamento*; Rodríguez, 2007, pp. 29-30, que faz um resumo dessa mesma história.

¹¹¹ Cf. Widyapranawa, 1990, p. 215.

Προσαγάγετε, ἔθνη, καὶ ἀκούσατε, ἄρχοντες· ἀκουσάτω ἡ γῆ καὶ οἱ ἐν αὐτῇ, ἡ οἰκουμένη καὶ ὁ λαὸς ὁ ἐν αὐτῇ. διότι θυμὸς κυρίου ἐπὶ πάντα τὰ ἔθνη καὶ ὀργὴ ἐπὶ τὸν ἀριθμὸν αὐτῶν τοῦ ἀπολέσαι αὐτούς καὶ παραδοῦναι αὐτούς εἰς σφαγὴν. οἱ δὲ τραυματῖαι αὐτῶν ῥιφήσονται καὶ οἱ νεκροί, καὶ ἀναβήσεται αὐτῶν ἡ ὄσμη, καὶ βραχήσεται τὰ ὄρη ἀπὸ τοῦ αἵματος αὐτῶν. καὶ ἐλιγίησεται ὁ οὐρανὸς ὡς βιβλίον, καὶ πάντα τὰ ἄστρα πεσεῖται ὡς φύλλα ἐξ ἀμπέλου καὶ ὡς πίπτει φύλλα ἀπὸ συκῆς. ἐμεθύσθη ἡ μάχαιρά μου ἐν τῷ οὐρανῷ· ἰδοὺ ἐπὶ τὴν Ἰδουμαίαν καταβήσεται καὶ ἐπὶ τὸν λαὸν τῆς ἀπωλείας μετὰ κρίσεως. ἡ μάχαιρα κυρίου ἐνεπλήσθη αἵματος, ἐπαχύνθη ἀπὸ στέατος ἀρνῶν καὶ ἀπὸ στέατος τράγων καὶ κριῶν· ὅτι θυσία κυρίῳ ἐν Βοσορ καὶ σφαγὴ μεγάλη ἐν τῇ Ἰδουμαίᾳ. καὶ συμπεσοῦνται οἱ ἄδροι μετ' αὐτῶν καὶ οἱ κριοὶ καὶ οἱ ταῦροι, καὶ μεθυσθήσεται ἡ γῆ ἀπὸ τοῦ αἵματος καὶ ἀπὸ τοῦ στέατος αὐτῶν ἐμπλησθήσεται. ἡμέρα γὰρ κρίσεως κυρίου καὶ ἐνιαυτὸς ἀνταποδόσεως κρίσεως Σιών. καὶ στραφήσονται αὐτῆς αἱ φάραγγες εἰς πίσσαν καὶ ἡ γῆ αὐτῆς εἰς θεῖον, καὶ ἔσται αὐτῆς ἡ γῆ καιομένη ὡς πίσσα νυκτὸς καὶ ἡμέρας καὶ οὐ σβεσθήσεται εἰς τὸν αἰῶνα χρόνον, καὶ ἀναβήσεται ὁ καπνὸς αὐτῆς ἄνω· εἰς γενεὰς ἐρημωθήσεται καὶ εἰς χρόνον πολύν. καὶ κατοικήσουσιν ἐν αὐτῇ ὄρνεα καὶ ἐχῖνοι καὶ ἴβεις καὶ κόρακες, καὶ ἐπιβληθήσεται ἐπ' αὐτὴν σπαρτίον γεωμετρίας ἐρήμου, καὶ ὄνοκένταυροι οἰκήσουσιν ἐν αὐτῇ. οἱ ἄρχοντες αὐτῆς οὐκ ἔσονται· οἱ γὰρ βασιλεῖς αὐτῆς καὶ οἱ ἄρχοντες αὐτῆς καὶ οἱ μεγιστᾶνες αὐτῆς ἔσονται εἰς ἀπώλειαν. καὶ ἀναφύσει εἰς τὰς πόλεις αὐτῶν ἀκάνθινα ξύλα καὶ εἰς τὰ ὀχυρώματα αὐτῆς, καὶ ἔσται ἔπαυλις σειρήνων καὶ αὐλὴ στρουθῶν. **καὶ συναντήσουσιν δαιμόνια ὄνοκενταύροις καὶ βοήσουσιν ἕτερος πρὸς τὸν ἕτερον· ἐκεῖ ἀναπαύσονται ὄνοκενταύροις, εὔρον γὰρ αὐτοῖς ἀνάπαυσιν.** ἐκεῖ ἐνόσσευσεν ἐχῖνος, καὶ ἔσωσεν ἡ γῆ τὰ παιδιά αὐτῆς μετὰ ἀσφαλείας· ἐκεῖ ἔλαφοι συνήντησαν καὶ εἶδον τὰ πρόσωπα ἀλλήλων· ἀριθμῶ παρῆλθον, καὶ μία αὐτῶν οὐκ ἀπώλετο, ἕτερα τὴν ἕτεραν οὐκ ἐζήτησαν· ὅτι κύριος ἐνετείλατο αὐτοῖς, καὶ τὸ πνεῦμα αὐτοῦ συνήγαγεν αὐτάς. καὶ αὐτὸς ἐπιβαλεῖ αὐτοῖς κλήρους, καὶ ἡ χεὶρ αὐτοῦ διεμέρισεν βόσκεσθαι· εἰς τὸν αἰῶνα χρόνον κληρονομήσετε, εἰς γενεὰς γενεῶν ἀναπαύσονται ἐπ' αὐτῆς.

Tradução:

O Antigo Testamento Segundo os Setenta ou A Septuaginta, Isaías, 34

Atentai, nações, e escutai, líderes; escute a terra e os que estão nela, a região habitada e o povo que está nela. Pois o ânimo do Senhor para com todas as nações e a disposição Dele para com o número delas é a de destruir e dar ao extermínio a todas

pelo massacre. E os feridos e os mortos serão delas expelidos, e se elevará delas o fedor, e se encharcarão os montes do sangue delas. E se enrolará o céu como um livro, e todas as estrelas cairão como folhas de videira e como caem as folhas da figueira. A Minha adaga se embriagou no céu: eis que sobre a Idumeia descera e sobre o povo após o julgamento da destruição. A adaga do Senhor está cheia de sangue, espessa da gordura dos cordeiros, e da gordura dos bodes e dos carneiros. Porque há um sacrifício para o Senhor em Bossor, e um extermínio grande na Idumeia. E cairão juntos os parrudos dentre eles, os carneiros e os touros, e a terra será embriagada do sangue e da gordura deles será preenchida. Pois é dia do julgamento do Senhor e ano da retribuição do julgamento de Sião. E as fendas dela serão transformadas em pez, e a terra dela em enxofre, e a terra estará ardendo como pez e noite e dia não será apagada pelo tempo dos anos, mas se elevará alta a fumaça dela: por gerações estará desolada, e por muito tempo. E habitarão nela os pássaros e ouriços, íbis e corvos, e Ele determinará sobre ela uma faixa de medida de terra deserta e onocentauros morarão nela. Os líderes dela não existirão, pois tanto os reis dela, quanto os líderes dela, e também os grandes dela serão destruídos. E crescerão nas cidades deles madeiras espinhosas e nas fortalezas dela, e será pasto de sereias e páteo de pardais. **E demônios enfrentarão onocentauros e bradarão um contra o outro: ali repousarão os onocentauros, ali encontraram para si repouso.** Ali nidificou o ouriço, e a terra manteve os filhotes dela em segurança; ali cervos se reuniram e viram as faces uns dos outros; confirmaram no número, e uma delas Ele não destruiu, e uma a outra não procuraram; porque o Senhor ordenou a eles e o sopro Dele agrupou-as. E Ele determinou para eles as partes, e a mão Dele repartiu o alimento: pelo tempo dos anos a herdarão, pela geração das gerações repousarão sobre ela.

Comentário:

ὄνοκένταυρος - o *LSJ* descreve o onocentauro como “uma espécie de macaco sem rabo, um demônio que assombraria lugares selvagens” (*LSJ*, 1996, p. 1232, “ὄνοκένταυρα, ἢ, -κένταυρος, ὄ - a kind of tailless ape, [...] a kind of *demon* haunting wild places”). Não há absolutamente nenhuma iconografia relacionada ao onocentauro, a não ser que se considere uma das figuras associadas à lâmia. Assim, é possível pensar nessa definição fornecida pelo *LSJ* em comparação com essa figura, associadas à lâmia mas que lembra muito um “macaco sem rabo”. A figura retrata um monstro rural, o que pode ser notado pelas plantas na borda de cima da copa, perseguindo um

homem. Outros dois homens já estão abrigados sobre uma árvore, e há alguns objetos espalhados pelo chão. O tal monstro tem feições humanoides, com seios, pelos recobrendo todo o corpo e pés de um animal caprino. Ele está com os braços estendidos para a frente, numa tentativa de alcançar o "fujão". John Boardman selecionou essa como uma das únicas três imagens que poderiam se referir à lâmia, de toda a iconografia grega que chegou até nós. Mas ele não deixou de mencionar que não se deve fiar muito nas suposições pois não há nada que possa confirmar a hipótese de que esse monstro fosse realmente uma lâmia, uma vez que não era muito o costume dos gregos retratarem esses monstros usados para aterrorizar as crianças (Cf. Ackermann, Gisler & Cahil, v. VI¹, 1992, p. 189, e v. VI², 1992, pp. 90-91; para ver a figura em questão, cf. também o Apêndice deste trabalho, II: ilustrações, p. 182). De maneira que esse monstro bem poderia ser um onocentauro, calhando que também os onocentauros tinham seios, como diz Eliano (Eliano, *Da natureza dos animais*, 17.9-10).¹¹² Desse modo, é possível pensar que talvez existisse uma associação entre os dois tipos de monstro. E tal ligação poderia certamente indicar uma convergência nos significados dos dois vocábulos. As fontes literárias para essa figura mitológica do onocentauro são raras e todas pertencem à literatura tardia. A palavra grega é uma fusão de dois vocábulos diferentes: ὄνος, que é a palavra usada para descrever um burro/asno, e κένταυρος, a palavra usada para nomear os seres mitológicos que conhecemos como centauros, cuja metade superior é humana e a inferior é equina (contudo, não há nenhum traço filológico da palavra grega para cavalo, ἵππος, nessa fusão, cf. *LSJ*, 1996, p. 939).

Na versão hebraica da *Escritura Hebraica* ou *Bíblia Hebraica* (nomes atualmente atribuídos ao *Antigo Testamento*), a palavra que está no mesmo lugar de ὄνοκένταυρος é o substantivo próprio "Lilith" (לִילִית - cf. Watts, 2005, pp. 528, 531, 536-537). Já na *Vulgata*, o substantivo foi transformado em "Lâmia": **Et occurent daimonia onocentauris / Et pilosus clamabit alter alterum; / Ibi cubavit lamia, / Et inuenit sibi requiem** - "E encontram-se demônios com onocentauros, e os peludos clamarão uns para os outros: ali se deitou a lâmia, e encontrou para si repouso" (cf. Colunga & Turrado, 1953, p. 936).

¹¹² Eliano, *Da natureza dos animais*, 17.9-17.10: "um pescoço sob um rosto e um peito, e ambos humanos; e, para baixo dele, seios suspensos, colocados no peito" - τράχηλός τε ὑπὸ τῷ προσώπῳ καὶ στήρνα, καὶ ταῦτα ἀνθρωπικά: μαζίοι δὲ ἡρμένιοι καὶ κατὰ τοῦ στήθους ἐφεστῶτες.

Alguns estudiosos definem a Lilith como uma "feiticeira da noite", e mencionam sua origem Babilônia e Suméria ("night hag", cf. Widyapranawa, 1990, p. 219; May & Metzger, 1971, p. 863; Watts, 2005, pp. 536-537). Acredita-se, por achados arqueológicos encontrados na região da antiga Mesopotâmia (hoje Iraque), que Lilith era uma sacerdotisa de Inana, uma das deusas da antiga Mesopotâmia, presente em mitologias de várias de suas cidades, e com um nome diferente em cada uma delas. A função de Lilith seria seduzir e atrair homens na rua e levá-los ao templo da deusa, onde se realizavam os ritos de fecundidade, a chamada prostituição sagrada. Aparentemente ela foi confundida com a deusa de quem era devota fiel, e por isso passou à história com esse aspecto divino. Mas sua demonização pode estar relacionada com a associação com as antigas demônias babilônias chamadas *lilitu*, espíritos noturnos femininos, ou com o demônio-vento sumério *Lil*. Alguns dizem que foi durante o período de seu cativeiro babilônico que os judeus conheceram Lilith e adotaram seu mito. Então Lilith se tornou um demônio na mitologia hebraica também (cf. Brunel, 1997, pp. 582-585, que menciona em ordem cronológica os textos fundadores do mito hebraico: o *Testamento de Salomão*, o *Talmude*, o *Alfabeto de Ben Sira*, o *Zohar*, e a *Cabala*; cf. também Mack & Mack, 1999, pp. 197-201). A palavra 'lilith' provém do cuneiforme (sumério) *lil*, que significa 'vento', 'ar', 'tempestade', que era personificada como uma deusa da tempestade; mas "lilith", uma vez que a sílaba *lil* estava associada com a noite nas línguas semíticas, também pode estar associada à palavra hebraica "noite" - "lailah" (לַיְלָה - cf. Watts, 2005, p. 536). Contudo, há ainda outras associações prováveis, como a com a raiz indo-europeia *la*, 'gritar', 'cantar'. Dela deriva a palavra sânscrita *lik*, 'lamber'. A raiz da palavra grega *λάμια*, *λαμ*, indica voracidade, e a derivação de lâmia é de outra palavra grega, *λαιμός*, 'garganta'. Assim, as duas palavras têm acepções intimamente conectadas com a área da boca. Daí venha talvez o fato de serem devoradoras de crianças e homens (para a etimologia de lâmia cf. Megas, 1970, pp. 254-255; *LSJ*, 1996, p. 1027; Chantraine, 1984-1990, pp. 617-618; Graves, 1992, pp. 205-206; Grimal, 2005, pp. 265-266; Ackermann, Gisler & Cahil, v. VI¹, 1992, p. 189, e VI², 1992, pp. 90-91; Cancik & Schneider, 2005, v. 7, pp. 181-182; para a de lilith, Brunel, 1997, pp. 582-585; Watts, 2005, pp. 536-537; Widyapranawa, 1990, p. 219; Mack & Mack, 1999, pp. 198-201, um bom livro para iniciantes).¹¹³

¹¹³ Há um problema que concerne a variação vocabular apresentada nas traduções do texto de Isaías: a

δαῖμων - eis um substantivo de tradução complicada. A primeira acepção da palavra é "deus", ou "relativo ao poder divino", "divindade"; depois passou a nomear "o poder controlando o destino de cada um, fortuna"; o que levou à representação de "seres que personificavam o destino bom ou mau de cada um"; daí foi usada para nomear os "heróis de eras passadas como divindades tutelares de cada casa"; passou depois então a nomear "seres espirituais inferiores aos deuses"; e a partir daí, finalmente, sua significação chegou no "ser espiritual maligno, mau" (*LSJ*, 1996, pp. 365-366; Chantraine, 1968, pp. 246-247).

Vulgata foi traduzida para o latim diretamente do hebraico por São Jerônimo, com alguma consulta ao grego da *Septuaginta* e a outras traduções gregas da Bíblia Hebraica, mas é a *Vetusta*, contudo, que foi traduzida integralmente do texto da *Septuaginta* para o latim (cf. Rodríguez, 2007, p. 30). Seria muito proveitoso conferir o texto dessa última versão, do século II d.C., mas seu estado fragmentário dificulta tal tarefa, pois a *Vetusta* não sobreviveu ao tempo, e só chegou aos nossos dias em pedaços, citada nos textos de autores variados.

Διόδωρος Σικελιώτης - Diodoro Sículo
(90-30 a.C.)

Introdução:

Não há muita informação a respeito da vida de Diodoro além do que está escrito em sua própria obra, um trabalho maciço chamado *Biblioteca Histórica*, escrito em 40 livros. Apenas São Jerônimo (347-420 d.C.), autor da *Vulgata*, faz menção a Diodoro em sua obra denominada *Crônica* (380 d.C.). Aparentemente, o intento de Diodoro era listar todos os eventos históricos em ordem cronológica até a época da qual era contemporâneo, contudo, sua obra trata mais do mundo grego e de sua terra natal, a Sicília. Ainda assim, sua obra é o tratado historiográfico de autoria grega mais importante da Antiguidade, pois é o mais bem preservado. Dos 40 livros que compunham a *Biblioteca Histórica*, os livros 1 a 5 e 11 a 20 chegaram inteiros aos nossos dias, mas os que compõem o entremeio da obra, 6 a 19, nos foram legados apenas em fragmentos na obra de Fócio e nos excertos de Constantino VII Porfirogênio. Os livros 1 a 6 continham a geografia, a etnografia, a mitologia e a paradoxografia do mundo conhecido, a οικουμένη, tendo sido organizado de modo que os livros 1 a 3 tratavam do leste e os livros 4 a 6, do oeste. Os livros preservados cobrem um período que vai do ano 480 ao ano 302 a.C., e são organizados de modo a oferecerem datas de Olimpíadas, arcontados e consulados romanos em sincronia, que se prova errada, muitas vezes.¹¹⁴

O texto grego foi retirado do programa *Diogenes*, de FISHER, K. T.; VOGEL, F. (eds. post I. BEKKER & L. DINDORF) *Diodori bibliotheca historica*. Leipzig: Teubner, 1964.

BIBΛΙΟΘΗΚΗ ΙΣΤΟΡΙΚΗ, 20.41.3-5

Ὁ δ' οὖν Ὀφέλλας, ἐπειδὴ πάντ' αὐτῷ πρὸς τὴν στρατείαν κατεσκευάστο λαμπρῶς, ἐξώρμησε μετὰ τῆς δυνάμεως, ἔχων πεζοὺς μὲν πλείους τῶν μυρίων, ἵππεῖς δὲ ἑξακοσίους, ἄρματα δὲ ἑκατόν, ἠνιόχους δὲ καὶ παραβάτας πλείους τῶν τριακοσίων. ἠκολούθουν δὲ καὶ τῶν ἔξω τάξεως λεγομένων οὐκ ἐλάττους μυρίων· πολλοὶ δὲ τούτων τέκνα καὶ γυναῖκας καὶ τὴν ἄλλην παρασκευὴν ἦγον, ὥστε ἐμφορῆ τὴν στρατιὰν ὑπάρχειν ἀποικία. ὀκτωκαίδεκα μὲν οὖν ἡμέρας ὁδοιπορήσαντες καὶ διελθόντες σταδίους τρισχιλίους κατεσκήωνσαν περὶ Αὐτόμαλα· ἐντεῦθεν δὲ πορευομένοις ὑπῆρχεν ὄρος ἐξ ἀμφοτέρων τῶν μερῶν ἀπόκρημνον, ἐν μέσῳ δ' ἔχον φάραγγα βαθεῖαν, ἐξ ἧς ἀνέτεινε λισσὴ πέτρα πρὸς ὀρθὸν ἀνατείνουσα σκόπελον·

¹¹⁴ Cf. Hornblower & Spawforth, 2003, pp. 472-473.

περὶ δὲ τὴν ῥίζαν αὐτῆς ἄντρον ἦν εὐμέγεθες, κιττῶ καὶ σμίλακι συνηρεφές, ἐν ᾧ μυθεύουσι γεγονέναι βασιλίσσαν Λάμιαν τῷ κάλλει διαφέρουσαν· διὰ δὲ τὴν τῆς ψυχῆς ἀγριότητα διατετυπῶσθαί φασι τὴν ὄψιν αὐτῆς τὸν μετὰ ταῦτα χρόνον θηριώδη. τῶν γὰρ γινομένων αὐτῇ παιδῶν ἀπάντων τελευτώντων βαρυθυμοῦσαν ἐπὶ τῷ πάθει καὶ φθονοῦσαν ταῖς τῶν ἄλλων γυναικῶν εὐτεκνίαις κελεύειν ἐκ τῶν ἀγκαλῶν ἐξαρπάξεται τὰ βρέφη καὶ παραχρῆμα ἀποκτέννει. διὸ καὶ καθ' ἡμᾶς μέχρι τοῦ νῦν βίου παρὰ τοῖς νηπίοις διαμένει τὴν περὶ τῆς γυναικὸς ταύτης φήμην καὶ φοβερωτάτην αὐτοῖς εἶναι τὴν ταύτης προσηγορίαν. ὅτε δὲ μεθύσκοιτο, τὴν ἄδειαν διδόναι πᾶσιν ἃ βούλοιντο ποιεῖν ἀπαρητήτως. μὴ πολυπραγμονούσης οὖν αὐτῆς κατ' ἐκεῖνον τὸν χρόνον τὰ γινόμενα <τοὺς> κατὰ τὴν χώραν ὑπολαμβάνειν μὴ βλέπειν αὐτήν· καὶ διὰ τοῦτ' ἐμυθολόγησάν τινες ὡς εἰς ἄρσιγον ἐμβάλοι τοὺς ὀφθαλμούς, τὴν ἐν οἴνῳ συντελουμένην ὀλιγορίαν εἰς τὸ προειρημένον μέτρον μεταφέροντες, ὡς τούτου παρηρημένου τὴν ὄρασιν. ὅτι δὲ κατὰ τὴν Λιβύην γέγονεν αὕτη καὶ τὸν Εὐριπίδην δεῖξαι τις ἂν μαρτυροῦντα·

«τίς τοῦνομα τὸ ἐπονείδιστον βροτοῖς

οὐκ οἶδε Λαμίας τῆς Λιβυστικῆς γένος;»

Tradução:

Biblioteca Histórica, 20.41.3-5

E então Ofella, depois que tudo estava brilhantemente preparado para ele para sua campanha, iniciou a marcha junto com sua força de guerra, tendo mais de dez mil soldados na infantaria, seiscentos cavaleiros, cem carros de guerra, e mais de trezentos cocheiros e escudeiros. E seguindo-os, os chamados "fora das fileiras", não inferiores a mil. Muitos destes traziam filhos, mulheres e provisões, de modo que a campanha parecia ser uma colônia. Após caminharem por dezoito dias percorrendo três mil estádios, montaram acampamento nos arredores de Autômala. Atravessando dali, há uma montanha escarpada de ambos os lados que tem uma fenda profunda no meio, para fora da qual se projeta uma pedra lisa que se estende para cima num promontório. Em torno da raiz dela havia uma caverna enorme, coberta com hera e briônias, **na qual contam ter nascido a soberana Lâmia, ímpar por sua beleza. Porque tinha sido concebida ferocíssima de alma dizem que, depois de certo tempo, seu aspecto se bestializou, por causa do fim das crianças nascidas dela; com o coração pesado pelo que sofreu e com inveja das outras mulheres com suas boas crias, ordenou aos soldados raptar e matar imediatamente todos os**

recém-nascidos. E por isso entre nós até hoje e pela vida afora dos meninos, permanece a fama acerca desta mulher e entre eles ela é a mais temida de ser invocada. Também, quando embriagada, concedia imunidade a todos para que fizessem o que quisessem sem serem notados. Então, por ela não ter curiosidade pelo acontecido naquele tempo, os da terra suspeitavam que ela não enxergava. Também por isso alguns contavam como numa cesta ela atirava os olhos, metaforizando a completa negligência para com a medida prescrita para o vinho, como se isso removesse a visão. Alguém também pode citar Eurípides como testemunha de que ela tinha nascido na Líbia, pois ele diz:

**"Quem entre os vivos o vergonhoso nome
de Lâmia da raça Líbia não conhece?"**

Comentário:

Diodoro Sículo pertence a uma época em que fazer interpretação de mitos era uma prática comum, séculos I-II d.C., na busca de se estabelecer uma explicação "racional" para eles (cf. Stern, 2003, p. 53). O trecho selecionado, em que ele faz uma digressão no texto para mencionar a história de Lâmia, a rainha da Líbia que enlouqueceu de dor por ter perdido todos os filhos, é uma clara tentativa de racionalização do mito. Este é um dos métodos de interpretação dos mitos que a Antiguidade desenvolveu, segundo Jacob Stern, que apresenta, em um artigo sobre a obra de Heráclito Paradoxógrafo, os quatro métodos utilizados pelos antigos para desempenhar tal tarefa: a já mencionada racionalização, o evemerismo (um subtipo de racionalização, que associa as figuras dos deuses a reis e rainhas), a alegoria e a etimologia (cf. Stern, 2003, p. 54). Ainda segundo Stern, a racionalização de um mito parte do princípio de que o mito é "um erro da história", uma interpretação equivocada de um fato que acaba gerando uma invenção que vai sendo repetida de geração em geração e acaba por virar lenda (Stern, 2003, p. 55). Assim sendo, o papel do intérprete racionalista é descobrir o fato histórico que está nas entrelinhas do mito. Isso é exatamente o que tenta fazer Diodoro no trecho em análise: procura elaborar explicações racionais que enquadrem o mito da Lâmia líbia em um contexto "histórico real". Esse é um texto triplamente especial: primeiramente, ele evidencia uma das estratégias mais comuns de crítica mítica da Antiguidade; depois, fornece detalhes preciosos a respeito do mito da Lâmia líbia, como o fragmento de Eurípides, do qual é a única fonte antiga; e por último, nele Diodoro cita o que é dito da lâmia

por outros autores, que infelizmente não nomeia, mas que podem ser identificados, dentro do possível, dentre os que foram citados neste trabalho. Contudo, acima de todas as qualidades que esse trecho da obra de Diodoro demonstra ter, está o fato de que o autor se mostra preocupado em explicar um mito infantil que não nos é muito conhecido, nem nos chegou inteiro. De modo que essa constatação talvez possa servir de base para que se suponha que tal mito tivesse uma abrangência muito maior na Antiguidade do que a que se pode intuir através da compilação dos registros supérstites.

τῶν γινομένων αὐτῇ παίδων ἀπάντων τελευτώντων - um detalhe que chama a atenção nessa versão de Diodoro é que ele não diz como a rainha líbia Lâmia perdeu seus filhos, só se diz que todos eles tiveram um fim, e que ela se bestializou e passou a perseguir as crianças de outras mães por causa dessa dor. De modo que aqui não há nem a presença da ciumenta Hera que persegue e mata os filhos de Lâmia, nem a presença de Zeus, o suposto pai dos filhos dela. Nessa versão do mito, o pai dos filhos da rainha nem é mencionado.

πολυπραγμονούσης - substantivo abstrato derivado do verbo *πολυπραγμανέω* (*LSJ*, 1996, p. 1442; verbo *πράσσω*, Chantraine, 1968, pp. 934-935) que aqui foi traduzido como "curiosidade" pois não se evidencia o sentido negativo da palavra, e sim a vontade de saber de ter conhecimento (no caso, fatos que ocorrem no próprio reino para poder administrá-lo bem). Para uma análise do sentido negativo da palavra, veja a discussão a seu respeito em Plutarco, (*infra* pp. 114-115).

τίς τοῦνομα τὸ ἐπονείδιστον βροτοῖς / οὐκ οἶδε Λαμίας τῆς Λιβυτικῆς γένος; - verso de Eurípides de seu drama satírico perdido que talvez se chamasse Lâmia. Diodoro é a única fonte antiga deste fragmento (a discussão a respeito desse fragmento específico pode ser consultada na parte sobre Eurípides, *supra* pp. 52-56).

Quintus Horatius Flaccus - Horácio
(65-8 a.C.)

Introdução:

Horácio foi contemporâneo e amigo pessoal de Virgílio, o poeta da *Eneida*, e teve seu *début* no cenário literário romano em 35 a.C., com a publicação de seu primeiro livro de sátiras, *Sermones*. Em 30 a.C., ele publica um livro com dezessete poemas pequenos, *Epodoi*, e, provavelmente por volta de 29 a.C., publica o segundo livro de sátiras, de mesmo nome do primeiro. Horácio foi primeiro considerado inimigo pela sociedade romana, pois lutara contra Otávio na batalha de Filipos, apoiando Bruto, e tivera confiscados os poucos bens que possuía. Somente após ser apresentado a Mecenas é que ele deu início à publicação de suas obras. Seguindo o segundo livro de sátiras, Horácio publicou quatro livros de odes, *Carmina*, dois de cartas, *Epistulae* e o *Carmen saeculare*, ou *Cântico secular*, escrito em homenagem a Apolo e Diana, e encomendado para ser cantado em público nos Jogos Seculares organizados por Augusto em 17 a.C.¹¹⁵

Seu livro de cartas, *Epistulae* ou *Epístulas*, foi escrito entre 26 e 8 a.C., e foi dividido em dois tomos, o primeiro com vinte poemas e o segundo com três. Horácio se referia à essa obra também como *Sermones*, assim como o fazia para sua produção satírica. A diferença é que nela o tom é sério, e as reflexões, mais profundas e preocupadas com a transferência de informações ao leitor, ao contrário das duas obras satíricas, cujo tom é jocoso e brincalhão. De todas as epístulas, a mais conhecida talvez seja a que se denomina *Arte Poética*, que ele escreveu para os filhos do cônsul Pisão.¹¹⁶ A carta é escrita em 476 versos, nos quais Horácio trata dos princípios que regem a atividade da escrita. Segundo Cardoso,

a *Arte Poética* pode ser dividida em três partes. Na primeira (versos 1-92), o poeta ministra conselhos gerais, propondo alguns preceitos; na segunda (versos 93-294), refere-se aos gêneros literários, detendo-se em considerações sobre a poesia épica e a dramática; na terceira (versos 295-476), discorre sobre a conduta do poeta.¹¹⁷

A *Arte Poética* foi uma das obras que mais influenciou o pensamento renascentista em termos de teoria literária.¹¹⁸

O texto latino foi retirado de HORACE. *Épîtres*. Texte établi et traduit par François Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1955.

¹¹⁵ Cf. Cardoso, 2003, pp. 65-66.

¹¹⁶ Horace, 1955, p. 181.

¹¹⁷ Cf. Cardoso, 2003, pp. 113-114, Horace, 1955, pp. 181-189 e 197-201.

¹¹⁸ Cardoso, 2003, p. 115; Horace, 1955, pp. 181 e 191-192.

Epistula ad Pisonem, CCCXXXVIII-CCCXL

ficta voluptatis causa sint proxima veris:
 ne quodcumque volet poscat sibi fabula credi
 neu pransae Lamiae vivum puerum extrahat alvo.

Tradução de Priscilla A. F. Almeida:**Arte Poética, 338-340**

Que as ficções sejam a causa próxima do verdadeiro prazer:
 não pretenda a fábula que se acredite em qualquer coisa que ela queira,
 nem retire vivo do estômago da Lâmia um menino que ela tenha almoçado.

Comentário:

Lamia - François Villeneuve, em sua tradução da *Arte Poética*, traduz a palavra Lamia como "Lamie", e explica que ela é um "vampiro que foi representado com um corpo de mulher e pés de um asno, e que passou por devorar as crianças" ("Vampire qu'on représentait avec un corps de femme et des pieds d'âne et qui passait pour dévorer les enfants", Horace, 1955, p. 220). Já o dicionário *Oxford* da língua latina define a lâmia como "um monstro feminino que supostamente devora crianças, bruxa, espantalho", e também como "um tipo de tubarão" ("1. A female monster supposed to devour children, witch, bogey; 2. A kind of shark", Glare, 1994, p. 998). Pode-se notar claramente as associações que são feitas pelos estudiosos entre a lâmia e seres do folclore atual, como a bruxa e o vampiro (cujas definições modernas são mais recentes que a da lâmia). Contudo, a importância desse trecho de Horácio reside no fato de ser primeiro, e o único, dentre os excertos dos autores selecionados para compor o *corpus* deste trabalho, a dizer claramente que a lâmia comia (*pransae*) crianças (*puerum*). Em nenhuma das outras fontes antigas selecionadas fica claro que devorar é o que ela faz com as crianças. Sobre ela, dizem que "mata", "rapta" e "persegue" as crianças, mas o destino final do que faz com suas vítimas só fica claro após a leitura desse trecho de Horácio. Assim, uma vez que os estudiosos citam elementos do folclore mundial atual para tentar estabelecer um campo de atuação mais compreensível para a lâmia, um ser desse folclore cuja função é idêntica a essa

da lâmia em Horácio, é o famoso bicho-papão, que persegue crianças para depois devorá-las.¹¹⁹

¹¹⁹ Assim, também pode-se usar o trecho de Horácio, anacronicamente, para mostrar a similaridade de sua lâmia com a cuca brasileira. A cuca é personagem de inúmeras cantigas infantis de ninar. Em Minas Gerais é muito comum uma que diz: “Nana, neném, / que a Cuca vem pegar / papai foi pra roça, / mamãe foi passear”, e suas muitas variantes. Camara Cascudo registra várias dessas cantigas, como “Durma, meu benzinho, / que a cuca j’ei vem” (Cf. Cascudo, 1988, p. 265, verbete *Cuca*; e também Cascudo, 2010, pp. 200-201), e define a cuca como um “papão feminino, um fantasma informe, entre vago, ameaçador, devorando as crianças, papona”, e também como “um ente muito velho, feio, desganhado, que aparece durante a noite para levar consigo os meninos inquietos, insones ou faladores”, e fez dela uma descrição “uma velha, bem velha, enrugada, de cabelos brancos, magríssima, corcunda e sempre ávida pelas crianças que não querem dormir cedo e fazem barulho”; ele disse ainda que ela é um fantasma noturno, e que figura no Brasil inteiro em cantigas de ninar (Cf. Cascudo, 2010, p. 200; também da lâmia é dito por Filóstrato que é um ser espectral, um φάσμα: cf. Filóstrato, *Vida de Apolônio de Tiana*, 4.25.5: δακρύνοντι ἐόικει τὸ φάσμα καὶ ἔδειτο μὴ βασανίζειν αὐτό [...] — o espectro [φάσμα] fingia chorar e implorava que não o torturasse, *infra* p. 142). Segundo Antenor Nascentes, o vocábulo *cuca* deriva do quíchua *cuca* ou *coca* (“Diz-se de ou língua indígena, ainda hoje falada nos países da cordilheira dos Andes, do Chile à Colômbia, esp. no Equador e Peru [Foi a língua falada no antigo império inca]”, cf. Houaiss, 2008, p. 2358), ou do aimará *coca*, ‘árvore’ (“1. indivíduo dos aimarás, indígenas dos Andes peruanos e bolivianos [Os aimarás compreendem, aproximadamente, dois milhões de indivíduos na Bolívia, Sul do Peru, e alguns grupos ao Norte do Chile e da Argentina]; 2. fam. lingüística indígena que compreende todas as línguas faladas pelos aimarás”, cf. Houaiss, 2008, p. 128), ou ainda do tupi-guarani *cog*, ‘sustentar, alimentar’ (“Família lingüística [tronco tupi] com a maior distribuição geográfica no Brasil, estendendo-se por 13 estados e compreendendo cerca de 20 línguas vivas, com pequena diferenciação interna; tb. em uso nos segg. países: Guiana Francesa, Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia, Paraguai e Argentina, cf. Houaiss, 2008, p. 2786; cf. Nascentes, 1932, p. 194, *côca*, para todas as informações acima). O latim *coccum*, *cocci*, e seus cognatos, parece pouco ou nada explicativo, pois denomina um grão usado para tingir tecidos de escarlate e, por consequência, os tecidos já tintos (Faria, 2003, p. 200, *coccum*; Glare, 1994, p. 340, *coccinatus*, *coccineus*, *coccinus*, *coccium*). Esse vocábulo latino deriva do grego *κόκκος*, que era a baga que dava a cor escarlate aos tecidos, e dele também vêm *κόκκινος*, ‘escarlate’, que são a melhor opção de etimologia para a palavra *coco*, que designa o fruto do coqueiro, e também ‘cabeça’ (*LSJ*, pp. 970-971, verbetes *κόκκος* e *κόκκινος*). No verbete *cuca*, Houaiss ressalta a semelhança entre os três vocábulos:

[...] note-se que os verbetes relacionados com os significantes *cuca*, *coco* /ô/, os enlaçados com *coca* /ó/ e mais o conexo com *coca* /ô/ têm mais semelhanças etimológicas do que o deixa entender sua separação nas entradas; *coca* ‘à espreita’, *coca* /ô/ ‘papão’ e *cuca* interj. ‘fora’, têm valores semanticamente especializados, mas intrinsecamente conexos sob ‘espanto, medo e surpresa’; *coca* ‘abóbora’ e *cuca* ‘cabeça’ são por afinidade, como metáfora de *coco* ‘fruto redondo’ por ‘cabeça’; do mesmo modo, todas as acep. de *coca* /ô/ ligam-se às de *coco* /ô/ e de *cuca* (Houaiss, 2008, p. 883, ¹*cuca*).

É, então, notória a convergência entre os significados dos três vocábulos. Tanto que, à respeito da assimilação entre eles, Cascudo diz, categoricamente: “*coco*, *coca* e *cuca* são uma e a mesma entidade” (Cascudo, 2010, p. 201). Sobre a etimologia da palavra *cuca*, que no Brasil é o nome dado a uma mulher feia e velha, Houaiss diz que pode vir do umbundo *kuka* (Umbundo é uma “língua banta falada pelos ovimbundos, habitantes das zonas meridional e central de Angola [Compreende as línguas amboim, biene, bailundo, sambo, huambe, galangue, nganda e caconda.]”, Houaiss, 2008, p. 2803) ou do quimbundo *iakuka*, ‘velho, velha’ (Quimbundo é uma “língua da família banta, falada em Angola pelos ambundos”, Houaiss, 2008, p. 883, ²*cuca*, e p. 2360). Cascudo diz que “*cuca* é avô em mbundo (Outra denominação do Umbundo) e o trago, que se engole de uma vez, no idioma tupi. Assim, os elementos indígenas e africanos concorrem para a dispersão do mito nos elementos característicos” (Cascudo, 1988, p. 265, verbete *Cuca*).

O trabalho de um grande escritor brasileiro foi fundamental para essa definição da imagem da cuca: Monteiro Lobato foi o primeiro escritor a registrá-la como a grande antagonista em uma obra

literária brasileira. É ela quem aterroriza Narizinho e seu irmão Pedrinho no livro infantil chamado *O Saci*, de 1921. Narizinho e Pedrinho são dois irmãos que passam as férias no sítio de sua avó, Dona Benta. A Cuca só aparece no final quando, num dado momento da história, Narizinho está desaparecida, e Pedrinho e seu amigo, o saci do título, estão procurando por ela:

— Sim. Narizinho foi raptada pela Cuca. Descobri o rastro da horrenda bruxa perto da porteira. Temos de ir à caverna onde mora a Cuca e ver o que há.

— Mas se a Cuca é poderosa como você diz que poderemos fazer? (Lobato, 2007, p. 59)

A Cuca vive em uma caverna, assim como a lâmia grega. E Pedrinho e o saci estão em apuros: precisam salvar Narizinho das garras dela. Eles chegam à tal caverna, disfarçam-se de folhagem e entram. Lá dentro está a Cuca:

Súbito, ao dobrarem uma curva, viram lá num canto a rainha. Estava sentada diante de uma fogueira, de modo que a claridade das chamas permitia que as "folhagens" lhe vissem a carantonha em toda a sua horrível figura. Que bicha! Tinha cara de jacaré e garras nos dedos como os gaviões. Quanto à idade, devia andar para mais de 3 mil anos. Era velha como o Tempo. (Lobato, 2007, p. 61)

A descrição da Cuca está de acordo com a tradição ibérica do crocodilo, só que, no Brasil, como não existem crocodilos, associou-se a bruxa ao jacaré. A Cuca também só dormia uma noite a cada sete anos, o que evidencia ainda mais seu caráter não-humano:

— Estamos de sorte — disse o Saci ao ouvido do menino. — A Cuca só dorme uma noite cada sete anos e chegamos justamente numa dessas noites.

— Como sabe? — Indagou Pedrinho cuja curiosidade não tinha limites.

O Saci danou e ameaçou-o, se continuasse com tais perguntas, de deixá-lo ali sozinho para ser devorado pelo monstro. [...] (Lobato, 2007, p. 62)

Então a Cuca não dorme muito. E devora crianças. Outra vez, como a lâmia grega.

A partir das aventuras de Pedrinho e Narizinho, filmes e seriados de televisão foram criados, e a figura da cuca passou a povoar as mentes infantis brasileiras. O primeiro filme feito a partir da obra *O Saci* data de 1951, e nele a Cuca era apenas uma velha de roupas sujas e rasgadas. A primeira adaptação para a televisão foi da TV Tupi, de 1953 a 1962. Em 1964 houve uma tentativa, que durou seis meses, de fazer o seriado na TV Cultura. De 1967 a 1969 o programa foi apresentado pela TV Bandeirantes. E em 1977 deu-se início ao famoso seriado *O Sítio do Picapau Amarelo*, uma compilação das obras de Monteiro Lobato que traziam aventuras de Narizinho e Pedrinho, produzido, lançado e exportado pela Rede Globo, uma das emissoras de televisão brasileiras. O seriado esteve no ar até 1986. No seriado, as aventuras dos dois irmãos no sítio de sua avó, Dona Benta, eram acompanhadas pelas crianças. A Cuca, uma mulher-jacaré de cabelos louros, era a grande antagonista, a bruxa má das histórias. De 2001 a 2007 a Rede Globo exibiu uma nova versão das aventuras no Sítio. Desde 2008, o Canal Futura está reprisando essas aventuras. Em 2012 a Rede Globo, associada à produtora Mixer, passou a exibir a versão animada das aventuras, que conta até mesmo com um sítio na internet. O desenho animado também foi exibido pelo canal *Cartoon Network* para a América Latina. Uma segunda temporada está prometida para 2013. A imagem da Cuca no seriado sofreu muitas modificações ao longo dos anos, mas ela sempre foi associada à bruxaria e ao rapto de crianças, e manteve o corpo de jacaré em quase todas as repaginações (cf. sitioglobo.com; pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADtio_do_Picapau_Amarelo e [pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADtio_do_Picapau_Amarelo_\(s%C3%A9rie_animada\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%ADtio_do_Picapau_Amarelo_(s%C3%A9rie_animada))); a reportagem de Keila Jimenez na Folha de São Paulo de 13/03/2011, versão online www1.folha.uol.com.br/ilustrada/887114-globo-ressuscita-sitio-do-picapau-amarelo-como-animacao.shtml)

Στράβων - Estrabão
(64/63 a.C. - 24 d.C.)

Introdução:

Não se sabe muito acerca de vida pessoal de Estrabão, pois ele não faz muitas referências a si mesmo na *Geografia*. Sabe-se apenas que nasceu no Ponto, na cidade de Amasia (hoje Turquia), em 64 a.C., que viveu em Alexandria e em Roma durante grande parte de sua vida, e que recebeu a educação helenística típica do período, pois escreve em grego. Escreveu na juventude uma obra que pretendia ser uma continuação à *História*, de Políbio, mas que se perdeu inteiramente. Mas deixou sua marca na literatura mundial ao escrever sua *Geografia*, uma obra "colossal", *κολοσσυργία*, como ele mesmo se refere à ela, que consta de 17 livros.¹²⁰ É, de fato, uma obra monumental, que pretendia descrever todo o mundo conhecido, *οἰκουμένη*.¹²¹ Os estudiosos discutem se a obra foi composta no período em que Augusto foi imperador romano, ou se foi elaborada quando Tibério esteve no mesmo cargo, ou se durante ambos os reinados, sem chegar a um consenso. A grande discussão, contudo é acerca das escolhas do autor, das razões que ele teve para incluir certo material em sua obra, e excluir outro.¹²²

Optou-se por traduzir todo o trecho selecionado por causa da discussão que ele faz acerca do mito, e de sua utilidade. A Lâmia é mencionada por Estrabão apenas como um exemplo do que seria um mito, e junto dela são mencionados também outros três monstros que talvez tivessem um efeito particular no universo infantil, já que ele não cita outros. Tanto Lâmia, quanto Mormólice e Gorgó são conhecidos "papões" gregos. E Efiáltes é, aparentemente, a personificação do pesadelo, algo muito significativo para as crianças. De modo que, nessa defesa crítica do uso da mitologia na educação infantil, o autor afirma sua utilidade para despertar na criança a vontade de aprender, e para ir moldando sua mente na direção de um estilo moderado de ser (*σώφρων*, "de mente sã"). Assim, o que ele está fazendo nessa parte do seu texto é uma teoria do mito que é pertinente para essa dissertação.

O texto grego foi retirado do programa *Diogenes*, de MEINEKE, A. *Strabonis geographica*. Leipzig: Teubner, 1969.

¹²⁰ Estrabão, 1.1.23; cf. *LSJ*, 1996, p. 973.

¹²¹ Cf. *LSJ*, 1996, p. 1205.

¹²² Cf. Dueck, Lindsay & Potheary, 2005, pp. 1-4.

Γεωγραφικά 1.2.8

Καὶ πρῶτον ὅτι τοὺς μύθους ἀπεδέξαντο οὐχ οἱ ποιηταὶ μόνον, ἀλλὰ καὶ αἱ πόλεις πολὺ πρότερον καὶ οἱ νομοθέται τοῦ χρησίμου χάριν, βλέψαντες εἰς τὸ φυσικὸν πάθος τοῦ λογικοῦ ζῴου· φιλειδήμων γὰρ ἄνθρωπος, προοίμιον δὲ τούτου τὸ φιλόμυθον. ἐν-τεῦθεν οὖν ἄρχεται τὰ παιδία ἀκροᾶσθαι καὶ κοινωνεῖν λόγων ἐπὶ πλεῖον. αἴτιον δ', ὅτι καινολογία τίς ἐστὶν ὁ μῦθος, οὐ τὰ καθεστηκότα φράζων ἀλλ' ἕτερα παρὰ ταῦτα· ἡδὺ δὲ τὸ καινὸν καὶ ὁ μὴ πρότερον ἔγνω τις· τοῦτο δ' αὐτὸ ἐστὶ καὶ τὸ ποιοῦν φιλειδήμονα. ὅταν δὲ προσῆ καὶ τὸ θαυμαστὸν καὶ τὸ τερατῶδες, ἐπιτείνει τὴν ἡδονήν, ἥπερ ἐστὶ τοῦ μανθάνειν φίλτρον. κατ' ἀρχὰς μὲν οὖν ἀνάγκη τοιοῦτοις δελέασι χρῆσθαι, προϊούσης δὲ τῆς ἡλικίας ἐπὶ τὴν τῶν ὄντων μάθησιν ἄγειν, ἥδη τῆς διανοίας ἐρρωμένης καὶ μηκέτι δεομένης κολάκων. καὶ ιδιώτης δὲ πᾶς καὶ ἀπαίδευτος τρόπον τινὰ παῖς ἐστὶ φιλομυθεῖ τε ὡσαύτως· ὁμοίως δὲ καὶ ὁ πεπαιδευμένος μετρίως· οὐδὲ γὰρ οὗτος ἰσχύει τῷ λογισμῷ, πρόσσεστι δὲ καὶ τὸ ἐκ παιδὸς ἔθος. ἐπεὶ δ' οὐ μόνον ἡδὺ ἀλλὰ καὶ φοβερὸν τὸ τερατῶδες, ἀμφοτέρων ἐστὶ τῶν εἰδῶν χρεία πρὸς τε τοὺς παῖδας καὶ τοὺς ἐν ἡλικίᾳ· τοῖς τε γὰρ παισὶ προσφέρομεν τοὺς ἡδεῖς μύθους εἰς προτροπὴν, εἰς ἀποτροπὴν δὲ τοὺς φοβερούς· **ἢ τε γὰρ Λάμια μῦθός ἐστι καὶ ἡ Γοργὼ καὶ ὁ Ἐφιάλης καὶ ἡ Μορμολύκη.** οἱ τε πολλοὶ τῶν τὰς πόλεις οἰκούντων εἰς μὲν προτροπὴν ἄγονται τοῖς ἡδέσι τῶν μύθων, ὅταν ἀκούωσι τῶν ποιητῶν ἀνδραγαθήματα μυθώδη διηγουμένων, οἷον Ἡρακλέους ἄθλους ἢ Θησέως, ἢ τιμᾶς παρὰ θεῶν νεμομένας, ἢ νῆ Δία ὀρῶσι γραφᾶς ἢ ξόανα ἢ πλάσματα τοιαύτην τινὰ περιπέτειαν ὑποσημαίνοντα μυθώδη· εἰς ἀποτροπὴν δέ, ὅταν κολάσεις παρὰ θεῶν καὶ φόβους καὶ ἀπειλὰς ἢ διὰ λόγων ἢ διὰ τύπων ἀοράτων τινῶν προσδέχονται, ἢ καὶ πιστεύωσι περιπεσεῖν τινας. οὐ γὰρ ὄχλον γε γυναικῶν καὶ παντὸς χυδαίου πλήθους ἐπαγαγεῖν λόγῳ δυνατὸν φιλοσόφῳ καὶ προσκαλέσασθαι πρὸς εὐσέβειαν καὶ ὀσιότητα καὶ πίστιν, ἀλλὰ δεῖ καὶ διὰ δεισιδαιμονίας· τοῦτο δ' οὐκ ἄνευ μυθοποιίας καὶ τερατείας. κεραυνὸς γὰρ καὶ αἰγὶς καὶ τρίαινα καὶ λαμπάδες καὶ δράκοντες καὶ θυρσόλογχα τῶν θεῶν ὄπλα μῦθοι καὶ πᾶσα θεολογία ἀρχαϊκὴ· ταῦτα δ' ἀπεδέξαντο οἱ τὰς πολιτείας καταστησάμενοι μορμολύκας τινὰς πρὸς τοὺς νηπιόφρονας. τοιαύτης δὲ τῆς μυθοποιίας οὔσης καὶ καταστρεφούσης εἰς τὸ κοινωνικὸν καὶ τὸ πολιτικὸν τοῦ βίου σχῆμα καὶ τὴν τῶν ὄντων ἱστορίαν, οἱ μὲν ἀρχαῖοι τὴν παιδικὴν ἀγωγὴν ἐφύλαξαν μέχρι τῶν τελείων ἡλικιῶν, καὶ διὰ ποιητικῆς ἰκανῶς σωφρονίζεσθαι πᾶσαν ἡλικίαν ὑπέλαβον· χρόνοις δ' ὕστερον ἢ τῆς ἱστορίας γραφῆ καὶ ἡ νῦν φιλοσοφία παρελήλυθεν εἰς μέσον. αὕτη μὲν οὖν πρὸς ὀλίγους, ἢ δὲ ποιητικὴ δημωφελεστέρα

καὶ θέατρα πληροῦν δυναμένη, ἢ δὲ δὴ τοῦ Ὀμήρου ὑπερβαλλόντως· καὶ οἱ πρῶτοι δὲ ἱστορικοὶ καὶ φυσικοὶ μυθογράφοι.

Tradução:

Geográfica - 1.2.8

É que, muito antes, não apenas os poetas adotaram os mitos, mas também, já bem nos primórdios, as principais cidades e os legisladores, como graça do que é útil, atentando para a disposição natural do animal racional. Pois o homem ama aprender, e o prelúdio disso é o amor aos mitos. A partir daí, as crianças começam então a escutar e compartilhar muito das histórias. O fato é que o mito é um tipo novo de linguagem, que aponta não as coisas estabelecidas, mas outras coisas próximas a essas: e prazeroso é o novo e o que não é previamente conhecido. E isso é o mesmo que faz aquele que ama aprender. Sempre que esteja presente tanto o maravilhoso quanto o prodigioso, incita o prazer, e é então um feitiço do aprender. Desde o começo, então, a necessidade usa tais iscas para seguir, na idade, avançando em direção ao aprendizado dos seres, já fortalecendo a inteligência e não mais precisando de bajuladores. E todo indivíduo inculto é também, de algum modo, uma criança, e ama mitos dessa maneira; e o que é moderadamente educado igualmente, pois este também não é forte no cálculo, mas tem ainda presente o hábito da criança. Assim, o que é prodigioso não é apenas prazeroso, mas também amedrontador, e o uso de ambas as formas acontece tanto por crianças quanto pelos de idade: pois todos levamos os mitos prazerosos à exortação e os amedrontadores à refutação. **Pois a Lâmia é um mito, e também a Gorgó, o Efiltes e a Mormólice.** E os muitos habitantes das cidades conduzem à exortação os mitos prazerosos, sempre que escutam os poetas narrando as proezas míticas, tais como as tarefas de Hércules ou de Teseu, ou as honras distribuídas pelos deuses, ou, por Zeus!, veem desenhos ou estátuas ou estatuetas tal qual a peripécia indicativa do mítico; mas conduzem à refutação sempre que há castigos da parte dos deuses, medo e ameaças, ou pelas palavras ou pelas marcas invisíveis que aqueles adotam, ou também por algumas que acreditam ter mudado. Pois não se conduz uma turba de mulheres e uma multidão toda de xucros ao forte discurso filosófico, nem se os conclama à piedade, à sacralidade e à crença, mas é necessário também [fazê-lo] através da superstição: e isso não existe sem a fabricação de mitos e contos prodigiosos. O relâmpago, pois, e a égide, o tridente, tochas, dragões e o tirso-lança são armas dos deuses nos mitos e na teologia antiga: os

que estabeleceram as repúblicas adotaram tais coisas, alguns medos para os bobos. Tal é então a natureza da fabricação de mitos, das viradas para o social e o político como forma de vida, e a história dos seres. Os antigos vigiaram a educação das crianças até que completassem a maioridade, e guiaram-na adequadamente para temperar toda idade. Nos tempos posteriores, a escrita da história e agora, a filosofia, chegaram ao meio: mas esta é para poucos, enquanto a poética é de uso público, e enche os teatros, poderosa; sobretudo a de Homero. Assim, os primeiros historiadores e naturalistas eram também mitógrafos.

Comentário:

μῦθος - no contexto do trecho traduzido de Estrabão faz sentido comentar esse vocábulo, já que o autor grego faz uma teoria sobre a utilidade do mito na educação infantil. A primeira leva de definições que o *LSJ* atribui a esse vocábulo tem a ver com "palavra, discurso, fala pública", e é somente na segunda que a vertente de "história, conto, narrativa, ficção, fábula para criança, argumento de peça dramática" (*LSJ*, 1996, p. 1151) é evidenciada. A tradução pela palavra portuguesa mito é na verdade só uma transliteração, mas traz em si as ideias que são atribuídas ao vocábulo grego na referida segunda parte pelo *LSJ*: o mito é "relato fantástico de tradição oral, geralmente protagonizado por seres que encarnam, sob forma simbólica, as forças da natureza e nos aspectos gerais da condição humana; lenda, fábula, mitologia", são as primeiras definições da palavra no *Houaiss* (2008, p. 1936). Contudo, o dicionário da língua portuguesa deixa clara a etimologia, dizendo que vem do grego e citando suas acepções nessa língua. Chantraine também dá suporte à acepção que tende ao sentido mais ficcional e fantástico da palavra, ao dizer que, apesar de originariamente associada à palavra grega ἔπος, cuja gama de acepções se restringe ao campo semântico de "palavra, discurso", μῦθος evoluiu em seu uso pelos poetas trágicos para ser especificamente usada com o sentido de "narrativa fantástica, ficcional, lendária": "tende a se especializar ao sentido de «ficção, mito, de uma tragédia»" (Chantraine, 1968, p. 718: "il tend à se spécialiser ao sens de «fiction, mythe, sujet d'une tragédie»". Tradução própria). E a conclusão de Chantraine é que "o sentido das palavras dessa família evoluiu depois de Homero. Do valor de «palavras cujo sentido importa, aviso, ordem, narração» nós passamos àquele de «história, mito, fábula», etc." (Chantraine, 1968, p. 719: "Le sens des mots de cette famille a évolué après

Hom. De la valeur de «paroles dont le sens importe, avis, ordre, récit» on est passé à celle d'«histoire, mythe, fable», etc.". Tradução própria).

φιλειδήμων γὰρ ἄνθρωπος - "o homem é amante do aprendizado", aqui Estrabão se refere aos poetas como professores, assim como Aristóteles, que afirma o mesmo:

"Um das duas causas, e essas, naturais, parecem ter gerado a poesia. Sim, pois o imitar é inato nas pessoas desde a infância, e nisso diferem dos outros animais: que é o maior imitador e que faz o aprendizado, no início, através da imitação, e que todos se alegram com as imitações" (Aristóteles, *Poética*, 1448b4-8: Ἐοίκασι δὲ γεννηῆσαι μὲν ὅλως τὴν ποιητικὴν αἰτίαι δύο τινὲς καὶ αὗται φυσικαί. τό τε γὰρ μιμεῖσθαι σύμφυτον τοῖς ἀνθρώποις ἐκ παίδων ἐστὶ καὶ τούτῳ διαφέρουσι τῶν ἄλλων ζώων ὅτι μιμητικώτατόν ἐστι καὶ τὰς μαθήσεις ποιεῖται διὰ μιμήσεως τὰς πρώτας, καὶ τὸ χαίρειν τοῖς μιμήμασι πάντας, tradução própria).

Mais para frente, quase no final do texto, o filósofo diz ainda que "o poeta é um imitador" - "ἐστὶ μιμητὴς ὁ ποιητὴς" (Aristóteles, *Poética*, 1460b8, tradução própria), levando-nos à conclusão de que o poeta é o primeiro professor, pois ele imita, e é através dessa imitação que as crianças aprendem suas primeiras lições.

λόγος - um vocábulo complexo de ser traduzido, pois apresenta um grande e variado escopo de campos semânticos em que pode ser aplicado. À época de Estrabão, **λόγος** já carregava em si toda a influência das ideias platônicas, que situaram tal palavra na esfera do raciocínio lógico e da fala, daí uma das significações pertinentes à ela ser "discurso". Além disso, para a tradução, era importante escolher uma palavra da esfera da fala infantil, que se adequasse ao contexto já que Estrabão está tratando dos discursos feitos às crianças, e por isso a escolha do substantivo "história" para traduzir **λόγος**. A definição desse vocábulo ocupa duas páginas e meia do *LSJ* (1996, pp. 1057-1059), e há muitos estudiosos que passam a vida apenas estudando os diversos sentidos em que ele pode ser utilizado dentro da literatura grega tanto de um modo geral, como de modos específicos também. Sobre a evolução do vocábulo e os derivados, ver Chantraine, 1968, p. 625, que cita os estudos de Fournier e Verdenius como fundamentais para a história dessa evolução. Assim, não se pretende aqui entrar em tal discussão, apenas justificar a escolha tradutória: como o trecho de Estrabão trata de mitos contados às crianças, achou-se por bem traduzi-lo por uma palavra dessa esfera da fala infantil, já que era algo tão prezado pelos gregos.

θαυμαστός, τερατώδης - o primeiro vocábulo significa "maravilhoso, admirável", mas também pode trazer em si o sentido de "estranho, absurdo", o que faz remeter a

algo extraordinário, fora do que é considerado comum (*LSJ*, 1996, p. 780); deriva do substantivo θαῦμα, "maravilha" . Já o segundo vocábulo é derivado do substantivo neutro τέρας, cuja primeira acepção é abstrata e significa "sinal, maravilha, prodígio, portento", mas para ele há uma acepção concreta que significa "monstro", e daí muitas traduções usarem "monstruoso" para o adjetivo biforme τερατώδης, ες (*LSJ*, 1996, p. 1776). É a palavra τέρας que caracteriza tanto Cérbero, o cão de três cabeças que guarda a porta do Hades — ἀπρόσμαχον τέρας, "monstro irresistível" (Sófocles, *Traquíncias*, 1098; Grimal, 2005, p. 83) —, quanto a Esfinge, que em Tebas devora aqueles que não decifram sua charada — οὔρειον τέρας, "monstro montanhoso" (Eurípides, *Fenícias*, 806; Grimal, 2005, p. 149) —, e também é a mesma palavra que é usada em referência à cabeça da Górgona que fica na égide de Zeus — Διὸς τέρας αἰγιόχοιο, "monstro da égide de Zeus" (Homero, *Iliada*, 5.742) —, e para descrever Tifeu, o único ser que foi páreo para Zeus em batalha, e que este último soterrou sob o Monte Etna, derrotando-o definitivamente — δάϊον τέρας, "monstro hostil" (Ésquilo, *Prometeu Acorrentado*, 354; Grimal, 2005, p. 448).

φίλτρον - esse vocábulo indica, em sua primeira acepção, "feitiço de amor", pois vem do verbo φιλέω, mas depois pode indicar um feitiço ou encantamento genérico (*LSJ*, 1996, p. 1942).

προτροπήν, ἀποτροπήν - importantes termos retóricos. O primeiro é derivado do verbo προτρέπω, "exortar, exaltar" (*LSJ*, 1996, p. 1537), daí "exortação"; o segundo é derivado do verbo ἀποτρέπω, "afastar-se de, dissuadir" (*LSJ*, 1996, p. 224), e daí "refutação". Como a retórica não faz parte do escopo de interesses deste trabalho, optou-se por não tecer maiores comentários acerca desses termos, restringindo-se apenas a pontuar esse uso que deles é feito.

Λάμια, Γοργώ, Ἐφιάλτης, Μορμολύκη - aparentemente, Estrabão está tratando de mitos que têm significado forte para as crianças, pois está tecendo comentários acerca da educação delas através do uso deles, então pode-se supor que esses quatro personagens eram seres que aterrorizavam as mentes infantis, assim como talvez Hércules e Teseu lhes fossem os mitos heróicos mais excitatórios. Sobre a lâmia, já se sabe que era vista como um papão por essa época, como a apresentou Horácio (cf. *supra* pp. 92-96), que foi contemporâneo de Estrabão. Gorgó, Gorgo ou Górgona, é o nome dado pela mitologia grega para as três filhas de Fórcis e Ceto, duas divindades marítimas. Seus nomes eram Euríale, Esteno e Medusa, a única que era mortal, e considerada a Górgona por excelência. Sua morada ficava no extremo ocidente,

próximo à entrada para o Hades. Diz-se que seus cabelos eram serpentes vivas, suas mãos eram de bronze, tinham grandes presas brancas como as dos javalis e asas de ouro. Transformavam em pedra quem ousasse sustentar seu olhar penetrante. A lenda de Medusa, ou Gorgo, tem, como quase todo mito grego, diversas versões. Em uma delas, ela era uma mulher muito bela que se orgulhava demais dessa qualidade, principalmente de seus cabelos. Para castigá-la, Atena transformou-os em serpentes. Em outra versão, Atena transformou-a em um monstro com as características descritas anteriormente como punição por ter despertado a volúpia de Poseidon, que a havia estuprado em um altar dessa deusa. De todo modo, todas as versões concordam que ela foi decapitada por Perseu, que entregou a cabeça dela à Atena, mimo que a deusa fixou, algumas vezes no centro de seu escudo, e outras vezes no meio da égide, e que transformava seus inimigos em pedra assim que batiam os olhos no artefato (para todas essas informações, cf. Grimal, 2005, pp. 187-188). Contudo, não há referências específicas de como esse ser era aterrorizante para as crianças. Assim, talvez ela fosse aterrorizante para todos, crianças e adultos indiscriminadamente, e Grimal afirma que o era até mesmo para os deuses. O *LSJ* lhe faz referência apenas como "a Górgona", ou "a sombria", pois diz que o substantivo Γοργώ está relacionado ao adjetivo triforme γοργός, "soturno, sombrio, feroz, terrível", muito usado para caracterizar tipos de olhar, mas que também é usado para caracterizar pessoas como sendo "espirituosas, vigorosas", e até mesmo para descrever um estilo de escrita, "veemente, vigoroso" (*LSJ*, 1996, p. 357). Chantraine chama a Górgona de demônio feminino, e afirma que o termo atestado como sendo mais antigo é o substantivo Γοργώ, passando então a listar seus muitos derivados. Ele também relata que a figura da Górgona existe até hoje no imaginário grego, mas que se transformou em uma sereia ou dragoa: "Γοργόνα subsiste nas superstições populares para designar uma sereia, um dragão fêmea. Em compensação, γοργός significa simplesmente «rápido», γοργά «depressa»" (Chantraine, 1968, p. 233: "Γοργόνα subsiste dans les superstitions populaires pour designer une sirène, un dragon femelle. En revanche γοργός signifie simplement «rapide», γοργά «vite»", nossa tradução). Chantraine ainda atesta a semelhança estrutural entre os vocábulos Γοργώ e Μορμώ, ambos formados por uma repetição de raiz (Chantraine, 1968, p. 234). Sobre Μορμώ Chantraine afirma que era um "demônio feminino, bicho-papão", "temor" (Chantraine, 1968, p. 712: "démon femelle, croquemitaine", "craindre", nossa tradução), e ainda aponta, juntamente com *LSJ*, que a palavra, no singular, era personificada e usada como uma exclamação para

assustar as crianças (Teócrito, *Idílios*, 15.40: Μορμώ, δάκνει ἵππος, "Mormó morde cavalo!"; e Aristófanes, *Cavaleiros* 693: Μορμώ τοῦ θράσους, "Mormó da coragem!", cf. *LSJ*, 1996, p. 1147). Já Grimal afirma que ela era um "gênio feminino com que se ameaçavam as crianças. Acusavam-na de moder não só as crianças más como todas as outras, e de as tornar coxas. Por vezes identificava-se com Gelo, ou ainda com Lâmia" (Grimal, 2005, p. 318). Ou seja, na verdade, todos esses seres eram o que Câmara Cascudo denomina "pavores infantis que a Noite traz" (Cascudo, 2010, p. 200): mitos criados para assustar as crianças e obter delas um bom comportamento. A adoção dessa política educacional para as crianças foi criticada por Platão, que se posicionou tanto contra a criação dessas histórias de "monstros devoradores de criancinhas" pelos poetas, quanto contra o uso delas como recurso educacional pelas mães:

e também não nos enganem com muitas coisas como essas. E por sua vez nem as mães, por eles seduzidas, amedrontem as crianças ao contarem mal os mitos, como quando dizem que alguns deuses perambulam à noite se parecendo com estrangeiros de muitos tipos; para que não blasfemem contra os deuses, por um lado, nem, ao mesmo tempo, transformem as crianças em completos covardes.

Essa passagem está na *República*, e faz parte da crítica geral de Platão aos poetas. É justamente a eles que ele se dirige nessa passagem, reclamando do uso que fazem dos mitos em sua poesia (cf. Platão, *República*, 381e-382a: καὶ ἄλλα τοιαῦτα πολλὰ μὴ ἡμῖν ψευδέσθων. μηδ' αὖ ὑπὸ τούτων ἀναπειθόμεναι αἱ μητέρες τὰ παιδιά ἐκδειματούτων, λέγουσα τοὺς μύθους κακῶς, ὡς ἄρα θεοὶ τινες περιέρχονται νύκτωρ πολλοῖς ξένοις καὶ παντοδαποῖς ἰνδαλλόμενοι, ἵνα μὴ ἅμα μὲν εἰς θεοὺς βλασφημῶσιν, ἅμα δὲ τοὺς παῖδας ἀπεργάζωνται δειλοτέρους. Tradução própria). Ainda nessa perspectiva da análise da palavra μορμώ, Chantraine cita também o verbo denominativo (derivado de um nome, e por isso usado para nomear algo, *Houaiss*, 2010, p. 938) derivado mais usado, μορμολύττομαι, "assustar como um bicho-papão", e os termos derivados dele μορμολύκη, μορμολυκεῖον, que ele traduz como "espantalho", e o *LSJ* como "espantalho, duende, trasgo" ("épouvantail", Chantraine, 1968, p. 712; "bogey, hobgoblin", *LSJ*, 1996, p. 1146). Assim, de algum modo, talvez a semelhança estrutural entre Μορμώ e Γοργώ forneça luz para a explicação da semelhança funcional entre os conceitos determinados por essas duas palavras. Passa-se então à análise do vocábulo Μορμολύκη, que já foi iniciada acima. A "Loba-

Mormo, Mormólíce, é, tal como Mormo, um gênio aterrorizador com o qual se metia medo às crianças" (Grimal, 2005, p. 318). Seu nome só foi registrado para a posteridade por Estrabão (*Geografia*, 1.2.8), e por Sófron um comediógrafo do século V a.C. (Sófron, *CGF*, 9), de modo que é complexo afirmar muito mais sobre ela. Em último lugar, mas não menos importante, há Efialtes, um dos gigantes que lutaram contra os deuses na Gigantomaquia e que foi morto pelas forças combinadas de Apolo e Hércules (Grimal, 2005, p. 129). A palavra ἐφιαλτεία designa uma erva usada para evitar pesadelos, e daí ἐφιάλτης e suas variantes ἐπιάλτης e ἐπίαλος significarem "pesadelo", mas personificado como um demônio estrangulador (*LSJ*, 1996, p. 744; Chantraine, 1968, p. 390); vocábulos que estavam popularmente conectados aos verbos ἐφάλλομαι, "pular para atacar" (*LSJ*, 1996, p. 740) e ἐφιάλλω. Sua conexão com o fato de ser um "pavor infantil" talvez seja então a de ser a representação do pesadelo.¹²³

γραφή, ξόανον, πλάσμα - optou-se por traduzir γραφή de dois modos diferentes no trecho selecionado por causa do contexto, contudo, esse vocábulo tem um campo moderadamente extenso de significados, já que indica "qualquer representação feita através de linhas" (*LSJ*, 1996, pp. 359-360). Na primeira ocorrência, por estar associado ao verbo ὀράω, optou-se pela tradução por "desenhos", mas poderia ser "pinturas", "gravuras"; na segunda ocorrência, acompanhado do genitivo τῆς ἱστορίας, preferiu-se usar "escrita". Os dois outros são vocábulos de campo semântico muito próximo, o que gera uma certa inquietação tradutória: ξόανον indica uma imagem entalhada em madeira, mas depois passa para um sentido mais geral de imagem, estátua (*LSJ*, 1996, p. 1191); já πλάσμα tem um significado mais amplo, mas indica também imagem, estátua, figura (*LSJ*, 1996, p. 1412).

εὐσέβεια, ὀσιότης, πίστις, δεισιδαιμονία - todas as quatro palavras têm o sentido de respeito aos deuses, cada uma tem, contudo e obviamente, suas peculiaridades. A δεισιδαιμονία é "temor aos deuses, piedade, sentimento religioso", contudo, é mais usada em um sentido negativo de "superstição" (*LSJ*, 1996, p. 375); a πίστις é a que tem o significado mais diferenciado, mais voltado ao social: "confiança nos outros, honestidade, fé", entre outros possíveis (*LSJ*, 1996, p. 1408), o termo está ligado ao campo da argumentação. As duas noções mais parecidas são εὐσέβεια e ὀσιος, como

¹²³ O grande problema com todos esses "pavores infantis", com a licença de Camara Cascudo, é que pouco se escreveu, debateu, estudou e produziu sobre eles, e não apenas na Antiguidade, mas ao longo da história humana e até mesmo nos dias de hoje. Os monstros do universo infantil são comumente menosprezados.

diz Chantraine, a respeito da família de vocábulos do verbo σέβομαι: "o sentido dessa família de palavras é próximo daquele de ὄσιος, mas mais geral" (Chantraine, 1968, p. 992). A primeira indica "reverência em relação aos deuses e aos pais, amor filial, piedade, lealdade" (*LSJ*, 1996, p. 731; Chantraine, 1968, p. 992); a segunda, "sancionado ou permitido pelas leis divinas", e também "pio, religioso, puro", segundo o *LSJ*, em que também se afirma que τὸ ὄσιον = εὐσέβεια (*LSJ*, 1996, p. 1260), e Chantraine concorda afirmando que é "aquilo que é permitido, recomendado aos homens pelos deuses" (Chantraine, 1968, p. 831: "ce qui est permis, recommandé aux hommes par des dieux", nossa tradução). Priscilla Gontijo Leite fez uma investigação minuciosa em sua dissertação de mestrado sobre a diferença semântica entre esses dois vocábulos (Leite, 2009, pp. 83-87, mas todo o capítulo 3 trata do tema da significação da piedade e da impiedade para os gregos). No capítulo terceiro ela analisou o significado de piedade e impiedade na língua portuguesa, depois comparou esse significado com as palavras gregas usadas com sentidos parecidos: ὄσιος, ἀνόσιος, εὐσέβεια e ἀσέβεια, tendo concluído que no português,

"encontram-se, de maneira geral, dois sentidos para piedade. O primeiro, corresponde ao amor e respeito às coisas sagradas e, também, pode ser utilizada para expressar um sentimento de religiosidade e devoção. O segundo, indica compaixão pelos sofrimentos alheios ou um sentimento de pena, dó. [...]

O português, contudo, não consegue expressar todas as nuances que as palavras *eusébeia*, *hósios*, *asébeia* e *anósios* possuem, bem como não consegue fazer a diferenciação entre esses dois grupos" (Leite, 2009, p. 84).

A partir dessa constatação ela desenvolve separadamente uma análise de cada um dos dois grupos de vocábulos gregos, dedicando reflexões sobre o estudo da significação de ὄσιος e ἀνόσιος, e de εὐσέβεια e ἀσέβεια no grego original, após o que ela conclui, numa comparação que procura diferenciar os sentidos das duas palavras: "Assim, o sentido principal de *hósios* é de estar concordante com o estipulado pela esfera humana e divina. Já a *eusébeia* é o sentimento que conduz a uma atitude correta em relação com o divino" (Leite, 2009, p. 86).

Plinius Maior - Plínio, o Velho
(23-79 d.C.)

Introdução:

Zélia Cardoso se refere a Plínio como o erudito mais expressivo da século I da Era Cristã, pois ressalta que sua obra é vasta e trata de assuntos variados:

entre seus textos perdidos contam-se um tratado sobre a técnica de arremesso de dardos, uma biografia de Pompônio Segundo, em dois livros, vinte livros de história da guerra contra os germanos, três livros sobre a formação do orador, uma longa história romana, em trinta livros, e reflexões sobre problemas relacionados com o desenvolvimento dos estudos.¹²⁴

Contudo, desta vasta obra, o único texto que restou na íntegra foi a *História natural* (*Historia naturalis*). Composta de trinta e sete livros, ela é uma compilação resultante das leituras de Plínio de inúmeros obras estrangeiras, em forma enciclopédica, e com uma introdução bastante detalhada do plano de organização pretendida no livro primeiro. Seu objetivo principal é de falar de tudo quanto há no mundo todo, algo bastante humilde, diga-se de passagem. Assim, Plínio trata de assuntos variados: astrologia, geografia, história, antropologia, botânica e zoologia. Mas, entremeados às observações científicas (alguma de caráter muito duvidoso, cujas fontes não seriam muito confiáveis, segundo o próprio Plínio que admite essa limitação da obra em alguns momentos), relatos míticos aparecem, descrições de animais fantásticos, e superstições populares (algumas vigoram até hoje segundo a Professora Zélia).¹²⁵

O livro IX trata dos animais aquáticos, mas versa sobretudo dos animais marinhos, deixando os habitantes dos rios e lagoas de fora do seu comentário. Na verdade, Saint-Denis comenta que Plínio fala quase que exclusivamente de baleias, tubarões, lagostas, tartarugas, focas e deste tipo mais impressionante de animal marinho, incluindo aí os do âmbito da fantasia.¹²⁶

O texto latino foi retirado de PLINE L'ANCIEN, *Histoire Naturelle*. Texte établi, traduit ET commenté par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1955. Livre IX.

***Naturalis Historia*, IX.LXXVIII**

Planorum piscium alterum est genus, quod pro spina cartilaginem habet, ut raiae, pastinacae, squatinae, torpedo et quos bouis, lamiae, aquilae, ranae nominibus Graeci

¹²⁴ Cardoso, 2003, p. 193.

¹²⁵ Cardoso, 2003, pp. 193-195.

¹²⁶ Pline L'Ancien, 1955, p. 7.

appellant. Quo in numero sunt squali quoque, quamuis non plani. Haec Graece in uniuersum *σελάχη* appellauit Aristoteles primus hoc nomine eis inposito. Nos distinguere non possumus, nisi si cartilagina appellare libeat. Omnia autem carniuora sunt talia et supina uescuntur, ut in delphinis diximus, et cum ceteri pisces oua pariant, hoc genus solum, ut ea quae cete appellant, animal parit, excepta quam ranam uocant.

Tradução de Priscilla A. F. Almeida:

***História natural*, 9.78**

Existe outro gênero de peixes chatos, que possui cartilagem ao invés de espinha, como as *raiae*, *pastinacae*, *squatinae*, peixe torpedo ou tremelga, e aqueles que os gregos chamam pelos nomes de boi, lâmia, águia e peixe rã ou rã do mar. Também neste gênero estão os *squali*, embora não sejam chatos. Aristóteles foi o primeiro que chamou estes peixes gregos, no geral, de selácios, dando a eles este nome. Nós não podemos melhor distinguí-los, a menos que os chamemos de cartilagosos. De fato, todos esses peixes são carnívoros e dobram o corpo para trás ao se alimentar, como dissemos sobre os golfinhos; e se os outros peixes geram ovos, este gênero apenas, do mesmo modo como aqueles peixes chamados de cetáceos, são vivíparos, exceto o peixe que chamam de rã.

Comentário:

Saint-Denis não cita dificuldade na tradução dos nomes atribuídos aos peixes, como já mencionado neste trabalho no caso de Aristóteles, Galeno e Opiano. Ele identifica a lâmia com o tubarão branco ("lamie, ou touille", Pline L'Ancien, 1955, p. 124). Contudo, o fato de animais marinhos serem denominados como animais terrestres indica que havia alguma associação entre as espécies aquáticas e terrestres de mesmo nome, mas tais associações são muito complexas e praticamente impossíveis de serem descobertas e definidas. Na verdade, a única maneira para que tal fato se tornasse realidade seria a descoberta de um tratado tardio que explicasse essas associações, o que ainda não aconteceu. De todo modo, tentativas têm sido realizadas ao longo dos anos de estudos de textos como o *História dos animais*, de Aristóteles, o *Das propriedades dos alimentos*, de Galeno, o *Haliêutica*, de Opiano, e este *História natural* de Plínio.

Πλούταρχος - Plutarco
(46-120 d.C.)

Introdução:

Plutarco foi um escritor grego de prosa, que nasceu na cidade de Queroneia, na Beócia, e se tornou sacerdote de Apolo em 95 d.C. Em algum momento de sua vida ganhou a cidadania romana, e adotou o nome de Lucius Mestrius Plutarchus. Era platonista, mas flertava com outras tendências religiosas, tendo abominado completamente apenas o epicurismo e o estoicismo. Escreveu dois tipos de obras, chamadas *Vitae* e *Moralia*. Nas *Vitae*, mais conhecidas como *Vidas Paralelas*, Plutarco faz biografias de figuras importantes da Antiguidade, como Alcibíades, Demétrio e Augusto; já as *Moralia* são resultado de suas aulas na Academia, e abordam os mais variados temas, como a curiosidade, ou porque a Pítia não falava mais os oráculos em versos, todos com um fundo moralizante. Escreveu ainda algumas historietas eróticas. Muito de sua obra chegou até nossos dias, mas aparentemente muito também foi perdido.¹²⁷

O texto em questão, *Sobre a curiosidade*, trata tal característica como um mal inerente ao ser humano, que precisa ser identificado e controlado, pois pode ser usado em benefício do curioso se este voltar sua curiosidade para si mesmo, para seus pertences, sua família e sua própria vida. A curiosidade com relação aos outros é abominada veementemente por Plutarco neste tratado. Por essa razão, Defradas & Dumortier afirmam que não se pode entender curiosidade aqui como "o desejo de ver e conhecer, mas bem antes do vício de se meter de todo modo indiscreto", e que a tradução por curiosidade foca na acepção mais pejorativa da palavra, nesse caso específico.¹²⁸ E eles pontuam que também nessa obra Plutarco se mostra fiel a sua luta contra as paixões, mas não para extirpá-las totalmente de cada ser humano, mas para que cada um consiga identificá-las, dirigi-las, moderá-las, já que essa ideia é uma característica comum de suas obras morais.¹²⁹

O texto grego foi retirado do programa *Diogenes*, de POHLENZ, M. (ed.) *Plutarchi moralia*. Leipzig: Teubner, 1972. v. 3.

¹²⁷ Cf. Lanzillotta, in Gallarte & Lanzillotta, 2012, p. 1. No restante da *Introdução* Lanzillotta fala da importância de Plutarco para a filosofia Antiga. O volume é composto por artigos que tratam de vários aspectos da escrita de Plutarco, principalmente nos campos da religião e da filosofia.

¹²⁸ Plutarque, 1975, p. 261.

¹²⁹ Plutarque, 1975, pp. 263-264.

ΠΕΡΙ ΠΟΛΥΠΡΑΓΜΟΣΥΝΗΣ 515d-516a

ἐπεὶ τοίνυν ἔστι τινὰ πάθη νοσώδη καὶ βλαβερὰ καὶ χειμῶνα παρέχοντα τῇ ψυχῇ καὶ σκότος, ἄριστον μὲν ἐξωθεῖν ταῦτα καὶ καταλύειν εἰς ἔδαφος, αἰθρίαν καὶ φῶς καὶ πνεῦμα καθαρὸν διδόντας ἑαυτοῖς· εἰ δὲ μή, μεταλαμβάνειν γε καὶ μεθαρμόττειν ἄμωσγέπως περιάγοντας ἢ στρέφοντας. Οἷον εὐθὺς ἢ πολυπραγμοσύνη φιλομάθειά τις ἔστιν ἀλλοτρίων κακῶν, οὔτε φθόνου δοκοῦσα καθαρεύειν νόσος οὔτε κακοηθείας·

᾿τί τὰλλότριον, ἄνθρωπε βασκανώτατε,
κακὸν ὄξυδορκεῖς τὸ δ' ἴδιον παραβλέπεις;¹³⁰

μετάθες ἐξωθεν καὶ μετάστρεψον εἴσω τὴν πολυπραγμοσύνην· εἰ χαίρεις κακῶν μεταχειριζόμενος ἱστορίαν, ἔχεις οἴκοι πολλὴν διατριβήν· ὅσσον ὕδωρ † κατ' Ἀλιζόνος ἢ δρυὸς ἀμφὶ πέτηλα¹³¹, τοσοῦτον πλῆθος εὐρήσεις ἀμαρτημάτων ἐν τῷ βίῳ καὶ παθῶν ἐν τῇ ψυχῇ καὶ παροραμάτων ἐν τοῖς καθήκουσιν. ὥς γὰρ ὁ Ξενοφῶν λέγει τοῖς οἰκονομικοῖς ἴδιον εἶναι τῶν ἀμφὶ θυσίαν σκευῶν, ἴδιον τῶν ἀμφὶ δεῖπνα τόπον, ἀλλαχοῦ κεῖσθαι τὰ γεωργικά, χωρὶς τὰ πρὸς πόλεμον¹³², οὕτω σοὶ τὰ μὲν ἔστιν ἀπὸ φθόνου κακὰ κείμενα τὰ δ' ἀπὸ ζηλοτυπίας τὰ δ' ἀπὸ δειλίας τὰ δ' ἀπὸ μικρολογίας· ταῦτ' ἔπελθε, ταῦτ' ἀναθεώρησον· τὰς εἰς γειτόνων θυρίδας καὶ [τὰς] παρόδους τῆς πολυπραγμοσύνης ἔμφραξον, ἐτέρας δ' ἄνοιξον εἰς τὴν ἀνδρωνίτιν τὴν σεαυτοῦ φερούσας, εἰς τὴν γυναικωνίτιν, εἰς τὰς τῶν θεραπόντων διαίτας· ἐνταῦθ' ἔχει διατριβὰς οὐκ ἀχρήστους οὐδὲ κακοήθεις ἀλλ' ὠφελίμους καὶ σωτηρίους τὸ φιλοπευθὲς τοῦτο καὶ φιλόπραγμον, ἐκάστου πρὸς ἑαυτὸν λέγοντος

᾿πῆ τραπόμην; τί δ' ἔρεξα; τί μοι δέον οὐκ ἐτελέσθη;¹³³

¹³⁰ Cf. Plutarch, 2005, p. 475, nota b: Kock, *Com. Att. Frag.*, iii. p. 476, ades. 359; e também Plutarque, 1975, p. 265, nota 5: Fr. com. ades. 359 Kock. *De tranquillitate animi*, 469 B.

¹³¹ Verso de origem desconhecida, Helmbold julga que seja corrupto, cf. Plutarch, 2005, p. 475; Defradas & Dumortier retratam o desconhecimento do rio Alizão, que não é citado por mais nenhum autor antigo, Plutarque, 1975, p. 267, nota 1: "O Alizão não é conhecido a não ser por esta citação de autor anônimo. Nós encontramos em Heródoto (IV, 52) uma tribo da Cítia onde o nome (em certos manuscritos) pode ser encontrado" - "L'Alizon n'est connu que par cette citation d'un auteur anonyme. On trouve chez Hérodote (IV, 52) une peuplade de Scythie dont le nom (dans certains manuscrits) peut s'en rapprocher. Tradução própria.

¹³² Cf. Plutarch, 2005, p. 475, nota d: *Econômico*, viii.19-20; e também Plutarque, 1975, p. 325, nota 2 referente à p. 267: *Econômico*, 9, 6-7.

¹³³ Helmbold não cita a fonte dessa citação, mas Dumortier & Defradas citam, cf. Plutarque, 1975, p. 325, nota 3 referente à p. 267: Pitágoras, *Carmina aureae*, 42. E falam que Plutarco também cita esses mesmos versos no *De superstitione* 168B, com uma variação.

νῦν δ' ὥσπερ ἐν τῷ μύθῳ τὴν Λάμιαν λέγουσιν οἴκοι μὲν εὐδαιτυνῶν, ἐν ἀγγείῳ τινὶ τοὺς ὀφθαλμοὺς ἔχουσιν ἀποκειμένους, | ἔξω δὲ προϊούσαν ἐντίθεσθαι καὶ βλέπειν, οὕτως ἡμῶν ἕκαστος ἔξω καὶ πρὸς ἐτέρους τῆς κακονοίας τὴν περιεργίαν ὥσπερ ὀφθαλμὸν ἐντίθησι, τοῖς δ' ἐαυτῶν ἀμαρτήμασι καὶ κακοῖς πολλάκις περιπταίομεν ὑπὸ ἀγνοίας, ὅψιν ἐπ' αὐτὰ καὶ φῶς οὐ πορίζομενοι. διὸ καὶ τοῖς ἐχθροῖς ὠφελιμώτερός ἐστιν ὁ πολυπραγμονῶν· τὰ γὰρ ἐκείνων ἐλέγχει καὶ προφέρεται καὶ δείκνυσιν αὐτοῖς ἃ δεῖ φυλάξασθαι καὶ διορθῶσαι, τῶν δ' οἴκοι τὰ πλεῖστα παρορᾷ διὰ τὴν περὶ τὰ ἔξω πτόησιν.

Tradução:

Sobre a indiscrição 515d-516a

Desde que então, a paixão é algo nocivo e doentio, mantendo a alma no inverno e na escuridão, mas melhor é expulsar e destruir tais coisas até a base, dando a si mesmo ar fresco e luz, e uma respiração tranquila. Mas se não, é com certeza preciso mudar e equilibrar de um jeito ou de outro, torcendo ou virando. Assim a indiscrição é bem direta que é o amor pelo aprendizado dos males dos outros, uma doença que não imagina estar limpa nem da inveja nem da malícia.

e por que o mal do outro, ó homem mais infame,
esquadrinhas, e o próprio esquelhas?

Muda por fora e altera dentro a indiscrição; se te alegras administrando a história dos males, tens em casa muita distração: "grande como as águas do Alizão ou como as folhas em torno do carvalho", tal multidão encontrarás de erros na vida, de comoção na alma e de negligências nas obrigações. Como diz Xenofonte que para os proprietários há um lugar próprio para os utensílios acerca do sacrifício, um próprio para os acerca dos jantares, aquele outro para repousarem as coisas do campo, sem as da guerra; assim, contudo, existem para ti os males da inveja, depósito és dos [que vêm] do ciúme, dos da covardia e dos da mesquinha. Tais males ataca, tais males vigia: bloqueia as janelas dos vizinhos e as entradas da indiscrição, e outras abre que levem a ti mesmo, à tua masculinidade, à tua feminilidade, aos modos de vida servis; lá esse amor aos inqueritos e essa intromissão têm distrações não inúteis nem maliciosas, mas vantajosas e sãs, de cada um para si mesmo dizendo:

Como me alterei? O que fiz? O que de necessário para mim não terminei?

Mas agora, como no mito, dizem que a Lâmia ao se deitar em casa está cega, pois coloca depositados os olhos em algum pote, mas ao sair para fora os coloca para ver, assim também cada um de nós ao sair coloca como olho a curiosidade com malícia para os outros, mas com os próprios erros e males muitas vezes nós tropeçamos por causa da ignorância, por não termos fornecido visão nem luz sobre eles. E portanto o indiscreto é mais vantajoso aos inimigos, pois questiona, apresenta e exhibe esses males deles para eles, coisas que são necessárias de observar e endireitar, mas negligencia a maioria dos de casa por causa da paixão pelos de fora.

Comentário:

πολυπραγμοσύνης, περιεργία - a primeira palavra é algo complicada de ser vertida para uma só palavra em qualquer língua latina, pois já era complicada de ser traduzida para o próprio latim, como notou Aulo Gélio (cf. Plutarch, 2005, p. 471, esp. nota c, mas o tradutor, W. C. Helmbold introduz o tratado apenas comentando sobre sua tradução, o que é útil para qualquer tradutor). A primeira acepção dicionarizada é "curiosidade", que parece refletir bem os motivos dos dois radicais unidos nessa palavra: πολύς, "muito", e πράγμα, "ato, feito, coisa", o que resulta em algo como "interesse em muita coisa", tentando manter aí um neutro plural; que é o que o dicionário fornece em seguida como "procura por conhecimento" (*LSJ*, 1996, p. 1442). Na verdade, a palavra curiosidade tem, como já foi sugerido pelos tradutores, dois aspectos em si, um saudável que reflete essa procura pelo conhecimento: "desejo intenso de ver, uir, conhecer, experimentar alguma coisa geralmente nova, original, pouco conhecida ou da qual nada se conhece"; e outro mais nefasto que é a vontade de saber da vida do outro: "desejo inquieto, e frequentemente malévolos, de se inteirar de segredos ou particularidades de vida alheia; indiscrição, bisbilhotice" (ambas as citações retiradas de Houaiss, 2008, p. 894). No caso desse tratado específico, Plutarco debate sobre as características e as consequências desse último aspecto, considerando-o uma péssima característica pessoal. Contudo, o substantivo curiosidade não tem uma acepção tão negativa assim em português, em que se usa "indiscrição" ("curiosidade excessiva e inconveniente", Houaiss, 2008, p. 1606) mais com essa finalidade de indicar a ação de alguém que não respeita a privacidade do outro, e por isso adotou-se esse substantivo português para traduzir o substantivo grego. Já a περιεργία é definida pelo *LSJ* primeiramente como "futilidade", mas depois também como "curiosidade, intromissão" (*LSJ*, 1996, p. 1373). Optou-se por

traduzir esse substantivo por "intromissão" (Houaiss, 2008, p. 1640). Assim, nenhum dos dois substantivos foi traduzido aqui por "curiosidade", uma vez que Plutarco está focando seu discurso apenas nas acepções funestas dos substantivos, e não na característica primeira do curioso que é a vontade de obter conhecimento, que não é malévolos, mas que, pelo contrário, é bem vista e confere à palavra curiosidade um sentido benéfico em português, expresso em sua primeira acepção, ao contrário das duas palavras escolhidas para serem usadas nesta tradução, cuja significação não tem bons aspectos.

παραβλέπω, παροράω - são dois verbos que aparecem no texto do autor para denotar um olhar que passa paralelo ao que devia olhar, que se dirige à uma direção errada. O primeiro significa "olhar de lado, olhar com suspeita, ver errado, desprezar", podendo ser traduzido também pela famosa expressão do português brasileiro: "olhar de rabo de olho", "olhar de esguelha" (*LSJ*, 1996, p. 1305). O segundo verbo tem só a primeira acepção fora desse campo semântico, "notar", mas depois tem as mesmas acepções do primeiro, "olhar errado, olhar de lado, ignorar" (*LSJ*, 1996, p. 1343). Assim, optou-se por tentar fazer uma diferenciação na tradução dos dois verbos, tendo sido o primeiro traduzido por "esguelhar", e o segundo por "negligenciar", palavra que também é usada por outros tradutores, muitas vezes para os dois verbos.

ἁμαρτάνω, ἁμαρτία - o verbo tem como acepção mais antiga "errar o alvo", e a partir dessa significação vieram as outras mais genéricas de "errar, falhar" e mais raramente "negligenciar", e daí o substantivo derivado do verbo, "erro, falha", como afirma Chantraine: "Esses termos têm em comum o fato de designar um erro de julgamento, de gesto ou de conduta" (*LSJ*, 1996, p. 77; "Ces termes ont en commun de désigner une erreur dans le jugement, dans un gest ou dans la conduite", Chantraine, 1968, p. 71, tradução própria).

ἐν τῷ μύθῳ - o uso do artigo definido acompanhando o substantivo μῦθος é indicativo de que, para o autor, o mito da lâmia não era um mito qualquer.

τὴν Λάμιαν λέγουσιν οἴκοι μὲν εὔδειν τυφλήν - "dizem que a lâmia em casa se deita cega", ou "está cega ao se deitar", Plutarco dá a informação e depois explica a razão disso acontecer: ela tira os olhos e os coloca num pote, e depois os recoloca novamente quando vai sair de casa. Contudo, Plutarco não menciona a parte do mito em que Zeus teria dado à lâmia tal capacidade, apenas usa o exemplo para mostrar como funciona a curiosidade nas pessoas, que parecem portar-se como a lâmia: fecham seus olhos para não ver os problemas em casa (como a lâmia que os retira,

literalmente; o substantivo "casa" aqui podendo ser entendido com duplo sentido: tanto como a casa objeto, local em que se habita, quanto também como a casa corpo, interior do ser, onde habita a alma de cada um) mas deixam-nos bem abertos ao saírem à rua, para verem os problemas dos outros (novamente como a lâmia, que recoloca os olhos para poder enxergar ao deixar sua casa). Nada mais menciona sobre o mito da lâmia, o que parece mostrar que Plutarco assume que é um mito bem conhecido, e que por isso não há necessidade de ficar dando maiores detalhes. Ele só usa o artigo definido tanto para caracterizar o mito quanto para caracterizar a lâmia. São dados conhecidos do público para o qual ele estava escrevendo.¹³⁴

ἀγγεῖον - esse substantivo neutro denomina um "vaso" qualquer, um "receptáculo", "reservatório", mas também pode ser usado para significar "caixão, sarcófago", e também para denominar os vasos do corpo humano e animal, e mais tardiamente foi usado para denominar genericamente o "corpo" (*LSJ*, 1996, p. 7).

¹³⁴ Os tradutores franceses da edição da *Belles Lettres* explicam o que era a lâmia em uma nota complementar à sua tradução, jogando um pouquinho de luz sobre o texto, bem ao gosto de Plutarco: "Lâmia era um bicho-papão com que se assustava os pequenos atenienses"- "Lamia était un croque-mitaine dont on effrayait les petits athéniens" (Plutarque, 1975, p. 325 nota 4 referente à p. 267, tradução própria).

Παυσανίας - Pausânias
(ca. 110 d.C. - ca. 180 d.C.)

Introdução:

A *Descrição da Grécia* de Pausânias é composta de 10 livros, e chegou até nossos dias através de 18 manuscritos, todos pertencentes à coleção de um humanista florentino do século XV chamado Niccolò Niccoli. O Brasil não tem nenhuma tradução completa dessa obra, e um dos poucos estudos aqui produzidos é a dissertação de mestrado de Vivian Caldeira, de 2011, em que se baseia esta introdução.¹³⁵ Essa autora afirma que pouco se sabe acerca tanto da obra quanto de seu autor, e que Pausânias não assinou a obra nem atribuiu-lhe o título pelo qual hoje é conhecida. Tais ações são atribuídas a Estéfano de Bizâncio, em sua obra *Ἐθνικά* (*Ethniká*), por volta de 535 d.C., onde aparece pela primeira vez o título *Descrição da Grécia*, e o nome de seu autor.¹³⁶

Sobre as datações, tanto acerca do nascimento do autor quanto da composição dos livros da obra, há muita discussão e poucas conclusões.¹³⁷ Contudo, seguindo certas referências do próprio autor, pode-se inferir que teria nascido no primeiro quarto do século II d.C., e que por volta de 165 o livro I já estaria escrito, pois Pausânias diz que não menciona o Odeon de Herodes Ático no livro sobre a Ática (livro I), pois quando ele foi finalizado a obra do teatro ainda não havia sido iniciada, fato que ocorreu pouco depois da morte da esposa de Herodes, que ocorreu entre 160-161.¹³⁸ Aparentemente, ele teria acelerado a escrita dos livros a partir de 174, no final de sua vida. Vivian afirma que os comentadores normalmente situam o nascimento de Pausânias entre 115 e 120 d.C., no reinado de Adriano, na Ásia Menor, e parecem concordar que ele não viveu além do ano 180.¹³⁹

Texto grego retirado do programa *Diogenes*, de SPIRO, F. (ed.) *Pausaniae Graeciae descriptio*. Leipzig: Teubner, 1967.

¹³⁵ Caldeira, 2011, pp. 9-27 (Introdução e Capítulo 1).

¹³⁶ Estéfano de Bizâncio foi um professor e gramático de Constantinopla que viveu durante o reinado de Justiniano (527-565 d.C.), e a respeito de quem também não se sabe muitas informações.

¹³⁷ Cf. Caldeira, 2011, pp. 15-17, em que Vivian descreve as controvérsias, nomeia os debatedores e apresenta as argumentações de cada um, o que não será feito aqui por não ser esse o objetivo desse trabalho.

¹³⁸ Caldeira, 2011, p. 16.

¹³⁹ Caldeira, 2011, p. 17 e 18. Nas páginas 18 a 20 a autora resume o debate acerca do local de nascimento de Pausânias, que muitos pensam ter sido na Lídia, na cidade de Magnésia; e a partir da página 20 ela vai refletindo sobre a consciência política do autor: ele se via como grego, como romano, ou como lídio? E depois ela passa a analisar a estrutura dos livros.

ΕΛΛΑΔΙΟΣ ΠΕΡΙΗΓΗΣΕΩΣ, ΦΩΚΙΚΑ, ΛΩΚΡΩΝ ΟΖΟΛΩΝ - 10.12.1

Πέτρα δέ ἐστὶν ἀνίσχουσα ὑπὲρ τῆς γῆς: ἐπὶ ταύτῃ Δέλφοι σταῖσαν φασὶν ἄσαι τοὺς χρησμοὺς γυναικα ὄνομα Ἡροφίλην, Σίβυλλαν δὲ ἐπὶκλήσιν. τὴν δὲ πρότερον γενομένην, ταύτην ταῖς μάλιστα ὁμοίως οὔσαν ἀρχαίαν εὗρισκον, ἣν θυγατέρα Ἑλληνες Διὸς καὶ Λαμίας τῆς Ποσειδῶνός φασὶν εἶναι, καὶ χρησμούς τε αὐτὴν γυναικῶν πρώτην ἄσαι καὶ ὑπὸ τῶν Λιβύων Σίβυλλαν λέγουσιν ὀνομασθῆναι.

Tradução:**Descrição da Grécia, Fócica, Lócria Ozólia - 10.12.1**

"Há uma pedra que se projeta acima da terra: sobre ela dizem os délficos que ficava uma mulher de nome Herofile e sobrenome Sibila, que proferia os oráculos. A que primeiro se tornou [uma sibila], tão antiga quanto as seguintes, esta os helenos dizem ser filha de Zeus e de Lâmia, filha de Poseidon, e que foi a primeira das mulheres a proferir oráculos, e que dizem ter sido chamada de Sibila pelos líbios."

Comentário:

ΛΩΚΡΩΝ ΟΖΟΛΩΝ - A Lócria Ozólia era uma região localizada no Golfo Coríntio, na Grécia. Fazia fronteiras ao norte com a Dória, ao leste com a Fócida e a oeste com a Etólia. Seus habitantes eram chamados lócrios.¹⁴⁰

Σίβυλλα - todo o capítulo 12 do livro 10 é dedicado por Pausânias à linhagem das sibilas que proferiram os oráculos de Apolo. O *LSJ* informa que os escritores mais antigos reconheciam apenas uma sibila, que ficaria ou em Éritras ou Cumas. Chantraine esclarece a questão afirmando que, em um primeiro momento, a Sibila exercia sua função de profetisa em Éritras (Líbia, Ásia Menor), mas que depois veio para o Ocidente, para Cumas (na região da Campânia, Itália). Há muitas lendas que remetem às sibilas, ou à Sibila, na mitologia greco-romana, que mostram o papel decisivo que essas profetisas exerceram nessas culturas, com seus oráculos. Uma dessas sibilas, ao que tudo indica, a segunda, era tida como filha de Lâmia e Zeus, e proferia oráculos em Éritras, local onde elas eram mais reconhecidas na Antiguidade. Na época tardia, o número de sibilas aumentou, e elas se espalharam pelo mundo greco-romano. É preciso notar que muitas vezes a profetisa era a porta-voz de

¹⁴⁰ Um mapa ilustrativo dessa divisão regional da Grécia pode ser encontrado no Apêndice II: ilustrações, p. 184.

desgraças, e que ela acabou por cair junto com o paganismo (cf. *LSJ*, 1996, p. 1596; Chantraine, 1968, p. 1001; Grimal, 2005, pp. 416-417).

Κλαύδιος Γαληνός - Cláudio Galeno
(129-ca. 217 d.C.)

Introdução:

A medicina antiga era constituída de três partes principais: a dietética, a cirurgia, e a farmacologia.¹⁴¹ De Hipócrates a Apuleio, uma das principais preocupações dos médicos antigos era com a dieta de cada pessoa, entendida em um sentido mais amplo e não restrito somente à alimentação, mas num sentido que englobava a ginástica, a atividade sexual, o trabalho, os banhos, o sono, a purgação e o vômito (como práticas preventivas).¹⁴² Assim, muitos dos tratados médicos antigos se concentram na relação dietética-saúde, e versam sobre os alimentos benéficos e maléficis à digestão, que era entendida como o processo do qual dependia a nutrição do corpo inteiro. Os médicos antigos entendiam que uma boa alimentação podia tornar a cura mais rápida e eficiente, além de manter um homem continuamente saudável.¹⁴³ Segundo todos esses tratados médicos, a pessoa deveria dar preferência à ingestão de alimentos fáceis de digerir, a fim de manter um bom funcionamento corporal, além de fazer ginástica e não exagerar em nada, sendo o princípio do equilíbrio e da moderação fundamental nesse sentido.¹⁴⁴

Galeno, que nasceu em Pérgamo, viveu a maior parte de sua vida em Roma, chegando a ser médico pessoal do imperador Marco Aurélio, mas escreveu seus inúmeros tratados em grego.¹⁴⁵ O texto sobre as propriedades dos alimentos é um texto tardio na carreira do médico pergamense. Sua importância maior reside no fato de mostrar "algumas das opiniões de Galeno sobre a natureza do conhecimento médico e sobre como ele deveria ser logicamente validado", e também no fato de, como todos os trabalhos de Galeno, ser a única fonte para o conhecimento do trabalho de outros médicos da Antiguidade, cuja obra foi completamente perdida.¹⁴⁶ Essa sua obra é considerada um tratado de dietética: fala principalmente sobre a saúde do corpo, a boa nutrição, as propriedades dos alimentos e sua facilidade/dificuldade de digestão, seu valor para o corpo. Galeno divide os animais em categorias e faz muitas referências a espécies diferentes, inclusive à sua catalogação por "pesquisadores" anteriores, como Aristóteles, Plínio, o velho, e Filótimo, em cujo texto ele parece se basear. Powell diz que "sua pesquisa no presente trabalho repousa em seu

¹⁴¹ Mazzini, in Flandrin & Montanari, 1998, p. 254.

¹⁴² Mazzini, in Flandrin & Montanari, 1998, p. 255; Powell, 2003, p. 4-6.

¹⁴³ Mazzini, in Flandrin & Montanari, 1998, p. 256-258 e 261-262; Powell, 2003, p. 2-4.

¹⁴⁴ Mazzini, in Flandrin & Montanari, 1998, p. 258.

¹⁴⁵ Powell, 2003, p. 2.

¹⁴⁶ Powell, 2003, p. 2: "...it reveals some of Galen's views on the nature of medical knowledge and how that knowledge was logically to be validated".

(aparentemente exaustivo) peneiramento da literatura anterior", que o médico pergamense cita abundantemente nesse tratado, com e sem referências aos autores de suas leituras.¹⁴⁷ As discussões sobre a pertinência dos ensinamentos de Galeno, sua metodologia, a imensa influência de seus tratados médicos na medicina ocidental, e suas contribuições à ciência médica e à farmacologia não interessam a este trabalho por não estarem na esfera de seu debate principal. Todas essas questões podem ser vistas, em termos mais genéricos, na introdução da tradução de Powell, e na bibliografia gigantesca produzida ao longo dos séculos sobre Galeno e sua obra.¹⁴⁸ Também há, ainda na introdução, uma discussão muito produtiva sobre a tradução da palavra grega δύναιμι no contexto da obra de Galeno.¹⁴⁹

O grande desafio de traduzir esse trecho da obra de Galeno foi o mesmo enfrentado na tradução do texto de Aristóteles: a falta de catálogos de espécimes de peixes/tubarões mediterrâneos (e também de um livro científico sobre a família dos lamnídeos, neste contexto específico).¹⁵⁰ Tais obras existem (COMPAGNO, L. J. V., *FAO Species Catalogue. Vol. 4 - Sharks of the World: an Annotated and Illustrated Catalogue of Shark Species Known to Date. Parts 1 and 2.* United Nations Development Programme, Food and Agriculture Organization of the United Nations: Rome, 1984; THOMPSON, D.W. *A Glossary of Greek Fishes.* Oxford University Press, 1947; PAPAKONSTANTINOY, Costas. *Fauniae Graeciae vol. IV: ΚΑΤΑΛΟΓΟΣ ΤΩΝ ΘΑΛΑΣΣΙΩΝ ΙΧΘΥΩΝ ΤΗΣ ΕΛΛΑΔΑΣ.* Athens, 1988; apenas para citar três dentre muitas), mas o acesso a elas no Brasil é restrito, infelizmente. Pretende-se consultar esses guias antes de se finalizar a tese prevista como continuidade desta pesquisa. Portanto, as referências usadas para identificar as espécies de peixe foram obtidas em dois sítios na internet, o fishbase.org e o marinespecies.org, que são boas fontes de informação, apesar de não serem catálogos científicos. Esses sítios fornecem descrição, distribuição geográfica, hábitos, história da nomenclatura científica, e até mesmo os nomes comuns nos diversos países em que o espécime é avistado, o que é de muita ajuda na hora da tradução.

¹⁴⁷ Powell, 2003, p. 6, dois últimos parágrafos.

¹⁴⁸ Powell, 2003, *Introduction*, pp. 2-19.

¹⁴⁹ Powell, 2003, *Introduction*, "Properties", pp. 9 e 10, e "Galen's theories on digestion and nutrition", pp. 13-18.

¹⁵⁰ Powell, nas páginas 20 a 28 de seu livro, discute suas dificuldades de tradução dos termos médicos que aparecem em todo o tratado. Não houve, na tradução do trecho selecionado do *sobre as propriedades dos alimentos*, muita dificuldade com a tradução desses termos, porque aparecem pouco, de modo que se julgou suficientes as informações obtidas nos dicionários usados para tal fim.

O texto grego foi retirado do programa *Diogenes*, de HELMREICH, G. (ed.) *Corpus medicorum Graecorum*. Leipzig: Teubner, 1923. v. 5.4.2.

Περὶ τῶν σκληροσάρκων ἰχθύων - 6.726.15 - 6.730.13

Καὶ περὶ τούτων ὁ <Φυλότιμος> ἔγραψεν κατὰ λέξιν οὕτως ἐν τῷ δευτέρῳ Περὶ τροφῆς· «δράκοντες τε καὶ κόκκυγες καὶ γαλεώνυμοι καὶ σκορπίοι καὶ | τραχοῦροι καὶ τρίγλαι καὶ πάλιν ὄρφοι τε καὶ γλαῦκοι καὶ σκάροι καὶ κύνες καὶ γόγγροι καὶ φάγροι καὶ πρὸς τούτοις ἀετοὶ καὶ **λαμῖαι** καὶ ζύγαινοι καὶ πάντες οἱ σκληρόσαρκοι δυσκατέργαστοὶ τ'εἰσὶ καὶ παχεῖς καὶ ἄλυκοὺς ἀναδιδόασιν χυμούς.» αὕτη μὲν ἢ τοῦ <Φυλοτίμου> ῥῆσις. ἐπισκεψώμεθα δ' ἕκαστον τῶν κατ' αὐτὴν εἰρημένων ἀπὸ τῆς ἀρχῆς.

οἱ μὲν οὖν δράκοντες καὶ οἱ κόκκυγες ἐναργῶς ἅπασιν φαίνονται τοῖς προσενεγκαμένοις αὐτοὺς σκληρὰν ἔχοντες τὴν σάρκα. τῶν γαλεῶν δ' οὐχ ἓν εἶδός ἐστιν· ὁ γὰρ τοι παρὰ Ῥωμαίοις ἐντιμώτατος ἰχθύς, ὃν ὀνομάζουσι γαλαξίαν, ἐκ τοῦ τῶν γαλεῶν ἐστὶ γένους, ὃς οὐδὲ γεννᾶσθαι δοκεῖ κατὰ τὴν Ἑλληνικὴν θάλατταν, καὶ κατὰ τοῦτο γε καὶ ὁ <Φυλότιμος> αὐτὸν ἠγνοῦν φαίνεται. γέγραπται μέντοι διττῶς ἐν τοῖς ἀντιγράφοις τοῦνομα, γαλεοὶ μὲν ἐν τρισὶ συλλαβαῖς κατ' ἓνια, γαλεώνυμοι δ' ἐν πέντε κατ' ἄλλα. καὶ δηλονότι τῶν ἀπαλοσάρκων ἐστὶν ὁ παρὰ Ῥωμαίοις ἐνδοξος γαλαξίας, οἱ δ' ἄλλοι γαλεοὶ σκληρόσαρκοι μᾶλλον εἰσι.

σκορπίους δ' ἐφεξῆς καὶ τραχοῦρους καὶ τρίγλας ὄρφους τε καὶ γλαύκους ὁ <Φυλότιμος> ἐν τοῖς σκληροσάρκοις | ὀρθῶς καταλέγει. σκάρους δ' αὐτοῖς συγκαταριθμῶν ἀμαρτάνει τῶν πετραίων ἰχθύων ὄντας. ἐξῆς δὲ κύνας ἔγραψεν, οὓς ἐν τοῖς κητώδεσιν ἐχρῆν ἠριθμῆσθαι σκληρὰν καὶ περιττωματικὴν ἔχοντας τὴν σάρκα καὶ διὰ τοῦτο τεμαχιζομένους τε καὶ ταριχευομένους ἐδωδὴν τ' ὄντας ἀνθρώπων τῶν ἐπιτυχόντων· καὶ γὰρ ἀηδεῖς εἰσι καὶ βλενωδεις καὶ διὰ τοῦτο καὶ διὰ νάπυός τε καὶ ὀξελαίου καὶ τῶν οὕτω δριμέων ὑποτριμμάτων αὐτοὺς ἐσθίουσιν.

ἐκ τούτου τοῦ γένους εἰσὶ καὶ φάλαινοι καὶ δελφῖνες καὶ φῶκαι· πλησίον δ' αὐτῶν ἤκουσι καὶ οἱ μεγάλοι θύννοι, καίτοι τῆ γ' ἡδονῆς τῆς ἐδωδῆς οὐχ ὅμοιοι τοῖς προειρημένοις ὄντες· ἀηδεῖς γὰρ ἐκεῖνοι καὶ μάλιστα πρόσφατοι, ταριχευθέντες δ' ἀμείνους γίνονται. τῶν δ' ἐλαττόνων θύννων κατὰ τε τὴν ἡλικίαν καὶ τὸ μέγεθος οὐθ' ἢ σὰρξ ὁμοίως σκληρά, καὶ πεφθῆναι δηλονότι βελτίους εἰσὶ· καὶ τούτων ἔτι μᾶλλον αἱ πηλαμύδες, αἱ καὶ ταριχευθεῖσαι τοῖς ἀρίστοις ταρίχεσιν ἐνάμιλλοι γίνονται. πλεῖστα δ' ἐκ τοῦ Πόντου κομίζονται τῶν ἐκ τῆς Σαρδοῦς καὶ τῶν ἐκ τῆς Ἰβηρίας μόνων ἀπολειπόμενα. τιμιώτατον γὰρ δὴ τοῦτο | τὸ τάριχος εἰκότως ἐστὶν ἡδονῆς τε

καὶ μαλακότητος ἕνεκα τῆς σαρκός, ὀνομάζεται δὲ συνήθως ὑπὸ πάντων ἤδη τὰ τοιαῦτα ταρίχη σάρδαι. μετὰ δὲ τὰς σάρδας τε καὶ πηλαμύδας οἱ ἐκ τοῦ Πόντου κομιζόμενοι μύλλοι τετίμηνται καὶ μετ' αὐτοῦς οἱ κορακῖνοι. ταῦτα μὲν οὖν ἐν παρέργῳ περὶ τῶν ταριχευθέντων ἰχθύων εἰρήσθω.

ζυγαινῶν δὲ καλῶς ἐμνημόνευσεν ὁ <Φυλότιμος> ἐν τοῖς σκληροσάρκοις· ἐχρῆν δὲ καὶ τῆς ἀηδίας αὐτῶν μεμνήσθαι, καθάπερ γε καὶ τῶν σαλπῶν, ἃς ὅλως γε παρέλιπε. γόγγρους δὲ καὶ φάγρους καὶ **λαμίας** καὶ ἀετοῦς ὀρθῶς εἶπε σκληροσάρκους εἶναι. καὶ ἄλλοι δὲ τινες, ὡς αὐτὸς ἔφη, τῶν σκληροσάρκων ἰχθύων εἰσίν, ὧν οὐκ εἶπε τὰς προσηγορίας, ὅτι μηδ' ἐν πολλῇ χρήσει τοῖς ἀνθρώποις εἰσίν· ὅθεν ἄμεινόν ἐστιν ἐπισκέψασθαι περὶ τῆς δυνάμεως αὐτῶν ἐάσαντας τὰς προσηγορίας. ὅτι μὲν οὖν οἱ σκληρόσαρκοι δυσκατεργαστότεροι τῶν μαλακοσάρκων εἰσίν, ὀρθῶς εἶπεν ὁ <Φυλότιμος>. ἢ τε γὰρ ἐν τῇ γαστρὶ πέψις ἢ τ' ἐν ἥπατι καὶ φλεψὶν αἰμάτωσις ἢ τε καθ' ἕκαστον τῶν τρεφομένων μορίων ἐξομοίωσις ἐπὶ μὲν τοῖς μαλακωτέροις ῥάων ἐστίν, | ἐπὶ δὲ τοῖς σκληροτέροις χαλεπωτέρα. γίγνεται μὲν γὰρ ἀλλοιουμένων αὐτῶν ταῦτα, ῥᾶον δ' ἀλλοιοῦνται τὰ μαλακώτερα, διότι καὶ πάσχειν ἐτοιμότερα· πάθος δ' ἐστὶ τῶν ἀλλοιουμένων ἢ ἀλλοίωσις. ὀρθῶς οὖν εἶπεν αὐτοῦς εἶναι δυσκατεργάστους, ὀρθῶς δὲ καὶ παχέος χυμοῦ γεννητικούς· ἢ μὲν γὰρ σκληροτέρα τροφή παχυτέραν ἔχει τὴν οὐσίαν, ἢ δὲ μαλακώτερα λεπτοτέραν.

εἰ δὲ καὶ ἄλυκους ἢ σκληροτέρα τροφή τοὺς χυμοὺς ἐργάζεται, σκεπτέον ἐφεξῆς. ὁ μὲν γὰρ <Φυλότιμος>, ὥσπερ γε καὶ ὁ διδάσκαλος αὐτοῦ <Πραξαγόρας>, τὸν ἄλυκὸν χυμὸν ἐκ τῶν ἐπὶ πλεόν θερμαινόντων γεννᾶσθαι φησιν. ἐμοὶ δ' οὐχ ἀπλῶς δοκεῖ δεῖν, ἀλλὰ μετὰ διορισμοῦ ποιεῖσθαι τὴν ἀπόφασιν. ἐπεὶ δὲ κοινὸς ὁ λόγος ἐστὶν ἀπάντων τῶν σκληρῶν ἐδεσμάτων, ἴδιον αὐτῷ κεφάλαιον ἀποδόντες ἐφεξῆς σκεψώμεθα.

Tradução:

Sobre os peixes de carne dura - 6.726.15 - 6.730.13

Também sobre estes, literalmente de acordo com o segundo livro do *Sobre a nutrição*, Filótimo escreveu assim: «Peixes-aranha e também ruivos, tubarões, peixes-escorpião, garapaus, salmonetes e, de novo, garoupas e também glaucos, peixes-papagaio, cações, enguias-do-mar, pargos e, além destes, ratões-águia, **tubarões-brancos**, tubarões-martelo, e todos os de carne dura, são indigestos, e são também densos e expelem humores salgados.» Esta é a declaração de Filótimo. Investigaremos cada um dos mencionados por ela desde o princípio.

Os peixes-aranha e os ruivos mostram visivelmente terem carne dura a todos que lidam com eles. Mas não há uma só espécie dentre os tubarões. Com certeza, sem dúvida, o peixe mais estimado pelos romanos, o que eles chamam de galáxias, é do gênero dos tubarões, pensa-se que ele não foi gerado dentro do mar helênico, e por isso mesmo o Filótimo parece ignorá-lo. O nome foi escrito de duas maneiras nas cópias: galeói, com três sílabas, em algumas, e galeónymoi, com cinco, em outras. Mas é evidente que o galáxias adorado pelos romanos é dos de carne macia, sendo que os outros tubarões, de carne dura, são muito mais numerosos.

Em seguida Filótimo cataloga corretamente peixes-escorpião, garapaus, salmonetes, garoupas e também glaucos, entre os de carne dura. Mas erra ao incluir os peixes-papagaio com eles, sendo eles dos peixes pétreos. Depois escreveu sobre os cações, os quais nos cetáceos precisava ter incluído, por terem a carne dura e cheia de excreções, e por isso também, têm sido cortados e salgados, e são a comida dos homens comuns. De fato, são desagradáveis e pegajosos, e, por isso, os comem com mostarda e azeite e vinagre, e com misturas acres.

Desse gênero são também baleias, golfinhos e focas, e próximo a estes estão os atuns grandes, mas com certeza não são semelhantes aos antes mencionados no prazer da comida. Pois aqueles atuns são desagradáveis e, mesmo os mais frescos, se tornam melhores tendo sido salgados. Os atuns mais novos não têm a carne igualmente dura ao máximo e são claramente melhores de digerir. E ainda mais que esses, os atuns filhotes que, ao serem salgados, se tornam equivalentes aos excelentes bacalhaus. A maioria vem do Ponto e só fica atrás dos da Sardenha e dos da Ibéria. Pois é claro que, e com razão, este peixe salgado é o mais valorizado, por causa do prazer e também por ter a carne mais macia, sendo que tais bacalhaus já são habitualmente chamados sardinhas por todos. Depois das sardinhas e também dos atuns filhotes, as corvinas que vêm do Ponto e depois delas, os corvinhos. Essas são, então, as coisas que disse, numa digressão, a respeito dos peixes secos e salgados.

Filótimo mencionou acertadamente os tubarões-martelo nos de carne dura. Mas precisava ter mencionado o fato de serem desagradáveis, e assim também as salemas, que deixou de lado completamente. Disse corretamente que enguias-do-mar e também pargos, **tubarões-brancos** e ratões-águia são de carne dura. E também alguns outros, como ele falou, são peixes de carne dura, dos quais não disse os nomes porque não são muito usados pelos homens. Do que é melhor investigar sobre a faculdade deles, deixando os nomes para lá. Então, que os de carne dura são mais

indigestos que os de carne macia disse corretamente o Filótimo. De fato, a digestão, no estômago, a transformação do sangue, no fígado e nas veias, e a absorção por cada parte a ser nutrida, é mais fácil com relação aos mais macios, com relação aos mais duros é mais difícil. Na verdade, tais coisas acontecem por eles serem mutáveis, pois mais facilmente mudam os mais macios porque são os mais propensos a ser afetados: a mudança é condição dos mutáveis. Corretamente disse então que eles são indigestos, e também corretamente, de rápido humor generativo. De fato, o alimento mais duro tem a consistência mais densa, o mais macio, mais leve.

E também, se o alimento mais duro produz humores salgados, investigar-se-á em seguida. De fato, Filótimo, assim como o professor dele, Praxágoras, dizem que o humor salgado é gerado a partir das (carnes duras) que são longamente aquecidas. Não penso em simplesmente questionar, mas, depois da definição, produzir a resposta. E já que é comum esse discurso para todas as carnes duras, o investigaremos em um capítulo próprio, retornando em seguida.

Comentário:

γαλεώνυμοι, γαλεός, κύνες, γαλαξίας - o *LSJ* identifica com a mesma espécie as palavras κύων e γαλεός, ambas são identificadas com o tubarão-cachorro comum, *Squalus acanthias* (chamado "dogfish" em inglês; cf. *LSJ*, 1996, pp. 336 e 1015), que seria um pequeno tubarão, não grande como um tubarão identificado como λάμια. O próprio Galeno diz em seu texto que tanto γαλεός quanto γαλεώνυμος são usadas para identificar o mesmo tipo de peixe, e que a variação é dada pelas diferenças entre as cópias do texto de Filótimo (parece claro então que ele teve acesso a mais de uma dessas cópias). Owen Powell, que traduziu e editou o texto para Cambridge, comenta que D'Arcy Thompson (escreveu um glossário de peixes gregos) diz que tal peixe pode ser uma lampreia (*Petromyzon marinus*), e que tanto γαλεός quanto γαλεώνυμος são identificados com o "dogfish" (Powell, 2003, p. 183, 727). Escolheu-se manter a tradução genérica de tubarão para essas duas últimas palavras, e traduzir κύνες por "cação", que é o nome genérico atribuído aos tubarões de pequeno porte no Brasil — o *Squalus acanthias* é chamado cação-bagre, cação-espinho e cação-prego. Parece ser um pouco forçado achar que γαλεός é uma lampreia, por três razões principais: primeira, o próprio Galeno diz que as duas palavras são usadas para nomear o mesmo tipo de peixe; segunda, Aristóteles, antes de Galeno, usa o termo para se referir especificamente a tubarões (vide *supra* pp. 73-76); e terceira, fenotipicamente

(aparência externa) falando, não há qualquer semelhança entre lampreias e tubarões que permitisse alguma associação possível entre as duas espécies. O nome do peixe amado pelos romanos, o tal γαλαξίας, foi apenas transliterado, como todos os outros cuja identificação foi duvidosa ou impossível.¹⁵¹

τράχουροι - vocábulo formado pela combinação de outros dois: o adjetivo triforme τραχύς, εἶα, ύ, "rude, duro, áspero", e o substantivo οὐρά, "cauda", para nomear um peixe cuja cauda é rígida (*LSJ*, 1996, p. 1812, p. 1272 para cauda).

λάμιαι - Powell, baseando-se novamente em Thompson, identificou esse peixe com o grande tubarão-branco, diferentemente da tradutora portuguesa, Sousa e Silva, que o identificou com o tubarão-mako. De acordo com a classificação biológica, o nome científico do tubarão branco é *Carcharodon carcharias* (Lineu, 1758), mas ele já foi também nomeado *Carcharias lamiae* (Rafinesque, 1810), nomenclatura que não foi aceita. Na Grécia de hoje os nomes comuns do tubarão-branco são: λάμια, καρχαρίας, σκυλόψαρο, σμπρίλλιας, σμπρίλλιος e σκυλόψαρο σμπρίλλιος. A palavra καρχαρίας já existia no grego antigo, e era usada para designar um tipo específico de tubarão, cujos dentes lembravam uma serra (enfileirados um ao lado do outro e bem pontiagudos, *LSJ*, 1996, p. 881; Maniatoglu, 2008, p. 392), sendo que essa denominação aparece em Plutarco e Teofrasto, entre outros. Σκυλόψαρο é a tradução grega exata do nome inglês "dogfish", que os gregos usam não só para o tubarão-branco, mas também para o *Squalus acanthias*, um composto dos vocábulos σκυλί, "cachorro", e ψάρι, "peixe" (Maniatoglu, 2008, p. 677 para σκυλί e σκύλος; *id.* p. 809 para ψάρι). Ainda de acordo com a classificação biológica, a família a que pertencem tanto o tubarão-branco quanto o tubarão-mako é chamada *Lamnidae*, lamnídeos, e engloba os espécimes de corpo fusiforme (parecem torpedos) e nariz pontudo, particularmente ferozes e com várias fileiras de dentes serrilhados na boca. Essa família tem 5 espécies diferentes divididas em 3 gêneros: *Carcharodon*, *Isurus* e *Lamna*. O vocábulo *lamna* vem do grego λάμνα, que é um sinônimo de λάμια (cf. *LJS*, 1996, p. 1027; Heiser, Janis & Pough, 2008, pp. 106-110; Storer, Usinger, Stebbins & Nybakken, 2003, pp. 584-593, a partir da p. 591 está a classificação dos peixes cartilaginosos).¹⁵²

¹⁵¹ Duas imagens podem ser verificadas no Apêndice II: ilustrações deste trabalho, explicando as diferenças fenotípicas entre uma lampreia-do-mar e um cação comum, p. 185.

¹⁵² Há três imagens do tubarão-branco no Apêndice II: ilustrações deste trabalho, pp. 186-187.

σκληροσάρκοι - outro composto muito engenhoso e impossível de traduzir por uma só palavra em português, acabou sendo traduzido como "de carne dura" (*LSJ*, 1996, p. 1612). Σκληρός, adjetivo triforme que significa "duro" mais o substantivo σάρξ, "carne" (*LSJ*, pp. 1585 e 1612). Ainda foi cogitada uma tradução de σκληρός por "fibroso", um sentido de que está destituída a palavra, ou até mesmo por "inflexível", que não é realmente um adjetivo que se usa para caracterizar carnes comestíveis aqui no Brasil, em geral. É apenas importante mencionar que esse adjetivo se opõe ao adjetivo μαλακός, "macio", em todos os sentidos, inclusive nos que se aplicam a conceitos morais e abstratos (cf. *LSJ*, p. 1612).

δυσκατέργαστοι - o *LSJ* dá que essa palavra é derivada do substantivo δυσκατεργασία, "indigestão", e significaria algo como "difícil de ser trabalhado, processado", daí a tradução por "indigesto". O prefixo δυσ- estabelece uma nuance ruim da palavra em que está inserido (*LSJ*, 1996, p. 453); a preposição κατά aparece como infixo e acentua o sentido ruim da palavra, implicando movimento contra a ação principal da raiz da palavra, que é trabalho neste caso, implicando desperdício (*LSJ*, 1996, p. 883, onde se pode observar que os compostos formados pela combinação δυσ + κατά sempre indicam algo "difícil de"); e o substantivo ἐργαστής é o trabalhador, o produtor (*LSJ*, 1996, p. 682).

τῶν γαλεῶν δ' οὐχ ἔν εἰδός ἐστιν - essa frase pode parecer deslocada no texto, mas seu sentido primeiro é apenas informar o interlocutor que nem os peixes-aranha, nem os ruivos são tubarões, para intermediar a informação de que, contrariamente aos dois anteriores, os galáxias são tubarões, apesar de sua carne ser macia e apesar da maioria dos tubarões ter a carne dura. De modo que entendeu-se essa frase como um contraponto: peixes-aranha e ruivos têm a carne dura mas não são tubarões e, apesar da maioria dos tubarões ter a carne dura, os galáxias são tubarões de carne macia. Há um pouco de tudo nesse mundo, para a felicidade dos curiosos.

περιττωματικήν - nesse caso, diferentemente da ocorrência do substantivo de mesma raiz, περίπτωσις, usado por Aristóteles (no primeiro trecho do seu *História dos animais* traduzido neste trabalho, vide *supra* p. 73), foi mantida a tradução por excreção. A tradução por secreção foi pensada devido a uma ignorância médica: secreção é o ato de produção de uma glândula, que secreta o que produziu em algum lugar dentro do corpo, enquanto o ato de excreção é determinado pela ação dos rins, que filtram do sangue o que é indesejado (tóxico) pelo organismo e expõem esses

produtos para fora do corpo através da uretra (Guyton, 1981, pp. 7-9, "Sistema gastrointestinal", "Sistemas metabólicos" e "Sistema excretório").

τεμαχιζομένους, ταριχεομένους - as designações das duas etapas principais do processo de conservação de peixes, numa época sem geladeira: o verbo τεμαχίζω significa "cortar para salgar, fatiar", e o advérbio que dele deriva, τεμαχί, "em pedaços" (*LSJ*, 1996, p. 1774); e o segundo sentido do verbo ταριχεύω, "preservar a comida salgando-a, fazendo conserva dela, ou defumando-a" (o primeiro sentido é "embalsamar, mumificar", cf. *LSJ*, 1996, p. 1758), e se refere especialmente a "peixe seco e salgado". Impossível não pensar em bacalhau, e no mesmo processo usado pelos portugueses e aprendido dos nórdicos, para conservar os peixes por meses a fio em um barco. Assim, visando a similaridade com a cultura brasileira, preferiu-se usar a palavra bacalhau para traduzir o substantivo τάριχος, "carne preservada em sal ou conserva, ou defumada", ao invés de simplesmente usar "peixe preservado", já que na cultura brasileira a palavra "bacalhau" abre o campo semântico dos odores em certos contextos, sobretudo para a lãmia.

ναπούς, ὀξέλαιου, ὑποτριμμάτων - todas indicam temperos usados para acompanhar os peixes salgados. Νᾶπτu tem um sinônimo, σίναπι, mais usado no dialeto ático (*LSJ*, 1996, p. 1160); ὀξέλαιον é uma mistura de vinagre e azeite (*LSJ*, 1996, p. 1234); e ὑπότριμμα é definido como um "preparado composto de vários ingredientes ralados e macerados" (*LSJ*, 1996, p. 1899), composto de ὑπό + τρίμμα, "aquilo que é picado e misturado" (*LSJ*, 1996, p. 1820), substantivo neutro derivado do verbo τρίβω, "efregar, massagear" (*LSJ*, 1996, p. 1817).

μύλλοι, κορακῖνοι - Powell afirma que as duas espécies não foram identificadas, mas o *LSJ* sugere opções que parecem satisfazer as descrições: para μύλλος sugere identificação com *Sciæna umbra*, que é o nome científico das corvinas (*LSJ*, 1996, p. 1152, onde se pode ver que μῦλλον é "lábio", e se se observar imagens de corvinas, pode-se notar que elas têm bocas que aparentam ter lábios), que são peixes muito apreciados por sua carne tenra de sabor suave; e sobre o κορακῖνος primeiro diz que é o diminutivo de corvo (κόραξ, para a formação dos diminutivos em grego cf. Smyth, 1984, p. 235.852.1), depois diz que é um tipo de peixe do rio Nilo, de coloração negra, e daí o nome, que ele diz que é popularmente conhecido em inglês por "tub fish", ou *Trigla corax*. A espécie mais comum de "tub fish" é chamada *Chelidonichthys lucerna* (Lineu, 1758), mas também foi chamada *Trigla corax* (Bonaparte, 1834) e

também *Trigla corvus* (Rafinesque, 1810), nomenclaturas que foram abolidas, e em português é chamada cabra-cabaço.

Πραξαγόρας - médico da segunda metade do século IV a.C., do qual só se tem notícia através de referências feitas em obras outros autores, tanto a ele quanto a suas obras dele mesmo não nos chegou uma obra sequer. Legou à posteridade a ideia de que havia uma conexão entre os nervos e a coluna espinhal; foi o primeiro a fazer distinção entre veias e artérias; é dele também a ideia dos quatro humores que regem a dinâmica corporal, e foi ainda ele quem levantou a ideia de que a maioria das doenças e alterações dos humores corporais advém da má digestão dos alimentos (cf. Hornblower & Spawforth, 2003, p. 1241).

Φυλότιμος - sobre Filótimo nada foi encontrado na bibliografia consultada, a não ser esse relato de Galeno de que ele seria um aluno de Praxágoras.

Observação:

Espécies de peixe citadas por Galeno, identificadas pelo *LSJ* e por Powell/Thompson¹⁵³:

δράκων - "the great weever" (*LSJ*, 1996, p. 448), *Trachinus draco* ("peixe-aranha").

κόκκυξ - "piper" (*LSJ*, 1996, p. 971), *Trigla cuculus/Chelidonichthys cuculus* ("ruivo").

γαλέος, γαλεώνυμος, κύων - "dogfish" (*LSJ*, 1996, pp. 336 e 1015), *Squalus acanthias* ("cação, tubarão").

σκορπίος - "a sea fish" (*LSJ*, 1996, p. 1615), *Scorpaena scrofa* ("peixe-escorpião").

τράχουρος - "horse mackerel" (*LSJ*, 1996, p. 1812), *Caranx trachurus/Trachurus trachurus* ("garapau").

τρίγλη - "red mullet" (*LSJ*, 1996, p. 1817-18), *Mullus barbatus* ("salmonete").

ὄρφως - "great sea-perch" (*LSJ*, 1996, p. 1258), *Epinephelus gigas/Epinephelus marginatus* ("garoupa").

γλαῦκος - "an eatable fish of grey colour" (*LSJ*, 1996, p. 351) - "glaucos".

σκάρος - "parrot-wrasse" (*LSJ*, 1996, p. 1605), *Scarus cretensis/Sparisoma cretensis* ("peixe-papagaio").

γόγγρος - "conger eel" (*LSJ*, 1996, p. 355), *Conger conger* ("enguia-do-mar").

φάγρος - "sea-bream" (*LSJ*, 1996, p. 1911), *Pagrus vulgaris/Pagrus pagrus* ("pargo").

ἀετός - "eagle-ray" (*LSJ*, 1996, p. 29), *Myliobatis aquila* ("ratão-águia").

¹⁵³ Uma tabela dos peixes citados por Galeno e listados por Powell, 2003, pp. 190-191, pode ser encontrada no Apêndice II: ilustrações deste trabalho, p. 187.

λάμια - "fierce shark" (*LSJ*, 1996, p. 1027), *Carcharodon carcharias* ("tubarão-branco"); olhar também *Isurus oxyrinchus*, que é o tubarão-mako identificado com a lâmia pela Professora Sousa e Silva (cf. *supra*, Aristóteles, p. 72-73).

ζύγαινα - "hammer-headed shark" (*LSJ*, 1996, p. 757), *Sphyrna zygaena* ("tubarão-martelo").

γαλαξῆος - "= γαλεός" (*LSJ*, 1996, p. 336) - "galáxias".

μύλλος - "an edible sea-fish" (*LSJ*, 1996, p. 1152), *Sciaena umbra* ("corvina").

κορακῖνος - "a fish" (*LSJ*, 1996, p. 980), *Trigla corax/Chelidonichtys lucerna* ("cabra-cabaço").

σάλπη - "saupe" (*LSJ*, 1996, p. 1582), *Box salpa/Sarpa salpa* ("salema").

Lucius Apuleius - Lúcio Apuleio
(125-180 d.C.)

Introdução:

Apuleio é originário da colônia romana de Madauros (na região da Argélia), era filho de um dos magistrados principais desse lugar, e era lá renomado por difundir as ideias platônicas. Seu prenome é desconhecido, apesar de se afirmar que era Lúcio, como o personagem principal de seu romance, o que se considera baseado numa interpretação biografista de sua obra. Apuleio herdou uma quantia significativa de seu pai, que lhe possibilitou estudar nos lugares mais renomados da Antiguidade à sua época: Cartago e Atenas, visitar o Egito, e estabelecer moradia em Roma.¹⁵⁴

Metamorfoses (Metamorphoseon libri), também conhecido como *O burro de ouro (Asinus aureus)*, é a obra estilo novela escrita por Apuleio, que também escreveu obras filosóficas, científicas e de oratória. Essa categorização da obra pode parecer anacrônica, mas como Delfim Leão afirma categoricamente que "o *Satyricon* de Petrônio e *O burro de ouro* de Apuleio constituem as duas únicas obras latinas existentes que se podem aproximar daquilo que modernamente se convencionou chamar romance", se aplica à obra em questão o rótulo de "romance", ainda que anacronicamente.¹⁵⁵ A *Metamorfoses* está dividida em onze livros que narram as aventuras de um jovem chamado Lúcio, que acabou se transformando em burro por acaso: queria usar uma pomada de uma feiticeira para virar pássaro como ela, e acabou usando a pomada errada. Toda a história só é possível porque ele mantém intacta sua personalidade e sua mente, o que lhe permite narrar suas memórias depois. Lúcio enfrenta muitas situações cômicas, perigosas, e até eróticas em sua forma equina, até sonhar com Ísis que o ensina o modo de voltar à ser homem.¹⁵⁶ Tanto o já referido texto de Petrônio, quanto o *Lúcio ou o burro*, obra atribuída a Luciano de Samósata, são citados como influências quase certas ao texto de Apuleio. Sobre a datação do romance muito se discute, mas o período entre os anos 160 e 170 é geralmente aceito entre os debatedores.¹⁵⁷

Texto latino retirado de APULÉE, *Les metamorphoses*. Texte établi par D. S. Robertson et traduit par Paul Vallette. Paris: Les Belles Lettres, 1956. Tome I (Livres I-III).

¹⁵⁴ Leão, 2007, pp. 9-10; Leinweber, 1994, p. 77.

¹⁵⁵ Cardoso, 2003, p. 129; Leão, 2007, p. 7.

¹⁵⁶ Cardoso, 2003, pp. 129-130; Leinweber, 1994, p. 77.

¹⁵⁷ Leão, 2007, pp. 13-16.

Lucius Apuleius - *Libri Metamorphoseon*, 1.17.4-6

Emergo laetus atque alacer insperato gaudio perfusus et: "Ecce, ianitor fidelissime, comes [et pater meus] et frater meus, quem nocte ebrius occisum a me calumniabaris", et cum dicto Socratem desoculabar amplexus. At ille, odore alioquin spurcissimi humoris percussus quo me Lamiae illae infecerant, uehementer aspernatur: "Apage te" inquit "fetorem extremae latrinae", et causas coepit huius odoris comiter inquirere.

Tradução de Priscilla A. F. Almeida:

Lúcio Apuleio - *Metamorfoses* ou *O burro de ouro*, 1.17.4-6

Levantei-me feliz e contente, inundado por uma inesperada alegria: “eis aí, porteiro fidelíssimo, o meu companheiro e irmão, o qual tu, embriagado, me acusavas esta noite de ter matado”, e enquanto dizia isto, eu beijava e abraçava Sócrates. Ele, por outro lado, inundado pelo fedor do líquido imundo com o qual aquelas Lâmiãs tinham-me inundado, com violência me afasta e diz: “para trás fedor da pior latrina!”, e começou a indagar com interesse as causas daquele odor.

Comentário:

Lamiae - o narrador das *Metamorfoses* usa o substantivo lâmia aqui como um xingamento às feiticeiras que mataram seu amigo e o cobriram de urina. Como o dicionário atribui ao significado dessa palavra a acepção "bruxa" (cf. Glare, 1982, p. 998), não é uma opção que soe estranha. Com essa significação a lâmia se aproxima mais ainda da Lilith hebraica, que é referida por muitos como "bruxa noturna" - "night hag" (cf. *supra* Isaías, pp. 82-83). David Leinweber cita os nomes das duas bruxas que atacam dois personagens no romance: Méroe e Pântia, e afirma que "no período pós-Clássico, tanto a bruxa quanto o vampiro desempenhariam papéis decisivos no mito e na superstição da cultura popular", e que o que Apuleio fez foi um sincretismo folclórico ao associar a figura da bruxa com a da lâmia ("In the post-classical period, both the witch and the vampire would go on to play dominant roles in the myth and superstition of popular culture", Leinweber, 1994, p. 77, tradução própria). Após citar algumas versões do mito da lâmia, Leinweber conclui que "ela se tornou uma figura de contos de fadas, usada pelas mães e babás para induzir bom comportamento entre as crianças", mas que, apesar disso, a versão do mito da lâmia que mais pode ser aproveitada no caso do romance de Apuleio é a do espectro que se materializa sob a

forma de uma bela mulher para atrair e devorar um belo rapaz ("She became a kind of fairy-tale figure, used by mothers and nannies to induce good behaviour among children", Leinweber, 1994, p. 77. Tradução própria). Ele afirma que esse tema da "viúva negra" é extremamente comum em folclores de sociedades do mundo inteiro, assim como outro tema que pode ser associado ao mito da lâmia, o da bela mulher solitária e sem filhos, que inveja a fertilidade dos casais. Outro tema do folclore mundial, por assim dizer, é o das velhas feiticeiras desfiguradas e malignas, como as graias gregas, irmãs das górgonas, que compartilhavam um olho só, e que são interpeladas por Perseu em sua caçada à Medusa (Leinweber, 1994, p. 78). Aqui em Apuleio a lâmia é associada à bruxa velha e ressentida, desprezada pela sociedade e com poderes suficientes para fazer algumas pessoas pagarem por tal comportamento. Sócrates, o amigo do comerciante de queijos Aristômenes, que é quem narra essa parte da história em que está o trecho citado, confessa ao amigo ter estado com Méroe, e ter mantido com ela um relacionamento de natureza sexual, mesmo sem se lembrar de ter sentido qualquer atração física pela mulher, a quem ele se refere como uma bruxa velha. Todos os indícios de um encantamento sofrido por Sócrates da parte de Méroe estão apontados nessa conversa. Sócrates custa a acreditar que, além de ter mantido relações sexuais com Méroe, ainda lhe dera todos os bens que trazia consigo. Naquela mesma noite, Sócrates, que dormia em um quarto com seu amigo Aristômenes, tem seu pescoço cortado, seu sangue coletado e seu coração arrancado por Méroe e sua irmã Pântia. No dia seguinte ele acorda como se nada tivesse acontecido, reclama de pesadelos e parece estar sem energia, mas está vivo. Só vai morrer um tempo depois, mais para a frente na narrativa. Leinweber aponta inúmeras semelhanças entre as ações das bruxas com as ações de vampiros: atacam na madrugada, invadem o recinto pessoal da vítima, coletam sangue. Assim como a lâmia que ataca belos jovens (cf. *infra* Filóstrato, pp. 137-147; Leinweber, 1994, pp. 78-79). Em conclusão, Leinweber aponta que as bruxas do romance de Apuleio são um sincretismo entre o conceito antigo da lâmia e aspectos do conceito moderno de vampiro, o que faz delas algo único na literatura antiga (Leinweber, 1994, pp. 81-82).

Φλάβιος Φιλόστρατος - Flávio Filóstrato
(ca. 170/172 - ca. 247/250 d.C.)

Introdução:

Flávio Filóstrato foi um representante da "Segunda Sofística" que viveu no Período da Roma Imperial, mas cuja educação foi praticamente toda recebida em Atenas, e por essa razão ele também era chamado "o de Atenas".¹⁵⁸ De acordo com relatos posteriores e os estudiosos, ele escreveu cinco obras, em grego, sendo a *Vida de Apolônio de Tiana* uma das mais conhecidas dentre elas. Ela foi aparentemente escrita entre 217 e 238 d.C., apesar de não haver certeza nenhuma de sua data de composição, em homenagem à imperatriz Júlia Domna, esposa de Sétimo Severo e mãe de Caracala, que morreu antes de a ver pronta. Nessa obra, ele conta, em oito livros, episódios da vida do filósofo neopitagórico Apolônio de Tiana (ca. 40 - ca. 120 d.C.), que alguns estudiosos julgam fictícios, dizendo que o filósofo provavelmente nunca deixou a região onde viveu e que as viagens narradas por Filóstrato são nada mais nada menos que invencionices literárias. De todo modo e apesar de o próprio autor ter simplesmente chamado sua obra de "Sobre Apolônio de Tiana", a estrutura é a de uma biografia, e é de longe a mais extensa que nos chegou de todas as que foram compostas na Antiguidade. As fontes que Filóstrato usou na composição de seu trabalho são consideradas pouco confiáveis pelos estudiosos, já que nenhum dos trabalhos delas chegou até nós, e além disso, sendo sua principal fonte as anotações de um tal Damis de "Nínive" (não a famosa capital Assíria, mas Hierápolis, na Síria, a oeste do Eufrates), que teria encontrado Apolônio quando este esteve em sua cidade e, a partir daí, os dois viajaram juntos até a morte de Apolônio. A família deste Damis teria entregado seus papéis a Júlia Domna, que os teria remetido a Filóstrato para que ele escrevesse uma biografia sobre o filósofo neopitagórico. Assim é relatada toda a situação pelo próprio autor.¹⁵⁹

Texto grego retirado do programa *Diogenes*, de KAYSER, C. L. (ed.) *Flavii Philostrati Opera*. Leipzig: Teubner, 1964. v. 1.

¹⁵⁸ "Sofista" no período romano era alguém que empregava seus dons em declamações: discursos públicos cujo tema era imaginário ou baseado em fatos "históricos" do Período Clássico; eram aproveitados em embaixadas, discursando aos dignitários estrangeiros; e muitos deles foram escritores.

¹⁵⁹ Cf. Philostratus, 2005, pp. 1-30, na qual o editor e tradutor, Christopher P. Jones, discute detalhadamente sobre as questões que envolvem a confecção da obra, cita a tradição manuscrita, as edições tradicionais, a bibliografia recomendada acerca dessa obra; Filóstrato, 1992, pp. 7-57, em que o tradutor, Alberto B. Pajares, discute também muitos aspectos importantes da obra, inclusive a questão do gênero: seria uma novela ou uma biografia, ou ainda, uma hagiografia? Sua bibliografia é mais completa que a de Jones, pois cita trabalhos em espanhol e francês, além dos em inglês e alemão.

ΤΑ ΕΣ ΤΟΝ ΤΥΑΝΕΑ ΑΠΟΛΛΩΝΙΟΝ

Ἐν Κορίνθῳ δὲ φιλοσοφῶν ἐτύγγανε τότε Δημήτριος ἀνὴρ ξυνειληφῶς ἅπαν τὸ ἐν Κυρικῇ κράτος, οὗ Φαβωρίνος ὕστερον ἐν πολλοῖς τῶν ἑαυτοῦ λόγων οὐκ ἀγεννῶς ἐπεμνήσθη, παθὼν δὲ πρὸς τὸν Ἀπολλώνιον, ὅπερ φασὶ τὸν Ἀντισθένην πρὸς τὴν τοῦ Σωκράτους σοφίαν παθεῖν, εἶπετο αὐτῷ μαθητιῶν καὶ προσκείμενος τοῖς λόγοις καὶ τῶν αὐτῷ γνωρίμων τοὺς εὐδοκιμωτέρους ἐπὶ τὸν Ἀπολλώνιον ἔτρεπεν, ὧν καὶ Μένιππος ἦν ὁ Λύκιος ἔτη μὲν γεγονῶς πέντε καὶ εἴκοσι, γνώμης δὲ ἰκανῶς ἔχων καὶ τὸ σῶμα εὖ κατεσκευασμένος, ἐρέκει γοῦν ἀθλητῆ καλῷ καὶ ἐλευθερίῳ τὸ εἶδος. ἐρᾶσθαι δὲ τὸν Μένιππον οἱ πολλοὶ ᾤοντο ὑπὸ γυναιίου ξένου, τὸ δὲ γύναιον καλῆ τε ἐφαίνετο καὶ ἰκανῶς ἀβρὰ καὶ πλουτεῖν ἔφασκεν, οὐδὲν δὲ τούτων ἄρα ἀτεχνῶς ἦν, ἀλλὰ ἐδόκει πάντα. κατὰ γὰρ τὴν ὁδὸν τὴν ἐπὶ Κεγχρεᾶς βαδίζοντι αὐτῷ μόνῳ φάσμα ἐντυχὸν γυνή τε ἐγένετο καὶ χεῖρα ξυνῆψεν ἐρᾶν αὐτοῦ πάλαι φάσκουσα, Φοίνισσα δὲ εἶναι καὶ οἰκεῖν ἐν προαστείῳ τῆς Κορίνθου, τὸ δεῖνα εἰποῦσα προάστειον, “ἐς ὃ ἐσπέρας” ἔφη “ἀφικομένῳ σοι ᾠδὴ τε ὑπάρξει ἐμοῦ ἀδούσης καὶ οἶνος, οἶον οὐπω ἔπιες, καὶ οὐδὲ ἀντεραστῆς ἐνοχλήσει σε, βιώσομαι δὲ καλῆ ξὺν καλῷ.” τούτοις ὑπαχθεὶς ὁ νεανίας, τὴν μὲν γὰρ ἄλλην φιλοσοφίαν ἔρρωτο, τῶν δὲ ἐρωτικῶν ἡττητο, ἐφοίτησε περὶ ἐσπέραν αὐτῆ καὶ τὸν λοιπὸν χρόνον ἐθάμιζεν, ὥσπερ παιδικοῖς, οὐπω ξυνεὶς τοῦ φάσματος. ὁ δὲ Ἀπολλώνιος ἀνδριαντοποιοῦ δίκην ἐς τὸν Μένιππον βλέπων ἐξωγράφει τὸν νεανίαν καὶ ἐθεώρει, καταγνοὺς δὲ αὐτὸν “σὺ μέντοι” εἶπεν “ὁ καλὸς τε καὶ ὑπὸ τῶν καλῶν γυναικῶν θηρευόμενος ὄφιν θάλπεις καὶ σὲ ὄφεις.” θαυμάσαντος δὲ τοῦ Μενίππου “ὅτι γυνή σοι” ἔφη “ἐστὶν οὐ γαμετή. τί δέ; ἡγῆ ὑπ’ αὐτῆς ἐρᾶσθαι; “νῆ Δί,” εἶπεν “ἐπειδὴ διάκειται πρὸς με ὡς ἐρῶσα.” “καὶ γήμαις δ’ ἂν αὐτήν;” ἔφη. “χαρίεν γὰρ ἂν εἴη τὸ ἀγαπῶσαν γῆμαι.” ἤρετο οὖν “πηνίκα οἱ γάμοι;” “θερμοὶ” ἔφη “καὶ ἴσως αὔριον.” ἐπιφυλάξας οὖν τὸν τοῦ συμποσίου καιρὸν ὁ Ἀπολλώνιος καὶ ἐπιστὰς τοῖς δαιτυμόσιν ἄρτι ἤκουσι “ποῦ” ἔφη “ἡ ἀβρὰ, δι’ ἣν ἤκετε;” “ἐνταῦθα” εἶπεν ὁ Μένιππος καὶ ἅμα ὑπανίστατο ἐρυθριῶν. “ὁ δὲ ἄργυρος καὶ ὁ χρυσὸς καὶ τὰ λοιπά, οἷς ὁ ἀνδρῶν κεκόσμηται, ποτέρου ὑμῶν;” “τῆς γυναικός;” ἔφη “τάμὰ γὰρ τοσαῦτα” δείξας τὸν ἑαυτοῦ τρίβωνα. ὁ δὲ Ἀπολλώνιος “τοὺς Ταντάλου κήπους” ἔφη “εἶδετε, ὡς ὄντες οὐκ εἰσὶ;” “παρ’ Ὀμήρῳ γε,” ἔφασαν “οὐ γὰρ ἐς Αἴδου γε καταβάντες.” “τοῦτ’” ἔφη “καὶ τουτονὶ τὸν κόσμον ἡγεῖσθε, οὐ γὰρ ὕλη ἐστίν, ἀλλὰ ὕλης δόξα. ὡς δὲ γινώσκοιτε, ὃ λέγω, ἡ χρηστὴ νύμφη μία τῶν ἐμπουσῶν ἐστίν, ἧς λαμίας τε καὶ μορμολυκίας οἱ πολλοὶ ἡγοῦνται. ἐρῶσι δ’ αὐταὶ καὶ ἀφροδισίων μὲν, σαρκῶν δὲ μάλιστα ἀνθρωπείων ἐρῶσι καὶ παλεύουσι τοῖς ἀφροδισίοις, οὓς ἂν ἐθέλωσι δαίσασθαι.” ἡ δὲ “εὐφήμει” ἔλεγε “καὶ ἄπαγε” καὶ

μυσάττεσθαι ἐδόκει, ἃ ἤκουε, καὶ που καὶ ἀπέσκωπτε τοὺς φιλοσόφους, ὡς ἀεὶ ληροῦντας. ἐπεὶ μέντοι τὰ ἐκπώματα τὰ χρυσᾶ καὶ ὁ δοκῶν ἄργυρος ἀνεμαῖα ἠλέγχθη καὶ διέπτῃ τῶν ὀφθαλμῶν ἅπαντα οἰνοχόοι τε καὶ ὀψοποιοὶ καὶ ἡ τοιαύτη θεραπεία πᾶσα ἠφανίσθησαν ἐλεγχόμενοι ὑπὸ τοῦ Ἀπολλωνίου, δακρύνοντι ἐώκει τὸ φάσμα καὶ ἐδεῖτο μὴ βασανίζειν αὐτό, μηδὲ ἀναγκάζειν ὁμολογεῖν, ὃ τι εἶη, ἐπικειμένου δὲ καὶ μὴ ἀνιέντος ἔμπουσα τε εἶναι ἔφη καὶ πιαίνειν ἡδοναῖς τὸν Μένιππον ἐς βρῶσιν τοῦ σώματος, τὰ γὰρ καλὰ τῶν σωμάτων καὶ νέα σιτεῖσθαι ἐνόμιζεν, ἐπειδὴ ἀκραιφνὲς αὐτοῖς τὸ αἶμα. τοῦτον τὸν λόγον γνωριμώτατον τῶν Ἀπολλωνίου τυγχάνοντα ἐξ ἀνάγκης ἐμήκυνα, γιγνώσκουσι μὲν γὰρ πλείους αὐτόν, ἅτε καθ' Ἑλλάδα μέσην πραχθέντα, ξυλλήβδην δὲ αὐτὸν παρειλήφασιν, ὅτι ἔλοι ποτὲ ἐν Κορίνθῳ λάμιαν, ὃ τι μέντοι πράττουσαν καὶ ὅτι ὑπὲρ Μενίππου, οὐπω γιγνώσκουσιν, ἀλλὰ Δάμιδί τε καὶ ἐκ τῶν ἐκείνου λόγων ἐμοὶ εἴρηται.

Tradução:

As coisas a respeito de Apolônio de Tiana 4.25

Mas naquele tempo havia um filósofo em Corinto, Demétrio, homem que tomara parte com toda força na filosofia Cínica, sobre o qual Favorino, por último e em muitos de seus próprios discursos, recordou-se de que não era mal nascido, e que foi afetado por Apolônio, assim como dizem ter sido afetado Antístenes pela sabedoria de Sócrates. Seguiu-o querendo ser um discípulo e devotando-se aos discursos. E foi assim que, dentre seus conhecidos, os mais destacados direcionou para Apolônio. Também dentre eles havia um tal Menipo, o lício, nascido há vinte e cinco anos e que tinha tanto bastante conhecimento quanto um corpo bem modelado, parecia, com certeza, um atleta belo, com nobreza de forma. Muitos supunham estar Menipo apaixonado por uma mulher estrangeira, uma mulher bela e que parecia também bastante delicada, e que afirmava ser rica, mas nada disso com efeito era ao acaso, na verdade ela dissimulava tudo. É que pelo caminho até o Cencreias, em marcha, só, o espectro encontrou com ele e se tornou uma mulher e pela mão se ligou afirmando amá-lo há muito tempo, ser fenícia e morar nos subúrbios de Corinto, e dizendo um certo subúrbio, "Pela tarde", falou, "para ti, quando lá chegares, terás eu mesma cantando, e vinho, tanto que ainda não bebeste, e nenhum rival te perturbará; assim viverei uma bela com um belo". Com isso subjugou o rapaz, pois enrijeceu uma outra filosofia, e pelos desejos ele tinha sido derrotado: perambulava pela tarde com ela e o resto do tempo a frequentava, à maneira de brincadeiras, ainda não se

apercebendo do espectro. Porém Apolônio, como um escultor de homens e por justiça a Menipo, vendo, pintou e contemplou o rapaz, e julgando-o, disse: "Então tu, o belo e visado também por belas mulheres, nutres uma cobra, e uma cobra, a ti". Aí, espantando-se Menipo, ele falou: "Essa mulher não é esposa para você. Por quê? Você acredita ser amado por ela?". "Sim, por Zeus!", disse, "pois se comporta para comigo como apaixonada". "E te casarias com ela?", declarou. "Casar com aquela que te ama seria uma graça". E perguntou então: "Para quando são as bodas?". "Logo", declarou, "e amanhã mesmo".

Vigiando então a ocasião do banquete e colocando-se junto aos convidados recém-chegados, Apolônio declarou: "Onde está a delicada, por causa da qual viestes?". "Aqui", disse o Menipo, e ao mesmo tempo erguia-se ruborizado. "A prata, o ouro e o resto, com os quais o salão de banquetes está decorado, de qual de vós [é]?". "Da mulher", declarou Menipo, "pois minhas são tais coisas", apontando a própria capa. E aí Apolônio: "Os jardins de Tântalo", declarou, "sabes como são não sendo?". "Por Homero, claro", declararam, "pois não descemos ao Hades ainda". "Assim", ele declarou, "crede ser esse adorno aqui, pois não é coisa material, mas uma aparência de matéria. De modo que compreendais o que digo: a prestimosa noiva é uma das empusas, as que lâmias e mormólices as gentes creem ser. E se elas desejam os prazeres sexuais, elas desejam mais as carnes humanas e físgam com os prazeres sexuais os que gostariam de comer". Mas ela: "Silêncio!", falou, "E fora!", e dissimulou estar enojada pelas coisas que escutava, e zombava dos filósofos de todos os modos, como sempre falavam tolices. Logo então os vasos, o ouro e a prata falsos provaram ser como os ventos e voaram dos olhos; todos os escanções, também os churrasqueiros e todos os empregados como estes desapareceram ao serem censurados por Apolônio, aí o espectro fingia chorar e implorava que não o torturassem nem o forçassem a confessar o que era, mas rapidamente não negou ser uma empusa e declarou estar engordando com prazeres o Menipo para fazer de seu corpo alimento, pois costumava se alimentar de corpos belos e jovens, já que o sangue deles é puro.

Das de Apolônio, essa é história existente mais conhecida. Por necessidade me estendi, pois muitos a conhecem, já que aconteceu no meio da Grécia, mas resumidamente a receberam: que ele pode capturar uma vez em Corinto uma lâmia.

Mas o que ela estava fazendo e que foi por causa de Menipo ainda não conhecem. Contudo, Dâmis¹⁶⁰ contou para mim, de suas próprias histórias.

Comentário:

Primeiramente faz-se necessário observar que o objetivo durante a tradução do texto de Filóstrato foi não interferir muito na organização sintática típica de fala oral usando pontuação, de modo que por vezes o texto em português fica carecendo de tais intervenções para uma melhor desenvoltura da língua pátria. Contudo, não há trecho algum em que o sentido seja prejudicado por causa de tal opção, e por isso soluções o menos intervencionistas possível foram adotadas.

Φαβωρίνος - Favorino de Arélate foi um filósofo e sofista romano, nascido em Arélate (hoje Arles) que aprendeu grego em Massalia (hoje Marselha) e teve seu auge durante o reinado de Adriano (117-138 d.C.). Escreveu 30 obras, de gêneros diversos (cf. Hornblower & Spawforth, 2003, p. 590).

Κεγχρεάς - Cencreias era o nome do porto de Corinto (cf. Philostratus, 2005, p. 371, nota 47; Filóstrato, 1992, p. 251, nota 261).

εἶπω, ἐρῶ/εἶρω, λέγω, φάσκω, φημί - Filóstrato usa muitos verbos diferentes cujo significado é "falar, dizer", cujas peculiaridades no emprego são difíceis de se perceber. Na tradução de tantos verbos diferentes usados com o mesmo sentido, buscou-se apenas diferenciá-los de alguma forma, para marcar a diferença no grego, não havendo uma intenção de se manter literalmente fiel a tais diferenças, o que necessitaria um estudo mais detalhado do uso de tais verbos nessa obra de Filóstrato. Normalmente, no trecho em questão, quando um personagem vai fazer alguma declaração, o verbo φημί é empregado. Φημί parece ter um uso mais antigo que φάσκω, que supre todas as formas do presente do primeiro verbo, exceto no indicativo, e também do imperativo, e é considerado um verbo sinônimo de λέγω (LSJ, 1996, p. 1926); φάσκω não é muito empregado antes do século III a.C. (segundo

¹⁶⁰ **Δάμις** - aparentemente, Damis foi um discípulo de Apolônio de Tiana, que haveria deixado um caderno de anotações sobre a vida e as perambulações de seu professor, que teria sido utilizado por Filóstrato para compor sua obra. Filóstrato menciona o uso de tal caderno nessa mesma obra, *Vida de Apolônio de Tiana*, mas muitos estudiosos debatem a veracidade dessa informação, pois não há mais menção alguma a esse tal Dâmis na literatura greco-romana remanescente (cf. a título de ilustração dessa questão Conybeare, tradutor da edição da Heineman de 1912, que conta, em sua introdução, toda a história de como Filóstrato obteve da imperatriz Júlia Domna, esposa de Sétimo Severo, o caderno de Dâmis; e em seguida Pajares, 1992, e Jones, 2005, também em suas respectivas introduções, que criticam esse comportamento dos editores mais velhos da obra de Filóstrato de tomar como verdade o que ele escreveu).

Chantraine antes do IV a.C.), aparecendo na épica apenas em suas formas de imperfeito, e na tragédia e na comédia como imperfeito de φημί (*LSJ*, 1996, p. 1918), o que permite que se pense que talvez esse último seja um verbo mais antigo, ou que talvez, de novo, φάσκω seja derivado de φημί. Chantraine dirige o leitor que vai consultar φάσκω direto para φημί (Chantraine, 1968, p. 1191: "voir φημί"). Ele indica o primeiro significado deste último verbo como "declarar, afirmar, dizer" (Chantraine, 1968, p. 1194: "déclarer, affirmer, prétendre, dire"). Contudo, ele não lista φάσκω como derivado de φημί, apenas afirma que os dois têm o mesmo significado (Chantraine, 1968, p. 1195). O verbo λέγω tem uma significação mais complexa, pois é muito antigo. Era usado em Homero para "colher" e "contar", sua primeira acepção como "dizer" é atestada em Hesíodo, sendo que em Homero ele não aparece com tal significação (*LSJ*, 1996, pp. 1033-1034). O verbo ἐρῶ é o futuro ático de εἶρω, "vou dizer, falar, proclamar, anunciar" (*LSJ*, 1996, p. 695); já o segundo tem três acepções principais: "juntar em fileiras", "falar, dizer, contar", e, por último, "perguntar" (*LSJ*, 1996, p. 491). Sobre o verbo εἶπον, cujo presente ἔπω só é usado por Nicandro, os presentes usados são as formas dos verbos φημί, λέγω e ἀγορεύω, o futuro é feito com formas dos verbos ἐρέω e ἐρῶ, e o perfeito é εἶρηκα (*LSJ*, 1996, pp. 489-490). Ou seja, há, de alguma forma e por alguma razão, uma conexão estabelecida entre quase todos os verbos usados pelos gregos antigos para essa área do "falar, dizer, proclamar, declarar, anunciar".¹⁶¹

Τάνταλος - Tântalo era geralmente tido como um filho de Zeus e Pluto, filha de Crono ou de Atlas (há diversas variações sobre sua progenitura). Era um rei rico e amado pelos deuses, tão amado que era constantemente convidado a tomar parte nos banquetes dos imortais no Olimpo. Segundo algumas fontes, Tântalo se orgulhava tanto dessa posição que se tornou um ὕβριστής: orgulhoso em demasia acabou por incorrer na cólera de Zeus. De acordo com outras fontes, Tântalo revelou aos homens alguns dos segredos dos imortais que eram livremente partilhados à sua volta nos banquetes. Outras dizem ainda que ele roubou néctar e ambrosia e os ofertou aos mortais. E algumas outras afirmam que ele não quis devolver o cão de Zeus a Hermes, que o havia ido buscar. Seja qual for o motivo, sua punição foi memorável, pois Zeus o jogou no Hades para cumprir uma sentença perpétua: sedento e faminto, estaria mergulhado até o pescoço (certas versões o colocam dependurado em um galho de

¹⁶¹ Chantraine, 1968, p. 625, cita o estudo de Fournier, só sobre os verbos usados para "dizer" em grego.

uma árvore que dá todo tipo de fruta, pendendo sobre um lago cujas águas frescas alcançam-lhe até a cintura), tendo à sua volta água e comida em abundância, mas se tentasse alcançá-las, elas lhe escapariam continuamente. Portanto, seu castigo era passar a eternidade com sede e fome, tendo ao alcance de suas mãos os elementos que aliviarão seu suplício, mas sem nunca deles poder desfrutar. Em algumas versões sua punição era estar sempre abaixo de uma pedra gigantesca que podia cair a qualquer instante, mas que estava sempre parcamente equilibrada. Viveria em estado de ansiedade e estresse perpétuos (cf. Grimal, 2005, pp. 427-428, que traz todas as fontes do mito no rodapé; Graves, 1992, pp. 387-393, que faz uma condensação de todas as versões numa só, e cita também os desdobramentos dos atos de Tântalo, com comentários sobre as fontes antigas desse mito; e também *LSJ*, 1996, p. 1755, que é sempre uma boa fonte para obter as referências antigas). Apolônio menciona os jardins de Tântalo que "sendo não são" (ὡς ὄντες οὐκ εἰσί), para ilustrar a situação criada pela lâmia que está enfeitiçando Menipo, que parece ser mas na realidade não é. Assim também a situação de Tântalo, que parece poder satisfazer suas necessidades de comida e bebida, mas na realidade não pode, pois foi condenado a passar a eternidade nesse suplício.

φάσμα - palavra usada para caracterizar a natureza do ser que assombra Menipo: é um "espectro". Nesse relato, a lâmia não é mais que uma aparição, já que o substantivo neutro φάσμα se origina do verbo φαίνομαι, 'vir à luz, aparecer, mostrar-se' (*LSJ*, 1996, p. 1919, φάσμα, e pp. 1912-1913, φαίνω, φαίνομαι; Chantraine, 1968, pp. 1170-1172, especificamente p. 1171, segunda coluna, na qual ele trata da derivação de φάσμα). Além disso, a palavra φάσμα equivale semanticamente ao substantivo neutro φάντασμα, palavra que resultou no nosso "fantasma", que também pode ser aplicada na tradução aqui nesse caso (cf. Houaiss, 2010, p. 1306).

ἔμπουσα, μορμολύκη, λάμια - optou-se por apenas transliterar esses nomes, como tem sido feito neste trabalho. A primeira observação é que, para o autor, está claro que essas três palavras representam o mesmo tipo de "monstro", ou "maravilha". Alguns tradutores usam a palavra "vampiro(a)" para traduzir uma ou mais dessas palavras, e alguns usam até a palavra "sereia" (cf. as traduções de O'Shea & Paoli *in* Costa, 2010, pp. 211-214, que traduzem ἔμπουσαι por "vampiras" e μορμολυκίας por "seres maléficos", e que afirma que foi essa a história em que John Keats se baseou para criar seu poema *Lamia*; e Christopher P. Jones *in* Philostratus, 2005, pp. 370-377, que traduz ἔμπουσαι por "vampiras" - "vampires", λαμίας por "sereias" -

"sirens", e *μορμολυκίας* por "lobisomens" - "werewolves"). Contudo, a mitologia grega não tinha uma figura que se parecesse exatamente com o vampiro da tradição eslava, que é esse que nós conhecemos no ocidente hoje, e que foi popularizado a partir de 1897, ano da publicação da mais famosa história de vampiro de todos os tempos, a do Conde Drácula, pelo escritor irlandês Bram Stoker.¹⁶² As lâmias não podem ser identificadas em associação direta aos vampiros, pois não são seres que morreram e voltaram para beber sangue. Ainda assim, se a lâmia fosse pensada sob a ótica de uma das definições que o Houaiss dá para o substantivo feminino *vampe*, "mulher que usa de sedução, charme e ardis para atrair os homens e explorá-los", poder-se-ia considerar incluí-la, e também às *empusas*, nessa categoria (Houaiss, 2010, p. 2827). As *empusas* são seres espectrais que têm uma perna de bronze e outra de burro, se alimentam de carne humana, podem se metamorfosear em cadelas, vacas e, inclusive, belas mulheres, para atrair jovens os rapazes que desejam devorar, e que fazem parte do séquito da deusa Hécate (Grimal, 2005, p. 134; Graves, 1992, pp. 189-190). Contudo, a parte de beber o sangue da vítima como alimento não caberia na definição de *vampe*, assim como a parte de ser um corpo morto que volta à vida não

¹⁶² Em um estudo etimológico que produziu sobre a palavra "vampiro", Katharina M. Wilson afirma que, assim como é complexo encontrar a fonte exata da lenda dos vampiros, é complicado achar a origem da palavra em si. Na esmagadora maioria das crenças, o vampiro é um ser morto-vivo que habita lugares obscuros, como cemitérios e similares, crença que teve sua origem na Hungria ou na Romênia. A autora faz uma revisão da literatura científica que trata da etimologia da palavra "vampiro" e acaba chegando à conclusão de que não se pode afirmar que tem origem certa nem no "uber" (bruxa) turco, que teria dado origem aos termos eslavos "upior", "uper" e "upyr", como sugere um grupo de estudiosos do século XIX; nem no verbo grego πίνω (beber), como sugere um segundo grupo; nem no sérvio "bamiup", tendência que estava em voga nos anos 80; nem no húngaro "vampir", como sugeriram mais recentemente grupos de estudiosos americanos e ingleses, uma vez que tal palavra só aparece nos registros húngaros muito posteriormente ao seu aparecimento em registros de outros países da Europa ocidental. Os primeiros a registrarem por escrito a palavra foram os ingleses, seguidos dos franceses e depois, dos alemães e italianos (cf. Wilson, 1985, pp. 577-578). O poema "The Vampire", de John Polidori, parece ter sido a obra que instigou a curiosidade ocidental a respeito de tais criaturas, e parece também ter sido a responsável pela dispersão do termo, devido a sua grande popularidade. Em suas supostas regiões de origem (Transilvânia, na Romênia, e Hungria), o termo vampiro não só foi adotado tardiamente (quase um século após seus primeiros registros na Inglaterra e na França), como nunca chegou a ser tão popular quanto no Ocidente. Wilson cita um pesquisador chamado Grigori Nandris, que afirma que os romenos tinham uma palavra para designar a criatura que conhecemos como vampiro, mas que hoje essa palavra não existe mais no romeno, só no russo podemos achar um eco dela na palavra "upyr". Outra pesquisadora, Agnes Murdoci, em um artigo sobre as crenças vampíricas da Romênia, afirma que hoje essas criaturas são chamadas "strigoi" e "morii", e que a palavra vampiro é muito pouco usual, corroborando a ideia de Nandris (cf. Wilson, 1985, p. 583). Concluindo seu artigo, a autora afirma que as primeiras aparições do termo são registros em inglês, francês e latim, todas se referindo a casos de vampirismo na Polônia, Rússia e Macedônia, e que uma segunda leva de registros ocorre em inglês, alemão e italiano, todos referentes à uma epidemia vampírica que teria atingido a região da Sérvia de 1725 a 1732. Desse modo, a tradição da palavra e do folclore vampiresco na Europa pouco ou nada teriam em comum com as regiões orientais da Transilvânia e da Hungria, sendo características do folclore eslavo (cuja palavra análoga a vampiro é "upir"), e tendo atingido sua maior popularidade no oeste (cf. Wilson, 1985, pp. 577-583).

cabe na definição nem da criatura chamada lâmia nem na da chamada empusa. A mormólice já foi previamente mencionada no comentário a Estrabão (cf. *supra* pp. 102-105). Assim, traduzir qualquer uma das palavras acima por "vampiro" é quase como uma imprecisão folclórica, pois nenhum desses seres representa o que o vampiro do leste europeu é. Essas criaturas, lâmia, empusa, mormólice, mormó, estrige, gorgó, eram, em sua maioria, usadas pelas mães das crianças como recursos educativos para mantê-las bem comportadas. Assim como a cuca, o velho do saco, o negro velho são aqui no Brasil (cf. *supra* Estrabão, pp. 96-106, especialmente referência a Platão; cf. também *supra* Esopo, pp. 34-37; e *supra* Crates, pp. 38-51).¹⁶³ Por fim, a respeito do mito do lobisomem na Grécia Antiga, ele é bem trabalhado por Walter Burkert, que investiga a *Licaia*, o festival a Zeus Licaios, na Arcádia. Rumores de que haveria sacrifício humano e canibalismo neste ritual permeiam suas descrições desde a época de Platão. Pausânias viu e descreveu o templo de Zeus no Monte Licáion, mas afirma que não pôde tomar parte no ritual, pois era uma cerimônia fechada, exclusiva dos homens da Arcádia, sendo que nem mesmo suas mulheres podiam participar. Aparentemente os sacerdotes de Zeus Licaios cortariam a carne dos sacrifícios e misturariam todos os pedaços em uma grande trípole, incluindo aí os pedaços de carne da vítima humana do ritual, que ninguém teria visto sendo sacrificado. Cada um pegaria um pedaço de carne e comeria. Aqueles que comessem a carne humana, virariam lobos e eram obrigados a vagar pelas florestas por dez anos (algumas fontes dizem oito anos). Se conseguissem se abster de carne humana durante esse período, tornariam a transformar-se em humanos e poderiam voltar à vida civilizada, se não, ficariam sob a forma lupina até suas mortes. O mito de Licáion, um rei arcaico da Arcádia, é bem conhecido na mitologia grega: era querido dos deuses que vinham se banquetear junto a sua corte com frequência (ou teriam ido uma vez para conferir as abominações que os filhos do rei praticavam). Há várias versões para o motivo, mas o fato é que uma criança acaba sendo picada junto à carne da refeição e é servida aos deuses (ou apenas Zeus), que se horrorizam e fulminam todos na corte, exceto Licáion, que é transformado em lobo (em algumas versões todos os filhos, vinte e dois ou cinquenta, também são, exceto o que havia sido sacrificado, que Zeus restitui à vida e se torna o próximo rei da Arcádia). Burkert afirma que esse mito e os

¹⁶³ Cf. Camara Cascudo, que tem vários estudos sobre o folclore brasileiro, entre eles o *Dicionário do folclore brasileiro*, o *Antologia do folclore brasileiro* e o *Geografia dos mitos brasileiros*, que podem ser todos encontrados na bibliografia deste trabalho.

boatos remetem a um ritual de iniciação, ao qual se deveriam sujeitar os meninos de 16 anos, até que completassem 25 e pudessem, então, tomar seu lugar de direito na sociedade arcádia e participar de competições, como as Olimpíadas (cf. Burkert, 1983, pp. 84-93; Grimal, 2005, pp. 278-279; Graves, 1992, pp. 138-142).

Ἀντωνίνου Λιβεράλις - Antonino Liberal
(séculos II-III d.C.)

Introdução:

Pouco ou quase nada se sabe a respeito do autor chamado Antonino Liberal. Tudo o que se sabe é que a obra que escreveu, *Compêndio de Metamorfoses*, chegou-nos através de um único manuscrito que parece ser da segunda metade do século IX d.C., e que lhe é atribuída porque está assinada com seu nome.¹⁶⁴ Neste mesmo manuscrito, chamado *Palatino Heidelbergensis graecus 398*, estão registros únicos de outras obras da literatura grega tardia, como os escritos de alguns mitógrafos, paradoxógrafos e de geógrafos, entre outras. Ao autor atribuem uma datação de finais do século II d.C., início do século III d.C., devido ao registro do seu nome Antonino, que não é encontrado antes dessa época, do Baixo Império Romano, dinastia dos Antoninos (96-192 d.C.) ou dos Severos (193-253 d.C.). Há várias hipóteses a respeito de uma datação mais detalhada, mas como são apenas hipóteses e não há uma fundamentação mais concreta, essa é a data mais comumente adotada.¹⁶⁵

O compêndio mitológico de Antonino Liberal é composto de 41 capítulos que narram os mais variados mitos (essas compilações de mitologia eram características da literatura greco-romana desde o início do período helenístico). As fontes que ele consultou para compor sua obra estão explicitadas abaixo do título de cada capítulo no manuscrito, e são mantidas nas edições modernas. Segundo os especialistas, essas referências às fontes são posteriores, obra de algum(s) gramático(s) de depois do ano 350 d.C. Segundo essas referências, a maior fonte de Antonino Liberal teria sido um compilador de mitologia chamado Nicandro de Colofão, cuja datação é também incerta, mas que teria vivido e escrito seu compêndio por volta do século II a.C., segundo nos informa Suda. Contudo e infelizmente, a obra deste autor não chegou até nós, e até agora nenhum manuscrito foi encontrado que contivesse algum registro de seus escritos.¹⁶⁶

O texto grego foi retirado do programa *Diogenes* de CAZZANIGA, I. (ed.) *Antoninus Liberalis. Metamorphoseon synagoge*. Milano: Instituto Editoriale Cisalpino, 1962.

¹⁶⁴ Papatomopoulos, 1968, pp. XXIII-XXV, faz uma descrição minuciosa do manuscrito, seu conteúdo e sua datação.

¹⁶⁵ Para estudos introdutórios sobre a obra de Antonino Liberal, cf. Morales, 2002, pp.131-137, que cita estudos mais recentes sobre a obra e o autor; e Papatomopoulos, 1968, pp. IX-XXIX, que cita muitos estudos mais antigos a respeito do autor e do compêndio.

¹⁶⁶ Cf. Morales, 2002, pp. 132-135; e para uma discussão mais aprofundada a respeito da polêmica em torno das tais fontes, ver Papatomopoulos, 1968, pp. XI-XIX.

Μεταμορφώσεων Συναγωγή, Λάμια ἢ Σύβαρις.

[Ἱστορεῖ Νίκανδρος Ἑτεροιομένων δ'.]

Παρά τὰ σφυρὰ τοῦ Παρνασσοῦ πρὸς νότον ὄρος ἐστίν, ὃ καλεῖται Κίρφης, παρὰ τὴν Κρῖσαν, καὶ ἐν αὐτῷ ἐστὶν ἔτι νῦν σπήλαιον ὑπερμέγεθες, ἐν ᾧ θηρίον ᾧκει μέγα καὶ ὑπερφύες, καὶ αὐτὸ Λάμιαν, οἱ δὲ Σύβαριν, ὠνόμαζον. Τοῦτο καθ' ἡμέραν ἐκάστην τὸ θηρίον ἐπιφοιτῶν ἀνήρπαζεν ἐκ τῶν ἀγρῶν τὰ θρέμματα καὶ τοὺς ἀνθρώπους. ἤδη δὲ τῶν Δελφῶν βουλευομένων ὑπὲρ ἀναστάσεως καὶ χρηστηριαζομένων εἰς ἦντινα παρέσονται χώραν, ὃ θεὸς ἀπόλυσιν ἐσήμανε τῆς συμφορᾶς, εἰ μένοντες ἐθέλοιεν ἐκθεῖναι παρὰ τῷ σπηλαίῳ ἓνα κοῦρον τῶν πολιτῶν. Κάκεινοι καθάπερ ὁ θεὸς εἶπεν ἐποίουν. κληρουμένων δ' ἔλαχεν Ἀλκυονεὺς ὁ Διόμου καὶ Μεγανείρης παῖς, μονογενῆς ὦν τῷ πατρὶ καὶ καλὸς καὶ κατὰ τὴν ὄψιν καὶ τὸ τῆς ψυχῆς ἦθος. Καὶ οἱ μὲν ἱερεῖς τὸν Ἀλκυονέα στέψαντες ἀπήγαγον εἰς τὸ τῆς Συβάριδος σπήλαιον, Εὐρύβατος δὲ κατὰ δαίμονα ἐκ τῆς Κουρήτιδος ἀπιὼν ὁ Εὐφήμου παῖς, γένος μὲν ἔχων Ἀξιοῦ τοῦ ποταμοῦ, νέος δ' ὦν καὶ γενναῖος, ἐνέτυχεν <ἀπ>αγομένῳ τῷ παιδί. Πληγεῖς <δ> ἔρωτι καὶ πυθόμενος καθ' ἦντινα πρόφασιν ἔρχονται, δεινὸν ἐποιήσατο μὴ οὐκ ἀμῦναι πρὸς δύναμιν, ἀλλὰ περιδεῖν οἰκτρῶς ἀναιρεθέντα τὸν παῖδα. Περισπάσας οὖν ἀπὸ τοῦ Ἀλκυονέως τὰ στέμματα καὶ αὐτὸς ἐπὶ τὴν κεφαλὴν ἐπιθέμενος ἐκέλευεν ἀπάγειν ἑαυτὸν ἀντὶ τοῦ παιδός. ἐπεὶ δὲ αὐτὸν οἱ ἱερεῖς ἀπήγαγον, εἰσδραμὼν καὶ τὴν Σύβαριν ἐκ τῆς κοίτης συναρπάσας παρήνεγκεν εἰς ἐμφανὲς καὶ κατὰ τῶν πετρῶν ἔρριπεν. Ἡ δὲ καταφερομένη προσέκρουσε τὴν κεφαλὴν παρὰ τὰ σφυρὰ τῆς Κρίσης. καὶ αὐτὴ μὲν τοῦ τραύματος ἀφανὴς ἐγένετο, ἐκ δὲ τῆς πέτρας ἐκεῖνης ἀνεφάνη πηγὴ, καὶ αὐτὴν οἱ ἐπιχώριοι καλοῦσι Σύβαριν· ἐκ ταύτης καὶ Λοκροὶ πόλιν ἐν Ἰταλίᾳ Σύβαριν ἔκτισαν.

Tradução:

Coleção de metamorfoses, "Lâmnia ou Síbaris"

[Conta Nicandro no seu *Sobre os Mudados*, 4]

Próximo aos pés do Parnaso, ao sul, existe uma montanha que se chama Cirfis, próxima à Crisa, e nela há até hoje uma caverna enorme, na qual habitava uma fera grande e monstruosa. Uns chamavam-na Lâmia, uns, Síbaris. Essa fera, excursionando a cada dia, arrebatava dos campos caprinos e pessoas. Os délficos já

estavam deliberando sobre uma emigração e consultando o oráculo para saber para qual terra iriam, quando o deus indicou uma solução para a situação: se quisessem ficar, para expor de fora, junto da caverna, um jovem dos cidadãos. E eles fizeram exatamente como disse o deus: sortearam, e foi sorteado Alcioneu, o filho de Díomo e Meganira, que era o único filho de seu pai, e belo tanto segundo a aparência quanto segundo a disposição da alma. Então os sacerdotes, coroando Alcioneu, conduziram-no até a caverna de Síbaris. Mas vindo de Curétide, por vontade divina, Euríbató, filho de Eufemo, tendo a raça do rio Áxio, e sendo novo e nobre, encontrou-se com o menino que estava sendo levado. Tomado de amor e inquirindo por que motivo estavam indo, considerou terrível não ajudar de acordo com sua força, mas apenas observar com pena o menino ser destruído. Então ele, tirando de Alcioneu a coroa e colocando-a sobre a cabeça, ordenou que conduzissem a ele mesmo, ao invés do menino. Depois disso os sacerdotes conduziram-no para a caverna. Correndo e agarrando a Síbaris, ele trouxe-a para a abertura da toca e jogou-a de cima das pedras. E ela, despencando, arrebentou a cabeça próximo aos pés de Crisa. Depois de ferida, ela então desapareceu. Daquelas pedras apareceu uma fonte, e os da terra chamaram-na Síbaris. Por causa dela os lócrios estabeleceram uma cidade de Síbaris na Itália.

Comentário:

Λάμια: a palavra lâmia só aparece uma vez em todo o capítulo, no acusativo singular, como um dos possíveis nomes da fera que habita a caverna próxima a Delfos. Durante todo o resto da narrativa, Antonino usa o nome Síbaris para se referir ao monstro. Segundo os comentários tecidos por Joseph Fontenrose (1980, pp. 100-104), há uma relação muito próxima entre Lâmia, Síbaris, a Cila odisseica e Gerana, uma rainha mítica dos pigmeus. A semelhança entre as duas primeiras está clara nessa narrativa de Antonino Liberal. Entre Lâmia e Cila a relação seria de maternidade, segundo alguns, como visto neste mesmo trabalho nos comentários a Homero e Estesícoro (cf. *supra* pp. 31-33). Gerana, chamada por Antonino Liberal de Énoe em seu sexto capítulo, era uma mulher muito bela e rainha adorada por seu povo. Por tal razão ela parou de reverenciar as deusas, provocando a cólera delas. Hera, irada, a transformou em um grou ou cegonha. Mudada em tal forma, Gerana/Énoe tentou reaver o filho, Mopso, mas foi afugentada com armas pelos pigmeus, que pensaram que ela era apenas um pássaro que tentava roubar a criança. Ela passou a sobrevoar a aldeia, desesperada, para tentar contatar o filho, mas foi sempre afugentada pelos

pigmeus, e passou a odiá-los e perseguí-los. Desde então os pigmeus e os groues estão em guerra, e Gerana perdeu seu filho (para o mito e suas fontes cf. Fontenrose, 1980, pp. 100-101; e também Grimal, 2005, p. 183, Gérana, e p. 374, Pigmeus). Assim, tanto a Lâmia rainha da Líbia quanto Gerana, rainha dos Pigmeus provocaram a ira de Hera, que lhes tirou os filhos e as metamorfoseou, transformando-as em seres que perseguem os homens e seus filhos. Mas nem a lenda de Gerana, nem suas conexões com Lâmia acabam aí. Ateneu de Naucrates diz, no início de seu relato, que Gerana tornou-se a parceira de Cicno, um filho de Ares que fora transformado por ele em cisne para escapar da morte que lhe iria dar Hércules. Cicno atacava homens nas proximidades de Delfos, matava-os e usava seus despojos para fazer sacrifícios ao pai. Em forma de cisne ele encontrou Gerana, em forma de grou, e ambos fizeram do rio Síbaris na Itália sua morada (cf. Fontenrose, 1980, p. 101; Grimal, 2005, pp. 86-87). Aparentemente esse rio era próximo à colônia de Síbaris, que não foi fundada pelos lócrios como diz Antonino no final do capítulo VIII, mas que de fato existia, assim como também era fato real a existência da fonte chamada Síbaris próximo a Delfos, nas bordas da Lócra Ozólia (ver *supra* comentário à Pausânias, p. 119-120). Há ainda um outro mito, o mito de Êutico e Polites, que é particularmente parecido com o de Lâmia/Síbaris e Euríbato. Polites, companheiro de Odisseu, foi apedrejado até a morte por ter violentado uma virgem da cidade de Têmesa. Seu fantasma, então chamado Hero ou Alibas, passou a perseguir e matar os cidadãos, não importando sexo nem idade. Os temésios já estavam prontos para partir da cidade e decidiram consultar o oráculo de Delfos. A Pítia lhes disse para construir um templo para Hero e oferecer-lhe como sacrifício anual a jovem mais bela da cidade. Desse modo ele seria apaziguado e eles poderiam continuar a viver em sua Têmesa. Mas Êutico, o lócrio, campeão olímpico de 472 a.C. (fato real, esse rapaz realmente existiu – cf. Pausânias 6.6.7 e Estrabão 6.1.5 – e foi "abocanhado" pelo mito), passando pela cidade justamente na época em que a procissão ia levando a jovem a ser sacrificada, apaixonou-se por ela, desceu até o túmulo de Polites, lutou com ele e venceu. Então Êutico rechaçou o fantasma até o mar, onde ele desapareceu. É exatamente a mesma história, com papéis invertidos: o flagelo aqui é do sexo masculino, e a vítima expiatória é do sexo feminino. Calímaco diz que o fantasma de Hero usava as vítimas como suas amantes (Calímaco, frs. 98-99 da edição de Pfeiffer), o que pode fornecer alguma luz no caso da demanda de Lâmia/Síbaris por um belo adolescente, pois é forçoso lembrar da proximidade entre lâmias e empusas. Essas últimas usavam suas

vítimas masculinas primeiro como amantes, para só depois alimentarem-se delas. É notável ainda o fato de que a cidade de Têmesa fica entre as de Lócria (a tão falada colônia fundada pelos lócrios na Magna Grécia) e Síbaris no sul da Itália (cf. Fontenrose, 1980, p. 102). E, ainda no campo da geografia, o escólio ao verso 758 da *Paz* de Aristófanes menciona uma cidade italiana de Lâmia, que talvez ficasse próxima às já mencionadas, mas da qual não se tem mais conhecimento, pois não é mais mencionada em lugar algum. Acredita-se que foi o historiador Dúris quem aludiu primeiro a tal cidade, ao dizer que foi fundada em honra da Lâmia rainha da Líbia, que Zeus levou para a Itália para fugir da ira de Hera. Alguns acreditam que tanto Dúris quanto o escoliasta de Aristófanes estavam se referindo à cidade de Lamo, rei mítico dos lestrigões (cf. acima comentário à *Odisseia*, p. 27-28), cuja posição geográfica foi muito debatida ao longo dos séculos, mas que parecia ficar no leste, em algum lugar da Sicília ou do sul da península itálica. Alguns ainda dizem que Lâmia não era rainha dos líbios, mas sim dos lestrigões, o que fecharia o ciclo de influências nesse mister (cf. Fontenrose, 1980, pp. 102-103; Heubeck & Hoekstra, 1990, pp. 47-48).

ἐν ᾧ θηρίον ὄκει μέγα καὶ ὑπερφυῆς - a palavra θῆρ é usada para nomear o ser que vive dentro da caverna – ἐν ᾧ é um dativo locativo no qual o pronome foi usado para substituir a palavra σπήλαιον, "caverna" – cujo nome pode ser Lâmia ou Síbaris. Θῆρ é um substantivo usado para indicar não somente um animal selvagem, mas também um ser fantástico, um algo oposto ao que se define por humano (*LSJ*, 1996, p. 799). Dois adjetivos fazem a caracterização do substantivo: um triforme, μέγας, "grande", e um biforme, ὑπερφυῆς (preposição ὑπέρ, "sobre", em composição com o verbo φύομαι, "crescer, aumentar") "sobrecrescido, enorme, monstruoso, maravilhoso, extraordinário" (*LSJ*, 1996, p. 1870). A princípio, se apenas a palavra θηρίον fosse considerada, até que era possível que se pensasse em um animal predador, como um lobo, um urso ou até mesmo um leão. Mas os adjetivos da composição não permitem dúvidas quanto à natureza do ser que habita a caverna: é grande e maravilhoso, ou seja, não-natural. Assim, pode-se concluir que a lâmia de Antonino Liberal é uma fera monstruosa, um ser fantástico de tamanho descomunal.

Πληγείς <δ'> ἔρωτι - o verbo πλέσσω é comumente usado para indicar alguém "atingido", "tomado" por a alguma emoção (*LSJ*, 1996, pp. 1420-1421), como no *Banquete*, de Platão, 218a: τὴν καρδίαν πληγείς ὑπὸ λόγων - "o coração tomado pelos discursos"; essa emoção pode ser o amor, como no caso em questão, em que o verbo

na segunda do singular se refere a Euríbato, complementado pelo dativo do substantivo masculino ἔρωσ. Optou-se pela tradução por "tomado de amor". Em sua Medeia, verso 8, Eurípides usa quase a mesma expressão, na fala da ama, para dizer que Medeia deixou a Cólquida por amor a Jasão: ἔρωτι θυμὸν ἐκπλαγεῖσ' Ἰάσονος - "por amor no âmago tomada por Jasão" ou "por amor a Jasão tomada no âmago". A única diferença aqui é a forma do verbo, que aparece em composição com a preposição ἐκ, resultando em ἐκπλήσσω, "tirar alguém do perfeito juízo, aturdir" ("drive out from one's senses" LSJ, 1996, p. 517), exaltando a impressão que Jasão teria tido em Medeia: ela foi tomada por uma paixão tal que a retirou de seu juízo, a fez fazer coisas que ela não faria normalmente. O verbo também tem uma acepção mais geral de retratar "uma paixão súbita, dominadora" ("generally of any sudden, overpowering passion" LSJ, 1996, p. 517). Há, inclusive, um eco de loucura, que pode ser uma previsão do que está por vir na tragédia desses dois personagens nessa fala da ama, tudo por causa do uso desse verbo. Eurípides também usa o mesmo verbo para uma outra personagem famosa na literatura grega, Fedra, em sua tragédia denominada Hipólito verso 38 (reproduziu-se aqui 38-40): ἐνταῦθα δὴ στένουσα κάκπεπληγμένη / κέντροις ἔρωτος ἢ τάλαιν' ἀπόλλυται / σιγῆι, ζύνοιδε δ' οὔτις οἰκετῶν νόσον - "e aqui, gemente e tendo sido tomada por dardos de amor, a infeliz se destrói em silêncio, e nenhuma das servas conhece a doença". Κάκπεπληγμένη é uma contração da conjunção καί e do particípio perfeito médio/passivo do verbo ἐκπλήσσω, ἐκπεπληγμένη, significando que a pessoa já foi atingida pelos dardos do amor em questão. Essa fala é de Afrodite, e faz parte do prólogo da tragédia, em que ela anuncia como vai executar sua vingança de Hipólito. É fedra quem padece da "doença", pois já foi atingida pelos dardos de amor de Afrodite, e agora geme pois está completamente apaixonada por seu enteado Hipólito, o que vai desencadear a tragédia.

Όπιανός - Opiano da Cilícia
(séculos II-III d.C.)

Introdução:

A respeito da vida de Opiano há duas possibilidades: a primeira é de que ele tenha nascido na cidade de Anazarbos, na Cilícia, a segunda é de que ele tenha nascido na de Coricos. Seja qual delas for, ele nasce sob o reinado do imperador romano Sétimo Severo (193-211 d.C.), pai de Caracala (imperador romano, 211-217 d.C.). Há várias discussões sobre a real autoria dos dois poemas que são atribuídos a Opiano, a *Cinegética* e a *Haliêutica*. Sabe-se ao certo que o primeiro foi escrito para o imperador Caracala, e tem a si atribuída a data de 198 d.C., fato baseado em referências internas do poema. Contudo, aparentemente, e de acordo com essas mesmas referências internas, seu autor era proveniente da cidade de Apamea, na Síria.¹⁶⁷ Já o autor da *Haliêutica* é referido como sendo um nativo da Cilícia em duas passagens do poema, III.7-9 e III.205-209, e o dedicou, muito genericamente, a um dos Antoninos (nome adotado por vários dos imperadores de Roma: Antonino Pio 138-161, Marco Aurélio Antonino 161-180, Cômodo 180-192, Caracala 211-217, entre outros), e se refere ao imperador e seu filho em várias passagens da obra. A *Suda* coloca o Opiano autor da *Haliêutica* sob o reinado de Marco Aurélio Antonino, e depois sob seu filho, Cômodo, que foi feito imperador em 176 (sob o nome Marco Aurélio Cômodo Antonino), quando o pai ainda vivia, o que pode ter gerado os comentários encontrados na *Haliêutica* de que pai e filho estavam associados no poder. Assim, a possibilidade gerada é a de que tal obra tivesse sido composta entre 176 e a morte de Marco Aurélio Antonino em 180.¹⁶⁸

Sobre a obra em si, Juan Carlos Zoido afirma que Opiano, como todo poeta grego da época imperial, dedicou especial atenção aos aspectos estilísticos da composição, obtendo um bom resultado: para um livro didático que trata da pesca e de peixes, a *Haliêutica* não carece de recursos formais que a tornam uma obra bem estruturada e de leitura agradável, que prende a atenção do leitor.¹⁶⁹ Ainda sobre a estrutura da composição, Zoido afirma que Opiano, ao contrário da tradição didática grega, que era a de destrinchar o tema em um único livro, adotou a tradição romana pós-Lucrécio, que era a de dividir os assuntos em sessões em vários livros.¹⁷⁰ Esse recurso lucreciano permitiu aos autores tratarem de assuntos mais complexos e

¹⁶⁷ Mair, 2002, pp. xviii-xix.

¹⁶⁸ Cf. Mair, 2002, pp. xix-xxiii, e também toda a primeira parte da introdução, pp. xiii-xxiii, onde se pode obter detalhes sobre as discussões acerca tanto da autoria quanto da dedicatória dos dois poemas.

¹⁶⁹ Zoido, 2002, p. 205.

¹⁷⁰ Zoido, 2002, p. 206.

estender-se mais no debate de cada um deles. Opiano também faz uso do que se conhece como *singula prooimia*, um pequeno próêmio colocado no início de cada livro. Esse recurso possibilitava ao autor apresentar um resumo do conteúdo a ser trabalhado em seguida no desenrolar do livro, fazer dedicatórias mais extensas aos figurões políticos da época, como o imperador, e inserir pequenos hinos de tema divergente do tema principal, o que gerava a atmosfera de diversidade necessária para manter o interesse na obra.¹⁷¹ Assim acontece, ainda, com a presença do *excursus*, o excursus, um recurso que consiste numa pequena narrativa de caráter mítico ou apenas digressional, que serve para quebrar a seriedade ou monotonia do tema que está sendo trabalhado, e que Opiano usa em larga escala na *Haliêutica*.¹⁷² Além dos acima mencionados, o símile é o último recurso citado por Zoido do qual se utiliza o autor da *Haliêutica*: ele afirma que há 78 símiles bem desenvolvidos na obra, e 47 comparações breves. O fato que chama atenção é que o uso de símiles não é característico da poesia didática grega, apenas da épica (considerando-se que a épica não é didática, o que mostra que essas definições de gêneros poéticos sempre podem apresentar problemas), mas que Lucrécio faz uso indiscriminado desse recurso, de modo que Opiano também lança mão dele em larga escala.¹⁷³ Proêmios introdutórios, excursos e símiles são, assim, os três recursos formais mais empregados por Opiano na composição da *Haliêutica*.

Sobre a tradução da obra em si, na página xlix de sua introdução à obra de Opiano, A. W. Mair, tradutor da edição de Harvard, cita alguns comentários sobre as dificuldades encontradas na hora de se verter os nomes dos peixes citados pelos autores que escreveram "histórias naturais" para as línguas modernas (o inglês, no caso dele). Pode ser que grande parte dessa dificuldade esteja ligada à associação de três fatores: o uso de nomes dados a animais terrestres, as descrições fantasiosas que beiram à mitologia, e a inexistência completa de um sistema de nomenclatura científica, que só foi adotado centenas de anos mais tarde.

A edição do texto grego foi retirada de OPPIAN, COLLUTHUS, TRYPHIODORUS. With an English translation by A. W. Mair. Cambridge: Harvard University Press, 2002.

¹⁷¹ Zoido, 2002, pp. 206-209.

¹⁷² Zoido, 2002, pp. 210-215.

¹⁷³ Zoido, 2002, pp. 216-219.

ΑΙΙΕΥΤΙΚΟΝ ΤΟ Α, 360-373

Κήτεια δ' ὀβριμόγυια, πελώρια, θαύματα πόντου, ἀλκῆ ἀμαιμακέτω βεβριθότα, δεῖμα μὲν ὄσσοις εἰσιδέειν, αἰεὶ δ' ὀλοῆ κεκορυθμένα λύσση, πολλὰ μὲν εὐρυπόροισιν ἐνιστρέφεται πελάγεσσιν, ἔνθα Ποσειδάωνος ἀτέκμαρτοι περιωπαί, παῦρα δὲ ῥηγμίων σχεδὸν ἔρχεται, ὅσσα φέρουσιν ἠϊόνες βαρύθοντα καὶ οὐκ ἀπολείπεται ἄλμης· τῶν ἦτοι κρυερός τε λέων βλοσυρή τε ζύγαινα πορδάλιές τ' ὀλοαὶ καὶ φύσαλοι αἰθυκτῆρες· ἐν δὲ μέλαν θύννων ζαμενὲς γένος, ἐν δὲ δαφοινῇ πρῆστις **ἀταρτηρῆς τε δυσαντέα χάσματα λάμνης**, μάλθη τ' οὐ μαλακῆσιν ἐπώνυμος ἀδρανίησι, κριοὶ τ' ἀργαλέοι καὶ ἀπαίσιον ἄχθος ὑαίνης καὶ κύνες ἀρπακτῆρες ἀναιδέες·

Tradução:**Haliêutica, I.360-373**

E os cetáceos de fortes nadadeiras, prodígio, maravilha do oceano, pesadões de força irresistível, para quantos um terror de se ver, sempre equipados de fúria destrutiva. Muitos movem-se no mar de largos caminhos, lá nas obscuras redondezas de Poseidon; poucos vêm próximo da arrebentação, de tantos quanto as praias suportam o peso e a água salgada não abandona. Dentre eles com certeza estão o cruel peixe-leão e o feroz tubarão-martelo, os destrutivos peixes-leopardo e os impetuosos "fissálisos"; e neles a escura e irascível raça dos atuns, neles também o sanguinário peixe-serra, **e a insuperável boca escancarada da maliciosa lâmia**, e a malta que não é mole nem fraca como seu nome, os peixes-carneiro, que causam dor, o agourento fardo dos peixes-hiena e também os cações, bandidos desavergonhados.

Comentários:

Opiano apresenta alguns problemas na tradução dos nomes dos peixes a que se refere, pois as entradas de muitos deles no dicionário oferecem significados que indicam apenas "monstro marinho" ou "peixe marinho", e não sugestões de espécies, como acontece muito nos casos de Aristóteles e Galeno. É por essa razão que dois dos nomes dos peixes foram apenas transliterados, e outros três foram traduzidos como "peixe-nome do animal terrestre a que Opiano se refere", como por exemplo "peixe-leão" para λέων. A. W. Mair se refere muito a outros autores antigos que também falaram de peixes como Aristófanes, Plínio o Velho, Ateneu, Eliano, a até mesmo a *Suda*, só para citar alguns, nas notas explicativas de sua tradução.

λάμνα - este substantivo feminino é sinônimo do λάμια que aparece com mais frequência neste trabalho, e remete à segunda acepção que lhe é atribuída no dicionário: "um tubarão feroz" ("a fierce shark", *LSJ*, 1996, p. 1027; Mair, 2002, p. 520). Mair, colocou uma nota ao substantivo lámνα, em que afirma:

A λάμια de A., 540b17 σελάχη δ'ἔστι τὰ τε εἰρημένα καὶ βοῦς καὶ λάμια; 621a20 ἔχουσι δ'ὀδόντας ἰσχυρούς (αἰ ἄμια), καὶ ἤδη ὄπται καὶ καθελκωθεῖσα; Athen. 306d Νίκανδρος...τὸν καρχαρίαν καλεῖσθαί φησι καὶ λάμιαν καὶ σκύλλαν; cf. Plin., ix.78 Um dos grandes tubarões, talvez *Lamna cornubica* Cuv. ou *Carcharodon lamia* Br, M.G. λάμια, καρχαρίας: "raro e excessivamente perigoso; alguns indivíduos dessa espécie atingem proporções enormes" (Apost., p. 4). (Mair, 2002, p. 462: The λάμια of A. [...] One of the larger Sharks, perhaps *Lamna cornubica* Cuv. or *Carcharodon lamia* Br., M.G. λάμια, καρχαρίας: "rare et excessivement dangereux; quelques individus de cette espèce atteignent des proportions énormes"[...] Tradução própria.)

Os trechos citados de A. (Aristóteles, *História dos animais*) e Plin. (Plínio, *História natural*) estão traduzidos aqui neste trabalho (cf. *supra* pp. 71-78 e pp. 107-109). Athen. (Ateneu, *Deipnosophistas*) e Ael. (Cláudio Eliano, *Da natureza dos animais*) vão ser traduzidos e comentados em nossa tese.

κῆτος - em geral, "qualquer monstro marinho ou grande peixe" (*LSJ*, 1996, pp. 949-950), o editor de Harvard aponta que esse vocábulo era usado para indicar "baleias, golfinhos, focas, tubarões, atuns, e as grandes criaturas do mar, em geral" (cf. Mair, 2002, pp. lxvii-lxviii e 203). Hoje, após uma especialização ao longo do tempo, o vocábulo é usado para designar os grandes mamíferos aquáticos: as baleias, os golfinhos e os botos (cf. Heiser, Janis & Pough, 2008, pp. 572-573).

λέων - não há indício de que peixe seja esse, o *LSJ* não indica nenhuma espécie, como faz com muitos dos peixes mencionados por autores antigos, tudo o que o dicionário mencionado faz é dizer que esse vocábulo é usado para indicar o mamífero chamado leão (*Panthera leo*), para um tipo de caranguejo, um tipo de serpente, um tipo de dança, um grau dos iniciados nos mistérios de Mitra, e, finalmente, um monstro marinho (*LSJ*, 1996, p. 1043, cf. Mair, 2002, pp. 520).

πέλωρ - esse substantivo neutro indica um "portento, prodígio, monstro", é usado sempre com uma conotação negativa pelos escritores mais antigos quando indica seres vivos: é usado para o Ciclope, para Cila, para a Górgona, para a cobra Píton, para Hefesto. A partir dele deriva o adjetivo **πελώριος**, que é muito usado por

Homero para caracterizar deuses e heróis; já pela tragédia não é muito usado, e aparece na comédia para fazer troça do estilo heróico e da linguagem rebuscada típica desse estilo; e é usado por Hesíodo com muita frequência para se referir à terra divinizada: Γαῖα πελώρη (*LSJ*, 1996, p. 1358).

πέλαγος / πόντος - os dois substantivos significam "mar, mar aberto", sendo que a diferença entre os dois vocábulos é praticamente nula: se usa mais o segundo vocábulo para indicar nomes próprios de mares (*LSJ*, 1996, p. 1356 para πέλαγος, e p. 1448 para πόντος). Chantraine afirma que a diferença entre os dois vocábulos é o fato de que o segundo indica o mar como elemento que se atravessa, como uma passagem, enquanto o primeiro indicaria realmente o alto mar (Chantraine, 1968, pp. 872, 927).

ῥηγμίν / ῥηγμίσ - esse substantivo feminino deriva de outro substantivo neutro, ῥήγμα, "quebra, fratura", mas não tem essas formas de nominativo atestadas, apenas a de genitivo, e significa "mar quebrando na praia, limite do mar", sendo que ambos derivam do verbo ῥήγνυμι, "quebrar em pedaços, despedaçar, estilhaçar" (cf. todos os vocábulos no *LSJ*, 1996, p. 1568; Chantraine, 1968, pp. 971-972).

πορδαλέος = πάρδαλις, πόρδαλις - o primeiro vocábulo é igual ao segundo, o terceiro é uma variação do segundo. Todos indicam um felino muito conhecido, o leopardo (*Felis pardus*). Alguns autores antigos afirmaram que πάρδαλις era usado para a indicar a fêmea desse felino, e πόρδαλις para o macho, mas o *LSJ* diz que a diferença entre os vocábulos é que o primeiro indica a pele do leopardo, enquanto o segundo se refere ao animal, qualquer que fosse o sexo (*LSJ*, 1996, pp. 1331 e 1332).

φύσαλος - denomina um tipo de sapo e também um tipo de peixe que se inflama quando se sentem ameaçados, ambos venenosos. O *LSJ* supõe que o peixe seja da família dos Tetraodontidae, popularmente conhecidos no Brasil como baiacus; o substantivo deriva do verbo φυσάω, "soprar, inflar, ventar" (*LSJ*, 1996, p. 1963). Contudo, Mair identifica esse "monstro marinho" com o cachalote (*Physeter macrocephalus*), a única baleia que possui dentes (Mair, 2002, p. 242).

χάσμα - cita-se aqui esse substantivo neutro derivado do verbo χασμάομαι, "bocejar, escancarar", apenas para fazer menção a uma de suas acepções: "especialmente sobre abrir a boca largamente", ou "escancarar a boca" ("esp. of opening the mouth wide", *LSJ*, 1996, p. 1981), que é a imagem que o autor quer passar da lâmia: um peixe monstruoso que investe contra sua presa com sua larga boca escancarada. Como a lâmia é identificada com o tubarão branco (*Carcharodon carcharias*, cf. *supra*

Galeno, pp. 135-136), há boas imagens desse peixe que ilustram essa sua atitude, como as que reproduz-se no final deste comentário.

πρήστις = **πρίστις** - peixe-serra, *Pristis antiquorum* (LSJ, 1996, pp. 1464-1465).

ῥαινα - hiena, *Hyaena striata*, e também um peixe marinho não identificado (LSJ, 1996, p. 1840; Mair, 2002, pp. 461 e 521).

κριός - carneiro, e também um "monstro marinho", um tipo de navio, um tipo de marisco (mexilhão), uma parte de um sistema de irrigação, voluta (tipo de ornamentação de capiteis de colunas, Houaiss, 2010, p. 2881; LSJ, 1996, p. 1043). Mair identifica esses "monstros" com as orcas (*Orca gladiator*, cf. Mair, 2002, pp. 461 e 517)

ΑΙΙΕΥΤΙΚΟΝ ΤΟ Ε, 28-40

εἰσὶ δ' ἐνὶ τραφερῇ λάβροι κύνες, ἀλλὰ κύνεσσιν εἰναλίους οὐκ ἄν τις ἀναιδείην ἐρίσειε. πορδαλίων γαίης ὀλοὸν δάκος, ἀλλὰ θαλάσσης αἰνότερον. χέρσον μὲν ἐπιστείχουσιν ῥαιναί, πολλῶ δ' ἐν ῥοθίοις κρυερότεραι. οἱ μὲν ἔασι κριοὶ μηλονόμων τιθασὸν βοτόν, οὐ δὲ θαλάσσης κριοῖς μειλιχίοισι συνοίσεται, ὅς κε πελάσση. **τίς δὲ τόσον γλοῦνης φορέει σθένος, ὅσσον ἄαπτοι λάμναι;** τίς δὲ λέοντος ἐνὶ φρεσὶν αἴθεται ἀλκή, ὅσση ῥιγεδανῆσιν ἀνισώσαιτο ζυγαίναις; φώκην δὲ βλοσυρὴν καὶ ἐπὶ χθονὶ χαιτήεσσα ἄρκτοι πεφρίκασι καὶ ἐς μόθον ἀντιόωσαι δάμνανται· τοίοισι μέλει θήρεσσι θάλασσα.

Tradução:

Haliêutica, V.28-40

Existem em terra firme cães violentos, mas com os cães marinhos nenhum disputaria em sem-vergonhice. A mordida dos leopardos da terra é destrutiva, mas a dos do mar, mais terrível. Hienas uivam pelo árido, mas as nas muitas ondas dão mais calafrios. Os carneiros dos rebanhos são bestas mansas, mas os que porventura se encontrarem com os carneiros do mar verão que eles não são gentis. **E quem possui a força do javali, tal qual as intocáveis lârnias?** E quem a coragem acende no âmago do leão que o equipararia aos horríveis tubarões-martelo? E os ursos peludos tremem sobre a terra ante uma foca feroz, e são dominados se a enfrentam em batalha. O mar cuida de feras tais.

Comentário:

κύνες - como visto, essa espécie de tubarão pode ser identificada com o que se denomina cação no Brasil, um tipo mais comum de tubarão, menor e menos violento que os outros citados (cf. *supra* Galeno, pp. 127-128). Aqui optou-se pela tradução por cão apenas para manter o contraste que o autor está fazendo entre os animais terrestres e marinhos de mesmo nome. Assim, as oposições cães da terra, cães do mar, leopardos da terra, leopardos do mar, leões da terra, leões do mar, que ele usa ao longo do livro V continuam em destaque.

λάβρος, βλοσυρής - ambos são adjetivos usados para caracterizar os peixes como sendo "ferozes, violentos" (*LSJ*, 1996, pp. 319 e 1021), assim como também ὀλοός, "destrutivo" (derivado do verbo ὀλλυμι, "destruir", *LSJ*, 1996, pp. 1216 e 1218), e ἀργαλέος, "doloroso" (*LSJ*, 1996, p. 235).

θάλασσα - um terceiro substantivo que Opiano usa para indicar o mar, dessa vez feminino. Esse é o vocábulo comumente usado para se referir ao mar Mediterrâneo (*LSJ*, 1996, p. 178), que se difere de πέλαγος e πόντος por isso (cf. *supra* p. 160). Também é usado para indicar lagos, poços e canais de água salgada.

τραφερής, γαία, χερσός, χθόν, μηλονόμως - todos são vocábulos usados para indicar terra seca, em oposição à mar. Optou-se por vertê-los todos em "terra", já que o objetivo principal desse trecho do texto não é fazer uma distinção entre vários tipos de terra, mas entre terra e mar, de modo que não parece haver muita especificidade no uso dos variados substantivos, pode ser que fosse apenas um preciosismo de Opiano. Pode ser que não, e que ele estivesse querendo fazer, além da distinção terra - água, especificações com relação ao tipo de terra que cada animal terrestre citado habita, o que não parece ser o caso, além de parecer ser algo irrelevante numa obra cujo nome significa "Sobre a pescaria" ou "Sobre a arte da pescaria" (cf. *LSJ*, 1996, p. 65, que cita o uso feito por Platão dessa palavra: ἡ ἀλιευτική ou ἡ ἀλιευτική τέχνη, "a arte da pesca"). E ainda, apenas para mencionar rapidamente os recursos estilísticos usados pelo autor neste trecho, se no trecho anterior já se vislumbrava elementos poéticos, neste não há como deixar de comentar acerca dos recursos utilizados que descrevem os peixes a partir de comparações (criativas, como, por exemplo, usar o verbo ἐπιστείχω para as hienas), anáforas, metáforas, perguntas retóricas, entre outros.

ΑΙΙΕΥΤΙΚΟΝ ΤΟ Ε, 358-364

Λάμνης δὲ σκύμοισιν ὄτ' ἀντήσωσ' ἀλιῆς, πολλάκι καὶ τροπὸν αὐτόν, ἐπαρτέα δεσμὸν ἐρετμοῦ, λυσάμενοι προὔτειναν ἐν οἴδμασιν· ἢ δ' ἐσιδοῦσα ἔσσυτο καὶ γενύων προΐει μένος, αἶψα δὲ σειρῆ ἐνσχόμενοι μίμνουσιν ἅτ' ἐν δεσμοῖσιν ὀδόντες ἀγκύλοι· ἔνθεν ἔπειτα πόνος ῥήϊστος ὀλέσσαι λάμνην τριγλώχινος ὑπὸ ῥιπῆσι σιδήρου.

Tradução:***Haliêutica, V.358-364***

Os pescadores que se deparam com as crias de lâmia muitas vezes afrouxam a própria correia, a que prende a amarra do remo, e soltos avançam nas ondas. Mas ela, vendo, apressa-se e desata o poder de suas mandíbulas: os dentes recurvos ficam imediatamente seguros, visto que se prendem em amarras. Depois disso é trabalho fácil destruir uma lâmia sob golpes de um tridente de ferro.

Comentário:

Opiano dá lições de como capturar os tais "monstros marinhos" dos quais trata no livro, nessa parte do capítulo V: descreve como os pescadores fazem para pescar lâmias jovens. O autor, no trecho, trabalha com o elemento surpresa iniciando a frase com a lâmia, inserindo o verbo ἀντάω, adequado para o campo semântico do combate. Na sequência, constrói uma gradação com os verbos λύω, σεύω, προΐημι para ampliar o *suspense*, que termina de modo favorável para os pescadores.

Ἡράκλειτος - Heráclito
(paradoxógrafo, supõe-se que entre II e III
d.C.)

Introdução:

Heráclito é um autor praticamente desconhecido. Quase nenhuma informação sobre sua vida ou mesmo sobre seu texto chegou até nós. Há apenas um manuscrito do século XIII que contém o texto (Vaticano 305), composto por trinta e nove pequenos relatos mitológicos. Além dessas poucas informações, nada mais se sabe de concreto, apenas que o autor aparenta ter pertencido ao final do século I d.C., início do século II d.C., por questões de vocabulário usado, conteúdo dos mitos narrados (alguns são versões que só foram atestadas tardiamente, como a do mito de Filomela e Prócne, que é uma versão tardia romana), e pelos poetas aos quais ele se refere ao longo da obra.¹⁷⁴ Heráclito é citado por Eustácio, o conhecido comentarista bizantino de Homero, que se refere a ele como "o Heráclito que se propõe tornar críveis contos inacreditáveis". Contudo, mais ninguém se refere a ele até o século XIII no já mencionado manuscrito.¹⁷⁵

A obra, *Sobre o inacreditável*, traz então 39 relatos curtos de mitos, seguidos de uma interpretação do autor, que pode ser racionalista, evemerista, alegórica ou mesmo etimológica. Aparentemente, não há uma forma de organização sistemática dos mitos selecionados por Heráclito para compor o *corpus* de sua obra, e a impressão geral que fica para o leitor é a de que os mitos eram tão conhecidos pelo público que não era necessário que seu autor se delongasse narrando as histórias em detalhes. Mesmo os que aparentam ser pouco conhecidos são curtos e objetivos.¹⁷⁶

Sobre o mito da lâmia, Stern afirma que é um dos mitos menos conhecidos, mas que, mesmo assim, é apresentado pelo autor de uma maneira bem resumida. Ele afirma ainda que a interpretação da história combina dois tipos de análise: o racionalismo, pois procura dar uma explicação que aproxima de fatos reais os fatos narrados no mito, e o evemerismo, que entende que os ditos deuses das histórias eram reis e rainhas, e por isso diz-se nessa parte que Zeus era um rei que se enamorou de Lâmia, uma mulher linda.¹⁷⁷ Mas Stern pontua que o autor não oferece explicação alguma para o fato da Lâmia bestializada poder remover seus olhos, que é algo que Diodoro Sículo faz.¹⁷⁸

¹⁷⁴ Stern, 2003, pp. 51, 53-54; Morales, 2002, p. 263.

¹⁷⁵ Stern, 2003, p. 52.

¹⁷⁶ Stern, 2003, pp. 54 e 65; Morales, 2002, p. 264.

¹⁷⁷ Stern, 2003, pp. 65 e 88-89.

¹⁷⁸ Stern, 2003, p. 65; Diodoro Sículo, *Biblioteca histórica*, 20.41, cf. *supra* pp. 90-94.

Stern se refere a Heráclito como um paradoxógrafo, apesar de preferir chamá-lo de mitógrafo.¹⁷⁹ O paradoxógrafo era aquele que escrevia sobre maravilhas e coisas incríveis, enquanto o mitógrafo era aquele que escrevia contos fabulosos.¹⁸⁰ Os paradoxógrafos são definidos como aqueles autores que demonstram interesse no inesperado ou inacreditável, e que começaram a fazer compilações de relatos cujo conteúdo poderia ser definido por esses dois adjetivos citados acima. Sua atividade passou a ser exercida com maior frequência à partir do século III a.C., o que deu à paradoxografia *status* de gênero literário. O material literário usado por esse novo gênero provinha de ciências bem conhecidas como a geografia, a botânica, a zoologia, e também das culturas humanas.¹⁸¹ Já os mitógrafos foram os que compilaram os mitos bem conhecidos popularmente desde a Antiguidade, cujo material traz relatos das aventuras de heróis e deuses. Hesíodo, com sua obra (*Catálogo das Mulheres, Teogonia e Os trabalhos e os dias*), é reconhecido como o primeiro autor, e suas obras, as primeiras desse gênero. As grandes compilações de mitos também datam do período helenístico, que parece ter sido palco dessa febre de se fazer compilações escritas de tudo quanto havia.¹⁸²

O texto grego foi retirado do programa *Diogenes*, de FESTA, N. (ed.) *Mythographi Graeci*. Leipzig: Teubner, 1902. v. III, 2.

Περὶ Ἀπίστευτον - Περὶ Λαμίας

Ἱστοροῦσιν ὅτι, Διὸς αὐτῆ συμμιγέντος, Ἥρα ἀπεθηρίωσεν αὐτήν, καὶ ὅτι ἠνίκα ἂν μανῆ, τοὺς ὀφθαλμοὺς ἐξαιρεῖ καὶ εἰς κοτύλην βάλλει, καὶ ὅτι σαρκοφαγεῖ καὶ ἀνθρώπους ἐσθίει. εἶη δ' ἂν τάδε. καλῆ αὐτῆ οὐση ὁ Ζεὺς ἐπλησίασε βασιλεύων, Ἥρα δὲ συναρπάζουσα αὐτήν, τοὺς ὀφθαλμοὺς ἐξώρυξε καὶ εἰς τὰ ὄρη ἔρριπεν· ὄθεν ἐπιπόνως ἔζη ἐπικουρουμένη δὲ οὐδέν· <διὰ δὲ τὸ> ὑπὸ ταῖς ἐρημίαις καταγνομένην αὐτήν ἄλουτον καὶ ἀθεράπευτον εἶναι, ἐδόκει θηρίον ὑπάρχειν.

¹⁷⁹ Stern, 2003, p. 52.

¹⁸⁰ *LSJ*, 1996, p. 1308; *LSJ*, 1996, p. 1151.

¹⁸¹ Cf. Hornblower & Spawforth, 2003, p. 1112.

¹⁸² Cf. Hornblower & Spawforth, 2003, p. 1018-1019.

Tradução:***Sobre o inacreditável - Sobre Lâmia***

Contam que, Zeus tendo transado com ela, Hera a bestializou; e que sempre que se enfurece, arranca os olhos e os atira numa copa; e que é carnívora e come humanos. Mas poderia ser assim: sendo bela, o rei Zeus achegou-se a ela, e Hera, raptando-a, arrancou-lhe os olhos e jogou nas montanhas; lá vivia penosamente, em nada ajudada. Por isso, por viver em desolações e estar sem banho e cuidados, parecia ser uma fera.

Comentário:

συμμίγνυμι, πλησιάζω - dois verbos usados nesse trecho com o mesmo sentido de indicar que Zeus manteve relações sexuais com Lâmia. O primeiro verbo tem uma acepção mais específica de "misturar-se com" (*LSJ*, 1996, p. 1678, sob a forma συμμίγνυμι), enquanto o segundo indica "trazer para perto, aproximar-se de" (*LSJ*, 1996, p. 1420), mas ambos têm esse sentido sexual. Contudo, optou-se por manter a diferença entre os dois vocábulos na tradução.

ἀποθηριόω - a definição desse verbo é "transformar em besta, fazer selvagem", e é normalmente usado com acusativo, τινά (*LSJ*, 1996, p. 199).

ἔσθίω, σαρκοφαγέω - outros dois verbos usados para indicar a mesma ação: comer. E, nesse caso da Lâmia, comer outros seres humanos. Σαρκοφαγέω significa "comer carne, ser carnívoro", e desse verbo deriva um adjetivo, σαρκοφάγος, -ον, que tem acepção não apenas de "comedor de carne, carnívoro", mas também de "canibal" (*LSJ*, 1996, pp. 1584-1585). Ἐσθίω é "comer, devorar, consumir" (*LSJ*, 1996, p. 696).

Considerações finais

Tendo chegado ao final desta leitura miscelânea de autores, pode-se contabilizar exercícios em tradução feitos, e desafios enfrentados: as lâminas de variados autores de tempos diferentes, com léxico e sintaxe particulares e, por vezes, até mesmo exóticos, foram catalogadas e desfilam pelas páginas desta pesquisa. Contabilizam-se também algumas dificuldades: a primeira, na seleção do *corpus* após a pesquisa no *TLG*, pois, com um escopo de aproximadamente 36 autores, como seria possível que um catálogo de fontes antigas de um mito marginal e quase desconhecido fosse elaborado para uma simples dissertação de mestrado? As limitações de espaço ditaram o caminho a ser seguido: o dos primeiros passos, da pesquisa nos quatro livros que foi iniciada há três anos atrás, que resultou incompleta, mas que fornece uma visão abrangente do mito da lâmia voraz, que era o objetivo principal deste trabalho. A redação da dissertação não foi dirigida no sentido de se analisar e explicar o mito, de modo que bastou para esta etapa elencar e traduzir algumas de suas fontes antigas.

Outras dificuldades encontradas pelo caminho centraram-se no campo da linguagem: o desafio de traduzir Aristóteles, Plínio, Galeno e Opiano que, misturado à curiosidade pelo mundo do mar, e particularmente pelos tubarões, fez com que se dedicasse 33 páginas deste catálogo ao estudo desses quatro autores, que usam a palavra lâmia para nomear uma espécie de tubarão voraz do Mediterrâneo. Esses textos apresentaram questões tradutórias que remetem à evolução dos estudos da Biologia como ciência, mais especificamente da classificação sistemática dos animais, no campo da denominação de suas estruturas morfológicas: a questão principal era a opção de se usar, ou não, os termos técnicos que já estão em uso há mais de duzentos anos. Seria uma solução tradutória anacrônica, porém, resultaria mais fluida e compreensível. Seria preferível manter-se mais próximo aos textos, e abdicar de um conhecimento já estabelecido? Seria mais sensato voltar aos primórdios do estudo dessa ciência, que, coincidentemente, são os próprios textos em questão? Será que cabe ao tradutor o papel de modificador de um texto técnico? Essas questões foram instigantes e tiveram como resultado o anexo com as ilustrações, no qual o leitor ávido por esse tema pode se comprazer minimamente.

Aristófanes e seu riso poético deseducado foi um outro desafio contabilizado na jornada desta pesquisa, uma tradução particularmente difícil, que requer um estudo detalhado dos contextos e fatos históricos para que seja feita de uma maneira satisfatória, e que, ao mesmo tempo, precisa provocar algum riso no público que vai

fazer uso dela. Nesse caso, o talento do tradutor seria medido por sua capacidade de atualizar as piadas feitas para o contexto político-social da Atenas do século IV a.C.

Um terceiro desafio foi lidar com a tradução dos fragmentos descontextualizados, como as remissões a Estesícoro, o provérbio de Esopo, o verso de Eurípidés. Percebeu-se a dificuldade da tradução sem texto nem contexto, sem referência, ou que tem relatadas sobre si apenas algumas referências esparsas que chegaram até os dias atuais.

Assim, cada período, cada gênero, cada autor demandou alguma investigação histórica, estudos de política, observação dramaturgica, pesquisas em biologia. Com modéstia, acredita-se que essa seja uma das qualidades do trabalho aqui apresentado. Tem-se consciência de que os comentários aqui feitos podem parecer aleatórios, e sem delimitação de um campo restrito do conhecimento humano, como, por exemplo, a filologia. Todavia há que se lembrar que, em se tratando de tantos e tão variados autores, para cada autor foi comentado o que seu texto propôs e, por isso, tais comentários trazem, além da já referida análise filológica, pontuações sobre folclore e mitologia; relatos de costumes sociais, culturais e religiosos de alguns povos antigos; conhecimentos de biologia e medicina; traços de sabedoria popular e métodos de alimentação de povos específicos; narrativas de eventos históricos; rápidas referências biográficas a respeito de algumas das pessoas mencionadas ao longo deste trabalho, entre outros. Não houve uma metodologia específica para a fabricação dos comentários, exceto aquela fornecida pelo estilo e ponto de vista de cada autor. Procurou-se analisar o que fosse diretamente relacionado ao mito da lâmia, mas algumas palavras curiosas também foram ressaltadas, por opção da autora.

Sobre o mito, pôde-se perceber que há vários pontos em comum entre os diferentes autores. Mesmo que se tenha procurado realizar a análise sob o signo da voracidade, que é morfologicamente conferida a todas as versões do mito pela raiz do vocábulo lâmia (-lam), considera-se que a figura da lâmia também pode ser associada de diferentes maneiras a vários outros campos semânticos, o que abre infinitas portas de interpretação. Pode-se pensar que os diferentes relatos estão unidos pelo signo do sangue: do sangue dos filhos de Lâmia chacinados por Hera, do sangue das crianças levadas pela lâmia-papona; do sangue que é derramado pelas vítimas da lâmia-tubarão, pelas vítimas da lâmia-Síbaris e pelos rapazes jovens e bonitos fígados pelas lâmias-empusas. Os relatos também poderiam estar unidos sob o signo da morte, que abre suas asas e recobre todos os relatos que concernem a criatura mitológica

denominada lâmia (os filhos da rainha líbia morrem, então ela mata os filhos dos outros, os rapazes seduzidos pelo espectro morrem, as vítimas do monstro que habita a caverna morrem, as crianças engolidas pela lâmia morrem), e também o tubarão de mesmo nome (que obviamente mata todas as suas presas ao comê-las). E as várias versões do mito poderiam, ainda, estar unidas sob o estigma do feminino, e então seria possível perguntar-se por que a maioria dos monstros usados no universo infantil era feminina (Empusa, Estrige, Gorgó, Geló, Lâmia, Lilith); também por que a maioria dos monstros da mitologia greco-romana que lidavam com a morte eram femininos, como as erínias e as ceres; outra questão seria ainda por que eram também mulheres todas as bruxas, feiticeiras, entre outros seres desse mesmo campo semântico, pois não há muitos homens que sejam magos, feiticeiros, bruxos, na mitologia greco-romana (para dizer a verdade, não se consegue pensar em um só que o seja). Assim, a discussão iniciada pelo comentador de Aristófanes pode ser melhor compreendida, já que ele afirma categoricamente que, apesar do que disse o autor cômico (que a lâmia teria testículos), ela é, indiscutivelmente, fêmea. Desse modo, todos esses vocábulos aglutinadores poderiam ter sido usados em uma análise interpretativa do mito: voracidade, sangue, morte, feminino. E ainda se pode pensar em outros: violência, isolamento/solidão, maldade, entre outros.

Contudo, julga-se ser precipitada uma interpretação do mito para um trabalho de apenas dois anos de estudo formal e, por isso, a opção deste trabalho não foi a de realizar uma análise interpretativa da figura mitológica da lâmia, e sim, a de fornecer um pequeno catálogo de fontes antigas a partir do qual um estudioso atento possa se debruçar em análises mais sistemáticas. A ordem cronológica foi importante para a hipótese principal: a de que o conceito da lâmia mitológica variava de acordo com o passar dos anos. Contudo, essa hipótese não se verificou. Viu-se que a variação da figura da lâmia mítica não segue um padrão cronológico de evolução, e sim um padrão algo aleatório, o qual ela segue ao longo dos séculos, muitas vezes tendo várias funções míticas ao mesmo tempo. Assim, viu-se que, em Homero, VIII a.C., Lamo é um longínquo rei fundador de uma dinastia de gigantes comedores de gente; em Estesícoro, VII-VI a.C., a Lâmia é mãe do monstro marinho chamado Cila; em Esopo, VII-VI a.C., a lâmia é chamada na "hora do aperto"; já no século V a.C., Crates atenta para o possível hermafroditismo da lâmia, e assim também o faz Aristófanes no século IV a.C.; tanto Eurípidés no século V a.C., quanto Diodoro Sículo, no I a.C., se referem ao mito da Lâmia líbia, mas o último oferece uma

explicação racional para interpretá-lo; assim como esse último autor, Heráclito Paradoxógrafo, no século IV d.C. (provavelmente), procura explicar o mito, racionalizando-o, contudo não faz qualquer referência explícita a respeito de a qual versão do mito está remetendo (apesar de a versão dada por ele se parecer muito com a da Lâmia líbia); Pausânias também se refere à Lâmia amante de Zeus no século II d.C., e diz que ela foi a mãe da primeira sibila; e tanto São Jerônimo, na sua *Vulgata* dos séculos IV-V d.C., quanto Apuleio, no século II d.C., se referem à ela como uma espécie de bruxa noturna; Filóstrato, século II-III d.C., considera a lâmia como um espectro maligno que seduz jovens rapazes para devorá-los depois; no século I a.C., Horácio e Estrabão são os primeiros que fazem alusão direta à lâmia como uma "paponna", considerando-a como um dos monstros que povoam o universo infantil, e se referindo às crianças, inclusive; enquanto Plutarco, I-II d.C., e Antonino Liberal, II-III d.C., fazem menção a uma espécie de criatura que vive em cavernas; e autores tão distantes uns dos outros no tempo como Aristóteles, IV a.C., Plínio, I d.C., Galeno e Opiano, II-III d.C., citam, por fim, a lâmia tubarão.

Assim, pode-se pensar que a figura da lâmia na Antiguidade não seguia um padrão definido de conceituação, pois é relatada pelos autores ora como o que modernamente se chama de vampiro, ora como o que se chama de bicho-papão, ora como o que se considera que seja uma bruxa, também ora como o que se diz ser um espírito maligno ou demônio, e ainda ora como um tubarão feroz. Mesmo que tais comparações sejam anacrônicas, acredita-se que a adoção de tal recurso ajude o pesquisador, e também os futuros leitores, na visualização das variadas funções mitológicas/folclóricas assumidas pela lâmia na sociedade greco-romana: por vezes ela desempenha o papel de um vampiro, ou seja, seduz jovens para sugar deles a vida; por vezes a lâmia se assemelha ao ser que comumente é denominado bicho-papão, pois rapta crianças para se alimentar delas; e por vezes, ainda, ela se assemelha a uma bruxa, pois é capaz de feitiçarias que iludem suas vítimas, ou que as prejudicam. A verdade é que o conceito da lâmia greco-romana não pode ser delimitado por nenhum desses conceitos modernos acima citados, mas também, não há um conceito moderno melhor para defini-la na mentalidade popular moderna. De modo que não se pode atribuir à lâmia qualquer conceituação moderna de monstro mitológico que seja, apenas fazer aproximações que ajudem na compreensão do ela representaria para as sociedades que aterrorizou. Do mesmo modo, como visto, e após a rápida análise feita no parágrafo anterior, não se pode dizer que o conceito da lâmia muda à medida que o

tempo passa. Na verdade, o que se pode concluir é que ela parece ter sido vista como uma e todas as possibilidades relatadas acima ao mesmo tempo, um fruto de uma espécie de sincretismo de imaginários populares, de modo que soa algo incongruente que tais aspectos de sua *persona* folclórica sejam avaliados *per si*. O que se poderia fazer é, como já mencionado, optar por uma análise interpretativa em que se agrupariam autores sob um signo literário comum, ou mitologema: a voracidade seria um deles, o sangue, outro, a morte, outro, e o sexo feminino, outro ainda. Contudo, essa seria uma pesquisa advinda, primeiro, da construção desse catálogo que se espera que forneça o ensejo de outras pesquisas. Espera-se que se tenha fornecido alguma luz sobre fontes antigas de um mito pouco comentado. Considera-se que tal objetivo foi cumprido, apesar de não ter esgotado todas as possibilidades, nem trabalhado com todas as fontes antigas possíveis.

Obrigada.

Anexos

I: lista de autores

Autores, de acordo com a palavra (segundo pesquisa feita no *TLG* em março de 2013):

Registros para ΛΑΜΙΑ:

- Eurípides
- Crates

Registros para Λάμια:

- Plutarco
- Ateneu de Náucrates
- Sílax de Carianda
- Hélio Herodiano
- Estrabão
- Cláudio Ptolomeu
- Mácron
- Cláudio Heliano e Pseudo-Herodiano
- Alcífron
- Antonino Liberal
- Idomeneu de Lâmpsaco
- Constantino VII Porfirogeneta
- Teognosto
- Pseudo-Zônaras
- Estéfano de Bizâncio
- Fócio
- Eustácio de Tessalônica
- Hesíquio
- *Etimológico Gudiano*
- *Etimológico Magno*
- *Etimológico Parvo*
- *Etimológico Simeonense*
- *Epimerismi Homerici*
- Escólio em Hélio Aristides
- Escólio em Aristófanes
- Escólio em Pausânias
- Escólio em Teócrito
- Suda

Registros para λάμια:

- Aristóteles e *Corpus Aristotelicum*
- Eustácio de Tessalônica
- *Etimológico Magno*
- Escólio em Aristófanes
- Suda

Registros para Λαμία:

- Ateneu de Náucrates
- Filo Judeu
- Clemente de Alexandria
- Públio Égon Flégon
- Antonino Liberal
- João Malalas
- Anônimo sobre Aristóteles, *Ética a Nicômaco*
- Hesíquio
- *Etimológico Genuíno*
- *Etimológico Magno*
- Escólio em Hélio Aristides
- Escólio em Aristófanes
- Suda

Registros para λαμία:

- *Léxicos Seguerianos*

Registros para Λαμία:

- Diógenes Laércio
- Plutarco
- Ateneu de Náucrates
- Mácron
- Pausânias
- Menandro
- Júlio Pólux
- Alcífron
- Clemente Romano e Clementina
- Favorino
- Frínico
- Anônimo em Aristóteles, *Ética a Nicômaco*
- Miguel
- Fócio
- *Léxico Sabático*
- Escólio em Platão
- Michel Apostólico
- Suda

Registros para λάμιαι:

- Oribásio
- Hesíquio

Registros para Λαμῖαι:

- Historiadores anônimos

Registros para λαμῖαι:

- Galeno

Registros para Λαμιακά:

- Coerilo
- Suda

Registros para Λαμιακόν:

- Diógenes Laércio
- Plutarco
- Diodoro Sículo
- Pausânias
- Xenócrates

Registros para Λαμιακός:

- Diodoro Sículo
- Estrabão
- George Sincelo
- Estéfano de Bizâncio

Registros para Λαμιακοῦ:

- Plutarco
- Pausânias

Registros para λαμιακοῦ:

- Fócio

Registros para Λαμιακῶ:

- Diodoro Sículo
- Estrabão
- Escólio em Ésquines

Registros para Λαμιακῶν:

- Plutarco

Registros para Λάμιαν:

- Plutarco
- Ateneu de Náucrates
- Diodoro Sículo
- Luciano de Samósata
- Estrabão
- Dion Cássio
- Pausânias
- Menandro
- Clemente de Alexandria

- Polemon
- Dion Crisóstomo
- Antonino Liberal
- Duris de Samos
- Filarco
- Semo
- Niceta Coniastes
- João Zônaras
- Eustácio de Tessalônica
- Escólio em Hélio Aristides
- Escólio em Aristófanes
- Escólio em Homero
- Escólio em Pausânias
- Escólio em Clemente de Alexandria
- João Tzetzes

Registros para λάμιαν:

- Ateneu de Náucrates
- Esopo
- Flávio Filóstrato
- Eusébio de Cesárea
- Horápolo

Registros para Λαμῖαν:

- Plutarco
- Ateneu de Náucrates
- Hipérides
- Dion Cássio
- *Comica Adespota*
- Mácron
- Políbio
- Polieno
- Demócares
- Constantino VII Porfirogeneta
- Pseudo-Codino
- Hesíquio
- *Concilia Oecumenica*
- Escólio em Aristófanes
- Escólio em Pausânias
- Suda

Registros para λαμῖαν:

- Hesíquio
- João Retor

Registros para Λαμῖας:

- Eurípides

- Plutarco
 - Ateneu de Náucrates
 - Aristófanes
 - Diodoro Sículo
 - Dionísio de Halicarnasso
 - Hélio Herodiano e Pseudo-Herodiano
 - Estrabão
 - Dion Cássio
 - Acusilau
 - Pausânias
 - Políbio
 - Cláudio Heliano
 - Clemente de Alexandria
 - Marco Aurélio Antonino
 - Polemon
 - Dion Crisóstomo
 - Demócares
 - Heráclito Paradoxógrafo
 - *Oracula Sibyllina*
 - Constantino VII Porfirogeneta
 - Niceta Coniates
 - Pseudo-Codino
 - *Notitiae Episcopatum*
 - *Theosophorum Graecorum Fragmenta*
 - Estéfano de Bizâncio
 - Fócio
 - Eustácio de Tessalônica
 - *Etymologicum Genuinum*
 - *Etymologicum Magnum*
 - Nicéforo Grégora
 - *Concilia Oecumenica*
 - Escólio em Hélio Aristides
 - Escólio em Apolônio de Rodes
 - Escólio em Aristófanes
 - Escólio em Pausânias
 - *Miracula Sancti Artemii*
 - Miguel Apostólico
 - Suda
 - João Tzetzes
- Registros para λαμίας:
- Galeno
 - Flávio Filóstrato
 - Michel Pselo
 - Constantino VII Porfirogeneta
 - Nilo de Âncira
 - Suda

II: ilustrações

Ilustrações 1 e 2, pinturas de John William Waterhouse, referentes à p. 13:

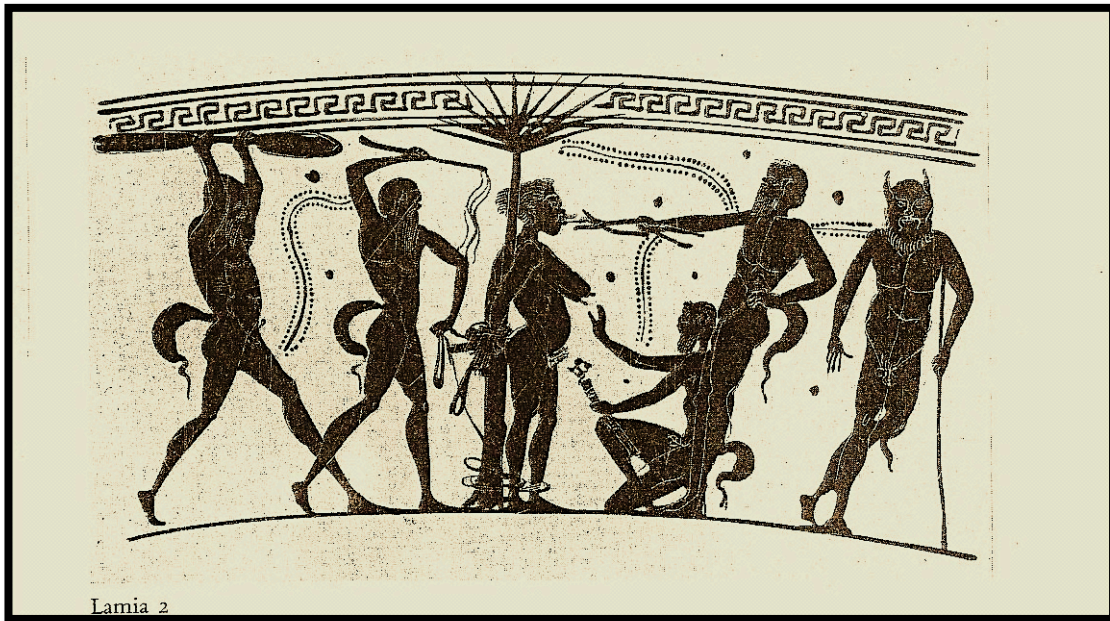


Lamia, pintada em 1905: J. W. Waterhouse baseou sua tela no poema *Lamia*, de John Keats. Contudo, o poema acontece na cidade grega de Corinto, enquanto Waterhouse transportou sua criação para um ambiente medieval, para usar a armadura do soldado como metáfora de sua resistência à bela donzela ajoelhada a seus pés. Cf. Prettejon, Trippi, Upstone e Wageman, 2009, pp. 162-163.



Lamia, pintada em 1909: a tela mostra a mesma garota da pintura de 1905, mas agora ela está sozinha e se mira num espelho d'água. É possível ver montanhas, árvores e a continuação do rio ao fundo. Lâmia passa as mãos pelos cabelos abundantes, e seu vestido deixa um dos seios desnudo. Aparentemente, Waterhouse pintou mais outras três versões de Lâmia entre a de 1905 e a de 1909, contudo, elas estão desaparecidas. Cf. Prettejon, Trippi, Upstone e Wageman, 2009, pp. 172-173.

Ilustração 3, referente à Aristófanes, p. 65:



3: motivo decorativo da parede de um lécito (frasco para óleo) do século V a.C., encontrado na cidade de Erétria, costa ocidental da ilha de Eubéia. Está no Museu Arqueológico de Atenas. Uma mulher nua está amarrada a uma palmeira e é atacada por sátiros com um chicote e um pau pelas costas, enquanto um puxa sua língua com uma pinça e outro chamosca seus pelos pubianos. Figura e legenda retiradas de Boardman, John *in* Ackermann, Hans C.; Gisler, Jean-Robert; Kahil, Lilly (eds.), *LIMC*, III² p. 90 e III¹ p. 189, 1986.

Ilustrações 4 a 8, referentes à Aristóteles, pp. 71-79:

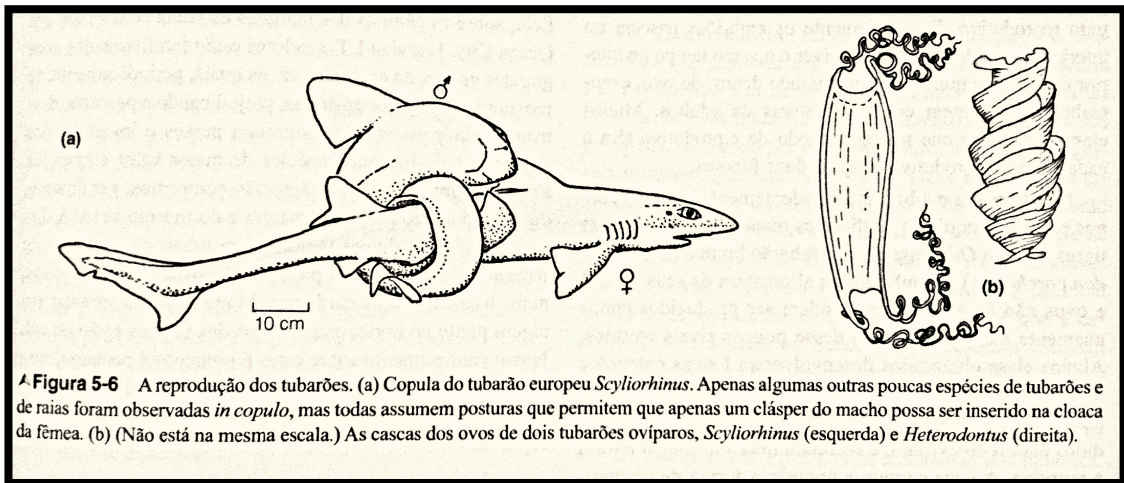
	Tubarão branco <i>Carcharodon carcharias</i>	Mangona <i>Carcharhinus pumbeus</i>	Tubarão-mar-telo <i>Sphyrna lewini</i>	"dogfish" <i>Squalus acanthius</i>	Bacalhau do Atlântico <i>Gadus morhua</i>
Idade que alcança a maturidade (anos)	m 9-10, f 12-14	m 13-16	m 4-10, f 4-15	m 6-14, f 10-12	m 2-4
Tamanho na maturidade (centímetros)	m 350-410, f 400-430	m 170, f >180	m 140-280, f 150-300	m 60, f 70	m 32-41
Expectativa de vida (anos)	m 15(?)	m 25-35	m 35	m 35, f 40-50	m 20+
Tamanho da ninhada	2-10 filhotes	8-13 filhotes	12-40 filhotes	2-14 filhotes	2 milhões - 11 milhões de ovos
Frequência reprodutiva	Bianual(?)	Bianual	(?)	Bianual	Anual
Período de gestação (meses)	>12	9-12	9-12	18-24	n/a

[^]Figura 5-7 Alguns parâmetros dos hábitos de vida dos tubarões, comparados ao de outro organismo objeto de pescarias intensivas, o bacalhau do Atlântico. As características dos hábitos de vida dos tubarões os tornam vulneráveis à super exploração.

4: comparação entre tubarões. Tabela retirada de Heiser, Janis & Pough, 2008, p. 114

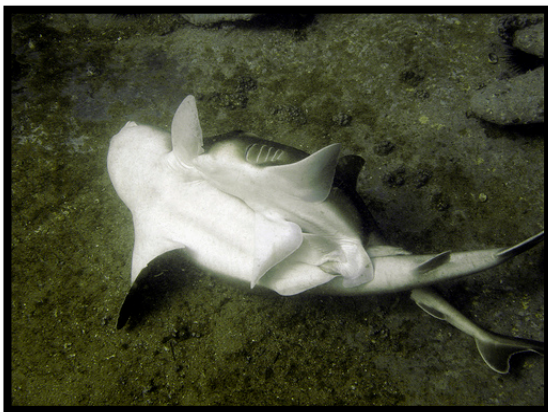


5: diferenças anatômicas da região anal entre tubarão macho e fêmea. Foto retirada do sítio da internet www.teacheratsea.wordpress.com.



6: cópula e ovos. Desenho retirado de Heiser, Janis & Pough, 2008, p. 111.

Ilustrações 7 e 8: cópulas de tubarões.



7: é possível observar o macho mordendo a barbatana lateral da fêmea e introduzindo um dos cláspers na cloaca dela. Retirada do site tumblr.com.



8: é possível observar mais uma vez a flexão a 90 graus do cláspes e sua introdução na cloaca da fêmea. Retirada do site madasamarinebiologist.com.

Ilustração 9, referente à Septuaginta, Isaías, pp. 82-83:



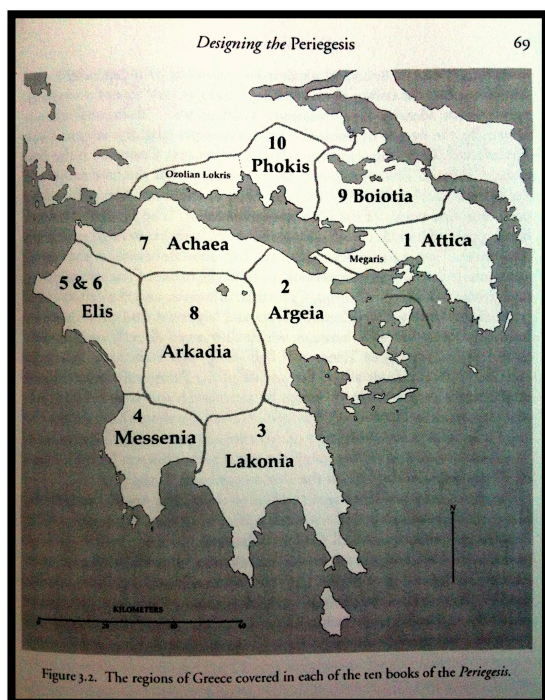
9: decoração de um esquifo (uma copa para vinho) de V a.C., do estilo de Cabirion, cidade da região da Beócia. Pertence a uma coleção privada. Uma mulher peluda persegue um viajante que deixou cair sua bagagem e corre para uma árvore onde outros dois viajantes se refugiaram, tendo abandonado seus arados. Figura e legenda retiradas de Boardman, John *in* Ackermann, Hans C.; Gisler, Jean-Robert; Kahil, Lilly (eds.), *LIMC*, III² p. 91 e III¹ p. 189, 1986.

Ilustração 10, referente à nota 119 em Horácio, pp. 94-95:



10: a cuca na animação do *Sítio do Pica-pau Amarelo* cantinhodecrianca.com.br/site/conteudo/s%C3%ADtio-do-picapau-amarelo-emvers%C3%A3o-animada-estreia-dia-7.

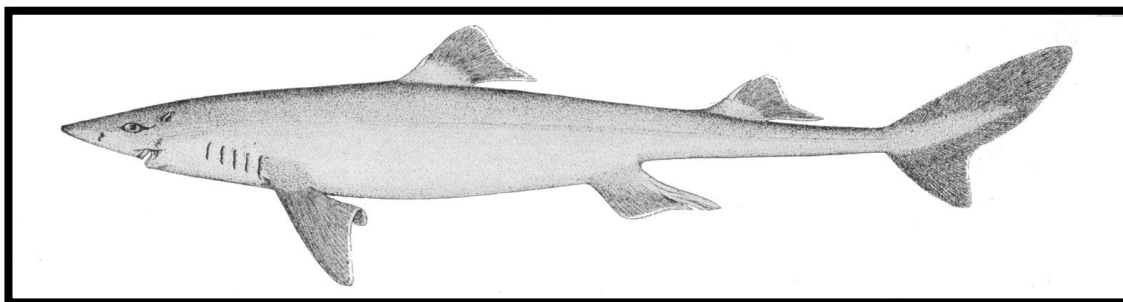
Ilustração 11, referente a Pausânias, p. 119:



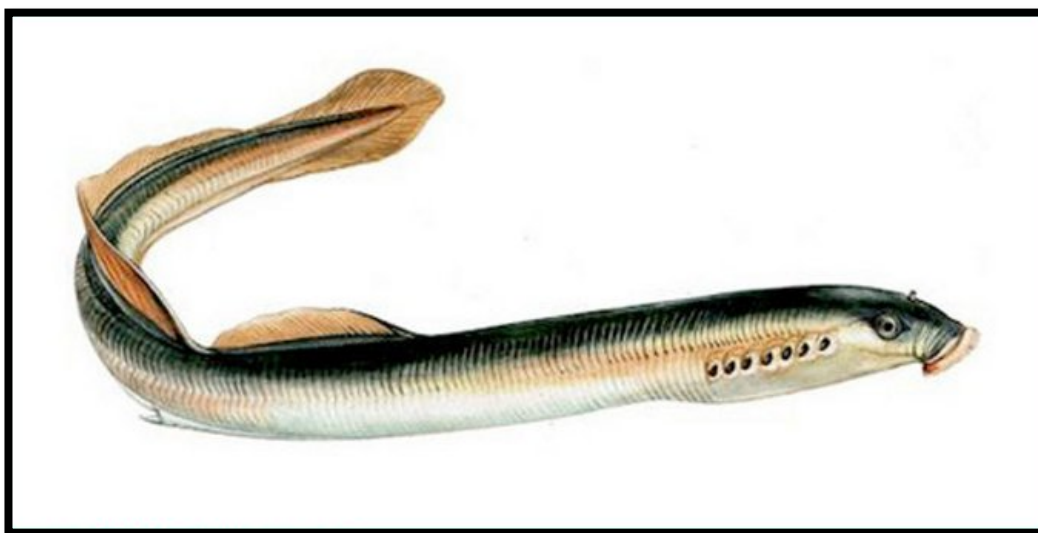
11: Mapa das regiões da Grécia descritas na obra de Pausânias. A Lócria Ozólia (Ozolian Lokris) está ao lado da Fócia (Phokis). Este mapa foi primeiramente visualizado em Caldeira, 2011, p. 27, e foi retirado de Hutton, 2008, p. 69. A legenda diz: "Figura 3.2. As regiões da Grécia cobertas em cada um dos dez livros da *Periegesis*" - "Figure 3.2. The regions of Greece covered in each of the ten books of the *Periegesis*". Tradução própria.

Ilustrações 12 e 13, referentes a Galeno, p. 128:

A diferença fenotípica entre um tubarão/cação e uma lampreia-do-mar, para comprovar que não existem muitas semelhanças entre as duas espécies.



12: tubarão de pequeno porte ("cação", Squalus acanthias, associado à γαλεός e κύων). Imagem retirada de www.commons.wikimedia.org



13: Lampreia-do-mar (Petromyzon marinus). Imagem retirada de www.topazio1950.blogs.sapo.pt

Ilustrações 14 a 17 referentes a Galeno, p. 128:

Três fotos de espécimes de Tubarão-branco (Carcharodon carcharias), associado à lâmia no contexto de Galeno.



14: vista do flanco esquerdo de um tubarão-branco, detalhe para a abundante quantidade de cicatrizes. Imagem retirada de www.wallsave.com.



15: vista do flanco direito de um tubarão-branco. Imagem retirada de www.nationalgeographic-great-white-shark-wallpaper-1.

*List of fishes with common names in English and Greek,
and Linnaean taxonomies*

Except where indicated English identifications are those of Thompson (1946). Amended Linnaean taxonomy is from Papakonstantinou (1988) and Whitehead *et al.* (1989).

Chapter	English	Greek	Thompson	Amended
111.24	grey mullet	κέφαλος	<i>Mugil cephalus</i>	<i>Mugil cephalus</i>
25	sea bass	λάβραξ	<i>Perc labrax</i> or <i>Labrax lupus</i>	<i>Dicentrachus labrax</i>
26	red mullet	τριγλή	<i>Mullus barbatus</i>	<i>Mullus barbatus</i>
27	parrot wrasse	σκάρος	<i>Scarus cretensis</i>	<i>Sparisoma (Euscaris) cretense</i>
	<i>kottiphos</i>	κόττυφος	<i>Labridae sp.</i> (? <i>L. merula</i>)	<i>Labrus merula</i>
	<i>kichlê</i>	κιχλή	" (? <i>L. turdus</i>)	<i>Labrus viridis</i>
	rainbow wrasse	ιουλής	<i>Coris julis</i>	<i>Coris julis</i>
	wrasse	φυκίς	? <i>Labrus mixtus</i>	<i>Labrus bimaculatus</i>
28	goby	κωβιός	<i>Gobius sp. (? lata)</i>	<i>Zosterisessor ophiocephalus</i>
29	sea perch	πέρκη	<i>Serranus scriba</i>	<i>Serranus scriba</i>
	Murphy eel	σμούραινα	<i>Muraena Helena</i>	<i>Muraena Helena</i>
	horse-mackerel	σαῦρος	<i>Caranx trachurus</i>	<i>Trachurus mediterraneus</i>
	hake	ὄνος (ὄνισκος)	<i>Gadus merluccius</i>	<i>Merluccius merluccius</i>
	sole (or flounder)	ψῆττα	<i>Pleuronectidae sp.</i>	<i>Pleuronectidae</i>
	<i>hêpatos</i>	ἥπατος	?	? ?
	<i>kitharos</i>	κίθαρος	?	?
	maigre (meagre)	σκιαινίς	<i>Sciaena aquila</i>	<i>Argyrosomus regius</i>
30	weaver (weever)	δράκων	<i>Trachinus draco</i>	<i>Trachinus draco</i>
	piper	κόκκυξ	<i>Trigla sp.</i>	? <i>Trigla lyra</i> ; ? <i>T. lucerna</i>
	shark	γαλεώνυμος (= γαλέος)	<i>Squalus blainvilli</i>	<i>Squalus blainvilli</i>
	sculpin	σκορπίος	<i>Scorpaena sp.</i>	? <i>Scorpaena scrofa</i>
	(Fr. crapaud)			
	horse-mackerel	τράχουρος ^a	<i>Caranx trachurus</i>	<i>Trachurus mediterraneus</i>
	sea perch	ὀρφός	<i>Serranus gigas</i> or <i>Polyprion Cernium</i>	<i>Epinephelus guaza</i> <i>Polyprion americanus</i>

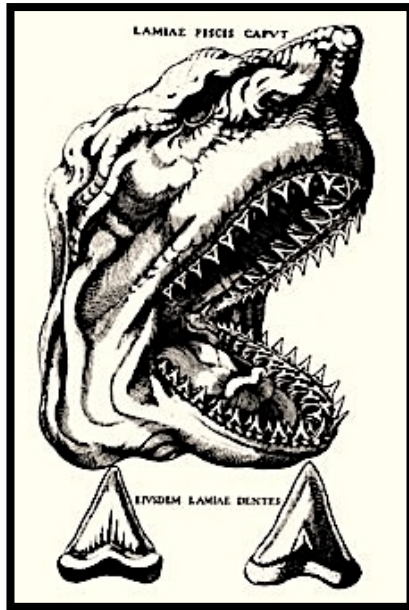
<i>glaukos</i>	γλαῦκος	?	? ?
dogfish (various)	κύων	<i>Galeus canis</i> or <i>Scyllium canicula</i>	<i>Galeorhinus galeus</i> <i>Scylliorhinus canicula</i>
conger eel	γόγγρος	<i>Conger vulgaris</i>	<i>Conger conger</i>
sea bream	φάγρος	<i>Pagrus vulgaris</i>	<i>Pagrus pagrus</i>
eagle ray	ἀετός	<i>Myliobatis batis</i>	<i>Myliobatis batis</i>
great white shark ^b	λάμια	<i>Carcharodon Rondeletii</i>	<i>Carcharodon carcharias</i>
hammerhead shark	ζύγαινα	<i>Zygaena malleus</i>	<i>Sphyrna zygaena</i>
tunny	θύννος	<i>Thynnus thynnus</i>	<i>Thunnus thynnus</i>
'sardine' (pilchard)	σάρδα	(not stated)	<i>Sardina pilchardis</i>
<i>myllos</i>	μύλλος	?	? ?
<i>kovakinos</i>	κορακίνος	?	? ?

^aThompson (1946: 263) believed that this was identical with the σαῦρος of 111.29.

^bIdentification from Whitehead *et al.* (1989, 1, 84).

16 e 17: lista de peixes citados por Galeno, com seus nomes populares em inglês e em grego, e a taxonomia estabelecida por Lineu. Retiradas de Powell, 2003, pp. 190-191.

Ilustrações 18 a 20, referentes à Opiano pp. 160-161:



18: desenho feito por Nicolau Steno, naturalista dinamarquês, publicado em seu artigo *A cabeça de um tubarão dissecada*, em 1667, em que ele compara os dentes do tubarão denominado *Lamiae Piscis*, com fósseis que haviam sido encontrados previamente, e que se acreditava que fossem pedras, ou que brotassem do chão. http://en.wikipedia.org/wiki/Nicolas_Steno.



19 e 20: tubarões brancos e suas χάσματα: imagens retiradas dos sítios www.desciclopedia.ws e www.viajeaquil.abril.com.

Bibliografia

Edições e traduções de textos antigos:

ANTONINUS LIBERALIS, *Les metamorphoses*. Texte établi, traduit et commenté par Manolis Papathomopoulos. Paris: Les Belles Lettres, 1968.

APULÉE, *Les metamorphoses*. Texte établi par D. S. Robertson et traduit par Paul Vallette. Paris: Les Belles Lettres, 1956. Tome I (Livres I-III).

ARISTÓTELES; HORÁCIO; LONGINO. *A Poética Clássica*. Introdução de Roberto de Oliveira Brandão. Tradução direta do grego e do latim de Jaime Bruna. São Paulo: Cultrix, 2005.

ARISTÓTELES. *Obras Completas. História dos animais - Livros I-IV*. Coordenação de Antônio Pedro Mesquita, tradução de Maria de Fátima Sousa e Silva. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 2006. v. IV, t. I.

AUSTIN, C.; KASSEL, R. (eds.) *Poetae Comici Graeci (PCG)*. Berolini et Nova Eboraci: Walter de Gruyter, 1983. v. 4.

BAZAGLIA, Paulo; BORTOLINI, José (eds.). *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo. Rio de Janeiro: Delta, 1980.

CAMPBELL, David A. (ed.). *Greek Lyric III – Stesichorus, Ibycus, Simonides, and Others*. Cambridge and London: Harvard University Press, 1991.

CHAMBRY, Émile. *Ésope. Fables*. Paris: Les Belles Lettres, 1985.

FILÓSTRATO. *Vida de Apolonio de Tiana*. Traducción, introducción y notas de Alberto Bernabé Pajares. Madrid: Gredos, 1992. Biblioteca Clásica Gredos, 18.

FISHER, K. T.; VOGEL, F. (eds. post I. BEKKER & L. DINDORF) *Diodori bibliotheca historica*. Leipzig: Teubner, 1964.

HOMERO. *Odisseia*. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço. Introdução e notas de Bernard Knox. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

HORACE. *Épitres*. Texte établi et traduit par François Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1955.

KANNICHT, Richard (ed.) *Tragicorum Graecorum Fragmenta (TGF)*. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2004. v. 5, pt. 1.

LEÃO, Delfim. *O Burro de Ouro*. Lisboa: Libros Cotovia, 2007.

MAY, Herbert G.; METZGER, Bruce M. (eds.) *The Holy Bible*. The New Oxford Annotated Bible. New York: Oxford University Press, 1971.

- MORALES, Manuel Sanz. *Mitógrafos Griegos: Eratóstenes, Partenio, Antonino Liberal, Paléfato, Heráclito, Anónimo Vaticano*. Madrid: Ediciones Akal, 2002.
- RODRÍGUEZ, Marcelo M. (ed.) "Isaías 1-39", in *La Biblia Comentada por los Padres de la Iglesia y otros autores de la época patristica*. Madrid: Ciudad Nueva, 2007. Antiguo Testamento 12.
- OLSON, S. Douglas (ed.). *Broken Laughter - Select Fragments of Greek Comedy*. Introduction, Commentary and Translation. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- OPPIAN, COLLUTHUS, TRYPHIODORUS. With an English translation by A. W. Mair. Cambridge: Harvard University Press, 2002.
- PAGE, D. L. *Lyrica Graeca Selecta*. Oxford: Oxford University Press, 1968.
- PAGE, D. L.; DAVIES, Malcolm (eds.). *Poetarum Melicorum Graecorum Fragmenta (PMGF)*. Oxford University Press, 1999. Volumen I.
- PAUSANIAS, *Description of Greece, Books VIII.22-X*. With an english translation by W. H. S. Jones. Cambridge-London: Harvard University Press, 1935.
- PHILOSTRATUS. *The Life of Apollonius of Tyana*. Edited and translated by Christopher P. Jones. Cambridge-London: Harvard Univ. Press, 2005. Books I-IV.
- PHILOSTRATUS. *The Life of Apollonius of Tyana*. With and English translation by F. C. Conybeare. London: William Heinemann, 1912.
- PLATÃO. *A República*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2000.
- PLINE L'ANCIEN, *Histoire Naturelle*. Texte établi, traduit ET commenté par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1955. Livre IX.
- PLUTARCH, *Moralia*. With an english translation by W. C. Helmbold. Cambridge-London: Harvard University Press, 2005. Volume VI.
- PLUTARQUE, *Oeuvres Morales*. Texte établi et traduit par Jean Dumortier avec la collaboration de Jean Defradas. Paris: Les Belles Lettres, 1975. Tome II - Première partie.
- RAHLFS, Alfred (ed.). *SEPTUAGINTA. Id est Vetus Testamentum graece iuxta LXX interpretes*. Stuttgart: Deustsche Bibelgesellschaft, 1935-1979.
- ROCHA-PEREIRA, Maria H. (ed.). *Pausaniae – Graeciae Descriptio*. Leipzig: Teubner, 1981. v. III, libri IX-X – Indices.
- STRABON, *Geographie*. Introduction par Germaine Aujac et François Lasserre. Texte établi et traduit par Germaine Aujac. Paris: Les Belles Lettres, 1969. Tome I - 1^{re} partie.

WEST, Martin L. *Greek Lyric Poetry. The poems and fragments of the Greek iambic, elegiac, and melic poets (excluding Pindar and Bacchylides) down to 450 BC.* Oxford: Oxford University Press, 1993.

Edições e traduções de textos medievais, modernos e contemporâneos:

BORGES, Jorge Luis; GUERRERO, Margarita. *O livro dos seres imaginários.* Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CELENZA, Christopher (ed.). *Angelo Poliziano's Lamia.* Leiden - Boston: Brill, 2010.

COSTA, Bruno (org.). *Contos clássicos de vampiro.* Introdução de Alexander Meireles da Silva. Tradução de Marta Chiarelli. São Paulo: Hedra, 2010.

GARNETT, Lucy M. J.; STUART-GLENNIE, J. S. *New Folklore Researches. Greek Folk Poesy: Annotated Translations, From The Whole Cycle of Romaic Folk-Verse and Folk-Prose.* London: Billing and Sons, 1896. Vol. I: Folk-Verse, Vol. II: Folk-Prose.

LE FANU, Sheridan. *Carmilla, a vampira de Karstein.* Tradução de José Roberto O'Shea. Introdução de Alexander M. da Silva. São Paulo: Hedra, 2010.

LEVI, Primo. "Lilith", in *71 Contos.* Tradução e prefácio de Maurício Santana Dias. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

LOBATO, Monteiro. *O saci.* Ilustrações de Paulo Borges. São Paulo: Globo, 2007.

MEGAS, Georgios A. *Folktales of Greece.* Translated by Helen Colaclides. Foreword by Richard M. Dorson. Chicago: The University of Chicago Press, 1970.

SAN BASILIO. *Commento al Profeta Isaia.* Testo, introduzione, versione e note del Sac. Pietro Trevisan. Torino: Società Editrice Internazionale, 1989. v IV. Parte prima.

STOKER, Bram. *Dracula.* With an Introduction by George Stade. New York: Bantam Books, 2004.

Estudos:

ANAGNOSTOPOULOS, Georgios. "Aristotle's Works and the Development of His Thought", in *A Companion to Aristotle.* UK: Wiley-Blackwell, 2009. pp. 14-27.

BAKOLA, Emmanuela. "Interplay of Comedy and Satyr Drama in the Fifth Century; Cratinus' Place in the Process", in *Cratinus and the Art of Comedy.* Oxford: Oxford University Press, 2010. pp. 112-117.

- BARBOSA, Tereza V. R. "Mas...para que servem os monstros?", in *Assomos e assombros*. Cadernos Viva Voz. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2008. pp. 7-11.
- BARDACH, John E.; LAGLER, Karl F.; MILLER, Robert R. *Ichthyology*. New York and London: John Wiley & Sons, 1962.
- BRUM, Richard & Eva. *The Dangerous Hour: the Lore and Culture of Crisis and Mystery in Rural Greece*. New York: Charles Scribner's Sons, 1970.
- BURKERT, Walter. *Greek Religion*. Blackwell Pub. and Harvard Univ. Press, 2009.
- BURKERT, Walter. "Lykaia and Lykaion", in *Homo Necans*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1983. pp. 84-93.
- CALDEIRA, Vivian da C. M. Uma Grécia "digna de contemplação": análise de *théas áxion* no livro III da *Periégesis* de Pausânias. 2011. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2011. pp. 9-27.
- CARDOSO, Zélia de Almeida. "A lírica de Horácio", "As *Epístulas* de Horácio", "O romance de Apuleio" e "A *História natural*, de Plínio, o Velho", in *A literatura latina*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. pp. 65-69, 113-115, 129-130 e 193-196.
- CASTELFRANCHI, Yuriy. "Quase como nós", in *Dossiê, ComCiência, Revista eletrônica de jornalismo científico*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=29&id=332>>. Acesso ao formato pdf no dia 30/07/2011.
- COHEN, Jeffrey J. "A Cultura dos monstros: sete teses", in SILVA, Tomaz Tadeu (org.) *Pedagogia dos Monstros - Os Prazeres e Perigos da Confusão de Fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. pp. 25-60.
- DICKEY, Eleanor. *Ancient Greek Scholarship: A Guide to Finding, Reading and Understanding Scholia, Commentaries, Lexica and Grammatical Treatises, From Their Beginnings to the Byzantine Period*. London-New York, Oxford U. P., 2007.
- DUARTE, Eduardo de Assis. "Lilith na Literatura - Identidade e Transgressão", in *Literatura e Diferença: Anais do IV Congresso da ABRALIC*. São Paulo. 31/07 e 01, 02 e 03/08 de 1994. pp. 253-256.
- DUECK, Daniela; LINDSAY, Hugh; POTHECARY, Sarah (eds.) *Strabo's Cultural Geography: the Making of a Kolossourgia*. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 2005.
- FONTENROSE, Joseph E. *Python: A Study of the Delphic Myth and Its Origins*. Berkeley, Los Angeles and London: University of California Press, 1980.
- FROTHINGHAM, A. L. "Medusa, Apollo, and The Great Mother", in *American Journal of Archaeology*, Second Series, vol. XV (1911), pp. 349-377.

- GANS, Carl; PARSONS, Thomas S. *Photographic Atlas of Shark Anatomy - The Gross Morphology of Squalus acanthias*. New York: Academic Press, 1964.
- GARNETT, Lucy M. J.; STUART-GLENNIE, J. S. *New Folklore Researches. Greek Folk Poesy: Annotated Translations, From The Whole Cycle of Romaic Folk-Verse and Folk-Prose*. London: Billing and Sons, 1896. Vol. I: Folk-Verse, Vol. II: Folk-Prose.
- GOSLOW JR., G. E; HILDEBRAND, Milton. *Análise da estrutura dos vertebrados*. Ilustrações de Viola Hildebrand. Tradução de Ana Maria de Souza e Érika Schlenz. São Paulo: Atheneu, 2006.
- GRAVES, Robert. *The Greek Myths*. London: Penguin Books, 1992.
- GRAVES, Robert. *Los mitos griegos*. 2 vols. Buenos Aires: Editorial Losada, 1967.
- GRAVES, Robert. *The White Goddess*. London: Faber and Faber, 1961.
- GRIMAL, Pierre. *Mitologia Clássica - Mitos, Deuses e Heróis*. Lisboa: Texto & Grafia, 2009.
- GUYTON, Arthur C. "Introdução à Fisiologia Humana", in *Fisiologia Humana*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1981. pp. 3-11.
- HALLIWELL, Stephen. "Introduction", in *Aristophanes: Birds, Lysistrata, Assembly-Women, Wealth*. Translated With an Introduction and Notes by Stephen Halliwell. Oxford: Oxford University Press, 1998. pp. ix-lxvi.
- HALM-TISSERANT, Monique. "Folklore et superstition en Grèce Classique: Lamia torturée?", in *Kernos*, 2 (1989), pp. 67-82.
- HEISER, John B.; JANIS, Christine M.; POUGH, F. Harvey. *A vida dos vertebrados*. Tradução de Ana Maria de Souza. São Paulo: Atheneu, 2008. pp. 106-113.
- HEUBECK, Alfred; HOEKSTRA, Arie. *A Commentary on Homer's Odyssey*. Oxford: Clarendon Press, 1990.
- HOAR, William S. "The Gonads and Reproduction", in BROWN, Margaret E. *The Physiology of Fishes*. London: Academic Press Inc., 1962. v. I.
- HUTTON, William. *Describing Greece. Landscape and Literature in the "Periegesis" of Pausanias*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.
- JAMES, Edwin O. *The Cult of The Mother-Goddess: An Archaeological and Documentary Study*. London: Thames and Hudson, 1959.
- KANAVOU, Nikoletta. "Wasps", in *Aristophanes' Comedy of Names: A Study of Speaking Names in Aristophanes*. Berlin-New York: De Gruyter, 2011. pp. 80-97.

- LAWSON, John Cuthbert. *Modern Greek Folklore and Ancient Greek Religion: Studies in Survivals*. Cambridge: Cambridge University Press, 1910.
- LEITE, Priscilla G. *Contra Mídias: a utilização da impiedade por Demóstenes*. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia, História e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2009. pp. 83-94.
- LEITE JUNIOR, Jorge L. "O que é um monstro?", in *Dossiê, ComCiência - Revista eletrônica de jornalismo científico*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=29&id=332>>. Acesso ao formato pdf em 30/07/2011.
- LEINWEBER, David Walter. "Witchcraft and Lamiae in *The Golden Ass*", in *Folklore*, vol. 105 (1994), pp. 77-82. Artigo obtido através do programa JSTOR, URL: <http://www.jstor.org/stable/1260631>, no dia 15/04/2010, às 20:51 hs.
- LEVI, Paul. "Greek Drama", in BOARDMAN, J.; GRIFFIN, J.; MURRAY, O. (eds). *The Oxford History of the Classical World*. Oxford & New York: Oxford University Press, 1986. pp. 156-185.
- MARQUES, Marcelo Pimenta. "Apresentação" e "Mito e Filosofia", in MARQUES, Marcelo P.; ANDRADE, Mônica V.; COSCARELLI, Tânia C.; Laterza, Moacyr (eds.) *Mito*. Belo Horizonte: Núcleo de Filosofia Sônia Viegas, 1994. Caderno de Textos Número 2.
- MARIUZZO, Patrícia. "Contos de fadas ensinam as crianças a lidar com seus medos", in *Dossiê, Comciência - Revista eletrônica de jornalismo científico*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=29&id=332>>. Acesso ao formato pdf em 30/07/2011.
- MAZZINI, Innocenzo. "A alimentação e a medicina no mundo antigo", in FLADRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo. *História da alimentação*. Tradução de Luciano Vieira Machado e Guilherme João de Freitas Teixeira. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. Cap. 14, pp. 254-265.
- NAZÁRIO, Luiz. *Da Natureza dos Monstros*. Arte & Ciência, 1998.
- NEUMANN, Erich. *The Great Mother: An Analysis of The Archetype*. Princeton: Princeton University Press, 1991. p. 168.
- O'FLAHERTY, Wendy D. *The Origins of Evil in Hindu Mythology*. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1980.
- PAGE, T. E.; CAPPS, E.; ROUSE, W.H. (eds.) "The Wasps", in *Aristophanes I: The Acharnians, The Knights, The Clouds, The Wasps*. With an English Translation of Benjamin Bickly Rogers. London: William Heinemann, 1930. pp. 404-549.

PEREIRA, Murilo A. "Monstruosa Humanidade, com a colaboração de Fábio Reynol, in *Dossiê, ComCiência - Revista eletrônica de jornalismo científico*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&edicao=29&id=332>>. Acesso ao formato pdf no dia 30/07/2011.

PERRY, Ben Edwin (ed.) "Introductio", in *Babrius and Phaedrus Fables*. Edited and translated by Ben E. Perry. Cambridge: Harvard University Press, 1965. pp. xi-cii.

REINHARDT, Karl. "The Adventures in the *Odyssey*" (translated by Harriet I. Flower) in SHEIN, Seth (org.) *Reading the Odyssey*. Princeton: Princeton University Press, 1996, p. 63-132.

ROCHA-PEREIRA, Maria Helena "Eurípides", in *Estudos de história da cultura Clássica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987. v. 1, pp. 408-418.

STERN, Jacob. "Heraclitus the Paradoxographer: Περὶ Ἀπίστων, On Unbelievable Tales". *Transactions of the American Philological Association*, 133 (2003), pp. 51-97.

SOLMSEN, Friedrich. "The Fishes of Lesbos and Their Alleged Significance for the Development of Aristotle", *Hermes*, vol. 106, tomo 3 (1978), pp. 467-484. Artigo obtido através do programa JSTOR, URL: <http://www.jstor.org/stable/4476073>, no dia 10/04/2013, às 07:33 hs.

STORER, Tracy I.; USINGER, Robert L.; STEBBINS, Robert C.; NYBAKKEN, James W. "Classe Chondrichtyes: peixes cartilagosos", in *Zoologia Geral*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2003. pp. 584-593.

TEMPLE, Robert. "Introduction", in *Aesop - The Complete Fables*. Translated by Olivia and Robert Temple. With an Introduction by Robert Temple. London: Penguin Books, 1998. pp. ix-xxiii.

TIPTON, Jason. "Aristotle's Fish: the case of the kobios and phusis", in *Perspectives in Biology and Medicine*, vol. 49, n. 3 (2006), pp. 369-383. Artigo conseguido através do *Project Muse*, <http://muse.jhu.edu/journals/pbm/summary/v049/49.3tipton.html>.

WATTS, John D. W. (ed.) *Word Biblical Commentary - Isaiah 34-66*. New York: Thomas Nelson Publishers, 2005.

WEST, Martin L. "Stesichorus", *Classical Quarterly* 21 (1971), pp. 302-314.

WIDYAPRANAWA, S. H. *The Lord Is Savior: Faith in National Crisis - A Commentary of the Book of Isaiah 1-39*. Grand Rapids: Eerdmans Pub. Company, 1990.

WILK, Stephen R. "What the Gorgon Really Was", in *Medusa - Solving the Mystery of the Gorgon*. New York: Oxford, 2000. pp. 183-191.

WILSON, Katharina M. "The Story of the Word 'Vampire'", in *Journal of the History of Ideas*, vol. 46, nº 4 (Oct.-Dec., 1985), pp. 577-583. Artigo conseguido através do programa JSTOR, URL: <<http://www.jstor.org/stable/2709546>>, no dia 14/01/2011, às 04:33 hs.

ZOIDO, Juan Carlos I. "Estructura y elementos estructuradores en las *Haliéuticas* de Opiano de Cilicia", *Anuario de Estudios Filológicos* vol. XXV (2002), pp. 205-220.

Bestiários, catálogos, dicionários, enciclopédias e léxicos:

ACKERMANN, Hans C.; GISLER, Jean-Robert; KAHIL, Lilly (eds.) *Lexicon Iconographicum Mythologiae Classicae (LIMC)*. Zürich: Artemis. vv. III¹ e III², 1986; IV¹ e IV², 1988; VI¹ e VI², 1992.

BAILLY, A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 1950.

BRUNEL, Pierre (org.) Lilith, in *Dicionário de Mitos Literários*. Prefácio de Nicolau Sevcenko. Tradução de Carlos Sussekind, Jorge Laclette, Maria Tereza Rezende Costa e Vera Whately. Rio de Janeiro: Editora UnB - José Olympio Editora, 1997. pp. 582-585.

CANCIK, Hubert; SCHNEIDER, Helmut (eds.) *New Pauly - Brill's Encyclopaedia of The Ancient World*. Leiden - Boston: Brill, 2005. vv. 6, 7.

CASCUDO, Luis da Camara. *Geografia dos mitos brasileiros*. São Paulo: Global, 2010.

CASCUDO, Luis da Camara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia e São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 1984-1990.

CIVITA, Victor (ed.) *Mitologia*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. 3 V.

CUNLIFFE, Richard John. *A Lexicon Of The Homeric Dialect*. Norman and London: University of Oklahoma Press, 1963.

FARIA, Ernesto. *Dicionário latino-português*. Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2003.

GLARE, P. G. W. *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 1994.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Tradução de Victor Jabouille. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

HEBERMANN, C. G.; PACE, E. A.; PALLEN, C. B.; SHAHAN, T. J.; WYNNE, J. J. (eds.) *The Catholic Encyclopedia: An International Work of Reference on The*

Constitution, Doctrine, Discipline, And History of The Catholic Church. New York: Robert Appleton Company, 1910. v. VIII: Infamy-Lapparent. p. 736.

HORNBLOWER, Simon; SPAWFORTH, Anthony (eds.) *The Oxford Classical Dictionary*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

HOUAISS, Antônio. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

LIDDELL, Henry G.; SCOTT, Robert e JONES, Henry S. *A Greek-English Lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1996. 9ª edição.

MACK, Carol K.; MACK, Dinah. *A Field Guide to Demons, Fairies, Fallen Angels, and Other Subversive Spirits*. New York: Owl Books, 1999.

MANIATOGLU, Maria da Piedade Faria. *Dicionário Grego-Português, Português-Grego. Έλληνο-Πορτογαλικό, Πορτογάλο-Ελληνικό Λέχικο*. Porto: Porto Editora, 2008.

NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, 1932.

PRETTEJON, Elizabeth; TRIPPI, Peter; UPSTONE, Robert; WAGEMAN, Patty. *J. W. Waterhouse. The Modern Pre-Raphaelite*. London: Royal Academy of Arts, 2009.

SMYTH, Herbert W. *Greek Grammar*. Harvard: Harvard University Press, 1984.

Endereços eletrônicos:

⟨<http://www.jstor.org>⟩ - acessado no dia 15/04/2010.

⟨<http://www.perseus.tufts.edu>⟩ - acesso contínuo durante a confecção deste trabalho.

⟨<http://www.tlg.uci.edu>⟩ - acesso contínuo durante a confecção deste trabalho.

Índice de autores citados:

- Ackermann, Gisler & Cahil 12, 18-20, 85-86, 183, 185.
 Alceu 32.
 Alcífron 21.
 Almeida, Priscilla A. F. 14, 21, 95, 111, 136.
 Anacreonte 32.
 Anagnostopoulos, Georgios 74-75.
 Anderson, Graham 21, 72.
 Antonino Liberal 21, 22, 30, 150-156, 174.
 Apolônio de Rodes 33.
 Apuleio 14, 22, 124, 135-138, 174.
 Aristófanes 19-20, 41, 43-45, 49-51, 53, 59-72, 106, 160, 171, 173, 183.
 Aristóteles 16, 21, 41, 44, 65, 73-80, 103, 111, 124, 129, 131, 134, 160-161, 171, 174, 183.
 Ateneu de Náucrates 21, 51, 68, 154, 160-161.
 Aulo Gélio 116.
 Austin & Kassel 20, 42.
 Bábrio 37.
 Barzaglia & Bortolini 82.
 Bakola, Emmanuela 41, 44.
 Baquilides 46.
 Barbosa, Tereza Virgínia R. 17.
 Bardach, Lagler & Miller 78.
 Bekker & Dindorf 89.
 Boardman, John 67, 85.
 Bonaparte 132.
 Borris, J. 53.
 Brown 78.
 Brandão, Jacyntho 70.
 Brum, Richard & Eva 24.
 Brunel, Pierre 18, 86.
 Burkert, Walter 18, 148-149.
 Caldeira, Vivian 120, 186.
 Calias 41, 47.
 Calímaco de Cirene 33, 154.
 Campbell, David A. 32, 34.
 Cancik & Schneider 12, 18-20, 57, 86.
 Capps, Page & Rouse 61-62.
 Cardoso, Zélia de A. 94, 110, 136.
 Cascudo, Luis da C. 96, 106-107, 148.
 Castelfranchi, Yuri 17.
 Cazzaniga, I. 151.
 Celenza, Christopher 19.
 Chambry, Émile 37.
 Chantraine, Pierre 30, 66-67, 71-72, 77, 86-87, 92, 102-103, 105-108, 116, 122, 145, 162, 178.
 Civita, Vitor 22.
 Cleobulina 46.
 Cohen, Jeffrey J. 17.
 Colunga e Turrado 85.
 Compagno, L. J. V. 125.
 Constantino VII Porfirogênito 89.
 Conybeare, F. C. 144.
 Costa, Bruno 18, 146.
 Coulon & Van Daele 64.
 Crates 13, 20, 40-53, 56, 148, 173.
 Crates II 41.
 Cratino 41, 43, 45, 47, 53.
 Cunliffe, John 20.
 Davies & Page 32.
 Defradas & Dumortier 113, 114.
 Demétrio de Falero 12, 21, 37.
 Demóstenes Lacedemônio 47.
 Demóstenes 20, 79.
 Dickey, Eleanor 23.
 Diodoro Sículo 13, 21, 56, 58, 68, 88-92, 167, 173.
 Diógenes Laércio 21-22, 37, 47.
 Diopites 47.
 Dorson, Richard 20.
 Dueck, Lindsay & Pothecary 99.
 Dúris de Samos 68, 70, 155.
 Ecfântide 41.
 Eco, Umberto 17.
 Eliano 85, 160-161.
 Epicarmo 41, 43-44.
 Epílico 41-42.
 Esopo 13, 18, 20, 36-39, 173.
 Ésquilo 47, 51, 55, 104.
 Estéfano de Bizâncio 120.
 Estesícoro 13, 17, 20, 31-35, 153, 173.
 Estrabão 20-21, 98-108, 147, 154, 174.
 Estratis 44.
 Êupolis 43.
 Eurípides 13, 20, 47-48, 51, 54-58, 91-92, 104, 156, 171, 173.
 Eusébio de Cesarea 46-47.
 Eustácio de Tessalônica 23, 33-34, 167.
 Faria, Ernesto 96.
 Favorino de Arélate 142, 144.
 Fedro 37.

- Ferécrates 43-44.
 Festa, N. 168.
 Filarco 21.
 Filóstrato 22, 96, 138, 139-149, 174.
 Filótimo 124, 126-129, 133.
 Fisher & Vogel 89.
 Flandrin & Montanari 124.
 Fócio 22, 50, 52-53, 89.
 Fontenrose, Joseph 30, 153-155.
 Formo 41, 50.
 Fournier 103.
 Frínico 43-44, 53.
 Galeno 22, 50, 111, 123-134, 160, 163-164, 171, 174, 187, 189.
 Gallarte & Lanzillotta 113.
 Garnett & Stuart-Glennie 20, 23.
 George Sincelo 46-47.
 Glare, P. G. W. 22, 95-96, 136.
 Goslow Jr. & Hildebrand 78.
 Graves, Robert, 18-19, 22, 86, 146-147, 149.
 Grimal, Pierre 12, 18-20, 22, 29, 34, 86, 104-107, 122, 146-147, 149, 154.
 Guyton, Arthur C. 132.
 Halliwell, Stephen 60-61, 71.
 Halm-Tisserant, Monique 67.
 Heiser, Janis & Pough 66-67, 78, 130, 161, 183-184.
 Helmbold, W. C. 114, 116.
 Helmreich, G. 126.
 Heráclito Paradoxógrafo 13, 22, 71, 91, 166-169, 174.
 Heráclito 37.
 Heródoto 37, 80, 114.
 Hesíodo 32, 65, 162, 168.
 Hesíquio de Alexandria 22, 49.
 Heubeck & Hoekstra 20, 29-30, 155.
 Hipócrates 124.
 Hoar, William S. 78.
 Holwerda, D. 69.
 Homero 20, 22, 25-30, 38, 70, 103-104, 153, 173, 186.
 Horácio 14, 21, 93-97, 104, 174.
 Hornblower & Spawforth 33-34, 46, 68, 71, 89, 133, 144, 168.
Houaiss 51-52, 67, 80, 96, 102, 116, 146-147, 163.
 Hutton, William 186.
 Ioannes Zonarás 23.
 Isaías 18, 81-87, 136, 185.
 James, Edwin O. 18.
 James, M. R. 19.
 Jones, Christopher P. 144, 146.
 Kanavou, Nikoletta 66, 72.
 Kannicht, Richard 20, 48, 55, 57-58.
 Kayser, C. L. 140.
 Keats, John 17, 146.
 Kock, Theodor 114.
 Lactâncio 57.
 Lawson, John C., 23.
 Le Fanu, Sheridan 19-20, 22.
 Leão, Delfim 136.
 Leinweber, David W. 136-138.
 Leite Júnior, Jorge L. 17.
 Leite, Priscilla G. 108.
 Levi, Peter 61.
LSJ 12, 18-20, 22, 29-30, 39, 45-46, 48-53, 62, 66-67, 69, 71-72, 77-80, 84-87, 92, 96, 99, 102-108, 116-118, 121-122, 129-131, 133, 144-146, 155-156, 160-164, 168-169.
LIMC 12, 19, 67.
 Linceu 68.
 Lineu 132, 140, 189.
 Lobato, Monteiro 96-97.
 Louis, P. 75.
 Luciano de Samósata 136.
 Lucrecio 158-160.
 MacDowell, D. M. 62.
 MacDowell, Edward 19.
 Mack & Mack 86.
 Mácron 21.
 Magnete 45.
 Magno 41.
 Mair, A. W. 158-163.
 Maniatoglou, Maria da P. F. 66, 130.
 Marco Aurélio, Imperador 124.
 Marques, Marcelo 17-18.
 Mariuzzo, Patrícia 17.
 May & Metzger 18, 82, 86.
 Mazzini 124.
 Megas, Georgios 24, 86.
 Meineke, A. 99.
 Menandro 21-22.
 Morales, Manuel S. 151, 167.
 Müller, K. 68.
 Murdoci, Agnes 147.
 Nandris, Grigori 147.
 Nascentes, Antenor 96.
 Nazário, Luiz 17.

- Neumann, Erich 50-51.
 Nicandro de Colofão 151-152, 161.
 Nicanor 57.
 Niccoli, Niccolò 120.
 Olson, Douglas 41, 44, 48.
 Opiano da Cilícia 22, 50, 111, 157-165, 171, 174, 190.
 Oribásio 22.
 O'Flaherty, Wendy 50.
 O'Shea & Paoli 146.
 Pajares, Alberto B. 140, 144.
 Page, Denys L. 20, 32.
 Papakonstantinou, Costas 125, 189.
 Papatomopoulos, Manolis 151.
 Pausânias 20, 22, 50, 119-121, 154, 174, 186.
 Pereira, Murilo A. 17.
 Perry, Ben E. 37.
 Petrônio 136.
 Pfeiffer 154.
 Píndaro 32.
 Pitágoras 114.
 Platão 18, 53, 106, 148, 155, 164.
 Platão cômico 43.
 Plínio, o Velho 14, 21, 109-111, 124, 160-162, 171, 174.
 Plutarco 21, 37, 68, 92, 112-118, 130, 174.
 Pohlenz, M. 113.
 Políbio 20, 52, 99.
 Polidori, John 147.
 Poliziano, Angelo 19.
 Powell, Owen 124-125, 129, 132-133, 189.
 Powers, Tim 19.
 Praxágoras 127, 129, 133.
 Praxila 46.
 Prettejon, Trippi, Upstone, Wageman 182.
 Pseudo-Zonarás 23.
 Rahlfs, Alfred 82.
 Rafinesque 130, 133.
 Robertson, D. S. 136.
 Rocha-Pereira, Maria H. 55.
 Rodríguez, Marcelo M. 82, 87.
 Queróbosco 22.
 Quiantide 41.
 Reinhardt, Karl 26.
 Safo 32.
 Saint-Denis, E. de 110-111.
 São Jerônimo 87, 174.
 Silva, Alexander M. da 17, 19-20, 22.
 Smyth, Herbert W. 79-80, 132.
 Sófocles 55, 104.
 Sófron 41, 107.
 Solmsen, Friedrich 74.
 Sousa e Silva, Maria de Fátima 77-78, 130, 134.
 Spiro, F. 120.
 Stade, George 17.
 Steno, Nicolau 14, 190.
 Stern, Jacob 91, 167-169.
 Stoker, Bram 17, 147.
 Storer, Usinger, Stebbins & Nybakken 130.
 Suda 23, 32, 37, 41-42, 151, 157, 160.
 Teleclide 40, 44.
 Telesila 46.
 Teócrito 106.
 Teofrasto 21, 65, 130.
 Teopompo 44.
 Thompson, D'Arcy H. 125, 129, 133, 189.
 Tipton, Jason 74.
TLG 12-13, 37, 171.
 Vallette, Paul 22, 136.
 Varrão 57-58.
 Verdenius 103.
 Villeneuve, François 94-95.
 Virgílio 94.
 Von Der Müll 26.
 Waterhouse, John W. 14, 49, 182.
 Watts, John D. W. 18, 86.
 West, Martin L. 32, 46.
 Whitehead *et al.* 189.
 Widyapranawa, S. H. 18, 82, 86.
 Wilk, Stephen 18.
 Wilson, Katharina M. 147.
 Xenofonte 79, 114-115.
 Zoido, Juan C. 158-159.

Belo Horizonte, 12 de setembro de 2012

Marina Pelluci Duarte Mortoza